*MARLUCE AUXILIADORA BORGES GLAUS LEÃO*

# *A APOSENTADORIA COMO PERSPECTIVA DE INDIVIDUAÇÃO EM MULHERES TRABALHADORAS DE MEIA-IDADE*

*Campinas*

*2000*

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do título de Mestre em Ciências Médicas, Área Saúde Mental.

Campinas, 20 de outubro de 2000.

Prof. Dr. Joel Sales Giglio
Orientador

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

*MARLUCE AUXILIADORA BORGES GLAUS LEÃO*

# *A APOSENTADORIA COMO PERSPECTIVA DE INDIVIDUAÇÃO EM MULHERES TRABALHADORAS DE MEIA-IDADE*

*Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Ciências Médicas, área de Saúde Mental.*

***Orientador:*** *Prof. Dr. Joel Salles Giglio*

***Campinas***

***2000***

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. Ex.
TOMBO BC/ 43579
PROC. 16-392/01
C D
PREÇO R$ 11,00
DATA 06/02/01
N.º CPD

CM-00154434-7

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS UNICAMP**

L476a

Leão, Marluce Auxiliadora Borges Glaus
A aposentadoria como perspectiva de individuação em mulheres trabalhadoras de meia-idade / Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão. Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Joel Salles Giglio
Tese ( Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Aposentadoria. 2. Meia idade. 3. Mulheres . I. Joel Salles Giglio. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

# Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

**Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio**

## Membros:

1. Profa. Dra. Leila Salomão de la Plata C. Tardivo
2. Prof. Dr. José Jorge M. Zacharias – José Jorge de Morais Zacharias
3. Profa. Dra. Anita H. Neri –
4. Prof. Dr. Egberto Ribeiro Turato –
5. Prof. Dr. Joel Sales Giglio –

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, área de concentração em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

**Data: 20.10.2000**

## *DEDICATÓRIA*

*Aos meus filhos,*

*Yuri e Andrei,*

*presenças luminosas, com a sabedoria própria de crianças que são, quiseram sempre compreender esta minha trajetória, ora me confundindo, ora me esclarecendo, mas sempre me remetendo a buscar o seu sentido em minha vida!*

## *AGRADECIMENTOS*

Ao Sérgio, pelo apoio e amor durante todo o tempo.

Aos meus pais, Alvezy e Alice, pelos exemplos, princípios e valores que despertaram em mim o desejo de trabalhar sempre pelas causas de libertação da pessoa.

Às minhas irmãs, Silvana, Zenaide, Jacqueline e Cátia, companheiras e amigas de todas as horas, pelo incentivo constante e ao Álisson, irmão querido que tanto se desdobrou me dando apoio técnico de informática, quando necessário, além do carinho incondicional.

Ao meu Professor-Orientador, Dr. Joel Salles Gíglio, pela valiosa amizade em todos os momentos e orientação no processo de pesquisar.

À professora Dra. Leila Salomão L. P. Cury Tardivo, pela disponibilidade com que me acolheu, contribuindo de forma preciosa na utilização do Procedimento do Desenho-Estória e na revisão da análise do material.

Às mulheres trabalhadoras de meia-idade, protagonistas deste estudo, minha imensa gratidão pela refinada sensibilidade para com as necessidades que foram se impondo neste percurso e por tão respeitosamente compartilharem comigo suas conquistas e expectativas, seus impasses, dissabores e constatações.

À Instituição "X", que na pessoa do Sr. Nelson, me abriu as portas para o trabalho de pesquisa de campo, obrigada pela confiança em mim depositada, extensivo também ao Mauro e Fernanda do Setor de Aposentadorias e Pensões de "X", pela atenção e disponibilidade em dividir comigo informações do setor e material da pesquisa de autoria dos mesmos.

Ressalto minha especial gratidão, à psicóloga de "X", Maria Aparecida Borges de Andrade, que não mediu esforços para me intermediar junto ao público-alvo dessa pesquisa, compartilhando comigo conhecimentos e seu ideal de fazer algo junto aos mesmos.

À Universidade de Taubaté, pelo incentivo na formação de docentes e pesquisadores através de bolsa, essencial na busca deste meu propósito.

Às minhas colegas professoras do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté, meu obrigada, particularmente à Profa. Ana Cristina Araújo Nascimento, companheira de muitas lutas. À Profa. Cíntia Bombarda, pelo carinho e apoio técnico importantes na análise dos desenhos e Profa. Vera Bonato pela revisão dos mesmos.

Meus agradecimentos enfim, à equipe de apoio didático científico e computacional da Unicamp e a muitos outros, não mencionados aqui, contudo não esquecidos.

# *SUMÁRIO*


PÁG.

**RESUMO** ..... *i*

**1. INTRODUÇÃO** ..... 2

**2. OBJETIVOS** ..... 11

2.1. Objetivo geral ..... 12

2.2. Objetivos específicos ..... 12

**3. REVISÃO DA LITERATURA** ..... 13

3.1. A transformação da aposentadoria ..... 14

3.1.1. Considerações históricas ..... 14

3.1.2. Mudanças no sistema previdenciário brasileiro ..... 16

3.1.3. A literatura recente sobre a aposentadoria ..... 20

3.2. O trabalho e a aposentadoria para a mulher ..... 29

3.2.1. Breve histórico da mulher no trabalho ..... 29

3.2.2. Características da aposentadoria feminina ..... 32

3.3. Articulação entre a preparação para a aposentadoria e o desenvolvimento psicológico na meia-idade ..... 36

3.3.1. A preparação para a aposentadoria ..... 36

3.3.2. A evolução dos estudos da vida adulta ..... 40

3.3.3. O modelo de desenvolvimento adulto segundo a psicologia analítica ..... 44

3.4. Análise qualitativa ..... 50

**4. METODOLOGIA** ..... 52

4.1. Universo empírico ..... 53

4.2. Procedimento de coleta de dados ..... 57

4.2.1. Sujeitos ..... 58

4.2.2. Instrumentos ..... 59

4.3. Procedimento de análise dos dados ..... 63

4.3.1. Entrevista ..... 63

4.3.2. Procedimento de desenhos-estórias ..... 66

**5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS** ..... 68

**6. DISCUSSÃO** ..... 131

**7. CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 150

7.1. Com relação ao objetivo geral ..... 151

7.2. Com relação aos objetivos específicos ..... 153

**8. SUMMARY** ..... 156

**9. GLOSSÁRIO** ..... 158

**10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ..... 163

**11. ANEXOS** ..... 173

## *LISTA DE GRÁFICOS*

PÁG.

**Gráfico 1:** Despesas com servidores públicos..... 17

**Gráfico 2:** Participação dos maiores de 65 anos na população brasileira..... 19

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

## *LISTA DE QUADROS*


| | | PÁG. |
|---|---|---|
| **Quadro-resumo 1:** | Dados de identificação..... | 70 |
| **Quadro-resumo 2:** | Entrevista–expectativas frente à aposentadoria..... | 71 |
| **Quadro-resumo 3:** | Análise do procedimento de desenhos-estórias conjugada à entrevista..... | 72 |
| **Quadro-resumo 4:** | Dados de identificação..... | 80 |
| **Quadro-resumo 5:** | Entrevista-expectativas frente à aposentadoria..... | 81 |
| **Quadro-resumo 6:** | Análise do procedimento de desenhos-estórias conjugada à entrevista..... | 82 |
| **Quadro-resumo 7:** | Dados de identificação..... | 92 |
| **Quadro-resumo 8:** | Entrevista-expectativas frente à aposentadoria..... | 93 |
| **Quadro-resumo 9:** | Análise do procedimento de desenhos-estórias conjugada à entrevista..... | 94 |
| **Quadro resumo 10:** | Dados de identificação..... | 105 |
| **Quadro-resumo 11:** | Entrevista-expectativas frente à aposentadoria..... | 106 |
| **Quadro-resumo 12:** | Análise do procedimento de desenhos-estórias conjugada à entrevista..... | 107 |
| **Quadro-resumo 13:** | Dados de identificação..... | 117 |
| **Quadro-resumo 14:** | Entrevista-expectativas frente à aposentadoria..... | 118 |
| **Quadro resumo 15:** | Análise do procedimento de desenhos-estórias conjugadas à entrevista..... | 119 |

# *RESUMO*

A dimensão subjetiva do processo de aposentar-se na meia-idade é o tema gerador desta pesquisa, considerando-se as transformações que a aposentadoria e o mundo do trabalho vêm sofrendo no contexto atual.

O objetivo é investigar, por meio da metodologia qualitativa, como a mulher trabalhadora de meia-idade vivencia a proximidade da aposentadoria e o que orienta suas expectativas de vida.

O trabalho utiliza cinco estudos-de-casos com mulheres de alto nível de qualificação profissional, representantes do grupo de mulheres brasileiras que há 30 anos ingressou em um mercado de trabalho que, naquela época, era de difícil acesso às mulheres.

A análise baseia-se em entrevistas e no Procedimento de Desenhos-Estórias como técnica de investigação clínica da personalidade, fundamentada nos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica.

Esta pesquisa demostra que a proximidade da perda da identidade profissional, em virtude da aposentadoria, mobiliza símbolos que estão na Sombra e que podem ser integrados à consciência e arquétipos de transformação, determinando a qualidade de enfrentamento dessas mudanças na meia-idade. Demonstra também, que o evento da aposentadoria propicia a redefinição e a re-orientação da personalidade na vida dessas mulheres e que os Programas de Preparação para a Aposentadoria devem trabalhar os aspectos psicológicos evidenciados nesta etapa de transição vivencial, promovendo, assim, condições favoráveis à continuidade do processo de individuação.

# *1.INTRODUÇÃO*

A modernidade tem exigido que o homem administre as incertezas de um cotidiano permeado por mudanças aceleradas, que reclamam por transformações psíquicas e sociais.

À parte toda crítica que tal conjuntura tem suscitado nos mais diversos campos do conhecimento, particularmente no que tange à percepção de que, no enfrentamento de tais transformações, o maior desafio é vencer as barreiras humanas e não as técnicas - como psicóloga atuando junto às organizações do trabalho, fui evidentemente afetada pelas questões decorrentes das inovações implementadas neste âmbito.

Na convivência em especial, com grupos de profissionais - homens e mulheres maduros, até então mobilizados pela necessidade de constante aperfeiçoamento para crescimento e ascensão profissional, aos poucos fui detectando uma preocupação, cada vez mais acentuada de todos, para com o futuro. O futuro do profissional torna-se cada vez mais um alvo de reflexão e perplexidade, exigindo uma compreensão melhor desse fenômeno.

Para estes profissionais, a preocupação com a trajetória profissional - o antes e o agora, mostrava-se relegada a um segundo plano. O depois revestia-se da maior importância, dando contornos à necessidade imperiosa de se assegurar um futuro, sabido e sentido de forma contraditória.

Motivada inicialmente, pela constatação cada vez maior da necessidade de promover oportunidades de planejamento e preparação para a vida pós-trabalho destes profissionais, voltei minha atenção para o período vivencial da pré-aposentadoria, vislumbrando assim, captar nuances dos aspectos a serem trabalhados e que favorecessem a adaptação dos mesmos quando chegassem à etapa da aposentadoria.

Entretanto, o desafio configurou-se de fato mais complexo, quando ao deparar-me com o universo empírico dos pré-aposentados, ou seja, profissionais com direito a aposentarem-se e que questionavam fazê-lo, observei que compunham a coorte etária da meia-idade. Enquanto trabalhadores entre 41 e 53 anos, possuíam como preocupação, questões vivenciais bastante diferentes daquelas relatadas por aposentados, conforme inúmeras pesquisas apontam e que já compõem o segmento da chamada "terceira idade" ou seja, com idades geralmente além desta faixa.

Diante desse quadro, passei a indagar como estes profissionais vivenciavam o período que antecede o evento da aposentadoria. Como se preparavam para deixar a carreira profissional exercida até então, se efetivamente previam terminar com a carreira seu papel profissional na sociedade, quais eram as expectativas acerca do futuro, que reflexos este evento desencadeava na sua dinâmica vivencial como um todo.

Se a aposentadoria é um evento normativo na sociedade industrial, ou seja, faz parte da trajetória profissional do trabalhador uma vez que ele a tenha percorrido e, portanto, deve ser por ele esperada, haveria dificuldade neste momento de transição em se programar para o depois?

Para lidar com essas questões, escolhi a trajetória acadêmica, visando através da pesquisa sistemática, aprofundar minha reflexão a respeito deste período da vida - meia-idade, que coincidia com a aposentadoria nesta população, configurando-a como um divisor de águas.

A escolha dos sujeitos a quem faria todas essas indagações, recaiu sobre um grupo de trabalhadores de uma instituição pública da área de tecnologia xxx, independente de sexo, idade, qualificação profissional ou função exercida, que deveriam ser objeto da pesquisa desde que tivessem procurado o setor de aposentadoria da própria instituição de trabalho, solicitando contagem de tempo de serviço para, se de direito, pleitearem este benefício.

Esta perspectiva inicial foi utilizada na pesquisa-piloto, desvelando um universo específico que passou a ser o alvo futuro da pesquisa de campo, face a algumas características de homogeneidade que comportava e sua singularidade social e científica neste final de século. Tratava-se de um grupo de cinco mulheres trabalhadoras de meia-idade, com excelente nível de qualificação profissional.

Assim, o grupo de mulheres na meia-idade, objeto deste estudo, ocupando um estrato sóciocultural de classe média, com carreiras profissionais desenvolvidas em um ambiente tipicamente masculino e de alta qualificação tecnológica, participou ativamente da construção de um perfil profissional de mulher qualificada e bem sucedida. É testemunho de uma série de transformações na sociedade brasileira contemporânea, no que diz respeito ao papel da mulher no mundo do trabalho.

Os esforços de reflexão nesse trabalho se dirigem, então, à análise das expectativas de vida dessas mulheres de meia-idade frente à proximidade da aposentadoria, buscando compreender que parâmetros norteiam estas expectativas de desligamento profissional voluntário ou não. Na medida em que, paralelamente a esta pesquisa, ocorreram reformas na política brasileira no tocante às aposentadorias e que induziram parte deste público - três mulheres - a se aposentarem às pressas sob pena de futuros prejuízos, retornou-se a campo para avaliar também, a psicodinâmica dessas mulheres frente a este evento inesperado: tanto as duas que decidiram por permanecer na instituição mesmo tendo tempo de serviço para aposentarem-se, quanto as outras três que decidiram pela saída imediata da instituição.

A aposentadoria tem uma origem social, mas ocorre num contexto cultural, histórico, individual e grupal. Seu impacto depende de vários eventos e processos como por exemplo: gênero, etnia, classe social, tipo de trabalho, tipo de organização social, formas de organização do trabalho e de seguridade social, além de fatores sócio-demográficos.

Ao contrário de seu pressuposto inicial, ou seja, do sistema da aposentadoria ter se instituído no contexto europeu como sistema de proteção aos trabalhadores pobres e idosos, diferenciando-os dos outros setores desprivilegiados da sociedade, aposentadoria hoje não é sinônimo de velhice. Isto se evidencia particularmente neste grupo de trabalhadoras do setor público, onde ela ainda podia ocorrer, à época da pesquisa, sem limite mínimo de idade, num contexto que privilegia possibilidades de concretização desse evento diferentemente da grande maioria da sociedade civil brasileira, por assegurar-lhes benefícios futuros equivalentes aos funcionários da ativa.

O critério adotado para o acesso aos sujeitos dessa pesquisa foi a condição da trabalhadora buscar o Setor de Aposentadoria e Pensões, solicitando contagem de tempo de serviço, para se orientar quanto a pedir ou não sua aposentadoria, a qual, graças a um conjunto de dispositivos legais, ainda garante certos privilégios ao funcionalismo público brasileiro e contempla pessoas a partir de vinte e cinco anos de trabalho. Como o Governo vinha anunciando possibilidades de mudanças nesta política previdenciária, a grande maioria dos servidores públicos, logo que pôde, buscou aposentar-se, visando garantir certas vantagens trabalhistas ainda disponíveis.

A meia-idade é tratada aqui, como uma categoria etária que começou a ser pesquisada na década de 50, por pesquisadores que envelheciam e se negavam a aceitar o rótulo de 'velhos', por se sentirem ainda sadios e produtivos (LIBERALESSO NERI, 1995).

Esta categoria etária mostra-se hoje relevante a estudos, por razões sócio-demográficas também, visto que, na pirâmide etária brasileira o número de adultos de meia-idade tende ao crescimento, demandando um esforço concentrado dos cientistas para melhores perspectivas de vida futura.

Durante a vida adulta os indivíduos continuam a ser desafiados pelas suas próprias expectativas quanto ao futuro, por novas exigências ambientais, pelo desejo de progresso e pela contínua preocupação com a integração e produtividade social.

No campo teórico da delimitação dos períodos etários da existência, a etapa da meia-idade, como qualquer outra etapa vivencial, pode ser vista, segundo BIRMAN (1993), como uma questão conceitual, construída historicamente, regulada pelos valores e por representações sociais dos diferentes registros - biológico, psíquico e filosófico.

A seqüência empírica previsível do desenvolvimento humano - fundada biologicamente e atravessando diferentes momentos no seu percurso, foi uma invenção recente da história do Ocidente, na passagem do século XVIII para o século XIX. A perspectiva de ciclo biológico dentro do evolucionismo demarcou a existência humana em faixas etárias bem delineadas: ao nascimento segue-se o crescimento, amadurecimento e degeneração do indivíduo.

A psicologia do desenvolvimento, por sua vez, desde a metade do século XIX, ocupou-se do estudo dos processos psíquicos humanos, segundo a seqüência das faixas etárias, pesquisando suas estruturas cognitivas e afetivas, o que contribuiu para delimitar as responsabilidades sociais dos indivíduos nas suas relações com os outros e o mundo.

O registro filosófico indica a passagem de uma concepção onde o sujeito humano passou a ser representado não apenas como um ser histórico, mas também como o agente crucial da sua história.

Estes três campos teóricos - biológico, psicológico e filosófico, referendaram, então, grandes transformações sociais posteriores, quando a categoria de vida passou a ocupar um lugar importante na mentalidade e nos projetos políticos da sociedade e o Estado Moderno passou a se responsabilizar crescentemente por questões antes localizadas na esfera privada e familiar, regulamentando as etapas da vida desde o nascimento, escolarização, entrada no mercado de trabalho, acesso a direitos civis e políticos e aposentadoria (BIRMAN, 1993).

Entretanto, continua esse mesmo autor,

> a leitura que temos das diferentes etapas da existência humana não é a mesma hoje, se compararmos com a de um século atrás. Esta transformação se deve não apenas ao desenvolvimento e aos avanços tecnológicos da medicina e biologia, (...) mas também porque se transformaram os valores que passaram a delinear os lugares sociais da juventude, da maturidade e da velhice.

Esses avanços tecnológicos trouxeram, a reboque, um conjunto de novas concepções, por exemplo, sobre a atividade do trabalho, que afetam os costumes, as tradições, os valores, as expectativas, os desejos e as fantasias dos trabalhadores e que orientam por sua vez, suas escolhas e estratégias de ação individual e coletiva.

Atualmente, vários estudos sobre o desenvolvimento adulto tem apontado mudanças acerca das expectativas das gerações de meia-idade, quanto às vivências de início do "declínio da vida" e a construção de novos significados simbólicos ancorando os projetos de vida dos indivíduos.

A pesquisa de SILVA (1996), neste sentido, abordando uma população brasileira de homens e mulheres na faixa dos quarenta anos, discute o modo pelo qual o curso da vida é investido de sentidos, referindo que a percepção sobre a meia-idade dos pesquisados aciona um conjunto de comportamentos, valores e atitudes marcados pela busca de autenticidade, "que implica em rever os padrões convencionais sobre o que seriam os comportamentos adequados a cada faixa etária". Esse autor reitera que ser autêntico, nesse ponto de vista, significa não apenas "romper com o passado", mas reencontrar uma saída particular frente a alguns impasses que se apresentam.

Um desses impasses, por exemplo, pode ser a possibilidade da aposentadoria e da construção de um projeto de vida pós-carreira para indivíduos trabalhadores que experienciam a plenitude de sua produtividade profissional, social e afetiva, não vislumbrando ainda como perspectiva de vida mais próxima, a velhice e suas decorrências.

Entretanto, buscando focalizar o processo de aposentar-se como fenômeno de transição na meia-idade para uma nova etapa da vida, a análise desta pesquisa foi centrada na maneira como essas mulheres trabalhadoras vêm se organizando, subjetivamente, frente à proximidade desse evento, que transformações vem sendo experimentadas por elas, que perspectivas vêm orientando suas opções e estratégias.

O pressuposto deste trabalho é de que as reflexões dessas mulheres frente ao aposentar-se são pensadas não só a partir de seus efeitos sob os aspectos econômicos e materiais mais visíveis, mas também pelo impacto que causam à subjetividade das mesmas, visto simbolizar, além das rupturas com essas realidades concretas, rupturas também com realidades psíquicas de efetivo poder de expressão. Isto significa optar por uma abordagem menos voltada para os aspectos políticos ou para as condições materiais da vida da classe trabalhadora, atentando muito mais para a maneira como essas mulheres trabalhadoras vêm elaborando essa nova condição existencial, a partir do que irão definir e orientar seu "vir-a-ser".

Mostrou-se importante, na organização desse estudo, fazer uma retomada histórica do evento da aposentadoria na sociedade ocidental e, em seguida, contextualizá-lo na situação brasileira, segundo as últimas mudanças do sistema previdenciário que ocorreram simultaneamente a essa pesquisa sem, no entanto, objetivar uma discussão estrutural desse sistema. O levantamento da literatura nacional e internacional acerca da aposentadoria teve como maior foco as repercussões psicológicas desse evento no período de transição trabalho-aposentadoria na vida dos indivíduos; aspecto que se mostrou ainda pouco pesquisado.

Por entender que as características diferenciadas nos padrões de aposentadoria resultam do processo de trabalho e do contexto em que ele ocorreu, optou-se por fazer uma breve retrospectiva da inserção da mulher no mundo do trabalho, particularmente no cenário brasileiro.

Como tais padrões de retirada do indivíduo do trabalho e em particular das mulheres, mostram-se afetados pelas mudanças atuais do setor produtivo e suas respectivas decorrências, a preparação para a aposentadoria vem sendo um importante mecanismo de reflexão e planejamento para a vida pós-carreira. Consideramos que o levantamento dessa questão pode subsidiar instituições, organizações formais de trabalho e organizações informais que lidam com este público, como por exemplo, cursos e associações de 'terceira idade' tanto na delimitação de um conteúdo programático compatível com as necessidades dos mesmos, assim como no delineamento de uma política de preparação de sucessores. Tal política visa o aprimoramento dos profissionais mais jovens por meio da alta qualificação daqueles que hoje se aposentam, legitimando o mérito do conhecimento adquirido ao longo dos anos de quem tanto contribuiu para o desenvolvimento das instituições como elas se apresentam hoje.

Contudo, enfatizou-se aqui, a preparação psicológica do indivíduo nesse momento de transição, uma vez que esta transição coincide com um período de vida particularmente repleto também de outras mudanças externas. Nesse sentido, a abordagem da Psicologia Analítica prevê uma mobilização específica na psicodinâmica dos indivíduos no período da vida adulta para a meia-idade. Esta perspectiva, portanto, norteará a compreensão da repercussão do evento da aposentadoria na psicodinâmica das mulheres abordadas nesse estudo.

Os pressupostos da abordagem qualitativa mostraram-se adequados a esse recorte de pesquisa, dada a natureza do problema e do enfoque fenomenológico exigido pelo referencial teórico da Psicologia Analítica.

A descrição da metodologia abordou inicialmente uma caracterização do universo empírico, por entender que o mesmo comporta singularidades que determinam também a qualidade das vivências dos sujeitos, além de ter sido o palco de uma pesquisa preliminar que fomentou a articulação do problema aqui investigado. No procedimento de coleta de dados relacionou-se os sujeitos e os instrumentos utilizados nesse estudo, elucidando brevemente, no procedimento de análise dos dados, os aspectos teóricos pertinentes à entrevista e ao Procedimento de Desenhos-Estórias, enquanto instrumentos que possibilitaram entrar em contato com os conteúdos dos sujeitos.

A apresentação dos resultados e respectiva análise dos mesmos consistiu numa primeira visão sintética através de quadros-resumos, elaborados pela própria autora com finalidade puramente didática, ou seja, desejando familiarizar o leitor com uma visão global dos resultados de cada um dos casos. Sendo assim, o primeiro quadro é sobre os dados gerais de identificação do sujeito, o segundo mostra os resultados das expectativas frente à aposentadoria coletadas na entrevista e o terceiro é uma conjugação entre os resultados obtidos no Procedimento de Desenhos-Estórias e na entrevista. Em seguida aos quadros, cada caso teve sua análise descrita de forma mais detalhada.

À apresentação dos resultados seguiu-se a discussão dos mesmos, focalizando os aspectos psicológicos identificados no material coletado por meio do referencial da Psicologia Analítica, para posteriormente conjugá-lo com os achados das pesquisas de nossa revisão bibliográfica.

As considerações finais refletem o que ao longo deste estudo observou-se neste grupo de mulheres de meia-idade, como vêm respondendo aos discursos de crises previsíveis para tal época da vida, tão difundidos na década de 80 (SHEEHY, 1988). Como seus projetos de futuro comportam expectativas de um volver-se para o mundo interior, buscando assim maiores níveis de auto-realização ou se é o mundo externo que as orienta na busca de um sentido maior para a vida. Na medida em que o trabalho foi o marcador primordial na vida dessas mulheres de meia-idade, que desde cedo construíram uma carreira profissional sólida e que agora podem abdicar do trabalho em função do direito à aposentadoria, como elas desejam fazê-lo. Observou-se também, como os papéis típicamente femininos conseguiram expressão e espaço ao longo da vida ou se o papel profissional sugeria ter tido mais destaque. E ainda, por essas mulheres estarem no auge de sua produtividade social, se o papel profissional continuaria atuante ou se desejavam alterar essa dinâmica de papéis.

Embora fosse possível conjugar esta análise a uma visão sociológica compreensiva, optou-se, por meio do método clínico-fenomenológico, por uma análise centrada nas determinações psicológicas do ser humano, como elementos chaves para compreensão do está se passando com essas mulheres em uma área particular da atividade social - a transição do trabalho à aposentadoria. Tal análise, apontou em que medida os

processos internos da personalidade são os elementos chaves na determinação das mudanças que ocorrem na meia-idade.

Considerando o evento da aposentadoria como um 'divisor de águas' na vida dos indivíduos, tanto pelas consequências que ele carrega consigo mesmo, quanto pela possibilidade de coincidir com momentos de transição, muitas vezes críticos, na vida dos mesmos, delimitou-se para a presente pesquisa, os objetivos que se seguem.

# *2. OBJETIVOS*

## 2.1. OBJETIVO GERAL:

Investigar como a mulher trabalhadora de meia-idade vivencia a proximidade da aposentadoria e o que orienta suas expectativas de vida.

## 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar se a mulher trabalhadora de meia-idade está preparada psicologicamente para abdicar da sua carreira profissional em função da aposentadoria;
- Identificar se as expectativas de vida futura dessa mulher são mais orientadas por suas demandas psicodinâmicas ou por aspectos do mundo social;
- Verificar se nesta faixa etária, a aposentadoria significa abdicação do papel profissional ou condição propulsora de desenvolvimento do mesmo;
- Discutir a questão da aposentadoria na meia-idade como crise ou oportunidade de desenvolvimento para a mulher;
- Discutir a propriedade de uma preparação psicológica específica nos Programas de Preparação para a Aposentadoria.

# *3. REVISÃO DA LITERATURA*

## 3.1. A TRANSFORMAÇÃO DA APOSENTADORIA

### 3.1.1. Considerações Históricas:

O trinômio aposentadoria, trabalho e velhice, históricamente esteve associado. Entretanto, desde a década de 60, sofreu mudanças significativas em sua concepção, face às questões mais amplas que permeiam a sociedade contemporânea, instaurando novas formas de ação dos indivíduos e atraindo mais atenção do mundo científico.

Refletindo sobre a criação da aposentadoria, DEBERT & SIMÕES (1998) traçam "a história do aparecimento de uma nova forma de conceber a velhice, analisando um conjunto de transformações que acompanharam o desenvolvimento capitalista", entre outros fatores.

Assinalam que, embora a aposentadoria já existisse na França do século XVIII, e mais tarde no contexto europeu mais amplo e nos EUA, as políticas de aposentadoria eram orientadas por um caráter filantrópico e dirigidas às populações mais carentes.

Na segunda metade do século XIX, passaram a configurar um sistema de proteção aos trabalhadores idosos e só no final do século XIX a aposentadoria entrou nas pautas das reivindicações operárias.

GRAEDNER (1980) quando descreve a história da aposentadoria nos EUA, mostra o caráter inicial da aposentadoria como instrumento de proteção dos trabalhadores mais velhos, e a evolução da sociedade industrial no século XX, utilizando a aposentadoria compulsória como forma de eliminar empregados mais velhos, para ceder assim, lugar aos mais novos.

Esta perspectiva é também retomada por DEBERT & SIMÕES (1998) pontuando como o avanço do processo de industrialização e demanda por mão-de-obra eficiente nos EUA entre 1920 e 1940, fortaleceu concepções de que a capacidade produtiva do trabalhador declinava com a idade, assegurando estratégias de encaminhamento da "força de trabalho idosa à aposentadoria, como elemento fundamental das políticas de emprego".

GUILHEMARD (1986) identifica mudanças de sensibilidade em relação ao idoso em três períodos a partir de 1945:

- No período de 1945 a 1960, ao sistema de aposentadorias compete uma assistência social aos idosos, na medida em que a velhice é ainda associada à pobreza;

- No período de 1959 a 1967, o modo de vida dos idosos recebe intervenções das políticas sociais assegurando nova visibilidade para com suas condições de marginalidade, uma vez que a emergência de camadas médias assalariadas demandava pensar a aposentadoria a partir de níveis mais altos de aptidões, aspirações e consumo. Este novo segmento inspira a idéia da 'terceira idade'. Terceira idade que, como assinala LÉNOIR (1979)*, significa mais a negação do envelhecimento do que uma etapa entre a idade madura e velhice propriamente dita;

- De 1967 em diante, o terceiro período caracteriza-se pela idéia da pré-aposentadoria, implicando na revisão da idade cronológica própria à retirada do trabalho e como também comenta DEBERT & SIMÕES (1998): "a aposentadoria precária ou o desemprego são as condições de uma parcela cada vez mais expressiva dos indivíduos na faixa etária anterior àquela da aposentadoria propriamente dita, principalmente nas empresas privadas".

Particularmente nos EUA e Europa, as questões da meia-idade, do envelhecimento e da aposentadoria a partir dos anos 60, desencadearam uma revisão da literatura, que operava até então com concepções de que aposentar-se era uma "decisão involuntária e fruto de uma série de pressões sobre o trabalhador" (STUCCHI, 1994). Em se tratando de Brasil, as concepções acerca da aposentadoria começaram a ser pesquisadas efetivamente na década de noventa, comportando ainda grandes lacunas.

Este preâmbulo acerca das transformações da aposentadoria, da época em que foi instituída até a ideologia contemporânea onde é associada à 'terceira idade', nos confronta com as políticas do sistema previdenciário brasileiro há muito tempo em debate, e com algumas mudanças já em curso desde dezembro de 1998.

---

* LÉNOIR, R. *apud* DEBERT, G.G. & SIMÕES, J. A. - A aposentadoria e a invenção da 'terceira idade' In: DEBERT, G.G. - **Antropologia e Velhice.** Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir a questão estrutural do sistema previdenciário brasileiro, principalmente a assertividade ou não de se continuar com as atuais regras que permitem aposentadorias precoces, há que contextualizar a grave situação em que esse sistema encontra-se hoje, no sentido inclusive, de compreender os impasses com os quais nossos sujeitos se confrontaram.

### 3.1.2. Mudanças no Sistema Previdenciário Brasileiro:

Principalmente no final dos anos 90 e até os dias de hoje, a maior pauta de discussão da sociedade brasileira em todos os seus segmentos, tem sido a necessidade urgente de reformas fiscais, considerada unanimemente como entrave à superação dos déficits públicos em todos os níveis.

Na prática, sempre que se fala em reforma fiscal, os especialistas em finanças públicas atribuem à Previdência o principal alvo de necessidade de reformas, haja visto que ela, embora não seja a única responsável pela má distribuição de renda no país, tem acentuado essas disparidades.

As alterações introduzidas na Constituição de 1988 são apontadas por LAHÓZ (1999) como um fator agravante do déficit previdenciário atual. Dentre elas, o mais grave foi a criação do Regime Jurídico Único, em que milhares de funcionários até então, regidos pelas regras do setor privado ganharam os mesmos direitos dos servidores públicos.

O sistema previdenciário no Brasil reza que todos têm direito a receber aposentadoria a partir de uma certa idade, a despeito do quanto foi pago ao sistema. Uma decorrência disso é que pessoas com salários mais altos acabam favorecidas na hora de se aposentar ou conforme aponta LAHÓZ (1999):

> Há dois regimes principais de Previdência no país: um para os trabalhadores do setor privado e outro para os servidores públicos. Em nenhum dos casos há o que os especialistas chamam de equilíbrio atuarial. (Ou seja, a correspondência entre o que se paga e o que se recebe no futuro). Mas os trabalhadores da iniciativa privada têm um limite de 1.255 reais mensais em suas aposentadorias. No caso dos servidores públicos, o que conta é o último salário.

Analisando tal dado, Beltrão (1999)*, uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, argumenta que "isso não existe em nenhum outro país".

Verificamos, por exemplo, que o peso dos aposentados do setor público dentro de um déficit de 45 bilhões de reais, corresponde a 35 bilhões, apenas 10 bilhões são do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social). Acrescente-se ainda, que o aposentado do setor público recebe mais do que o trabalhador na ativa, pois ganha o correspondente ao último salário e pára de pagar a contribuição de 11% à Previdência, além dos salários da ativa serem imediatamente incorporados às aposentadorias. O gráfico a seguir, elaborado por LAHÓZ (1999), aponta a disparidade das despesas públicas com servidores ativos e inativos:

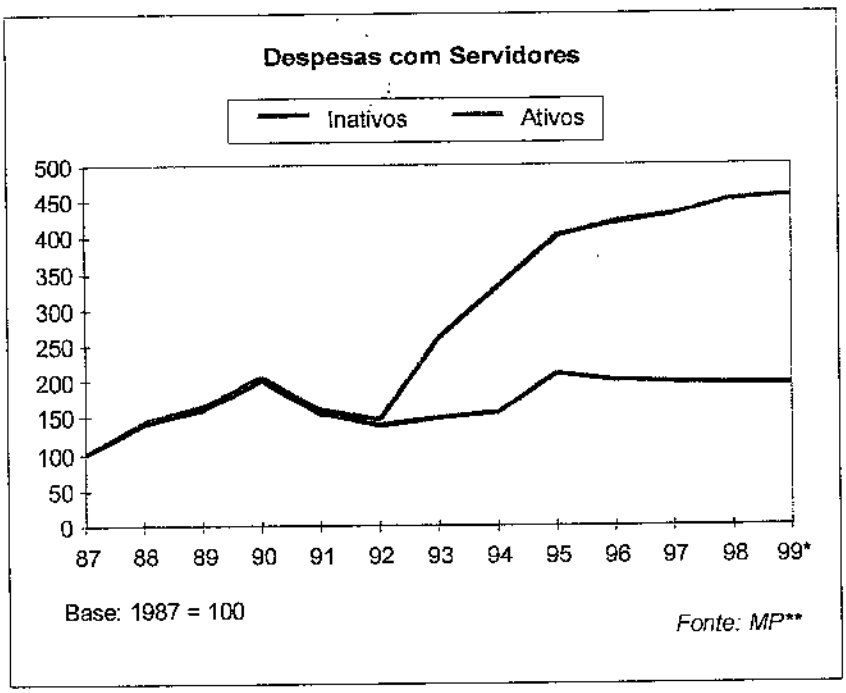



**Gráfico 1:** Despesas com Servidores Públicos

* BELTRÃO, K. *apud* LAHÓZ, A. - Iceberg à vista. **Revista Exame**. Nov, **23**: 172-179, 1999.
**MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL apud LÁHOZ, A. Iceberg à vista. **Revista Exame**. Nov, **23**:172-179, 1999.

LAHÓZ (1999) em sua análise aponta ainda, o agravante de várias categorias profissionais terem conseguido reduzir o número de anos necessários para aposentadorias como, por exemplo, professores, militares e profissões em que há risco à saúde. Ou seja, as atuais regras da legislação tem permitido aposentadorias precoces: "O resultado é que há no país pessoas que se aposentam com 36 anos de idade".

Outro ponto discutido pelos especialistas, é a possibilidade de acúmulo de aposentadoria e salário que também é permitido no modelo previdenciário brasileiro, em que a pessoa tendo idade para se aposentar, ela pode fazê-lo sem parar de trabalhar, salvo no setor público, que delimita que quando o servidor se aposenta ele não pode continuar nesse setor, podendo no entanto, trabalhar no setor privado. Observa-se também, que muitos servidores públicos, pela idade precoce e atual política de contratação pública em recessão, continuam a trabalhar no setor público, mas sem vínculo empregatício, na condição geralmente de prestadores de serviços.

Somado a todas as distorções do sistema previdenciário brasileiro, confrontamo-nos hoje, com o envelhecimento global da população. No Brasil, a taxa de fecundidade tem caído e a expectativa de vida aumentado. Como resultado, as perspectivas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram a curto prazo, uma grande participação dos idosos na população total e um decréscimo de jovens.

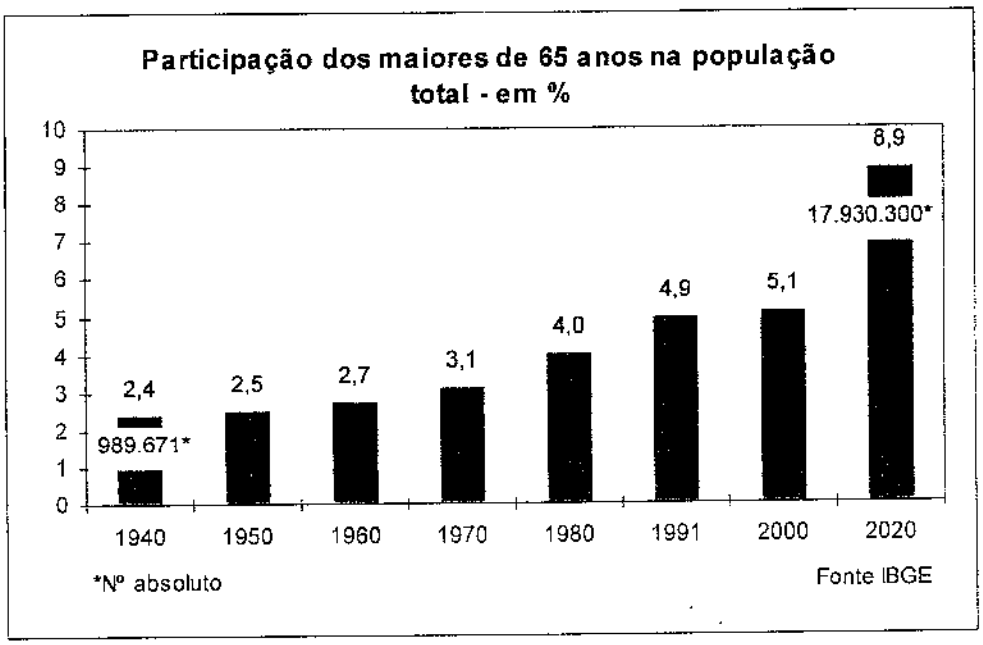



**Gráfico 2:** Participação dos maiores de 65 anos na população brasileira

É incontestável que as reformas instituídas desde dezembro de 1998 deram início a importantes mudanças na política previdenciária, mas ainda são tímidas frente ao conjunto de dispositivos necessários a uma reversão significativa do quadro caótico em que se encontra, além de dissonante frente às políticas de aposentadoria dos países da Europa Ocidental e EUA.

De 1995 para cá, apenas quatro países mantém aposentadorias por tempo de serviço: Brasil, Irã, Iraque e Equador, segundo um estudo americano citado também por LAHÓZ (1999), em que verificamos o fato de, à parte o Brasil, estes outros três países podem bancar tal modelo de previdência que contempla possibilidade de pessoas jovens se aposentar, visto serem grandes produtores de petróleo.

A avaliação dessas variáveis, entre outras, contribuiu para a aprovação no Congresso, de medida que institui a idade mínima para se aposentar de 60 anos para os homens e 55 anos para as mulheres no setor público, "embora essa idade mínima só vale para quem está ingressando agora no mercado de trabalho e irá se aposentar daqui a várias décadas. Todos os demais estão sujeitos a uma regra de transição muito mais leve, que diminui bastante o impacto de curto prazo" (LAHÓZ,1999).

Para os trabalhadores do setor privado, o Senado ainda tem que aprovar o projeto do fator previdenciário, usado na hora de calcular a aposentadoria do INSS, construído de forma a forçar o trabalhador a permanecer mais tempo no trabalho, pois quem decidir se aposentar cedo receberá menos, ou seja, é um desestímulo à aposentadoria precoce.

Muitas propostas de avanço nesta empreitada encontram-se em curso, acenando uma visibilidade maior para com o impacto do sistema previdenciário no crescimento da economia brasileira. Sistemas previdenciários de países como o Chile e México têm mostrado modelos mais apropriados para o gerenciamento dessas questões, envolvendo no entanto, soluções a médio e longo prazo, na medida em que, finaliza LAHÓZ (1999) em sua análise: "Como as mudanças afetam milhões de pessoas, elas são naturalmente lentas em qualquer país do mundo".

### 3.1.3. A Literatura Recente Sobre a Aposentadoria:

A partir dos anos 60, os problemas da meia-idade e do envelhecimento têm atraído a atenção do mundo científico, particularmente de médicos, psicólogos, sociólogos e demógrafos.

Mas a sociedade de hoje mostra-se, por vezes ambivalente. Por um lado, as estatísticas de longevidade florescem conferindo 'os louros' à tecnologia e propagando tanto a população de meia-idade quanto a da 'terceira-idade' como forças e presenças a serem reconhecidas, devido aos números demográficos em ascensão e tornando-se, portanto, importantes consumidores numa sociedade de consumo Por outro lado, esta mesma sociedade idolatra a juventude e as realizações produtivas, considerando aqueles que não são

mais tão jovens, como um lastro improdutivo... Mesmo quando se torna difícil ignorar este segmento da população, a sociedade continua a negligenciar e desvalorizar as qualidades especiais e o poder criativo daqueles que estão na idade madura e, em sua maioria, aposentados.

Em consultas às bases de dados MEDLINE (Nacional Library of Medicine) que reúne resumos de estudos desenvovidos nos EUA e em outros países; ao LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe) e ao PSYCHINFO (Psychological Abstracts), as pesquisas relacionando pré-aposentadoria em mulheres e mais específicamente, as decorrências psicológicas desse período, mostraram-se escassas, sendo mais freqüentes os estudos pós- aposentadoria. O mesmo sucedeu com relação aos estudos brasileiros a respeito do assunto.

Há que ressaltar, portanto, que a presente revisão bibliográfica retrata muito mais contextos diferenciados da realidade brasileira, particularmente o norte-americano, denotando que a diversidade de indicadores sócio-econômicos, culturais, raciais e étnicos do Brasil certamente conduziria a resultados também diferenciados, merecendo inclusive, pesquisas similares. O que há de comum é a crescente mudança das políticas públicas em torno da aposentadoria, deflagrando já mudanças no comportamento de se aposentar do brasileiro.

O estudo longitudinal sobre a aposentadoria *"Cornell Study of Occupational Retirement"* de STREIB & SCHNEIDER (1971)*, explorou importantes aspectos do processo de aposentadoria, como por exemplo, que homens e mulheres com remuneração mais alta, *status* e educação continuam trabalhando por mais tempo que os outros. Indivíduos que se aposentaram mais cedo tenderam a ser mais satisfeitos com a aposentadoria do que aqueles que se aposentaram mais tarde.

SCHAIE & WILLIS (1996) fazendo uma revisão dos estudos sobre a aposentadoria, apontam que em 1968 as razões citadas para se aposentar eram: 17% dos aposentados foram incentivados a aposentar pelo empregador; 54% por razões de saúde e

* STREIB, G.F. & SCHNEIDER, C.I. *apud* KIMMEL, D. - **Adulthood and aging, an interdisciplinary, developmental view**. 2. ed. Canadá, John Wiley & Sons, Inc. 1980.

29% por iniciativa própria. Já em 1982, esta distribuição mudou radicalmente no sentido de que a aposentadoria por iniciativa própria quase que dobrou, passando a significar 54%, enquanto os fatores de saúde foram reduzidos para 29% e a porcentagem de iniciativa do empregador permaneceu em 17%. Os estudos de 1992, segundo esses autores, confirmam que esta tendência permanecia nos EUA. A razão mais comumente citada nesta tendência de se aposentar por vontade própria ia de encontro ao desejo genuíno de se aposentar. Entre os homens se aposentando por qualquer uma das três razões foi observado uma tendência de que os trabalhadores de níveis mais altos (executivos), se aposentavam mais tarde que os de níveis mais baixos ('chão-de-fábrica').

No estudo de STANFORD et *al.* (1991)*, a atual estrutura social tem aumentado o número de aposentadorias precoces em duas classes distintas: no primeiro grupo estão trabalhadores com problemas de saúde, baixo salário ou que estão desempregados; num segundo grupo os trabalhadores têm boa saúde, ganhos acima da média, acesso aos planos de pensão privados. Ou seja, o alto status e possibilidade de ter planos de pensão privados foram considerados fortes influências para estas aposentadorias precoces.

A idéia da aposentadoria como uma decisão voluntária ocupa as teorias mais recentes, que indicam que o afastamento definitivo do trabalho "é fruto de escolha voluntária", uma resposta racional a incentivos financeiros. A aposentadoria vem sendo definida de várias formas e não mais como uma situação dicotômica e irreversível, podendo significar, a completa retirada da força de trabalho; a retirada do indivíduo por um quarto do tempo ou menos tempo do trabalho; saída de um primeiro trabalho; súbita e descontínua queda nas horas trabalhadas (QUINN & BURKHAUSER, 1990).

KIMMEL (1980) coloca que pessoas que se aposentam voluntariamente tem mais atitudes positivas com relação à aposentadoria do que aquelas que não se aposentam voluntariamente.

---

* STANFORD, E.P. *et al.*, *apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement. In: _____.- **Adult development and aging.** 4 ed. New York, Harper Collins College Publishers, Inc. 1996.

COCKERHAM (1997) assinala, que o número de pessoas que optam por aposentadorias precoces, o fazem pela perspectiva de segurança financeira no futuro, mas que esta situação vem sendo modificada. Os incentivos para aposentadoria mais tarde, têm crescido. Como exemplo, a aposentadoria por fases, no qual o trabalhador mais velho vai saindo mais lentamente do mercado, ou ainda, a opção dos aposentados serem trabalhadores em tempo parcial, ou trabalharem com contratos independentes, muitas vezes até para empregadores anteriores.

Outra tendência apontada por RUHM (1988)* é de muitos dos aposentados buscarem novos trabalhos diferentes dos que tiveram até então. Saem de seus empregos para 'empregos-ponte', ou seja, trabalhos a que se recorre antes de uma saída total do mercado de trabalho. Estas constatações sugerem que os padrões reais de retirada do indivíduo do campo do trabalho são muito mais variados do que o retratado pela literatura.

A questão do trabalho e aposentadoria nos EUA, principalmente na década de 80 e meados dos anos 90, refletem as "mudanças do ambiente institucional e o fato da aposentadoria obrigatória vir sendo virtualmente eliminada", segundo QUINN & BURKHAUSER (1990), uma vez que crescem os planos de pensão privados, paralelamente aos planos cobertos pelas políticas públicas, fazendo com que a decisão de se aposentar cada vez mais seja influenciada pelos fatores externos. Entretanto, ao comentarem sobre as recentes pesquisas de economistas, estes autores assinalam que muitos outros fatores importantes, além de variáveis econômicas e de índices de saúde por eles mensuráveis, devem ser investigados, no sentido de entender o fenômeno da aposentadoria mais completamente, como, por exemplo, aspectos não pecuniários de emprego, atitudes em direção a futuros trabalhos e lazer, novos arranjos de vida e interações sociais. Enfim, as tendências das pesquisas atuais em focalizar aspectos teóricos na decisão pela aposentadoria , explicando-a principalmente através dos aspectos financeiros envolvidos, têm deixado de lado o outro lado da equação, ou seja, o comportamento de se aposentar.

* RUHUM, C.J. *apud* QUINN, J.F. & BURKHAUSER, R.V. - Work and retirement. In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE, L.K. - **Handbook of aging and the social sciences**. 3. ed. San Diego, Academic Press, 1990.

Durante toda a década de 80, o desengajamento de trabalhadores com carreira de tempo integral foi pesquisado por QUINN, apontando que esta transição escamoteava mais coisas do que revelava. Em um de seus estudos mais recentes QUINN & KOZEY (1996) explorando as variáveis que determinam os diferentes padrões de aposentadoria, referem ter utilizado o *"Health an Retirement Study"* (JUSTER & SUZMAN, 1995)*, considerando raça e etnicidade em brancos, negros e hispânicos. Apontam que uma minoria significativa de americanos mais velhos utiliza o 'trabalho-ponte' para uma saída gradual rumo à aposentadoria e que segundas carreiras tem se tornado um fenômeno comum. Muitas das diferenças dos padrões de aposentadoria quanto à raça e etnicidade desaparecem quando os padrões de emprego antes da aposentadoria são analisados, concluindo que a análise do vínculo empregatício antes da aposentadoria pode ser um componente importante na compreensão de como se dá essa transição.

Estudo similar é o de HONING (1996) acerca das expectativas da aposentadoria, as diferenças por raça, etnicidade e gênero em homens e mulheres americanos, hispânicos e africanos. Conclui que a variedade de padrões de expectativas nestes grupos demográficos depende muito das recompensas frente à continuidade no trabalho e do valor atribuído aos trabalhadores pelo mercado, considerando que estes fatores são muito relevantes dentro das mudanças das políticas públicas americanas.

Outra variável recentemente estudada por ADAMS & BEEHR (1998) consistiu na comparação de similaridades e diferenças entre a aposentadoria e o "turnover" de trabalhadores. Esses pesquisadores focalizaram níveis de satisfação e compromisso para com a carreira, concluindo que a aposentadoria é conceitual e empíricamente diferente do "turnover", sugerindo que a retirada do indivíduo do trabalho na aposentadoria não é influenciada pelos mesmos fatores que o "turnover". Porém, o fato do empregado se retirar voluntariamente do trabalho requer mais análise.

* JUSTER, F. T. & SUZMAN, R. *apud* QUINN, J.F. & KOZY, M. - The role of bridge jobs in the retirement transition: gender, race and etnicity. **The Gerontologist, 3:** 363-372, 1996.

Quando analisa a situação dos idosos em relação ao trabalho e aposentadoria, COCKERHAM (1997), salienta como ponto central a compreensão dos processos sociais que influenciam os estágios tardios da vida. Atualmente, os americanos não somente podem decidir por si próprios quando se aposentar, mas tem desde 1985 uma salvaguarda legal contra a discriminação no trabalho relacionada à idade, conforme ACHENBAUM (1985)*: "Preconceitos com relação aos trabalhadores mais velhos estão se tornando cada vez mais difíceis de se justificar na evidência de que a habilidade, a lealdade e a confiabilidade de trabalhadores mais velhos são mais importantes do que o decréscimo de idade".

A esse respeito, MORRISON (1986)** relata que é de 1967 a lei promulgada nos EUA "contra formas de discriminação etária no trabalho (ADEA-Age Discrimination Employment Act), especificamente destinada a proteger os trabalhadores entre 45e 64 anos, de ameaças de estagnação profissional, perda de benefícios e perda de emprego".

ATCHLEY (1996) em artigo que discute a teoria de crise de identidade em função da aposentadoria, a partir do trabalho de MILLER (1965)***, demonstra que em oposição à essa teoria, existe um crescimento na idéia de continuidade de identidade. Ou seja, no lugar do desconforto e da perda de envolvimento, conforme sugerido por Miller, no período da aposentadoria, pessoas aposentadas voluntariamente ou não têm conseguido através das atividades de lazer, valores que as mantenham com um padrão de vida gratificante. Estes dados sustentam que o lazer é uma importante ponte entre a vida pré-aposentadoria e pós-aposentadoria, devendo crescer no futuro. Atchley, entretanto, reconhece que a teoria de continuidade de identidade após a aposentadoria necessita de

---

* ACHENBAUM, W. A. *apud* COCKERHAM, W.C. - Work and retirement. In: _____ **This aging society.** 2. ed. New Jersey, Printice-Hall, 1997.

** MORRISON, M.H. *apud* DEBERT, G.G. & SIMÕES, J. A. - A aposentadoria e a invenção da 'terceira idade'. In: DEBERT, G.G. org. **Antropologia e Velhice.** Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

*** MILLER, S. *apud* ATCHLEY, R. C. - Retirement and leisure participation: continuity or crisis? In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE, L.H. - **Handbook of aging and the social sciences.** 4.ed. São Diego, Academic Press, 1996.

pesquisas mais amplas para definir de forma mais adequada, modelos de relacionamentos entre o lazer e a aposentadoria.

Em outro estudo, ATCHLEY (1994)*, considera que o trabalhador ao aposentar-se passa por três períodos: O primeiro que ele denomina de 'período de lua-de-mel', refere-se ao momento imediatamente após a aposentadoria, período de euforia em que as pessoas tentam fazer tudo o que nunca tiveram tempo de fazer antes. O segundo período é o de 'descanso e relaxamento', em que prevalece o desejo por atividades confortáveis, cujo objetivo é reduzir o ritmo de atividades. O terceiro período chamado de 'desencanto' refere-se ao fato de eventos traumáticos interferirem nas expectativas (doença, morte, por exemplo). O quarto período de 'reorientação' é aquele em que a pessoa reavalia a situação e explora novas oportunidades e envolvimentos, estabelecendo atividades estáveis e satisfatórias na aposentadoria.

Já no artigo *"Preparing for the later years"*, MULLEY (1995) discute a transformação da aposentadoria, mostrando como ela passou a ser alvo de preocupação apenas nos últimos trinta anos. Acredita que os médicos também não estão preparados para a 'terceira idade', tornando-se difícil aconselhar seus pacientes para tal. Aborda as repercussões da aposentadoria na vida das pessoas no âmbito da saúde, do relacionamento familiar, do casamento e da sexualidade, assinalando estatísticamente as perdas e ganhos, concluindo que, felizmente, 75% das pessoas não acham a aposentadoria estressante e se ajustam bem ao período pós-trabalho.

Em termos de Brasil, destacamos a pesquisa de DEPS (1994) que estudou a percepção de perdas e ganhos na transição à aposentadoria, em professores recém-aposentados na Universidade Federal do Espírito Santo. Subsidiada pela teoria do curso da vida, onde as transformações constantes do desenvolvimento humano se traduzem, entre outras coisas, em processos de perdas e ganhos, observou que o sentimento de ganhos com a aposentadoria sobrepujou o de perdas, embora não tenha sido seu propósito explorar mais profundamente a estrutura de personalidade subjacente a esses sentimentos.

---

* ATCHLEY, R. *apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement.In:_____**Adult developtment and aging.** 4. ed. New York, Harper, Collins College Publishers, Inc., 1996.

Numa pesquisa psicossocial, CECÍLIO (1990) fez uma análise da aposentadoria em função das teorias do trabalho. Seus resultados mostram as diferenças do significado da aposentadoria segundo o lugar do trabalho na vida de cada trabalhador e as vantagens decorrentes da vida profissional, assim como que o aposentar pode se confundir com velhice ou dela muito se aproximar, mas nem sempre a aposentadoria é velhice. A questão de gênero não é, no entanto, em nenhum momento discutida, sendo sua amostra majoritariamente composta por homens.

SANTOS (1990), em seu estudo, avalia a aposentadoria como perda do papel profissional e necessidade de "reorganização espacial e temporal da vida do sujeito, confrontação com a velhice e momento de reorganização da identidade pessoal", dependendo a qualidade de vida na aposentadoria, de como o indivíduo viveu toda sua vida profissional. Se o trabalho foi o elemento estruturador do seu espaço vital, única fonte de engajamento social, auto-realização, satisfação e criatividade, essa ruptura abrupta para com a identidade profissional comprometerá a identidade pessoal do mesmo. Essa pesquisa de SANTOS (1990) se aproxima dos objetivos desse estudo, sendo sustentada no entanto, pela leitura psicossocial.

A perspectiva do trabalho como maior fonte de identidade do indivíduo, no entanto, mostra-se ameaçada em função das mudanças do mercado de trabalho atual como relata SCHULLER (1989), destacando três mudanças ocorridas na estrutura de empregos e no mercado de trabalho: a primeira aponta o crescimento das ocupações de meio-período que passam a ter importância em todas as faixas etárias; a segunda sugere um crescente adiamento da idade em que os jovens ingressam no mercado de trabalho e a terceira aponta para a redução da idade da aposentadoria, descartando do mercado de trabalho uma população cada vez mais jovem. Tais transformações mostram que o trabalho deixa de ser um elemento fundamental a ocupar a maior parte da vida dos indivíduos nas suas várias faixas etárias, denotando futuras mudanças na vivência da aposentadoria.

Outra tendência das pesquisas no âmbito trabalho/aposentadoria, com relação à ocupação do tempo livre, indica que a diminuição do tempo dedicado ao trabalho pode incrementar o lazer, minimizando assim a importância do trabalho na definição das experiências vividas (LONG, 1989)*.

Estas tendências no entanto, não significam que o trabalho tenha perdido totalmente sua importância, pois, como ressalta CODO, SAMPAIO & HITOMI (1993), "A vida dos homens, sem dúvida, não se restringe apenas ao trabalho, mas também não pode ser compreendida na sua ausência".

Particularmente no final da década de 90, todas as discussões convergem para as grandes mudanças na estrutura de empregos e no mercado de trabalho, que vem tendo como uma das consequências, graves desigualdades sociais, numa política de exclusão social alarmante. Os conflitos desencadeados por tal quadro, apontam a aposentadoria, muitas vezes, como forma de escapar a essas dificuldades, mas sem o devido preparo do indivíduo para o enfrentamento de suas consequências.

Por último, mas como pesquisa de grande peso para a presente dissertação, a monografia de CRUZ, LIMA, ORSELLI & ZAMBRONI (1999), faz um mapeamento da aposentadoria dentro do mesmo universo empírico aqui retratado, estudando o impacto da aposentadoria na vida do servidor público e conseqüente importância da implantação de um programa de preparação para a aposentadoria dentro da instituição "X". Tal programa é discutido não apenas como um plano de complementação salarial para a aposentadoria, mas preocupa-se também em resguardar o aspecto psicológico da população que hoje se aposenta e tem o trabalho como eixo central da vida. Ou seja, a necessidade de se preservar um equilíbrio entre identidade pessoal e profissional, estabelecendo assim, projetos de vida futura auto-realizadores além do trabalho.

Esta revisão da literatura aponta, portanto, que os diferentes padrões de retirada do indivíduo do mundo do trabalho através da aposentadoria, geram uma heterogeneidade

* LONG, J. *apud* STUCCHI, D. - **Os programas de preparação para a aposentadoria e o remapeamento do curso da vida do trabalhador**. Campinas, 1994. (Tese - Mestrado, Universidade Estadual de Campinas).

de significados atribuídos à mesma, dependendo das condições objetivas de vida do indivíduo (situações sócio-econômicas, estilo de vínculo empregatício, saúde, lazer), questões de gênero, raça e etnicidade, assim como condições subjetivas de enfrentamento das mudanças advindas da própria aposentadoria.

Certamente, numa população de meia-idade, as expectativas acerca do envelhecimento e dos projetos de vida futuros podem apresentar um quadro diferenciado de uma população com mais idade, tendo em vista, tanto a decisão de se aposentar voluntariamente, quanto a ocorrência de tamanha revolução no mundo do trabalho neste final de milênio.

## 3.2. O TRABALHO E A APOSENTADORIA PARA A MULHER

### 3.2.1. Breve Histórico da Mulher no Trabalho:

A concepção de trabalho permaneceu durante séculos, relegada à condição de castigo divino, sacrifício inevitável e indignidade social, evoluindo para uma concepção nos tempos modernos, de um bem supremo, um agente libertador (LEITE,1989).

Especialmente com relação à mulher trabalhadora, os vestígios de preconceito social advêm desde as sociedade primitivas, onde se instaurou a divisão de tarefas entre os sexos, cabendo às mulheres a atribuição das tarefas domésticas. Caracterizavam importantes reservas de trabalho, controladas segundo as demandas dos homens: quando eles iam para a guerra, elas cuidavam das lavouras, dos filhos e da preservação e transmissão da cultura.

A renascença, embora tenha sido um período fértil em transformações sociais, não favoreceu à mulher maiores chances de realização pessoal através das profissões. Devido a supervalorização das figuras de mãe e de dona-de-casa, ela passou a ser ainda mais excluída do âmbito público do trabalho.

Com o advento da Revolução Industrial, no século XIX, ocorreu a abertura de trabalho para as mulheres pelo simples fato de serem mão de obra barata e farta, sendo transformadas, também, em escravas. Paralelamente aos movimentos contra a opressão e injustiça para com os trabalhadores do contexto industrial, um grupo de mulheres em Nova

Iorque se organizou em prol da luta contra sua opressão: são as primeiras feministas, e, com elas a questão da mulher na socieCade industrial foi tomando corpo (MURARO, 1992).

No século XX, conforme historia LEITE (1989), quatro acontecimentos importantes contribuíram para a participação do trabalho da mulher na esfera pública:

O primeiro foi a Revolução Russa de 1917, que tinha como princípio a igualdade de oportunidades de trabalho para homens e mulheres, além dos salários equivalentes assegurados por lei. O segundo foram os anos de grande recessão em que as mulheres conseguiam empregos devido a uma remuneração menor. O terceiro acontecimento diz respeito ao surgimento do setor de serviços, composto por empregos como o de secretária, datilógrafa, telefonista, entre outros; funções estas em que os homens não tinham interesse. E o quarto e mais importante acontecimento do século XX, foi a Segunda Guerra Mundial, que exigiu mobilização feminina para o trabalho nos países em guerra.

Apesar de todos estes acontecimentos terem proporcionado maior participação da mulher no mercado de trabalho, só na metade do século XX foi que ela pôde criar e crescer profissionalmente, em virtude da ascensão do setor de serviços, onde as mulheres mais atuavam, e aos movimentos sociais dos anos 60 e 70, em que foi defendida a bandeira da igualdade de papéis econômicos para o homem e mulher..

A partir dos anos 60, a luta das mulheres para a conquista de espaços sociais e profissionais de respeito e dignidade, foi se organizando com os movimentos feministas nos principais países do mundo. Movimentos que objetivavam, principalmente, a igualdade dos direitos civis, a eliminação de discriminação sexual no âmbito social, político e econômico e uma sociedade onde o modo de produção fosse transformador das relações entre os sexos nas esferas da família e da sexualidade.

Com o desenvolvimento dos movimentos femininos surgiram os Estudos Feministas na década de 70, questionando os saberes e poderes constituídos e legitimados, valorizando as vivências pessoais e favorecendo o surgimento de pesquisadoras de vários temas e disciplinas, profissionalizando, então, as mulheres no âmbito acadêmico.

A luta das mulheres brasileiras por seus direitos, no entanto, vem de longe, 1922, quando a Dra. Berta Lutz, cientista e militante feminista, fundou a Federação

Brasileira Pelo Progresso Feminino. No início dos anos 30, as mulheres conseguiram o direito de votar e candidatar-se a cargos eletivos. Enfrentaram a ditadura do Estado Novo (1937-45), denunciando o regime ditatorial e racista. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1949, foi criada a Federação de Mulheres Brasileiras. Em 1951 acontece a aprovação de igualdade de remuneração entre o trabalho masculino e feminino para funções iguais na Organização Internacional do Trabalho (OIT). Com o golpe militar de 1964, os movimentos independentes de mulheres foram bloqueados, preservando-se os que davam apoio ao regime autoritário (LEITE, 1989).

A partir de 1975 (Ano Internacional da Mulher), as organizações de mulheres recuperaram sua forças. Através de congressos, encontros, jornais, revistas e estudos científicos, difundiram-se idéias e criaram-se inúmeras associações e movimentos locais, regionais e nacionais. Estes movimentos assumiram diferentes lutas pelos direitos das mulheres, de acordo com as condições econômicas, sociais e culturais de seus participantes.

Em 1980, criaram-se Centro de Auto-Defesa (SOS Mulher e Delegacias de Atendimentos à Mulher) e em 83 os primeiros Conselhos Estaduais da condição feminina com o intuito de traçar políticas públicas voltadas para as mulheres. Com a Constituição Federal de 1988, as mulheres conquistavam o direito à igualdade perante a lei, sem distinção de qualquer natureza ao afirmar que: " homens e mulheres são iguais nos direitos e nas obrigações".

Em 1995, em Beijing na China, realizou-se a IV Conferencia Mundial das Nações Unidas sobre a mulher na qual se reconheceu o papel econômico e social da mulher, assim como a importância de participação no poder e nas decisões sobre o meio ambiente, comunicação, trabalho e emprego, conflitos armados, sem perder de vista o respeito às diferentes culturas.

Atualmente as mulheres enfrentam o competitivo mercado de trabalho, transformando tanto o seu cenário de atuação como o cenário histórico-sócio-econômico brasileiro, conquistando áreas tipicamente masculinas, a despeito dos preconceitos que ainda existem sobre o trabalho feminino.

Sabe-se que a questão da sobrevivência impera nos dias de hoje e faz com que as mulheres busquem ocupações fora do lar. O fator sexo passou a ter um peso relativo no mercado de trabalho de hoje, em que é a qualificação que vale na conquista de uma vaga. Para driblar a discriminação e conquistar espaço, a mulher optou pelo caminho das letras. As universidades apontam, de um modo geral, que as mulheres ocupam mais da metade dos seus cursos de pós-graduação, especialização, mestrado e doutorado.

As brasileiras hoje representam 40,4% da população economicamente ativa do país. Nas últimas três décadas as mulheres dobraram sua participação no mercado de trabalho. O que não mudou foi o desequilíbrio salarial em relação aos homens. Apesar de terem na média mais anos de estudo que eles, as trabalhadoras continuam ganhando menos que os colegas do sexo oposto, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar - (PNAD), ajustada por POCHMANN (1999).

Por um lado, este quadro estabelece novas referências sociais, bem como possibilidades de transformação da estrutura psíquica de homens e mulheres. No entanto, se atentarmos para as relações do homem e da mulher para com o trabalho, questionamos se mesmo depois das grandes mudanças deste século, o conceito de trabalho ainda é, conforme assinala SALLES (1992), "por demais identificado com o modelo masculino, isto é, com aquilo que é feito com as mãos ou com a mente, o trabalho feminino particularmente o de gerar e cuidar dos filhos, é dificilmente reconhecido e remunerado pela sociedade".

### 3.2.2. Características da Aposentadoria Feminina:

JOHNSON & WILLIAMSON (1987), ressaltam que os padrões de aposentadoria das mulheres pertencem a um conjunto de pesquisas negligenciado por muito tempo. Alguns poucos estudos sobre as decisões de aposentadoria da mulher mais idosa foram feitos por HENRETTA & O'RAND (1980), HONING (1985), POZZEBON & MITCHELL (1986), podendo ainda serem bastante explorados.

Para SCHAIE & WILLIS (1996) o fato da aposentadoria estar sendo mais pesquisada entre os homens tem suscitado dúvidas quanto à validade dos mesmos fatores pesquisados para com as mulheres, visto que, os fatores que concorrem para a decisão da

aposentadoria nas mulheres mostram ser mais qualitativos. Ou seja, a opção da aposentadoria pela mulher sugere sofrer mais influência de fatores externos, como por exemplo, a saúde do marido, idade dos filhos e outras circunstâncias de vida à parte os próprios desejos e necessidades de vida dela, conforme SZINOVACZ & WASHO (1992)*.

As diferentes experiências de homens e mulheres que estão se aproximando da aposentadoria estão apenas iniciando sua documentação, segundo MOEN (1996), apesar do fato de que mais mulheres do que homens alcançam a idade da aposentadoria anualmente. Diferenças raciais e étnicas também precisam ser consideradas, conforme pesquisa de GENDELL & SIEGEL (1993)**, que observaram, por exemplo, que mulheres hispano-americanas se aposentaram mais cedo do que suas parceiras brancas ou negras, enquanto homens brancos e negros se aposentaram mais cedo que as mulheres brancas e negras.

Essa questão étnica também foi explorada no estudo de STANFORD *et al.*. (1992)***, apontando que negros e americanos de origem mexicana são mais do que o dobro em número de aposentados precoces em relação ao número de americanos brancos. No entanto, os índices de homens e mulheres não são explicitados.

Além desses fatores, WHEATON (1990)****analisa o nível de estresse dos trabalhos anteriormente executados pelo indivíduo, demonstrando que: "homens que deixaram trabalhos de alto nível de estresse experimentam uma redução nos sintomas de distress e homens que deixaram trabalhos de baixo nível de estresse experimentam um

---

* SZINOVACZ, M. & WASCHO, C. *apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement.In: _____**Adult developtment and aging.** 4. ed. New York, Harper Collins College, Inc.1996.

** GENDELL, M. & SIEGEL, J.S. *apud* MOEN, P. - Gender, age and the life course. In: BINSTOCK, R.H. - **Handbook of aging and the social sciences**. 4. ed. San Diego, Academic Press, 1996.

*** STANFORD, E.P. *et al. apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement. In:_____. - **Adult developtment and aging.** 4. ed. New York, Harper Collins College Publishers, Inc., 1996.

**** WHEATON, R. *apud* MOEN, P. - Gender, age and the life course. In: BINSTOCK, R.H. - **Handbook of aging and the social sciences**. 4. ed. San Diego, Academic Press, 1996.

aumento nos sintomas de "distress". Há poucos sintomas observados em qualquer das duas direções em mulheres que estão se aposentando".

Ao relatar sobre quem se aposenta, COCKERHAM (1997) aponta a pesquisa de PALMORE (1981)*, mostrando que mesmo sem a obrigatoriedade de se aposentar com uma idade limite, os americanos ainda consideram a idade de 60 anos como a idade ideal. As mulheres tendem a se aposentar mais cedo que os homens, as mulheres casadas mais que as viúvas, solteiras ou divorciadas. Palmore sugere que a razão das mulheres se aposentarem mais que os homens vem do fato do trabalho nesta geração ser mais importante para os homens do que para as mulheres. Já KIMMEL (1980) aponta que as solteiras e casadas tendem a se aposentar mais cedo por terem mais condições de planejar o futuro do que as divorciadas e viúvas, que se mostraram menos desejosas de aposentarem-se.

FERICGLA (1992) ao analisar as questões da aposentadoria refere que enquanto para os homens ela se configura muito mais uma questão instrumental e social, desencadeando vivências de perda de prestígio, de identidade, de relacionamentos importantes, de poder econômico, etc., para as mulheres a aposentadoria assume outra tonalidade. As mulheres que estão aposentadas atualmente fazem parte de um segmento que trabalhou uma parte considerável de suas vidas para complementar a renda do marido e não para manterem sozinhas o lar. Dessa forma, o prestígio familiar das mesmas dependia muito pouco de seu prestígio no trabalho.

Esta proposição nos induz a pensar que as mulheres de hoje e daqui para a frente, que estão prestes a se aposentar, já pertencem a um segmento diferenciado, visto terem nos últimos trinta anos conquistado prestígio social igual ao dos homens no ambiente de trabalho. Portanto, propensas ao desencadeamento das mesmas vivências atribuídas aos homens e citadas anteriormente.

Ainda nos estudos de FERICGLA (1992) com pessoas já aposentadas, ele aponta a tendência das mulheres suportarem melhor, "a solidão familiar, provavelmente por

* PALMORE, E. *apud* COCKERHAM, W.C. - Work and retirement. In: _____ **This aging society**, 2. ed. New Jersey, Printice-Hall, 1997.

questões de estrutura psicológica e porque têm uma rede de relações sociais fora do trabalho mais sólida".

Com relação à auto-imagem, este mesmo autor ainda relata ter encontrado em mulheres aposentadas, principalmente de etnia catalã, maior preocupação com a aparência, com o aumento das relações sociais e freqüentando atividades que amenizam o envelhecimento.

Recentemente, ROBERTS & FRIEND (1998) estudaram também mulheres de meia-idade que trabalham, examinando como se apresenta naquele momento suas carreiras relacionando-as ao contexto de vida, estrutura de identidade e personalidade e bem-estar psicológico. Para eles, o termo "career momentum" refere-se à perspectiva da mulher nesta etapa da vida, "estar incrementando, mantendo ou decrescendo o investimento em sua carreira". Analisaram índices objetivos e subjetivos que promovem o bem-estar dessa mulher, apontando três fatores importantes:

- o momento de carreira mostrou-se "em alta" nas mulheres deste estudo que apresentaram prestígio ocupacional e maior *status;*
- o momento de carreira também mostrou-se crescente devido a aspectos próprios da personalidade, ou seja, mulheres que apresentaram maior auto-conhecimento e maior integridade psicológica;
- o momento de carreira mostrou-se menor quando as mulheres apresentavam-se próximas a aposentadoria e com o sentimento de que seu estágio de vida ou idade desenvolvimental favorecia o decréscimo.

Este preâmbulo em torno dos padrões da aposentadoria feminina e a ascensão profissional alcançada pelas mulheres no mercado de trabalho neste final de milênio, sugerem que a proximidade do evento da aposentadoria, como marcador cultural de interrupção do trabalho, ainda necessita de maiores estudos, tanto no âmbito de suas consequências bio-psicológicas, quanto socioculturais.

## 3.3. ARTICULAÇÃO ENTRE A PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA E O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO NA MEIA-IDADE

### 3.3.1. A Preparação para a Aposentadoria:

Dentro desse novo paradigma onde o trabalho deixa de ser um elemento fundamental a ocupar a maior parte do tempo dos indivíduos em diferentes faixas etárias, torna-se necessário avaliar como os indivíduos estão se preparando para estas mudanças, visto terem se pautado pelo paradigma do trabalho como valor maior na vida. Ou seja, um dos problemas com os quais nos deparamos hoje, é como lidar com o indivíduo que se mostra incapaz de separar dois conceitos: 'razão de viver e razão de trabalhar' (DELGADO, 1986).

No âmbito da organização do trabalho, a aposentadoria sempre esteve presente nas rotinas administrativas, demarcando o tempo produtivo de seus colaboradores ou na terminologia organizacional - os indivíduos identificados como 'recursos humanos'. Como agente socializador que institue os valores e as prioridades de um determinado tempo e uma dada realidade, a organização do trabalho tem sido, ainda que, tímidamente, um espaço e uma saída para corrigir as atuais distorções derivadas da corrosão do papel de trabalhador aposentado, garantindo aos trabalhadores ativos um desenvolvimento metódico e continuado rumo a uma nova etapa de vida, por meio de Programas de Preparação para a Aposentadoria - PPAs.

CRUZ *et al.* (1999) ao referirem-se aos objetivos de um Programa de Preparação para a Aposentadoria - PPA, dividem os objetivos em dois níveis: o do indivíduo e o da empresa.

No que diz respeito "ao indivíduo um PPA procura:

a) dar oportunidade para que o trabalhador possa refletir sobre as formas de utilização do seu tempo livre, durante a aposentadoria;

b) contribuir para que o indivíduo crie um projeto de vida, descobrindo novas motivações que lhe dêem qualidade e significado para a vida, mantendo sua auto-estima, saúde física e mental;

c) sensibilizar os trabalhadores para as questões relacionadas ao envelhecimento humano, buscando promover uma mudança cultural de desprestígio social com relação ao idoso.

Em nível de empresa, os objetivos podem ser assim definidos:

a) favorecer a renovação do quadro, funcional das organizações, assegurando a transferência de conhecimentos de forma gradativa e natural, evitando a descontinuidade do trabalho;

b) propiciar a melhoria da qualidade de vida do trabalhador, com consequente melhoria do clima organizacional e aumento de produtividade, qualidade e competitividade da empresa" .

MULLEY (1995) recomenda os programas de aconselhamento pré-aposentadoria, muito apreciados por aqueles que os freqüentaram, como forma de se evitar o sofrimento com a perda do trabalho. Tais programas, no entanto, diz ele, são freqüentados por um pequeno número de trabalhadores e não têm sido avaliados apropriadamente.

Tal recomendação de programas de preparação para aposentadoria é feita também por KIMMEL *et. al.* (1978)* e DEUTSCHER (1964)**, em que o foco central é a previsão e o aconselhamento do que irá acontecer nas relações familiares, além das mudanças na saúde para o alcance de maiores níveis de satisfação no período pós-aposentadoria. Por exemplo, vai depender se a mulher continua trabalhando ou não quando o marido se aposenta, se o marido vai assumir os papéis tipicamente domésticos, se as relações entre os dois eram satisfatórias nos anos anteriores à aposentadoria.

* KIMMEL, D. *apud* - **Adulthood and aging, an interdisciplinary, developmental view**. 2. ed. Canadá, John Wiley & Sons, Inc. 1980.

** DEUSTSCHER, A. Apud KIMMEL. D - **Adulthood and aging, an interdisciplinary, developmental view**. 2. ed. Canadá, John Wiley & Sons, Inc. 1980.

SCHAIE & WILLIS (1996) também argumentam que, embora as razões para o engajamento na aposentadoria sejam contempladas em muitas pesquisas, ainda "é pequeno o número de estudos sobre as atividades de antecipação e planejamento para a aposentadoria". Conforme estes autores, o estudo de EVANS, EKERDT & BOSSÉ (1985)* apontou que 38% das pessoas que tinham acesso a atividades de planejamento pré-aposentadoria, apenas 18% participou efetivamente das atividades.

Esses programas vêm demonstrando sua real pertinência na atual conjuntura, uma vez que o fenômeno da aposentadoria está sofrendo à reboque, os impactos das mudanças estruturais da sociedade brasileira. Ou seja, a situação de aposentado não representa mais para o nosso trabalhador, apenas uma fase de estabilidade, de 'colher os frutos que plantou'. Ela é vivida muitas vezes como uma fonte de estresse, trazendo uma série de prejuízos para a saúde mental dos indivíduos.

No Brasil, o SESC (Serviço Social do Comércio) é uma referência importante na iniciativa, desde a década de 60, de desenvolvimento de programas de preparação para a aposentadoria e de capacitação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento para o trabalho com o segmento de 'terceira idade'. Suas publicações evidenciam a necessidade da pessoa aprender a gerir de forma satisfatória seu tempo livre, em que o lazer como forma de socialização do indivíduo assume também o caráter de descoberta de uma etapa da vida plena de possibilidades de autodesenvolvimento.

Ainda no Brasil, CRUZ *et al.* (1999) apontam os diferentes modelos de PPA existentes, ilustrando com experiências de empresas brasileiras que vêm articulando estes modelos na prática, tais como Petrobrás, Varig e Champion.

Esses programas têm como objetivos, em síntese, preparar os trabalhadores que virão a se aposentar, sobre questões que afetam de alguma forma a realidade daqueles que já vivem hoje a situação de aposentados, instrumentalizando-os em vários aspectos para uma vivência satisfatória desta etapa futura de vida, embora tais programas veiculem, muitas

* EVANS, L., EKERDT, D. & BOSSÈ, R. A. *apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. – The older worker and retirement. In:_____. **Adult development and aging** 4. ed. New York, Harper, Collins College Publishers, Inc., 1996.

vezes, uma ideologia mais assistencialista do que uma conscientização e informação acerca dos direitos dos cidadãos, um estímulo ao autodesenvolvimento e à formação plena enquanto ser humano.

Esta questão ideológica dos Programas de Preparação para a Aposentadoria foi objeto de pesquisa de STUCCHI (1994), que mesmo assinalando as ambiguidades associadas a esses programas dentro das organizações de trabalho, considera que eles vêm se tornando uma etapa obrigatória a trilhar pelos funcionários, "no sentido de trabalhar profilaticamente (...) evitando que cheguem à fase da aposentadoria com problemas já instalados nas áreas bio-psico-social", ou seja, o lado psicológico da questão também vem tomando vulto.

De um modo geral, no Brasil, a ênfase desses programas recai sobre os impactos da falta de segurança econômica e social acarretada ao aposentado, resultado de um país em crise quanto à seguridade e à saúde de seus cidadãos, circunscrevendo-se a apenas 10% das empresas brasileiras (CRUZ *et al.*, 1999) e vinculados a planos institucionais de complementação à aposentadoria. Há que ressaltar, que a criação da Política Nacional do Idoso pelo governo brasileiro (COSTA,1996), recomenda "criar e estimular a manutenção de programas de preparação para a aposentadoria nos setores público e privado, com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento".

Considerando que tais programas assumem, de certa forma, uma conotação de ritual de passagem na medida em que tentam consagrar atenção suficiente ao significado deste evento e às tensões dele decorrentes, esse impacto psicológico nos parece requerer uma investigação mais precisa, visto ser na análise dos referenciais de auto e heteroavaliação sobre os significados da vida e da participação social, que o indivíduo pode transformar-se e promover a transformação na sociedade.

Esta perspectiva encontra ressonância em KIMMEL (1980), quando discute este processo de transição do trabalho à aposentadoria, também se referindo a ele como rito de passagem, sem cerimônia, sem significado social e individual preciso.

Conforme demonstra DEPS (1994), em seu estudo com recém-aposentados, não podemos generalizar a dificuldade dos indivíduos em assumir a aposentadoria e fazer

dela um impulso para a auto-realização. Contudo, observa-se que a perda da função produtiva remunerada, além de repercutir sobre sua identidade profissional, fragiliza-o frente às suas outras possibilidades existenciais, muitas vezes configurando-se na chamada crise na meia-idade.

### 3.3.2. A evolução dos estudos da vida adulta:

Embora a divisão em si mesma das fases de vida seja até certo ponto arbitrária, como referência metodológica, ela orienta no curso das reflexões.

O termo meia-idade é tomado aqui como maturidade, período da vida que vai aproximadamente dos quarenta aos sessenta anos de idade, onde maturidade significa "...assumir uma atitude realista para com as mudanças que ocorrem dentro e fora de si mesmo, bem como a respeito dos seus ideais e objetivos na vida" (ROSA,1982).

HURLOCK (1975) argumenta que há duas filosofias quanto à meia-idade: uns acham que devem se acomodar e procurar um estilo de vida mais descontraído, outros que devem fazer tudo para se conservarem jovens e ativos na vida. Indica que vários tipos de estresse fazem da meia-idade um período difícil para muitas pessoas. Sugere a existência do estresse somático, resultante das evidências físicas do processo de envelhecimento; da ênfase excessiva dada pela sociedade ao valor da juventude em termos de vigor e de sucesso surge o estresse cultural. Há também o estresse econômico resultante da responsabilidade da educação dos filhos e da provisão de *status* para todos os membros da família. E, finalmente, existe o estresse psicológico que pode resultar da morte do cônjuge, da saída dos filhos de casa e as vezes do tédio e do medo de morrer.

A meia-idade é também uma época de realizações interessantes e desafiadoras, um período de relativa estabilidade na vida em termos de recursos pessoais, influência e produtividade, mas também, uma fase em que as pessoas, como reflete HAVIGHURST (1953) enfrentam várias dúvidas sobre sua capacidade física, mental, social e profissional e tipicamente essas pessoas lutam por manter aquilo que adquiriram na última década de suas vidas.

É, portanto, um período de máxima produtividade e de recompensas. Indivíduos de meia-idade fazem parte da chamada 'geração de comando' na sociedade. É um período de sucesso social e financeiro, época de prestígio e de autoridade (ROSA, 1982).

Ao abordar as origens do estudo do envelhecimento, LIBERALESSO NERI (1995) faz o seguinte questionamento:

> Porque a vida adulta e a velhice só começaram a ser estudadas sistematicamente no final dos anos 50, quando a teorização e a pesquisa sobre a infância já tinham quase meio século de existência?

A literatura registra uma tendência nas primeiras décadas do século XX, de supor que o desenvolvimento humano terminava com a conquista da maturidade biológica no começo da vida adulta. Embora tenha havido progressos nesse campo, ainda se conhece muito pouco sobre a transição da meia-idade e idade avançada, havendo ainda um descompasso para com o progresso das demais fases.

As origens da psicologia do envelhecimento e algumas 'contribuições visionárias' de estudos sobre a vida adulta e a velhice são relatadas por LIBERALESSO NERI (1995), salientando que a otimização das pesquisas e dos interesses sobre o estudo da idade adulta e da velhice, ocorreu a partir do contexto histórico da metade do século XX, marcado pela Segunda Guerra Mundial, diminuição das taxas de natalidade, progresso das ciências biológicas com conseqüente aumento da longevidade, entre outros fatores.

Ao historiar tal contexto e suas decorrências científicas, LIBERALESSO NERI (1995) ressalta que os pesquisadores que compunham este cenário eram muitas vezes os mesmos que se dedicaram ao longo da carreira ao estudo da infância e da adolescência, que agora envelheciam e procuravam ampliar sua compreensão sobre o desenvolvimento humano.

Então,

> Eles passaram a pressionar as políticas públicas, os meios de comunicação e a ciência por maior visibilidade social e mais oportunidades educacionais e ocupacionais. Ao mesmo tempo, negavam-se a aceitar o rótulo de velhos, porque ainda eram sadios e produtivos, isto é, não correspondiam aos estereótipos sociais nem aos científicos (LIBERALESSO NERI,1995).

O resultado de tal movimento científico foi a produção de grande quantidade de estudos sobre a meia-idade e velhice.

As bases para uma psicologia do desenvolvimento adulto só foram estabelecidas então, a partir de 1930 por JUNG (1991), BÜHLER (1935), ERIKSON (1950), HAVIGHURST (1953), ROGERS (1961), NEUGARTEN (1969), MASLOW (1970), LEVINSON (1970), entre outros. Todos eles se incumbiram de descobrir e analisar as tarefas que todo adulto enfrenta quando passa de uma fase de desenvolvimento para outra durante o ciclo vital, em diferentes perspectivas.

Numa avaliação da literatura sobre a meia-idade nas décadas de 50 a 70, ROSSI (1980) aponta que dois modelos básicos orientaram essas primeiras pesquisas. O modelo da "normative-crises", inspirado em Erikson, pressupõe o desenvolvimento humano ocorrendo em estágios do ponto de vista físico, emocional e cognitivo. Quando uma tarefa apropriada a um determinado estágio da vida não é resolvida, ela prejudica os desenvolvimentos subsequentes. Nesse sentido, o período da meia-idade seria propenso à crise e auto-avaliação que, uma vez superada, abriria espaço para uma nova relação com a vida.

No segundo modelo chamado "timing-of-event model", inspirado em Neugarten, a meia-idade não seria um momento de crise, mas de reestruturação, de mudança na perspectiva do tempo que ainda se tem para viver. Mudança causada por um alto nível de introspecção, em que os eventos traumáticos seriam aqueles não-antecipados, por exemplo, não se casar numa idade determinada ou ficar viúvo prematuramente. Ou seja, quando os eventos fogem à expectativa cultural de progressão individual no ciclo da vida. As pesquisas mais atuais sobre a meia-idade tem se utilizado mais dessa segunda abordagem.

Pode-se observar no Brasil, a influência deste segundo modelo na teorização e pesquisa acerca do envelhecimento bem-sucedido, comportando inclusive os reflexos da aposentadoria na vida dos brasileiros, no estudo de DEPS (1994) entre outros, mostrando que grande parte dos avanços têm encontrado na teoria do curso da vida, respaldo de que "envelhecer bem depende das chances do indivíduo quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante todo curso da vida" (LIBERALESSO NERI,1995).

A teoria do curso da vida traz em seu bojo uma concepção de desenvolvimento humano "sempre multidirecional e multifuncional" (LIBERALESSO NERI, 1995), comportando simultaneamente ganhos e perdas, tendo se inspirado, entre outros autores, na teoria de desenvolvimento de Jung.

Merece ser ressaltado o estudo de VAILLANT (1977) nos EUA, com homens na faixa dos quarenta anos, assinalando que a meia-idade corresponde nos homens a um período de "reorientação do curso da vida", em que o trabalho deixa de ser prioritário na vida deles, cedendo lugar à introspecção e aos investimentos na vida familiar e privada.

Em se tratando especificamente das experiências da mulher de meia-idade, uma série de outros trabalhos foram lançados no mercado, escritos por pessoas interessadas no assunto, como por exemplo, SHEEHY (1988), POTH (1992) e LEMOS (1995). Em comum, as três autoras têm a preocupação, nesta fase da vida, com as necessidades do próprio "eu", um voltar-se mais para si mesmas, colocando-se em primeiro lugar e investindo muito mais em suas vidas pessoais.

Poth e Lemos se apoiam na análise histórica para explicar os conflitos da mulher atual frente ao que foi educada para realizar (obrigações domésticas) e ao que é estimulada a participar (abertura do mercado de trabalho, por exemplo), e Sheehy numa visão estrutural-funcionalista do processo da vida (em que às rupturas ocasionadas pelas crises segue-se imediato reequilíbrio). Contudo, algumas indagações permanecem.

Como esta mulher de meia-idade, que ingressou jovem no mercado de trabalho e investiu muito no seu papel profissional lida com a perda do mesmo na época da aposentadoria? Na meia-idade, a mulher percebe a aposentadoria apenas como o final de uma carreira ocupacional, acenando, no entanto, com possibilidades de maior crescimento profissional ou como possibilidade de harmonizar outros papéis em sua vida?

Buscando elucidar tais questões, elegeu-se o modelo de desenvolvimento adulto da Psicologia Analítica para nortear a presente pesquisa, visando a partir de seu modelo arquetípico da psiquê, compreender os aspectos psicológicos mobilizados na mulher de meia-idade nesta etapa de transição na vida, a partir da aposentadoria, e a necessidade de um suporte psicológico para tal.

### 3.3.3. O modelo de desenvolvimento adulto segundo a Psicologia Analítica:

O corpo teórico-metodológico da Psicologia Analítica mostrou-se com poder explicativo para identificar, segundo sua concepção de homem, o processo que subjaz ao movimento de diferenciação do indivíduo na meia-idade, buscando desvelar o invisível, compreendendo os símbolos que emergem intermediando a diferenciação progressiva da consciência através dos padrões arquetípicos e discriminando os fatores objetivos e subjetivos que determinam sua conduta.

A Psicologia Analítica é a escola de psicologia profunda baseada nas descobertas e nos conceitos de Carl Gustav Jung, médico psiquiatra suíço (1875-1961), que traçou um panorama amplo e compreensivo sobre a psiquê humana.

As obras escritas por Jung incluem uma teoria completa sobre a estrutura da psiquê e de seus dinamismos, em seus aspectos conscientes e inconscientes, uma teoria detalhada sobre tipos de personalidade e, o que é mais importante, uma descrição completa das imagens universais, primordiais, que derivam das camadas mais profundas da psiquê inconsciente. Essas imagens primordiais são chamadas Arquétipos do Inconsciente Coletivo. Essa última descoberta possibilitou a Jung descrever paralelos vívidos entre as imagens inconscientes produzidas por indivíduos em sonhos e visões e os motivos universais encontrados nas religiões, na alquimia e na mitologia.

Os pressupostos básicos de Jung expressam uma compreensão das relações entre a consciência e os processos inconscientes, como uma característica criativa, organizadora e auto-reguladora da psiquê, a partir do Self como arquétipo central, parte do todo e também como a própria totalidade psíquica.

À unilateralidade do determinismo mecanicista que permeava a psicologia em meados do século XX, Jung procurou compensar e complementar com uma psicologia introspectiva. Enquanto os psicólogos do ego falavam em tarefas, domínio e adaptação ao mundo, Jung ao lidar com as nuances sutis da fenomenologia da psiquê, falou de processos simbólicos, conforme comenta STAUDE (1981):

> Embora Jung não conceituasse a sua abordagem da psique como fenomenológica, ao fazer um paralelo entre os trabalhos de Jung e Husserl, Gurwitsch, Scheler, Heidegger, Schutz, Sartre e Merleau-Ponty, pode-se criar uma oportunidade para interpretar a análise que Jung fez da psique como sendo uma proto-fenomenologia da consciência. A partir desse ponto de vista, o "Self" junguiano pode ser visto como o Ser (Dasein), o campo e o horizonte da nossa experiência, o contexto para os conteúdos da consciência e do inconsciente.

O esquema conceitual científico de Jung foi erigido, então, concebendo a psicologia como ciência humana. Foi influenciado pela perspectiva fenomenológica para a abordagem dos fatos psíquicos, mas privilegia a relação do sujeito consigo mesmo. Jung vê a meta essencial do homem na revelação psicológica da sua relação Ego-Self, feita principalmente através do processo de simbolização, onde o importante é o equilíbrio e o intercâmbio dinâmico entre o processo consciente e o inconsciente.

No tocante à psicologia do desenvolvimento, JUNG (1991b), dividiu o ciclo da vida em quatro etapas, concentrando menos interesse na infância e na velhice, preocupando-se mais com a transição da idade adulta, particularmente na dinâmica da meia-idade, acreditando que a longevidade do homem não era aleatória e que "um ser humano certamente não viveria até os setenta ou oitenta anos se sua longevidade não tivesse sentido para a espécie".

Na perspectiva de Jung, um novo processo de desenvolvimento interno começa na meia-idade, dando à segunda metade da vida, um caráter diferente daquele que havia caracterizado a primeira metade (JUNG, 1991b). A este processo Jung denominou individuação, sua maior contribuição à psicologia do desenvolvimento. O termo refere-se ao processo de diferenciação que conduz ao desenvolvimento da personalidade, à descoberta do Si-Mesmo (Self). JUNG (1985) definiu individuação como:

> um processo de desenvolvimento psicológico que faculta a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é.

Ou ainda,

> Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por 'individualidade' entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir

'individuação' como 'tornar-se si-mesmo' (Verselbstung) ou 'o realizar-se do si-mesmo' (Selbstverwirklichung).

STAUDE (1981) ao referir-se ao processo de individuação, comenta que:

> Os arquétipos são, por assim dizer, sementes múltiplas dentro da psiquê.. Muitos deles permanecem adormecidos durante a primeira fase da idade adulta. Durante o processo de individuação na segunda metade da vida, quando o homem alimenta as figuras arquetípicas e lhes reserva um lugar mais importante em sua vida, elas irão desenvolver e enriquecer a sua vida de modos raramente imaginados na juventude.

Em seu texto sobre os estágios da vida, JUNG (1991b) faz uma comparação do desenvolvimento do ciclo da vida com o curso diário do sol, em que, à tarefa do amanhecer da vida cabe a adaptação ativa ao mundo exterior, enquanto que ao entardecer se reserva a integração e a síntese do Self. É, pois, na última fase da vida que os valores espirituais e culturais se tornam mais importantes para o homem.

Esta transição da meia-idade é bastante difundida na nossa cultura como sendo um momento de crise, mas nem sempre a ela se associa a oportunidade de redefinição ou reorientação da personalidade. O analista junguiano, JAMES HOLLIS (1995), preocupado com essas perturbações na meia-idade, denominou este período como 'passagem do meio', referindo-se a ele como: "a ocasião de redefinirmos e reorientarmos a personalidade, rito de passagem entre a adolescência prolongada da primeira idade adulta e o nosso inevitável encontro com a velhice e a mortalidade".

Ao comentar que a sensação de crise na meia-idade é provocada pela dor da crescente divergência entre a nossa natureza e as nossas escolhas, HOLLIS (1995) afirma:

> a pessoa continua a atuar a partir de antigas atitudes e estratégias, mas estas já não são mais eficazes. Os sintomas de aflição da meia-idade devem ser bem recebidos pois representam não apenas um eu instintivamente firmado debaixo da personalidade adquirida, mas também uma poderosa imposição de renovação.

É comum, neste momento de transição, os indivíduos se questionarem diante do choque entre a personalidade adquirida e as exigências do Si-Mesmo, perguntas como: "Quem sou eu, além da minha história e dos papéis que representei?. Ou seja: A passagem

do meio começa quando a pessoa precisa enfrentar questões até então evitadas. (...) É muito mais uma experiência psicológica do que um evento cronológico" (HOLLIS, 1995).

Como os ritos de passagem na nossa sociedade tendem ao desaparecimento, este momento crítico na vida do indivíduo exige morrer para um estado anterior, ao mesmo tempo que acena com um renascimento para um novo estágio, deixando a pessoa à deriva. Esta desorientação resultaria, por exemplo, na dissolução de projeções e na insatisfação com a maneira como está utilizando sua energia vital.

O trabalho, por exemplo, como uma das tarefas típicas da idade adulta, é um veículo fundamental para confirmarmos nossa identidade através do domínio do conjunto de nossas habilidades, uma possibilidade de transcendência através de nossas realizações.

Contudo, geralmente os indivíduos de meia-idade tendem a questionar o sentido do trabalho de toda uma vida, principalmente quando próximos a aposentarem-se. Se por um lado, isto nos mostra o esgotamento de uma área de projeção da identidade, por outro, pode ser a possibilidade de renascimento. Dessa insatisfação pode nascer a renovação. Se o trabalho no qual o indivíduo se dedicou (como forma de manter uma situação economicamente viável para si e para a família) foi de encontro a sua vocação (o que somos chamados a fazer com a nossa energia vital), o mistério do Si-Mesmo foi reverenciado. Com certeza a alma em suas necessidades foi atendida em detrimento da sedução de um ego muito mais socialmente orientado em suas necessidades (HOLLIS, 1995).

A experiência consciente da 'passagem do meio requer que separemos quem nós realmente somos da soma das experiências que interiorizamos, quem sabe com mais autenticidade, pois, "é preciso passar pela passagem do meio para nos aproximarmos mais do nosso potencial e conquistarmos a vitalidade e a sabedoria do envelhecimento" (HOLLIS, 1995).

A concepção de homem dessa forma configurada, como portador de uma psiquê individual e coletiva, orienta a compreensão das vivências dos sujeitos dessa pesquisa - mulheres trabalhadoras de meia-idade, frente a perda de um de seus papéis, o profissional. Vivência esta que deve coincidir com uma etapa do desenvolvimento psicológico, sob a

ótica da psicologia analítica, chamada de metanóia, ou seja, um movimento de revisão de vida que é impulsionado pelo processo de individuação (WHITMONT, 1995).

A passagem do indivíduo para a segunda metade da vida suscita a necessidade de diferenciação do coletivo, de um Ego até então muito orientado socialmente e que neste momento tende à uma transformação arquetípica da personalidade que, " (...) se bem aproveitada, leva o indivíduo a se diferenciar dos papéis sociais e a atingir a plenitude do seu potencial existencial" (BYINGTON, 1987).

Ao processo de individuação descrito por Jung, buscou-se em NEUMANN (1995), os conceitos por ele relacionados ao desenvolvimento da consciência em estágios, principalmente o conceito de eixo Ego-Self, através do qual se pode perceber também arquetípicamente, qualquer variação no campo da consciência.

Adotar esta matriz conceitual implica, na verdade, numa leitura da realidade que supera a observação. Está baseada em pressupostos ontológicos que propiciam um entendimento do ser enquanto vir-a-ser, enquanto processo onde as forças contraditórias da personalidade se confrontam, para dar conta da realização do Si-Mesmo do ser humano, onde a estruturação arquetípica é o determinante maior. Onde o desenvolvimento humano se faz por avanços e recuos, mas experimentando sempre pressões para mudar em determinada direção.

A proposta, então, é analisar as vivências desse processo de transição pelo qual passam os sujeitos dessa pesquisa, no caso, mulheres de meia-idade, com a perspectiva de apontar em que direção a proximidade da aposentadoria, como um evento marcador do encerramento da primeira metade da vida, constela símbolos que ativam o eixo Ego-Self, visto que a passagem prevista entre um estilo de vida adotado até então, para um outro; demandará esforços de adaptação interna e externa destas mulheres.

Frente às mudanças ocorridas no modelo de vida da mulher, particularmente a sua maior participação no mercado de trabalho, no período de meia-idade, prestes a se aposentar, estaria a mulher lutando ainda pela ascensão na carreira profissional ou se voltando mais para o próprio mundo interior, dando prioridade aos investimentos na vida pessoal? Quais são as reflexões dessas mulheres acerca do projeto de vida futuro, pós-

carreira formal, que tem movido suas escolhas voluntárias para aposentar ou que as tem ameaçado a não fazer tal opção?

Concorda-se com MUSZKAT (1985) que as novas formas de desempenho da mulher na sociedade sugerem "a adoção de velhos papeis masculinos (...) repetindo estereótipos culturais do 'super-homem' e do 'eterno-feminino". Com relação ao trabalho, "nunca, tanto quanto hoje, a mulher pode exercer seus conteúdos considerados anímicos (de Animus) - a agressividade, a lógica no pensamento, a participação ativa na cultura , a sexualidade - ao lado das tarefas maternais e domésticas e, no entanto, nunca manifestou tão claramente sua inquietação". Ou seja, todas as evidentes mudanças sociais não garantiram a satisfação da mulher de hoje, talvez pelo fato dessas mudanças terem sido "significativas a nível de Persona" (MUSKAT, 1985). Nesse sentido, o resgate de sua identidade ainda é tarefa a ser empreendida. Quem sabe a partir da meia-idade da vida, época propicia à ampliação da consciência do Eu, conforme os postulados da Psicologia Analítica.

No que tange à psiquê feminina, lançou-se mão também, dos estudos das deusas para o reconhecimento dos arquétipos que regem a vida das mulheres, numa tentativa de localizar as origens das transformações na consciência feminina, os padrões que regem suas estruturas psíquicas na nossa cultura. Às deusas como poderosas forças interiores, WOOLGER & WOOLGER (1997) se referem como:

> a descrição psicológica de um tipo complexo de personalidade feminina que reconhecemos intuitivamente em nós, nas mulheres a nossa volta, e também nas imagens e ícones que estão em toda parte em nossa cultura.

Esses autores destacam seis dos principais arquétipos gregos das deusas que, segundo eles, parecem ser os mais ativos na vida das mulheres e nas sociedades contemporâneas. São eles: a MULHER-ATENA, a MULHER-ÁRTEMIS, a MULHER-DEMÉTER, a MULHER-AFRODITE, a MULHER-PERSÉFONE, a MULHER-HERA (WOOLGER &WOOLGER, 1997).

Recorreu-se à identificação dos padrões psicodinâmicos que rege cada uma das mulheres desses estudos-de-caso, quando possível, por observar-se que nos momentos de mudanças importantes na vida, eles tendem a ser constelados, ajudando a fazer um 'balanço' vivencial até aquele momento. Tais padrões mobilizam assim, sentimentos,

comportamentos e percepções e preparam o indivíduo potencialmente para um novo patamar de vida, visando sempre o crescimento do potencial humano ou processo de individuação. Esta perspectiva encontra ressonância também, em SAMUELS, SHORTER, PLAUT (1988) quando dizem que: "deuses são metáforas de comportamentos arquetípicos".

Considerando também, o fato de cada deusa manter, segundo WOOLGER & WOOLGER (1997) "um relacionamento distintamente diferente com o masculino, seja em termos dos tipos de figuras masculinas que aparecem em seus mitos, seja em termos da forma específica de energia psíquica masculina que cada uma armazenou dentro de si", isso favorece observar nos estudos-de-caso, o relacionamento das mulheres com o seu Animus, termo utilizado por Jung para denotar o elemento masculino existente na psiquê de toda mulher (JUNG, 1994).

A partir destes pressupostos básicos que orientam o processo de desenvolvimento humano, dentro da concepção de Jung em sua Psicologia Analítica e dos teóricos que deram continuidade aos seus postulados, procurou-se compreender as vivências dos sujeitos dessa pesquisa, mulheres trabalhadoras na meia-idade, frente à perda de um de seus papéis, o profissional.

Antes, porém, de descrever a metodologia utilizada para responder às questões da pesquisa e o universo empírico que essas mulheres reportam, far-se-á uma breve referência à análise qualitativa, como abordagem que possibilitou a injunção dos fenômenos aqui focalizados - a aposentadoria e o desenvolvimento psicológico em mulheres de meia-idade.

## 3.4. A ANÁLISE QUALITATIVA

Tal como prevê a pesquisa qualitativa, o problema foi se delimitando a partir da convivência deste pesquisador com o contexto dos sujeitos, das informações e circunstâncias que se apresentavam a partir de então.

Criou-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado, em que ambos buscavam, cada um a seu modo, alcançar uma compreensão global do fenômeno-alvo da pesquisa, seu significado manifesto e o que permanecia oculto.

Como o fenômeno de proximidade da aposentadoria era o aspecto modulador da experiência dos sujeitos que mais interessava, realçando em primeiro plano, a análise das decorrências psicológicas de tal fenômeno com o suporte teórico da Psicologia Analítica, optou-se pela pesquisa qualitativa como recorte metodológico mais apropriado, por ela pressupor um método interativo que comporta um enfoque multimodal, envolvendo tanto uma aproximação interpretativa quanto naturalista para com o objeto deste estudo, visto tratar-se também de uma população não-clínica.

Os pressupostos que a abordagem qualitativa apresenta, segundo CHIZZOTTI (1991), facilitaram observar o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito na pesquisa, o sujeito-observador como parte integrante do processo de conhecimento que interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado, em que o objeto não é um dado inerte e neutro, mas preenhe de significados e relações que os sujeitos concretamente expressam em suas ações.

Tais pressupostos apoiaram a orientação filosófica delimitada também para este estudo, optando pela fenomenologia como um método em que:

> a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas (CHIZZOTTI,1991).

Este posicionamento é compatível também com as considerações de BOGDAN (1982)*, de que a pesquisa qualitativa é descritiva, os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto, tendendo a analisar seus dados indutivamente, em que o significado dos mesmos é a preocupação essencial da abordagem qualitativa.

---

* BOGDAN, R. *apud* LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D. - **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, E.P.U., 1986.

# *4. METODOLOGIA*

## 4.1. UNIVERSO EMPÍRICO

A escolha da organização de trabalho para o desenvolvimento da presente pesquisa, deu-se pelo contato pessoal da pesquisadora com uma instituição que tem como finalidade promover, executar e difundir pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico nos campos da ciência xxx, das aplicações xxx e da engenharia e tecnologia xxx, bem como em domínios correlatos, para atender às necessidades e expectativas da sociedade brasileira, observadas as interdependências com a comunidade internacional.

Esta instituição, denominada aqui de "X", é uma instituição pública que conta atualmente com cerca de 1160 servidores, espalhados por várias unidades em todo o Brasil, sendo 860 deles na unidade do interior de São Paulo, local desta pesquisa.

Até dezembro de 1990, estes funcionários eram regidos pelo regime de trabalho da CLT-Consolidação das Leis Trabalhistas, passando desde, então, automaticamente, a servidores públicos em virtude da implementação do Regime Jurídico Único - Lei 8.122 de 11/12/1990 (BRASIL,1991). Este regime estatutário comporta uma legislação específica e garante ao funcionalismo público uma aposentadoria desvinculada da previdência e integrada ao plano de seguridade social custeado pelo Tesouro Nacional. Comporta também uma série de benefícios aos chamados inativos (aposentados) que contrasta com a condição da maioria dos aposentados no meio urbano e rural do país, que vivem em desamparo por parte do Estado.

Particularmente nos últimos dois anos, os servidores homens próximos a completar trinta anos de serviço e as mulheres próximas a vinte e cinco anos, ou seja, prestes a fazer jus à aposentadoria por tempo proporcional, assim como servidores homens com trinta aguardando completar trinta e cinco anos e mulheres já com vinte e cinco anos aguardando completar trinta para o direito à aposentadoria integral, viveram alguns sobressaltos. Tais sobressaltos foram em função da intensificação dos debates em torno das reformas no sistema previdenciário brasileiro, que, se aprovadas em sua íntegra, previam a perda de alguns benefícios hoje concedidos àqueles que se aposentam.

. Ou seja, todos aqueles que, até 15/12/1998 tinham, independente da idade, tempo de serviço completo para aposentarem-se proporcionalmente, se não o fizessem incorreriam, após essa data, nas novas regras de transição prescritas pela Reforma e aprovadas na Câmara dos Deputados e Senado Federal, através da Emenda Constitucional no. 20 desta data (ORNÉLAS, 1998). Esta Emenda modifica o sistema da previdência social, estabelece normas de transição e outras providências neste sentido. A idade mínima foi fixada em quarenta e oito anos para as mulheres e cinqüenta e três para os homens, tendo o servidor que comprovar pelo menos dez anos de serviço público e cinco no cargo para ter direito ao sistema de aposentadoria integral dessa categoria. Basicamente, as mudanças desta nova legislação que mais diretamente afetam a vida dos servidores, dizem respeito ao seu tempo de serviço que agora passa a ser considerado em termos de tempo de contribuição, idade mínima para aposentar e, para aqueles que ingressarão no mercado de trabalho, deixa de existir a aposentadoria proporcional.

Esta situação intensificou a busca imediata da aposentadoria por parte desses servidores, muitas vezes em idade precoce (meia-idade). O receio da perda das vantagens à época existentes, sugere ter sido o motivo básico que impulsionou, segundo o setor de aposentadorias da instituição, cerca de 208 servidores da mesma a se aposentarem, entre 1996/1999. Em 1998 houve sessenta e dois pedidos de aposentadoria, enquanto entre janeiro e novembro de 1999 o número era de apenas dezenove.

As repercussões de tal fato puderam ser observadas também pelo serviço de psicologia da instituição, que apontou a falta de preparação e planejamento desses servidores para o enfrentamento do período de vida pós-carreira, assim como a falta de uma política interna de melhor aproveitamento desses profissionais à preparação de seus sucessores.

A situação dessa forma configurada, despertou para a necessidade de um Programa de Preparação para a Aposentadoria-PPA, embora demandasse uma investigação mais profunda visando definir, principalmente, que ideologia estes programas veiculariam.

Nesse sentido, a experiência e conhecimentos específicos sobre a aposentadoria determinaram o estudo de CRUZ *et al.* (1999), em virtude de dois desses pesquisadores serem servidores da instituição "X", um deles do departamento responsável pelos processos de aposentadoria. Mobilizados por "uma certa negligência da organização ("X") diante da questão da aposentadoria, além dos sentimentos de conflito, insegurança e medo demonstrados pelos futuros e atuais aposentados dessa organização" CRUZ *et al.* (1999), empreenderam uma pesquisa junto aos aposentados e pré-aposentados da mesma.

Tal pesquisa visou subsidiar a direção de "X" de informações quanto a necessidade de implantar um PPA como forma também de promover uma melhor qualidade de vida a seus servidores, adotando uma cultura organizacional que fomenta o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional dos mesmos, minimizando assim o impacto negativo da aposentadoria na vida do servidor público de "X", como ficou evidenciado neste estudo.

CRUZ *et al.* (1999) defendem a idéia de que a preocupação com a aposentadoria deve começar quando o indivíduo ingressa na organização; da garantia de uma renda que lhe permita manter um bom padrão de vida depende, na fase da aposentadoria, que o indivíduo "trabalhe por prazer, não por sobrevivência ou que não trabalhe". Embora constatem que a aposentadoria envolve questões psicológicas e financeiras, defendem também a implantação de um plano de complementação financeira antes da aplicação de um PPA.

Esta constatação é fruto da análise da população pesquisada por eles, em que os servidores aposentados de "X", assim como outros servidores públicos aposentados vivenciam uma 'falsa aposentadoria', uma vez que a transformam numa outra fonte de renda, "em função dos ganhos a que são submetidos os aposentados, que acabam voltando ao mercado de trabalho, quer na economia formal ou informal" (CRUZ *et al.* 1999). Ou seja, o trabalho continua a ser o eixo central da vida dos aposentados pesquisados (50% continuam dedicando-se exclusivamente à atividade profissional), denunciando uma dependência desses sujeitos com relação ao trabalho.

Para identificar o perfil dos servidores, suas expectativas e impressões sobre a questão da aposentadoria, foi utilizada uma amostra total de 50 sujeitos, divididos em dois grupos: aposentados e pré-aposentados de "X", abordando-os através de dois tipos de questionários.

No que tange ao perfil dos pré-aposentados, alvo principal dessa dissertação, os pesquisadores encontraram 79,76% da amostra na faixa etária entre 40 e 50 anos, 80,77% dessa faixa possui escolaridade superior, 53,85% trabalham na área de pesquisas científicas e desenvolvimento tecnológico, 34,62% estão na faixa salarial entre 11 e 15 salários mínimos e 34,62% na de mais de 20 salários mínimos (outras faixas salariais são menos expressivas).

No ítem 'Expectativa dos pré-aposentados' em relação à aposentadoria, 46,15% dos sujeitos revelaram indiferença, medo e insegurança, enquanto 42,31% que almejam novos projetos de vida fora o trabalho. Ao analisarem tais dados, CRUZ *et al.* (1999) concluem que 57,69% dos indivíduos vivem um momento de crise na pré-aposentadoria que, segundo eles, muito provavelmente se prolongará pela fase da aposentadoria, exemplificando isto com citações dos sujeitos, que confirmam "uma visão negativa que eles tem da fase da aposentadoria" .

Quando respondem se estavam preparados psicologicamente para a aposentadoria, os aposentados o fazem no questionário através de uma pergunta fechada, tendo como opção as respostas sim ou não, sem a possibilidade de justificativa. CRUZ *et al.* (1999) chamam a atenção para o fato de 75% dos aposentados afirmarem estar psicologicamente preparados para a aposentadoria à época em que se aposentaram e de 57,16% dos pré-aposentados afirmarem o mesmo. Entretanto, observa-se que os aspectos positivos percebidos pelos aposentados naquele momento de passagem (ou seja, aposentadoria representando mudança do eixo central da vida, desejo e descanso merecido), mudou para 64,71%. A visão desses aposentados sobre a aposentadoria agora é negativa, conforme as respostas ao questionário aplicado.

Os pesquisadores dividiram a população estudada em dois grupos com características distintas, a partir do modelo de SANTOS (1990) em que alguns indivíduos vivenciam a aposentadoria como crise e outros como liberdade. Acredita que a característica de crise dos aposentados de "X" prevalece sobre a característica de liberdade nesta fase da vida, crise esta baseada nas seguintes constatações:

a) 54,67% dos indivíduos aposentados não tinham projetos de vida desvinculados do mundo do trabalho antes de se aposentarem;

b) 91,67% dos indivíduos retornaram a uma atividade profissional após a aposentadoria;

c) 50% mantêm o trabalho como eixo central da vida, dedicando-se a ele de maneira exclusiva (CRUZ *et al.* 1999).

CRUZ *et al.* (1999) finalizam seu estudo, portanto, apontando a dependência dos indivíduos "do trabalho em que não enxergam a aposentadoria como um afastamento ou como um momento de reflexão sobre a relação entre identidade pessoal e profissional".

Conclui-se, a partir desses resultados, que o ítem que diz respeito à preparação psicológica pode ser mais aprofundado, visto ser esse aspecto o 'motor de arranque' para o sucesso e a manutenção da saúde mental do indivíduo nesse momento de transição vivencial - do trabalho à aposentadoria.

Considerando então, que uma compreensão melhor da psicodinâmica desses sujeitos pode nortear os programas de preparação para a aposentadoria no alcance de melhores resultados junto a esse público, definiu-se como foco central neste trabalho, pesquisar como tais aspectos psicológicos são vivenciados por aqueles que estão próximos à aposentadoria.

## 4.2. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Há que ressaltar, que a pesquisa-piloto deste estudo ocorreu em janeiro de 1998 e a pesquisa de campo propriamente dita entre julho e novembro de 1998. Um mês depois, ou seja, dezembro/98, ocorreu a definição no Congresso Nacional das mudanças no sistema de aposentadorias. Como parte desses sujeitos julgou ser conveniente aposentar-se imediatamente para escapar à nova legislação, voltou-se a campo em 1999, para uma segunda fase de investigação, visando avaliar mais de perto as repercussões de tal intercorrência junto aos mesmos.

### 4.2.1. Sujeitos:

A primeira fase de coleta de dados aconteceu no período entre julho e novembro/98 junto ao Setor de Benefícios e Aposentadoria da Instituição, que registrou a passagem de dezoito trabalhadores neste período, solicitando contagem de tempo de serviço ou verificando se do ponto de vista legal, cumpriam este pré-requisito para darem entrada ao processo de pedido de aposentadoria.

Grande parte desses interessados pediam aposentadoria por tempo proporcional, temendo a concretização, a qualquer momento, de uma política de mudanças nas aposentadorias que vinha sendo, à época, debatida no Senado Federal.

Inicialmente, pretendeu-se abarcar todo o universo desses trabalhadores ainda ativos na Instituição e que nesta ocasião mostravam-se mobilizados a aposentarem-se. Desses dezoito candidatos à aposentadoria num futuro próximo, foi possível contatar e fazer entrevista com treze sujeitos, em que oito deles eram homens e cinco mulheres, com idades variando entre 41 e 53 anos e ocupando diferentes escalões funcionais no organograma da Instituição.

Delimitou-se, no entanto, como objeto de pesquisa específico para esse estudo, o grupo das cinco mulheres. Todas elas de meia-idade (dentro da coorte etária entre 41 e 49 anos), com características de homogeneidade entre elas quanto às variáveis sócio-econômicas e sócio-culturais, que tinham como situação comum a proximidade de perda da carreira profissional que tiveram até então, e que dependendo da situação específica de cada uma no universo produtivo, seu direito social ocorria por aposentadoria integral ou proporcional. Todas essas mulheres são casadas, ocupantes de uma das três carreiras funcionais existentes na estrutura de cargos da Instituição. Possuem excelente qualificação profissional: uma com nível de escolaridade de pós-doutorado, duas com doutorado, uma ingressando no mestrado e outra com graduação superior, fator socialmente significativo para uma categoria que ingressou no mercado há cerca de 25/30 anos atrás no Brasil e mais especificamente, no mercado de tecnologia xxx, reduto tradicionalmente ocupado pelos homens até então.

### 4.2.2. Instrumentos:

a- Entrevista

A abordagem dos sujeitos foi feita através de entrevistas, previamente agendadas junto aos mesmos pela psicóloga do Setor de Serviço Social dessa Instituição, profissional que, além da facilidade de acesso aos mesmos, sensibilizava-os quanto à pesquisa e apresentava-os à entrevistadora-pesquisadora.

Todas as entrevistas foram realizadas nas salas de atendimento desse setor, durante os horários de trabalho dos respectivos sujeitos, resguardando-se as questões éticas necessárias à situação.

No decorrer do processo de análise das treze entrevistas, a hipótese de utilizar todas elas foi abandonada, por se observar que as entrevistas das mulheres, em número de cinco, sobressaíam frente às demais, revelando um prisma do problema da pesquisa que, por si só, projetava-se pela singularidade com que o fenômeno se apresentava. Esta decisão, encontrou respaldo nas colocações de KVALE (1996) de que, a representatividade dos aspectos qualitativos coletados junto ao universo empírico, se sustenta nas palavras e não nos números: "A precisão na descrição e restringência no processo interpretativo, correspondem nas entrevistas qualitativas à exatidão em medidas quantitativas".

Esta forma de coletar dados a partir de um caso ou de vários casos, objetivando ordenar uma experiência, analisar e propor uma ação transformadora, é chamada de Estudo-de-Caso, tomando "o caso como unidade significativa do todo, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno, quanto propor uma intervenção" (CHIZZOTTI, 1991).

Considerando o nível de análise que se pretendia realizar, a entrevista qualitativa mostrou ser o instrumento melhor indicado para abordar inicialmente o sujeito, visando captar através da perspectiva fenomenológica, uma abertura às suas experiências.

Sua adequação possibilitou a percepção de nuances do universo subjetivo e objetivo do indivíduo, caracterizando-se por uma aproximação específica e técnica de questionamento, que orienta, na opinião de RUBIN & RUBIN (1995), "uma conversa com finalidade", um instrumento tanto acadêmico quanto prático, nos permitindo compartilhar do mundo dos outros, com a finalidade de descobrir o que está acontecendo, porque as pessoas fazem o que estão fazendo e como elas entendem o seu próprio mundo.

O tipo de entrevista considerado mais apropriado para esse estudo, foi o da entrevista aberta ou não-estruturada (RUBIN & RUBIN, 1995), onde o entrevistador apenas introduz o tema para delimitar a reflexão do entrevistado, solicitando-lhe para explorá-lo em profundidade, encorajando-o a refletir sobre o evento que ele têm experienciado. Em função dos objetivos desta pesquisa, foi feito um recorte na vida dos entrevistados, referindo-se este apenas às expectativas de suas vidas após a aposentadoria.

Na abordagem ao sujeito, a entrevistadora mais uma vez elucidava o objetivo da entrevista, enfatizava as questões de sigilo quanto à identidade, solicitava o consentimento escrito de sua participação na pesquisa, bem como permissão para a gravação em fita cassete da informações coletadas

Atribuímos ao fato de grande parte dos sujeitos dessa pesquisa serem também pesquisadores em suas respectivas áreas de trabalho, a disponibilidade incondicional dos mesmos para com a entrevistadora, garantindo assim, o acesso da mesma às suas vivências e fazendo com que a entrevista assumisse um significado não só técnico-científico, mas também relacional, de aproximação entre dois universos humanos.

Em seguida, foi solicitado ao entrevistado seus dados de identificação pessoal e profissional, dados estes que, para efeito da dissertação foram camuflados, visando proteger a identificação dos sujeitos. Utilizou-se nomes fictícios, algumas alterações nas funções que exercem e omissão de alguns dados, desde que não comprometessem a análise de seu material. A partir de então, informava-se que a entrevista possuia uma única questão: 'Como o Sr (a) imagina que será sua vida depois de aposentado(a)?', questão que o sujeito

poderia desenvolver quanto às suas preocupações, fantasias, desejos, temores, sonhos, intenções, necessidades, enfim, como seria a vida dele a partir desse evento.

Esses tópicos possibilitaram ao entrevistado circunscrever a amplitude que tal temática poderia assumir naquele momento e ao entrevistador, possibilitou, como coloca RUBIN & RUBIN (1995) explorar, aprofundar e encorajar os mesmos a darem detalhes, clarificações ou discutirem o que era relatado. Houve necessidade da entrevistadora intervir muito pouco, geralmente apenas quando algumas questões-chaves não haviam sido expressas até o fim da entrevista. Quem finalizava os depoimentos, quem determinava os rumos, o tempo, enfim, era o próprio entrevistado, tendo as entrevistas alcançado uma duração média de cinqüenta minutos.

As entrevistas terminaram em novembro/98 e pouco menos de um mês depois, foi aprovada no Congresso uma reforma instituindo mudanças na aposentadoria (tempo de contribuição, tempo de serviço para aposentar, idade, etc.). Com isso, do universo das cinco mulheres, três preferiram entrar com o pedido de aposentadoria proporcional por já terem completado 25 anos de trabalho e legalmente terem esse direito, avaliando que se não o fizessem, dentro da nova legislação, sofreriam perdas em algum nível. As outras duas, com quase 30 anos de serviço, preferiram não fazê-lo, incorrendo nas novas regras da aposentadoria que determina a necessidade adicional de mais um período de trabalho complementar.

Esta dinamicidade do fenômeno-alvo da presente pesquisa, confirmou o que prevê a pesquisa qualitativa conforme, por exemplo, aponta CHIZZOTTI (1991) "de que o problema não é definido apriorísticamente", sua constante mutabilidade induz o pesquisador a ir delineando aos poucos, a partir da convivência com seu campo de pesquisa, o recorte que priorizará naquele dado momento ao problema, embora isto não lhe assegure, no entanto, que o mesmo cesse seu processo de mudança, face às influências em todos os níveis a que está exposto, sejam elas sociais, culturais, psicológicas, econômicas, etc.

Frente à nova realidade que os sujeitos da pesquisa acabaram por optar, alguns se aposentando e outros não desejando ainda fazê-lo, uma nova investida em campo se fêz

necessária, desta vez objetivando avaliar a psicodinâmica dos mesmos frente a este novo panorama que se descortinou, uma norma externa que mudava o curso de suas expectativas mais imediatas.

b- Procedimento de Desenhos-Estórias

Escolheu-se como instrumento psicológico, uma técnica de investigação clínica da personalidade visando a exploração dos aspectos inconscientes da personalidade, através do emprego de meios indiretos de expressão, permitindo assim, tanto uma sondagem abrangente da dinâmica psíquica do sujeito, como também dados para uma análise comparativa com os resultados da entrevista.

A escolha de tal instrumento recaiu sobre o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) introduzido em 1972, por Walter Trinca, que é basicamente:

> formado pela associação de processos expressivos motores (entre os quais se inclui o desenho livre) e processos aperceptivos-dinâmicos (verbalizações temáticas) (...) consiste de cinco unidades de produção, que são realizadas pelo examinando, sendo cada qual composta por desenho livre, estória, 'inquérito' e título (TRINCA, 1997).

Embora o D-E tenha se originado da pesquisa de um instrumento para auxiliar na prática clínica, destinando-se à apreensão de conteúdos mentais com objetivos diagnósticos (TRINCA,1997), não se limitou ao âmbito clínico, sendo utilizado, não só por profissionais da saúde, mas também por pesquisadores, particularmente em pesquisas qualitativas de diversas naturezas, como por exemplo: FLORES (1984), FERNANDES (1988), TRINCA, A.M. (1987), MESTRINER (1988), AMIRALIAN (1992) e SOUZA (1998).

Constitui-se um instrumento capaz de levantar características psíquicas peculiares de grupos específicos, "revelando-se de grande importância para a condição de psicodiagnóstico, de programas de prevenção, de planejamento e de atuação psicoterapêutica" (TRINCA, A.M.,1997) e dessa forma, como instrumento de pesquisa tem possibilitado resultados "representativos da forma de funcionamento mental de determinada população frente a uma situação especial".

Esta evidência pode ser observada, por exemplo, no estudo de SOUZA (1998) que pesquisou a construção do "script" de vida em adultos e crianças, num enfoque trigeracional com base nos pressupostos teóricos da análise transacional, utilizando uma variação do Procedimento de Desenhos-Estórias, denominado como Desenho da Família com Estória. Dessa forma, obteve-se "dados sobre a história de vida dos informantes dentro da constelação familiar, de forma indireta e com intervenção mínima"(SOUZA, 1998).

A diversidade de pesquisas que utilizaram o procedimento dos D-E abrange a área escolar, área da saúde, área clínica, de família e social. Particularmente na área escolar, a pesquisa de BRASIL (1989)*, nos chama a atenção, por ter realizado um estudo a respeito do fracasso escolar dentro da visão junguiana, considerando que o D-E: "pode auxiliar na análise dos complexos afetivos" (...) papéis e práticas (persona) que o indivíduo vive junto ao seu contexto social e cultural (...) estruturas arquetípicas (...) bem como motivos arquetípicos" (TARDIVO, 1997).

Embora originalmente de fundamentação psicanalítica, o D-E presta-se à avaliação com base em outros referenciais teóricos, o que TARDIVO (1997) exemplifica referindo-se à análise a partir da abordagem Fenomenológica Existencial, abordagem Junguiana e Análise Experimental do Comportamento.

A partir desta perspectiva, objetivou-se neste estudo a análise do D-E dentro da abordagem da Psicologia Analítica, baseando-se fundamentalmente na análise do processo de individuação, a partir do desenvolvimento arquetípico simbólico da personalidade do sujeito pesquisado, no contexto onde está inserido e observando-se a emergência dos principais símbolos que estão constelados no eixo Ego-Self do mesmo.

## 4.3. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

### 4.3.1. Entrevista:

* BRASIL, A.M.R.C. *apud* TARDIVO, L.S.C. - Análise e interpretação. In: org. - **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo, Vetor, 1997.

Para a análise dos dados da entrevista, reportou-se ao método fenomenológico para o exame das experiências vividas e as significações a elas atribuídas pela entrevistada, a partir dos quatro momentos metodológicos preconizados por GIORGI (1985), sistematizando os dados através da redução, descrição e interpretação dos mesmos. Esta tecnologia de análise dos textos propiciou tratar os dados coletados de forma individualizada, cada entrevista configurando-se um universo diferenciado de conteúdos temáticos.

A redução compreende lidar com a experiência vivida conforme ela se mostra, tornando-se atento e aberto à sua estruturação. Na descrição, enumera-se os aspectos imprescindíveis, procurando "tornar explícitos os significados implícitos na experiência vivida, de tal forma que o fenômeno se torne presente e possa ser interpretado"(FRANÇA, 1989). Na fase da interpretação, a experiência estruturada é objeto de desvelamento. Para FRANÇA, só há interpretação onde há símbolo e para RICOUER (1979): "A interpretação é o trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal".

Estas fases não são isoladas uma das outras, constituem apenas uma postura para a investigação do fenômeno que se reveste de características simbólicas e que como tal, não se mostra em toda sua plenitude.

Contudo, como a fenomenologia reconhece a inesgotabilidade dos sentidos do fenômeno, privilegiou-se uma perspectiva do mesmo, ou seja, pretendeu-se lidar com a vivência subjetiva gerada pela expectativa da aposentadoria no sujeito, tal como ela se apresentava.

Tomando como referência, então, os quatro momentos metodológicos de GIORGI (1985), analisou-se o texto das entrevistas da seguinte forma:

- Apreensão do sentido do todo - a partir de várias leituras da entrevista, buscou-se a compreensão da linguagem expressa em seu conjunto, uma idéia global do texto como um todo.

- Identificação das unidades significativas - Agrupou-se as temáticas recorrentes em todo o texto, visando compreender o sentido das várias partes e sua intercessão com o todo. Neste sentido, GIORGI (1985) ressalta que:

> As discriminações de unidades significativas são notadas diretamente na descrição sempre que o pesquisador, ao reler o texto, torna-se consciente da mudança de significado da situação para o sujeito, a qual parece ser psicológicamente sensível.

- Transformação do conteúdo das unidades significativas - as unidades significativas foram transformadas num resumo descritivo dos depoimentos, posicionamentos, intenções e sentimentos, relatados pelo sujeito.

- Síntese das unidades significativas transformadas - transformou-se a linguagem leiga dos sujeitos em linguagem psicológica, sintetizando sua vivência frente aos eventos enfocados, de forma que o pesquisador pudesse comunicá-la aos leitores da pesquisa, para fins de confirmação ou réplica, assim como correlacionar o significado psicológico destes relatos ao seu sistema teórico e/ou outros instrumentos de pesquisa.

Esta metodologia mostrou-se bastante profícua para o desvelamento dos conteúdos da entrevista, acreditando ter ultrapassado, ao menos mínimamente, o senso comum e o subjetivismo a que o pesquisador fica exposto neste processo, preservando-se, portanto, as atitudes de objetividade científica necessárias.

Há que salientar, que reuniu-se o material das entrevistas de forma sintetizada nos quadros-resumo, apenas por questão didática, pensando assim, facilitar a compreensão do leitor para com a amplitude geral que tais entrevistas abarcaram em cada caso.

Num segundo quadro-resumo, as temáticas que sobressaíram nas entrevistas foram conjugadas às temáticas advindas do Procedimento de Desenhos-Estórias, pensando assim melhorar a compreensão global do caso em análise. Em seguida, procedeu-se à apresentação mais detalhada dos resultados, tanto da entrevista quanto de toda a produção dos D-E, fazendo de forma mais dinâmica, a análise dos mesmos.

### 4.3.2. Procedimento de Desenhos-Estórias:

a- Análise de conteúdo:

Para com o outro instrumento utilizado na pesquisa, o Procedimento de Desenhos-Estórias, a análise dos resultados foi efetuada de forma global e que TRINCA (1997) chama de 'Análise por simples inspeção de material'. Ou seja, partindo-se do conjunto da produção (desenhos, estórias, associações, título), também chamadas de unidades (cinco unidades), identificou-se os motivos arquetípicos presentes, complexos afetivos mobilizados, conflitos subjacentes e instâncias de bloqueio (Sombra), vivência de interação social e cultural do sujeito (Persona); enfim, os principais símbolos constelados no eixo Ego-Self do sujeito. Todo este material propiciou a análise do desenvolvimento arquetípico-simbólico, na medida em que tudo que surge neste contexto é símbolo e "representa uma forma natural de expressão da psique, e sua função é de mediação entre o inconsciente e a consciência" (VILHENA, 1997)*.

b- Análise dos Aspectos formais:

Considerou-se importante também, aliar à análise de conteúdo, a análise dos aspectos formais dos desenhos, a partir de LOURENÇÃO VAN KOLCK (1981 e 1984)**, em que se analisa os processos: adaptativo, expressivo e projetivo da produção gráfica. Utilizando o esquema de avaliação proposto por TARDIVO (1997), avaliou-se a produção do sujeito em relação a:

- Tema do desenho: compatibilidade com idade;
- Tema da estória: a)compatibilidade com idade e b)compatibilidade com desenho;

---

* VILHENA, M.A.F. *apud* TARDIVO, L.S.C. - Análise e interpretação. In: TRINCA, W. Org. - **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo, Vetor, 1997.

** LOURENÇÃO VAN KOLK, O.L. *apud* TARDIVO, L.S.C. - Análise e interpretação. In: TRINCA, W. Org. - **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo, Vetor, 1997.

- Título: a)adequação do desenho e b)adequação à estória;
- Posição da folha;
- Localização da página;
- Tamanho em relação à folha;
- Qualidade do grafismo: a)tipo de linha e b)consistência do traçado;
- Resistências;
- Transparências;
- Sombreamento;
- Perspectiva ou movimento;
- Uso das cores.

A análise das características formais da produção se mostrou valiosa, complementando "os elementos revelados pela interpretação dos aspectos dinâmicos, obtidos a partir da análise de conteúdo" (TARDIVO, 1997).

Em síntese, objetivou-se identificar na produção dessa técnica projetiva, que transformações vinham sendo engendradas pelo inconsciente neste processo de transição do sujeito, do trabalho à aposentadoria, se os símbolos constelados na produção do mesmo nos remetiam a arquétipos de transformação e a observar como o processo de individuação estava se configurando dentro do seu desenvolvimento arquetípico e simbólico da personalidade.

# *5.APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS*

Apresentaremos separadamente os cinco casos pesquisados, a partir de:

- um quadro-resumo com os dados de identificação do sujeito;
- um quadro-resumo das expectativas frente à aposentadoria identificadas na entrevista, a partir da sistematização dos dados, segundo a metodologia de GIORGI (1985);
- um quadro-resumo dos resultados obtidos na análise do Procedimento de Desenhos-Estórias conjugados à análise dos resultados da entrevista.

A partir dessa síntese do material analisado, procederemos à descrição de caso por caso, de forma mais dinâmica e abrangente.

Os cinco estudos-de-caso referem-se aos sujeitos:

- Vitória e Ione - sujeitos que não se aposentaram;
- Úrsula, Olga e Ana- sujeitos que se aposentaram durante a pesquisa.

## QUADRO- RESUMO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| INDICADORES | SUJEITO- VITÓRIA |
|---|---|
| Idade | 45 anos |
| Composição familiar | Casada, 2 filhos jovens, mora com marido |
| Escolaridade | Pós-Doutorado |
| Cargo | Pesquisadora |
| Atividade Profissional Paralela | Não tem |
| Tempo de Trabalho | 28 anos* |

*De acordo com a legislação brasileira vigente, possui tempo de serviço completo para pleitear aposentadoria proporcional (25 anos).

**QUADRO-RESUMO 2:** ENTREVISTA - EXPECTATIVAS FRENTE À APOSENTADORIA

**SUJEITO - VITÓRIA**

| Unidade Significativa | Unidade significativa transformada | Síntese da unidade significativa transformada |
|---|---|---|
| SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO TRABALHO | Vitória, em seus relatos, mostra a dimensão que o trabalho ocupa em sua vida, sempre foi vital para ela. Tem consciência do sofrimento advindo da perda da identidade profissional. Vivencia atualmente o trabalho como prazer e prisão, necessitando buscar ajuda psicológica para entender tal conflito. | A perda do trabalho como desestruturação do sentido da própria vida. A identidade profissional ocupando a maior parte de sua vida, desencadeou um intenso conflito acerca de tudo e na medida em que está prestes a perdê-la, não desenvolveu outros aspectos vivenciais com o mesmo grau de importância que o trabalho. |
| VIVÊNCIA DE PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA | Vitória sente-se ainda tão despreparada para assumir a aposentadoria, que não o fez. Precisa retardar esta perda porque ela coincide com outras, em sua vida. Sempre pensou em aposentadoria compulsória, não se percebe ainda pronta para este momento e se o fizer será por coação. | Aposentadoria = velhice<br>A falta de preparação de Vitória para aposentar-se advém muito do equívoco na identificação da aposentadoria com a velhice. Como não se percebe próxima da velhice, vivencia a necessidade de aposentar-se com surpresa, se auto-conscientizando de suas perdas e de suas limitações. |
| EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO | Embora esteja fazendo muitos cursos, preparando-se para o que vai fazer depois da aposentadoria, tem consciência de que não será nada do que faz hoje, pretende aproveitar os 'pedaços ou talentos' que possui para fazer outras coisas daqui para a frente. Não se vê inativa, mas rejeita a idéia de ficar como seus ex-colegas de trabalho, tratados como 'fantasmas' que voltam todos os dias à Instituição. Acredita que deva dar lugar aos jovens. | A luta pela criação de um futuro<br>Frente à perspectiva de perder um passado de glória, prefere negá-lo como futuro, não quer para o futuro nada parecido com o presente, mas não consegue ter muitas expectativas porque para ela, aposentadoria é o 'passaporte para o fim'. Acha que tem que morrer para esta fase, mudar de papel. |
| AUTO-PERCEPÇÃO | Vitória avalia o sacrifício demandado para a constituição de sua 'identidade profissional'. O quanto este papel sempre se sobrepôs a todos os outros. Não é mais o momento de desenvolver outros papéis (mãe, esposa, por exemplo). Ainda não conseguiu definir a que se dedicar no futuro. | Vivência de desajustamento<br>Vitória não se vê em outras dimensões vivenciais, além do trabalho. O que não exige os aspectos formais próprio de seu trabalho não tem valor, não se sente bem nas interações sociais rotineiras. Prefere o isolamento, a contemplação, a familiaridade consigo mesma. |
| SIGNIFICADO ATRIBUÍDO A APOSENTADORIA | Vitória vivencia a aposentadoria como castigo, um mal necessário, porque os velhos precisam dar seu lugar aos jovens, mas da forma como vem acontecendo, muitas vezes por coação, surpreende as pessoas, não obedecendo ao tempo interno das mesmas. Não tem nenhum valor na nossa sociedade. | Vivência de morte em vida, fim de tudo, exclusão social. |

**QUADRO–RESUMO 3:** ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS CONJUGADA À ENTREVISTA

## SUJEITO-VITÓRIA

| UNIDADES D-E | TEMÁTICA CENTRAL | ASPECTOS DA ESTRUTURA INTERNA | EXPRESSÕES- RESUMO DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|
| 1ª. | Título da estória :"Um bosque de toda vida". Descreve o bosque em sua beleza, seus mistérios, a capacidade de adaptação das árvores às intempéries. O quanto gosta de observar a transformação da natureza. | Mobilização do eixo Ego-Self e símbolos de transformação. Um Ego organizado, que dispõe de recursos internos para boa adaptação. Conexão com Self mais primitivo (bosque antigo ) acenando com possibilidades de renovação. | Vivência de aposentadoria como velhice .<br>A luta pela criação de um futuro.<br>A perda do trabalho como desestruturação do sentido da vida.<br>Vivência de morte em vida.<br>Vivência de desajustes frente a situação futura. |
| 2ª. | Título da estória : "O sol e a serra". O amanhecer do sol na serra com três casas numa cena rural. Coloca-se na posição de observadora da vida. Observar a natureza apazigua. | Aspectos da auto-estima sugerem mobilização, mas com pouca expressão. Percebe-se com características mais apolíneas, como expectadora das mudanças. | |
| 3ª. | Título da Estória: " O vaso inadequado". Compara-se com um vaso, acredita que o preencheu menos do que o potencial que possui por limitações internas e externas | Sistema Ego-Persona é ativado. Sugere estar passando pela fase de metanóia, percebendo elementos de luz e sombra em si mesma. | |
| 4ª. | Título da Estória : "O cais". Identifica-se com o barquinho fazendo a travessia da vida, com a certeza de que vai fazer uma transição segura, até a enseada e o quanto é solitário o caminho. | Consciência do processo de individuação, travessia que se passa internamente, mas com perspectivas de um futuro seguro. Constelação da função transcendente. | |
| 5ª. | Título da Estória : "Um bosque de *pinus* para ocultar a flor monstruosa" Quando uma flor sobressai no meio do bosque, ela a considera inadequada, justifica-se e a recobre colorindo forte por cima, mas fazendo uma flor em par ao lado. | Conscientização de aspectos de Sombra, mostrando integração e recriação de novas possibilidades. Processo de individuação em curso. | |

CASO VITÓRIA:

Vitória já conta quase trinta anos de trabalho, ou seja, já possui tempo para aposentaria proporcional (25 anos), embora não tenha feito esta opção até então. Mas como todas as outras mulheres desta pesquisa, cogitava à época da entrevista (setembro/98), se tomava esta decisão naquele momento, uma vez que a mídia enfatizava a iminência da reforma previdenciária no Brasil. No entanto, mesmo com a reforma, Vitória decidiu por não se aposentar, preferindo completar seu tempo de serviço para uma aposentadoria integral no futuro. Dessa forma, foi possível contatá-la para a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E), ainda em seu ambiente de trabalho, alguns meses depois da entrevista.

A seqüência dos D-E de Vitória, mostra que ela possui energia psíquica disponível, bom nível intelectual e muita sensibilidade, percepção do mundo interior e exterior bem significativas, assim como maturidade afetiva marcante.

Seus desenhos lembram a técnica do impressionismo, inclusive citada por ela própria como preferência de expressão artística, em que o jogo de luz e sombra ocupa espaço central. Impressionismo significa a expressão de um processo de interiorização, voltar-se para si próprio. Ou como é descrita no dicionário de Aurélio (1986 ): "estilo literário e musical que se caracteriza por expressar, de maneira vaga, fluida e delicada impressões subjetivas e ou sensoriais".

A natureza psíquica revelada por Vitória, desde o início em sua entrevista e na produção dos desenhos-estórias, deixa entrever características da deusa Ártemis, uma Ártemis que, no mundo moderno, parece um tanto quanto deslocada. Ou seja, ela não se sente verdadeiramente à vontade na cidade, pelo ritmo acelerado e altamente tecnológico de vida e seus valores de ascensão social.

Quando reflete sobre a condição da futura aposentadoria ela deixa muito claro este desprendimento, se referindo à forma como os colegas vêm se aposentando:

> eles acreditam que vão levar no momento em que se aposentarem essa, vamos dizer assim, essa aura para fora de "X" e que essa aura vai ajudá-los na vida lá fora . Então eles querem chegar, por exemplo, em qualquer lugar e tipo assim: você sabe com quem está falando? Eu sou a doutora fulana de tal de "X", mas depois você não é mais.

Vitória mostra sua natureza desde o primeiro desenho, em que é bastante clara a mobilização de seus aspectos afetivo-emocionais, ligados ao arquétipo materno, ao passado, um certo tom nostálgico e de grande expectativa quanto ao processo futuro, o que remete ao significado dos padrões arquetípicos descritos por SAMUELS *et al* . (1988) como:

> padrões arquetípicos esperam o momento de se realizarem na personalidade (...) São dependentes da expressão individual e exercem uma fascinação reforçada pela expectativa tradicional ou cultural (...) comportamentos arquetípicos têm a maior evidência em tempos de crise, quando o Ego está vulnerável ao máximo.

No bosque retratado em seu primeiro desenho e sua estória intitulada: "Um bosque para toda a vida", fica evidente que sua produção é de transformação e de renovação. Ressalta a necessidade da morte como condição de vida, como num ciclo cósmico. Quando inquerida sobre a idade do bosque ela diz: "bosque antigo, num clímax, mescla todos os estágios da vida, é um exemplo de renovação perpétua. Tem que dar luz e espaço para as árvores novas, morrendo uma árvore velha" . Diz também que está "na borda da mata, olhando para ela em estado de enlevo, de veneração quase religiosa".

A palavra-chave para Ártemis é natureza ou 'divindade das matas' (CIRLOT, 1984). Ela não se sente à vontade na cidade porque, no fundo, o seu lugar é nos campos e nas florestas.

Com sensibilidade bastante desenvolvida, Vitória ao falar do bosque do seu desenho, também se reporta ao seu trabalho como pesquisadora, ao mesmo tempo deixando entrever aspectos de sua estrutura interna, que tal como as árvores não se quebram frente às dificuldades:

> estava na Floresta Amazônica na última semana, observando com encanto a diversidade de padrões da natureza, quando se está sobrevoando ou quando se está dentro da floresta (...) a aparente similaridade comporta muita diversidade (...) a árvore é uma coisa aberta à circunstâncias, fica à mercê das intempéries, mas não se quebra.

Retira da natureza, a energia para recompor-se desde a tenra idade:

> Quando eu era criança, e queria ter um encontro comigo mesma, eu ia ao fundo do quintal, me encostava no muro e ficava quieta olhando as árvores. Depois de algum tempo eu voltava refeita das pequenas amarguras da infância.

Ao mesmo tempo em que a cena evoca seu comportamento de infância, ela mostra conservar até hoje essa mesma forma de se restabelecer consigo mesma, repetindo-a na estória do segundo desenho dizendo: "saio de "X" à tarde, às vezes aborrecida, com problemas, magoada e chego na avenida e vejo o sol se pondo atrás da Mantiqueira. Vejo, e aquele momento me refaz, me distrai".

Vitória, no segundo desenho, também coloca a natureza como o aspecto mais importante da construção. Com a temática " O sol e a serra", refere ser uma expectadora quando explica que existem dois tipos de pessoas, as que vivem e as que são expectadoras: dionísiacas e apolíneas: "Eu sou uma pessoa objeto e sujeito, mais sujeito da observação do que objeto (...). Se você me observar eu vou estar sempre observando. Sou mais apolínea".

Em todos os desenhos, Vitória deixa entrever um momento de sua vida em que está trabalhando muito consigo mesma, avaliando seus recursos internos e refletindo sobre o seu valor em todos os seus contextos vivenciais, não só no nível profissional.

Essa interação psicológica fluente do eixo Ego-Self tem a ver com a fase da metanóia, do pesar o que foi feito, o que deveria ter feito, o que tem para ser feito, almejando uma integração de opostos, descobrindo-se como alguém vivo/inteiro contendo aspectos de luz e sombra.

Relatos da entrevista de Vitória mostram este movimento: *"Eu acho que o trabalho , ele sempre foi vital para mim"(...)* "Eu não consegui nunca imaginar minha vida profissional fora dessa prisão"

> O trabalho sempre foi em primeiro lugar para mim (...) eu não digo que tenha sido o primeiro lugar (...) mas vamos dizer assim, ele sempre foi muito importante, quer dizer, eu nunca fui uma pessoa que cogitei abandonar o meu trabalho porque tinha filhos. Eu digo que tive meus dois filhos enquanto eu estava fazendo meu doutorado, então, eu fiz meu doutorado mais dois filhos juntos, foi um bruto de um sacrifício, talvez até então por isso foi muito forte.

Talvez se possa reportar ao conceito de regressão de energia psíquica como elemento presente nos processos de transformação, como uma "temporária 'perda de condição do Ego', a fim de levar à consciência e preencher uma necessidade psicológica até então não reconhecida" (SAMUELS, *et al.*, 1988), para explicar na entrevista, sua busca de análise psicológica há três anos atrás, quando deu-se conta das coisas que estava por perder:

> meus filhos agora já estão grandes (...) Então agora é como se tudo tivesse acabado na mesma época e o que tivesse sobrado, tivesse sido novamente a profissão. Então se eu me aposentasse...Há três anos atrás eu fui fazer análise por conta disso, porque quando eu tinha 25 anos de "X", eu podia me aposentar, mas meus filhos estavam fazendo vestibular, e iam sair de casa e aí eu falei assim, nossa! Eu vou perder tudo de uma vez, eu não vou dar conta disso, eu vou enlouquecer; então aí, eu comecei a tomar consciência, que eu tinha que retardar ao máximo minha aposentadoria para eu poder lidar com a coisa de ir perdendo aos poucos, os papéis que você representa na vida, né? E ir se retirando da cena lentamente.

Sob a égide do arquétipo da transformação, o confronto com aspectos da Sombra também se mostra presente e necessário. Vitória mostra isto, especialmente no terceiro e quinto desenhos.

Em sua terceira produção, intitulada: "O vaso inadequado", Vitória inicia se identificando com o vaso. Tal qual o vaso, tem a sensação de que seu potencial não foi totalmente aproveitado. Este sentimento de desajuste pode ser visto também no fato de ser o único desenho em que utiliza a folha em sentido vertical, denotando: "liberdade em relação à ordem dada (...) e possível oposição ou negativismo" (LOURENÇÃO VAN KOLCK, 1984). O que induz a pensar em certa mobilização de situação conflituosa. Eu no terceiro desenho, intitulado: " O vaso inadequado", Ártemis inicia se identificando com o vaso.

Este enquanto desenha, critica sua falta de senso estético, lembra que na adolescência desejou ser estilista de moda, mas viu que não dava porque não sabia nem desenhar. Alternando um movimento de realçar, ora o vaso azul, ora as flores vermelhas, preocupa-se muito com o tamanho das flores, do quanto estão desproporcionais ao tamanho do vaso, acentuando seu colorido através da cor vermelha com espaços internos em branco. Cor que sugere sensibilidade e abertura aos estímulos internos e externos, respostas

impulsivas à situação, se não fôr controlada (o verde e o azul mantém o controle, conforme VAN KOLCK & JUSTO (1971).

> No vaso do desenho, o vaso é grande para pouco conteúdo, para pouco uso, talvez isto possa ser uma visão ou sentimento da minha vida aqui em "X" (...) meu vaso existencial foi sempre subaproveitado (...) não por limitações externas apenas, por limitações internas também.

Esta dinâmica remete também, à ativação do sistema Ego-Persona, sugerindo dificuldades entre a identidade genuína e o papel social que exerce (SAMUELS,1989), dificuldades no entanto, que podem estimular o processo de individuação.

A simbologia do vaso como depositário das possibilidades de transformação dos antigos alquimistas, continua sendo por ela percebida:

> O vaso é a vida. É um dado, a existência humana é dada sem controle, não escolhemos os pais, recebemos gratuitamente. Posso ser um vaso grande, pequeno, você não decide o tamanho do vaso que você é, por outro lado, o vaso tem uma qualidade frágil, por se quebrar, por deixar de ser vaso, tem uma analogia com a existência.

Esta dinâmica aparecerá outra vez no quinto desenho, quando dá à estória o título de: "Um bosque de *pinus* para ocultar uma flor monstruosa". Enquanto desenha, fica incomodada com a flor vermelha feita inicialmente, procurando sobrepor à mesma uma árvore, utilizando por várias vezes a cor verde. A flor monstruosa é um aspecto de simbolização da Sombra de sua personalidade. Ao ser encoberta por *pinus* (uma árvore que se adapta facilmente, tem rápido crescimento e é aproveitável), mostra possibilidade de flexibilização, descobertas, (re)adaptação, crescimento, desenvolvimento. Em termos prospectivos, parece indicar um processo de individuação em curso.

Constrói árvores (*pinus*) com copas em forma de vértices em direção ao céu, ao mental, ao espiritual. Integrando, inclusive, a própria Sombra. Produz uma nova flor, com as pétalas em branco e miolo cor-de-rosa, em destaque, com um caule em comum com outra flor idêntica. Pode-se pensar no cor-de-rosa, conforme LOURENÇÃO VAN KOLCK (1984), sendo o vermelho com muito branco e representando o inconsciente. A presença de todas as

cores denunciando uma certa intranquilidade, que é seu próprio momento. A natureza da deusa Ártemis mais uma vezé refletida em sua preferência pelo tipo de flor: "A flor da esquerda, com miolo cor-de-rosa sou eu. É mais flor do campo, é um par e é nova, não está num lugar específico".

À situação conflituosa (mobilização da Sombra), o inconsciente propõe uma solução criativa, em que Vitória mostra sua própria natureza – é um par, uma união de opostos, uma somatória de crescimento, é nova, é (re) descoberta. O que vem ao encontro do que SAMUELS *et. al.* (1988) propõem : "a situação de conflito, que não apresenta nenhuma solução racional ao dilema, é a situação na qual a oposição das 'duas' produz uma 'terceira' irracional, o símbolo". E que também JUNG (1987) assinala: "A ciência parece estacar junto às fronteiras da lógica porém ... a natureza não vacila com os opostos; usa-os para criar, pela oposição, um novo nascimento".

No quarto desenho: "O Cais", Vitória mostra a consciência que tem do processo interior de crescimento como ser humano: "Esta travessia é solitária, se passa internamente, não é compartilhada. Cada um chega ao seu cais, alguns chegam a falésias".

Ela mesma vai contando a estória e interpretando:

> simbolicamente pode ser assim: o barquinho cor-de-rosa sou eu, o oceano é a vida e o cais é o fim da existência, fazendo a travessia e deixando um pouquinho de nuvens para traz. A situação é que é uma situação pacífica, não é tormentosa (...) Este paredão dá a idéia de falésias, obstáculo intransponível, mas a idéia de enseada é de recolhimento, pode apostar que vai encontrar uma transição segura do mar para a terra.

O paredão à esquerda, simboliza o não poder voltar ao passado, nostalgia, expectativas quanto ao futuro, uma insegurança, como uma ameaça ao controle da própria vida. Contudo, a enseada como função transcendente, permite a transição de aspectos inconscientes (representados pelo mar) para a consciência (terra). A função transcendente sugere o fortalecimento do Ego e uma nova atitude se torna disponível para a vida consciente, "serve de intermediária entre a pessoa e a possibilidade de mudança fornecendo não uma resposta, mas sim uma escolha" (SAMUELS, 1989).

Este renascimento entretanto, só será possível na medida que ela 'morrer' para alguns processos que ainda incomodam, como a experiência de seus colegas que se aposentaram e que parecem não conseguir se adaptar à nova condição existencial, tal como relata na entrevista:

> os aposentados viram uma espécie de almas penadas (...) vêm todos os dias a "X" (...) ficam perambulando como se tivessem morrido, carregando as correntes do passado pelos corredores (...) é uma cena que quando vejo, eu sinto assim, muita pena, sabe, eu sinto uma compaixão imensa, porque eu me coloco assim, me projeto, né?

Ressente-se do tratamento que os colegas de trabalho dão aos mais velhos, pressentindo que o mesmo poderá ocorrer com ela também: "Até inconsciente é... eles boicotarem você, tirarem sua sala (...) não darem mais acesso, vamos dizer assim, enterrarem você em vida, sabe como é?".

Assim como esse processo de transição é retratado na seqüência dos desenhos, na entrevista ele também pode ser visto. Vitória não está ainda pronta para morrer para esta fase da vida:

> eu acho assim, enquanto não estiver muito certa de que eu quero morrer eternamente aqui, que eu quero me deixar matar pelos que ficam, então eu vou ficando, você entende? Enquanto não tirar, não desenraizar as coisas, (...) tirar, me libertar desse sentimento de que trabalhar em "X" é vital para mim, porque senão o que vai acontecer? Eu vou definhar lá fora! A hora que eu cortar isso aí, eu estaria cortando o oxigênio para manter o resto.

De novo é Ártemis em Vitória quem fala. O 'oxigênio', sua energia vital precisa ser renovada eternamente para o equilíbrio do sistema.

Na produção de Vitória observa-se também, uma preocupação na construção, principalmente com os aspectos estéticos. Isto tem a ver geralmente com a Persona e com a valorização de aspectos da auto-estima, aspectos que nesse momento mostram-se em revisão.

Em síntese, seu processo sugere mobilização do eixo Ego-Self, com consciência e recursos internos para viver esta jornada de forma saudável. No primeiro desenho, ressalta bastante o tronco das árvores, onde as cascas e os nós, (aspectos ligados ao tempo/ envelhecimento) se relacionam ao seu mundo emocional, ou seja, desde o início, mobilizou-se e muito o seu mundo afetivo emocional. As clareiras no bosque para que a luz do sol pudesse incidir (dinâmica da renovação visto mostrar sempre o amanhecer),

também podem representar um vazio que terá que ser preenchido. Assim como o vaso do terceiro desenho, sendo "oco e vazio, permite a possibilidade de ser preenchido com diferentes conteúdos (...) coisas que podem dignificá-lo ou não".

A dinâmica das relações familiares aparece muito pouco durante a entrevista, estando retratada apenas nos desenhos que faz das casas. O que induz de novo a identificá-la com a deusa Ártemis, visto parecer estar apta a viver perfeitamente bem sem os homens (é uma deusa virgem), que conforme WOOLGER & WOOLGER (1993), é uma deusa com temperamento propenso a viver e a trabalhar a sós e não ao lado do companheiro; seus relacionamentos são independentes, mantém sempre a independência de espírito. Em termos psicológicos, representa o tipo de mulheres que já nascem com qualidades 'masculinas', ativas, combativas, independentes, ou seja, não 'precisam' de homens, os tratam de igual para igual.

Assim, os símbolos mais marcantes de sua produção reportam à atuação da função transcendente, aquela que, segundo JUNG (1991a), "resulta da união de conteúdos conscientes e inconscientes" e que "é em sua essência, um aspecto da auto-regulação da psique. Manifesta-se típicamente, de modo simbólico, e é experimentada como uma nova atitude em face de si mesmo e da vida" (SHARP,1991).

**QUADRO-RESUMO 4:** DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| INDICADORES | SUJEITO- IONE |
|---|---|
| Idade | 49 anos |
| Composição familiar | Casada, sem filhos, mora com marido |
| Escolaridade | Doutorado |
| Cargo | Pesquisadora |
| Atividade Profissional Paralela | Não tem |
| Tempo de Trabalho | 29anos* |

*De acordo com a legislação vigente, possui tempo de serviço para pleitear aposentadoria proporcional (25 anos).

## QUADRO-RESUMO 5: ENTREVISTA - EXPECTATIVAS FRENTE À APOSENTADORIA

### SUJEITO - IONE

| Unidade significativa | Unidade significativa transformada | Síntese da unidade significativa transformada |
|---|---|---|
| SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO TRABALHO | Ione atribui suma importância ao seu trabalho de pesquisa, 'prova de fogo' enfrentada durante muitos anos, um desafio que uma vez conquistado, ela sofre por precisar abdicar dele em função das regras atuais do sistema de aposentadoria. Receia que a aposentadoria desencadeie uma perda de seu contato com a ciência e conseqüentemente com uma visão global do mundo . Orgulha-se do *status* que o trabalho tem conferido-lhe, percebe-se com autonomia, liberdade, auto-realizada e respeitada profissionalmente | Fragilidade dos limites subjetivos<br>A perspectiva de rompimento da identidade profissional fragiliza os limites subjetivos moldados pela profissão e sujeitos à falência com o advento da aposentadoria. Este movimento pode até favorecer a emergência de aspectos femininos que foram negligenciados pela predominância do Animus até então. |
| VIVÊNCIA DE PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA | As vivências de Ione transparecem as suas ambigüidades, mescladas o tempo todo de percepções de preparo para a aposentadoria. Contudo, é mais frequente a ocorrência de despreparo para assumir outros espaços vivenciais além do trabalho. | Pressão externa reativa conflitos. A vivência coercitiva de necessitar aposentar-se para não perder os privilégios presentes na legislação atual, flagra o despreparo da trabalhadora em desenvolver-se a partir de outro parâmetro que não seja o trabalho. |
| EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO | Ione aponta expectativas positivas de vida para pós-carreira, nos níveis familiar, social, emocional e nas atividades cotidianas. Contudo, como a perspectiva de aposentadoria neste momento não será por livre opção, teme o caráter de irreversibilidade da mesma. Como havia fixado uma data para a sua aposentadoria, sugere dificuldade para lidar com a situação inusitada que ora se apresenta. | Perda do controle da própria vida. A ênfase de Ione o tempo todo é acerca de seu controle sobre as situações: como se prepara para tudo na vida "preparada para casar, para ficar solteira, para o sim e para o não, para o verde e o amarelo". Diante de uma situação que foge ao seu controle ela receia "não conseguir ficar bem (...) medo do que a espera lá fora, que eu sei; é medo de perder o que consegui aqui". |
| AUTO-PERCEPÇÃO | Embora a perspectiva de futuro de Ione seja de uma vida muito boa, cheia de projetos que ela espera realizar, ela auto-avalia o tempo todo o quanto não se sente ainda preparada para desligar-se de seu papel profissional e das satisfações dele decorrentes. Não se percebe com um motivo forte o suficiente para deixar o espaço conquistado com tanto esforço, embora diga que quando a mulher só se preocupa com o lado profissional, isto deve ocultar alguma dificuldade. | Conflito : desejo X norma externa. O processo de auto-percepção de Ione neste momento mostra-se ampliado, retoma uma avaliação de si própria em vários níveis, consciente de que a decisão racional de se aposentar neste momento está em desacordo com seu desejo. Não se sente pronta para assumir outro tipo de vida, embora em seu discurso mostre ambigüidade neste sentido |
| O RESGATE DO FEMININO | Ione mostra ser uma mulher que profissionalmente se empenhou muito para conquistar seu espaço, enfatizando no entanto, que sempre tentou equilibrar o papel profissional com os papéis típicos da mulher. Mesmo assim a necessidade de vivenciar mais plenamente outros papéis femininos aparece de forma marcante em seu discurso. | Os desejos do feminino. O discurso de Ione mostra uma identidade profissional solidamente construída, mas os aspectos do feminino reclamam por uma efetiva atuação, embora sua exigência ainda não seja suficientemente forte para sobrepujar as questões racionais do cotidiano. |

**QUADRO-RESUMO 6:** ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS CONJUGADA À ENTREVISTA

## SUJEITO IONE

| UNIDADES DE D-E | TEMÁTICA | ASPECTOS DA ESTRUTURA INTERNA | EXPRESSÕES RESUMO DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|
| 1ª. | Título da estória: "Família feliz".<br>Paisagem no alto de montanha (casa abrigando toda a família, com árvore e sol sob nuvens). | Eixo Ego-Self mobilizado pelo arquétipo de transformação e pela energia do princípio feminino, mas bloqueado pelo arquétipo do Animus. Identidade muito mais definida pelo sistema Ego-Persona. | -Fragilidade dos limites subjetivos;<br>-Vivências de pressão extrema reativando conflitos;<br>- Perda do controle da própria vida ;<br>-Conflito: desejo x norma externa;<br>-Desejos do feminino. |
| 2ª. | Título da estória: "Um dos meus sonhos".<br>Um carro vermelho que irá comprar. Sol um pouco mais nítido. | Mobilização do eixo Ego-Self ativando o princípio da energia masculina (Logos), ocupando posição central, em destaque na folha . "Eu me vejo sempre dirigindo". | |
| 3ª. | Título da Estória :"Um mal necessário". Mesa de trabalho com um computador e uma cadeira que terá em casa quando aposentar-se. | Atuação dos aspectos do princípio masculino (Logos), mas vivenciado até mesmo no futuro como um 'mal necessário'. Dinâmica dos opostos presente. Luta entre o bem e o mal. | |
| 4ª. | Título da Estória : "Saúde e Alegria".<br>Mar e praia com várias pessoas. Ela e o marido sob o guarda-sol. Sol brilhante com fisionomia risonha. | Conjugação do princípio feminino com o masculino (Eros + Logos). Atuação dos elementos do inconsciente coletivo e arquétipo de renovação. | |
| 5ª. | Título da Estória:<br>" Minha vida".<br>Equação (parêntese com figura de homem somada a uma figura de mulher, elevado a potência 'n'). O parêntese transforma-se em coração quando completado com linha pontilhada. | Conjugação do princípio feminino com o masculino, agora com possibilidades de transformação dentro dela. Ela é quem soma os elementos utilizando a energia do feminino. Transforma as incógnitas em algo conhecido, ela mesma. Perspectiva do processo de individuação em curso. | |

CASO IONE:

Ione à época da entrevista contava vinte e nove anos de serviço e via-se assediada pelas questões da reforma previdenciária iminente, questionando se aposentava-se ou perseguia seu intento maior de completar trinta anos de carreira. Seis meses depois, no entanto, mesmo as reformas tendo acontecido ela pode ser abordada para aplicação da técnica dos Desenhos-Estórias, ainda em seu ambiente de trabalho, visto ter-se decidido por permanecer trabalhando.

A produção de Ione, tanto os relatos nas entrevistas, quanto seus desenhos e estórias, estão carregados de símbolos e suas respectivas qualidades arquetípicas.

SAMUELS *et al* (1988) descrevem o significado de arquétipo, como sendo:

> os padrões arquetípicos esperam um momento de se realizarem na personalidade (...) São dependentes da expressão individual e exercem uma fascinação reforçada pela expectativa tradicional ou cultural (...) comportamentos arquetípicos têm a maior evidência em tempos de crise, quando o Ego está vulnerável ao máximo.

No comentário inicial de Ione sobre seu trabalho e a iminência de perdê-lo em função da aposentadoria diz: "talvez o medo seja de perder o contato com a ciência (...) o medo de perder o que consegui até aqui, tão elaborado, tudo tão lento neste meu lado profissional...".

Essa perda de contato com a ciência, pode ser pensada, também, a partir de um dos significados da palavra ciência, no dicionário, como: "aquilo que dirige a conduta de modo adequado como o faria um conhecimento claro e verdadeiro (PEQUENO DICIONÁRIO FILOSÓFICO, 1977 ).

Ao analisar o que perderá com a aposentadoria, Ione sugere fazê-lo com uma lógica própria do arquétipo de Animus. Um Animus forte, dogmático, rígido, que ao avaliar esta condição de perda talvez o faça apenas pela via consciente. Será uma perda irrecuperável, ela faz um julgamento definitivo sobre o fato, como se argumentasse consigo mesma a obviedade disso, ou como refere WHITMONT (1995): "Como alguém pode duvidar disso?".

Ione sugere estar sendo afetada pelos símbolos do arquétipo da transformação, embora não apresente energia psíquica suficiente para lidar com essa demanda inconsciente. Isto se mostra claro na análise formal dos desenhos, tanto pela posição que ocupam nas folhas, quanto pela pressão utilizada para fazê-los e as tonalidades cromáticas que aparecem muito esmaecidas, tornando evidente a falta desta energia psíquica.

O sol como "força heróica e generosa, criadora e dirigente (...) fonte de energia, calor como equivalente ao fogo vital e libido, ou ainda como refere Jung, um símbolo da fonte da vida e da totalidade definitiva do homem" (CIRLOT,1984), aparece na seqüência dos desenhos de Ione, inicialmente entre nuvens.

No segundo desenho, aparece sem nuvens, mas ainda bem esmaecido e no quarto desenho, já um sol aberto em praia (que ela refere ser "verão fortissimo") e está mais em evidência. Contudo, a tonalidade cromática não combina com esta referência, é também apagada, mostrando um sol com expressão fisionômica sorridente e pueril.

Na entrevista, o comentário de Ione mostra-se consoante com esta interpretação: "para todos que se aposentam eu organizo festas (...) mas não me vejo no lugar de nenhum deles (...) não consigo me ver no lugar da pessoa, pelo menos eu não consigo me ver tão feliz quanto aquela pessoa".

Entretanto, apesar da aparente falta de condição para o enfrentamento dessa perda do trabalho, a conexão do eixo Ego-Self parece estar sendo sensibilizada, talvez muito mais pelo aspecto normativo da aposentadoria, impelindo-a para novas possibilidades de vida onde o Logos, como princípio masculino, não será necessariamente o fator primordial de sobrevivência. O comentário de Ione a seguir denota este sentido:

> o ficar aqui está sendo o mais forte, eu diante dessa circunstância toda que a vida me impôs, ter que me aposentar ou não, por todas essas medidas governamentais (...) o que acontece comigo é que venho aqui sabendo que estou já na prorrogação do meu tempo regulamentar, é tipo, eu já terminei os meus 90 minutos de jogo, eu sei que terminei, estou na prorrogação, dá para você perceber a minha colocação? Meu tempo acabou empatado, então preciso fazer um gol para acabar a partida, eu tenho que ir embora.

WHITMONT (1995) quando fala do conflito de opostos acentua que é na polaridade masculino-feminino que este conflito mais evidentemente se manifesta, "uma das formas mais básicas nas quais vivenciamos o conflito universal dos opostos em nós mesmos e nosso encontro com os outros é a polaridade masculino - feminino".

Este sentido também pode se confirmado no primeiro desenho de Ione em que numa paisagem no alto da montanha, com casa à esquerda e árvore à direita, a árvore representa uma imagem simbólica ligada ao arquétipo da renovação, por compor-se de elementos que nascem, crescem, amadurecem e morrem, um eterno movimento de morte e renascimento. Como símbolo do Eu, a árvore está sempre propensa à transformação, contudo, aparece no desenho de Ione com copa em caracóis, onde os espaços vazios internos denotam sentimentos de insuficiência, com certa carga de agressividade contida sugerida pelas frutas vermelhas salpicadas na copa (HAMMER, 1991) mas que apontam também para a possibilidade de (re) criação, de produtividade de novos conteúdos.

Com relação a este desenho, Ione em sua estória refere-se à casa como um:

> ponto de aglutinação, em que todo mundo se reúne (...) a família inteira (...) nem todos moram aqui, nem mesmo eu (..) tenho uma parte da minha vida que não é aqui (...) estão todos na cozinha grande (...) meu lugar especial na casa é à janela, do lado esquerdo fazendo meus bordados, porque sou destra e assim a luz incide melhor.

Na estória de Ione relatada acima, observa-se o desejo de resgate do arquétipo materno, como matriz das relações afetivas e do princípio feminino. Sua identidade sugere ser muito mais definida pelos elementos externos constelados pelo sistema Ego-Persona. Esta dinâmica aparece, por exemplo, neste comentário de Ione: "sabe o que eu tenho tentado fazer? Me enquadrar no mundo lá fora".

Simboliza o desejo do princípio feminino Eros, ao se colocar à janela bordando do lado esquerdo, como quem tece o germe do novo, uma vez que o lado esquerdo tem a ver com a volta ao passado, ao materno. Mas, imediatamente sobrevêm o arquétipo do Animus e a energia própria do princípio masculino-Logos, como o que a sustentou até então em seu trabalho e interfere com seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação. O

Logos mostra qual é a energia dominante (a luz necessária) o sol nas palavras de Ione, aquele que vem e disciplina a ação, tornando-a mais adequada, lógica.

A atuação de um Animus positivo até então, foi necessária durante toda a trajetória profissional de Ione, possivelmente como decorrência do ambiente iminentemente masculino em que sempre esteve inserida, ambiente tecnológico onde se valoriza a palavra, o discernimento, o racional. Contudo, esse Animus pode assumir neste momento a forma de um Animus negativo, se continuar atuando da mesma forma nos outros espaços vivenciais, demonstrando assim unilateralidade da consciência.

Esta dinâmica foi advertida por JUNG (1985) mostrando que: sempre que isto existe, verificamos uma violenta intrusão do inconsciente, uma correspondente exclusão da consciência específica de cada sexo, predominância da sombra e da contra - sexualidade.

Dessa forma, a energia de Eros, seu princípio feminino encontra-se na Sombra, não aparece no segundo e terceiro desenho, esboçando uma tentativa de integração no quarto desenho através da companhia do marido na praia, voltando a mostrar seu desejo de integração no quinto desenho quando desenha uma fórmula matemática, contendo a somatória de um representante do sexo masculino com um do sexo feminino.

Enquanto o Animus mediando o Ego com o mundo interno mostra-se ocupado em manter uma adaptação àquilo que é pessoal, interior e individual, a Persona mediando o Ego com o mundo externo mostra-se ocupada .com uma adaptação consciente e coletiva (SAMUELS *et al.*, 1988), como se percebe nas colocações de Ione abaixo:

> eu aposentada estaria muito mais disponível para a família, resgataria amizades, resgataria uma série de coisas que a contingência do próprio tempo e da profissão impede (...) eu me cobro muito assim, uma presença maior, uma participação m maior diante da minha família.

O carro representado no segundo desenho confirma também o quanto Ione não está pronta para assumir esta nova condição existencial de aposentada. Na estória intitulada "Um dos meus sonhos", ela refere-se ao carro dizendo: "Ele não existe ainda, é só na minha cabeça". Embora desenhado em vermelho, centralizado e em destaque, está no futuro para Ione, que o descreve a partir de sua utilidade e necessidade: "Com um porta-mala razoável,

porque mulher tem que carregar uma casa junto (...) levar mamãe, sobrinhos, que sirva a família toda, não só para mim".

A força do Ego retratada no carro e quando Ione afirma ser ela quem o conduz, sugere fragilidade neste momento, na medida em que é o desenho que mais demora para iniciar, dizendo: "O que fazer ? E agora ? Pode escrever aí que este não foi fácil. Vou desenhar o que está representando um problema para mim". O que lembra as colocações de SAMUELS *et al.* (1988): "o Ego é cego para eventos internos e, daí incapaz de responder a eles. Resulta ser possível permanecer-se inconsciente da própria Persona".

Ione continua dizendo que vai trocar de carro por 'puro conforto', o dela atual é velho, "mais agüenta mais um pouco". Está fazendo poupança para comprá-lo, "mas sempre na hora 'H' preciso do dinheiro para outra coisa".

Esta dinâmica sugere a existência de um Self, como prefiguração inconsciente do Ego. Como um:

> substrato inconsciente cujo expoente real no consciente é o Ego. O Ego está para Self assim como o movido está para o móvel, ou o objeto para o sujeito, porque os fatores determinantes que se irradiam do Self cercam o Ego de todos os lados e o transcendem. O Self, como o inconsciente, é um ente a priori do qual o ego evoluiu (JUNG,1980).

Nos relatos da entrevista, esta dinâmica também pode ser apreendida quando Ione fala que neste ano ela preferiu ficar tirando férias 'picadas', e não vinte ou trinta dias seguidos. Explica que:

> eu tirei picadas, tem uma razão de ser. Porque eu quis, tirar só dez dias e voltar depois, tirei uma semana e voltei (...) você percebe como é o medo de me sentir, talvez bem, gostoso e não querer voltar mais ? De repente, pode ser, sabe, olha como é gozado, como eu já tinha começado a me preparar (...) eu tento me ver usando para sempre aquela fila do Banco ( porque não vai ser mais a fila aqui do Banco de "X").

Em algum nível, a necessidade de se adaptar a novas condições de vida está sendo mobilizada em Ione, necessidade de morrer para algumas situações (trabalho por exemplo) e nascer para outras (aposentadoria), em que, para a adaptação egóica, o Self deverá corrigir

vivências de unilateralidade da consciência. O que Ione ressalta quando questionada sobre quem dirige o carro: "me vejo sempre dirigindo", o que em termos prospectivos é positivo.

No terceiro desenho, Ione faz uma mesa de trabalho, uma cadeira e um computador, de forma estilizada, rápida, sem dificuldade.

À estória dá o nome de "Um mal necessário", descrevendo sobre a utilidade do computador no seu cotidiano de trabalho e na vida em geral. O que chama a atenção é o comentário de Ione de que muitas pessoas fazem do computador o centro de suas vidas: "tem gente até que desfaz casamento porque o companheiro(a) passa a noite inteira trabalhando no computador".

A dinâmica por trás desta situação, talvez possa estar ligada à necessidade de confirmar para si mesma a importância do seu trabalho e do seu modelo de funcionamento intrapsíquico, como deixa transparecer também quando analisa sua trajetória profissional:

> eu entrei para "X" em 1972 e passei por muitos desafios (...) os desafios foram monstruosos, senão aterrorizantes (...) Eu consegui passar por todos eles, então é como se você 'roesse o osso' vinte e poucos anos, agora que está no 'filé mignon', eu acho uma judiação deixá-lo.

Aspectos do Animus atuam de forma defensiva, talvez para confirmar subjetivamente a adequação e a lógica de tal funcionamento, o porque 'teve' que se sobressair. Justifica sua sobrevivência rechaçando da consciência os desejos do feminino, embora sugira uma vaga percepção deste 'sacrificio' quando intitula esta estória "O mal necessário".

Configura-se aí então, a ambivalência do conflito, a luta entre o bem e o mal. Este título mostra, portanto, mais uma vez a resposta de inadaptação da função inferior. Quem sabe a necessidade de 'treinamento' para melhor adaptação, como refere em sua fala, "quando eu estou de férias eu fico o tempo inteiro treinando, será que é essa palavra? Eu fico treinando a minha vida como vai ser quando eu me aposentar, você acredita numa coisa dessa?".

O quarto desenho retrata uma cena de conjugação do princípio feminino e masculino, mas muito mais regido pelo arquétipo do inconsciente coletivo do que pessoal.

Ione conta a estória intitulada "Saúde e Alegria", onde sol, praia e banhistas apreciam a natureza e diz: "sol faz bem, peixe é saudável, eu gosto de praia".

Como trabalha com oceanografia, se vê numa cena familiar e manifesta o desejo de possuir uma casa na praia, só para temporadas, não para morar definitivamente. Desenha muitos banhistas e quando inquirida diz que está com o marido debaixo do guarda-sol, protegendo-se de um sol de um verão fortíssimo, com protetor número 45. Diz que a família toda também descerá junto com ela para o litoral quando tiver uma casa lá: "estou eu de novo colocando toda família no meio... são planos...". Ione na cena ocupa papel de expectadora, agora ao lado do marido. Consegue ver-se junto ao marido ao sol, na praia, mas de forma ainda bem primitiva e protegida pelo guarda-sol e protetor solar, além de outras pessoas ao redor.

Um sol aberto está em cena, mas não com um colorido compatível a "verão fortíssimo" referido por ela. Aqui o aspecto solar não é tão proeminente, sugere harmonizar-se à paisagem, há um equilíbrio e presença dos elementos do feminino e do masculino. Ocupando o primeiro quadrante da folha (lado superior esquerdo), o sol tem expressão risonha e infantil. A presença de dois elementos femininos - água e terra (areia), do inconsciente coletivo ou pessoal, pode expressar certo grau de tensão no desenho, em que Ione fica de expectadora na areia (o que remete a pensar na solidez da terra), não entrando em contato com a água (possibilidade de renovação pela água).

Esta dinâmica pode estar refletindo a falta de preparação de Ione para assumir a condição de aposentada. Por enquanto, está de expectadora, analisando tudo, mas não pronta para morrer para um processo e nascer para outro:

> preciso é uma palavra, querer é outra, se eu me aposentar nos próximos meses é porque eu precisei, mediante todas estas medidas que o governo e a União estão tomando. Seria uma atitude de coação, partir espontaneamente de mim, não. Eu sei que sou pessoa completamente livre para fazer isso há três anos e não fiz porque não quero, é uma coisa muito forte isso em mim (...) cada vez que o Congresso se reúne para votar a reforma da Previdência, você não imagina (...) é como se tolhesse sua liberdade, você tivesse que decidir, não por você mesmo, mas por imposição, isso é crucial.

Em síntese, esta psicodinâmica de Ione vem ressaltar, segundo os postulados da Psicologia Analítica, que os produtos inconscientes são símbolos que se antecipam a algum

desenvolvimento psicológico que ainda não ocorreu (JACOBI, 1990). Concorrem para a emergência do processo de individuação, que na definição de SHARP (1997) "é um processo de diferenciação psicológica que tem como finalidade o desenvolvimento da personalidade individual".

O quinto e último desenho de Ione mostra de fato, a perspectiva de integração do Ego com o Self, na medida em que o arquétipo do Animus ao mobilizar seu princípio masculino, constela também seu oposto, o feminino que está na Sombra. Ione quando comandada inicialmente pelo princípio masculino – Logos, simboliza o relacionamento humano numa equação matemática entre parêntese e elevada a potência 'n' .

Pensando representar a quantidade de pessoas importantes em sua vida, ela reforça como:: "O bom da fórmula matemática é que ela resume tudo com símbolos, contém tudo (...) A mulher mais o homem num parêntese elevado a potência 'n' (...) fórmula matemática ajuda a exemplificar as situações". Faz questão de reforçar que o homem mais mulher não significa produzir filhos: "é a quantidade de pessoas que conheço".

CIRLOT (1984), ao referir-se ao simbolismo da equação, diz que "admitindo a denominação da álgebra (igualdade contém incógnitas), a equação seria um símbolo tão importante como o da inversão. É o confronto dos equivalentes e pode-se dizer que só os iguais se encontram verdadeiramente".

Presa da armadilha que a sabedoria do inconsciente lhe preparara, ao terminar a equação, distancia-se corporalmente do desenho produzido, vislumbrando, então, uma "gestalt" diferenciada. Exultante, Ione vê no parêntese a possibilidade de transformação do mesmo em um coração, o que faz em linha pontilhada. Descobre a seguir, que o 'n' representa a inicial de parte de seu nome, a forma carinhosa como é tratada pelos mais íntimos. Se vê retratada no coração desenhado, acabando por nomear-se nesta totalidade:

> olha só! Isto sou eu. O que você fez para eu chegar a este resultado? Eu não imaginava isso quando comecei a desenhar a fórmula, que chegaria a isso. Mas eu me sinto este coração. A soma de muitos homens e mulheres, ou seja, elevada a potência 'n' dá uma multidão. Tem tudo a ver comigo. Minha vida são todas estas pessoas. Dizem que sou 'o coração da família' porque consigo reunir todo mundo.

O par de opostos representado pelo homem e a mulher em somatória, indicam a sizígia, ou seja: um termo aplicado a qualquer par de opostos quando referidos como um par, quer em conjunção, quer em oposição (JUNG,1985).

Jung concluía que as imagens do emparelhamento da sizígia masculino e feminino eram tão universais quanto a existência do homem e da mulher (...) Quando associados simbolicamente sugerem que, como parte do processo , eles precisam ser diferenciados e depois reunidos como um par de andrógino (SAMUELS *et al.*, 1988).

Esta diferenciação para depois integração faz lembrar dos relatos de Ione na entrevista, que dizem respeito ao resgate do feminino:

> foi muito frustrante, eu deixei muito este lado para realizar o que eu queria, o lado profissional, eu deixei muito este lado de mulher, feminino, o lado feminino foi deixado de lado muitas vezes, tem mulheres que não ligam para isso, tem mulher que luta para ser profissional, ela só sente bem com uma afirmação profissional, eu não, eu nunca estive aí, eu sempre tentei equilibrar os dois lados. Porque eu acho assim, você ser extremamente profissional, alguma coisa de frustrante está por trás disso.

Ou ainda:

> agora, eu deixei muita coisa que eu gosto por fazer, achando que talvez desse tempo depois de me aposentar, justamente este meu lado feminino, doméstico, gostoso, que eu acho que é da mulher, do relacionamento com o outro, com a família, isso aí é muito importante para mim.

Simultaneamente, também aparece no discurso de Ione um feminino desvalorizado, que tem que se contentar com posições de submissão ou então, que não é nem tentado como possibilidade. O que ela justifica, como sendo de bom senso:

> eu quis sempre ser uma boa profissional, sempre agi com muita responsabilidade, sempre fui muito eficiente, eu tenho noção disso, sem ser a melhor, nunca quis ser a melhor, eu quis ser boa profissional mas nunca a melhor, talvez pelo fato de estar trabalhando com homens, eu acho também que é um papel que também é reservado a ele, eu tenho o meu papel profissional de mulher, que às vezes é muito mais importante que o dele. (...) Eu me casei

com quarenta anos e meio com 'B'. Como 'B' veio com o filho, foi ótimo, porque eu achei que pela minha idade eu não podia arriscar ter filhos.

Em síntese, os dados da entrevista e do Procedimento de Desenhos-Estórias dão indícios de que Ione é uma pessoa de personalidade sensível, que sugere estar sendo afetada pelos símbolos do arquétipo da transformação, embora ainda não apresente energia psíquica suficiente para lidar com esta demanda inconsciente e que ela própria confirma: "eu não estou me preparando para aposentar [risos], eu acho que estou mais preparada para ficar do que para sair".

**QUADRO-RESUMO 7:** DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| INDICADORES | SUJEITO- ÚRSULA |
|---|---|
| Idade | 41 anos |
| Composição familiar | Casada, três filhos, mora com marido |
| Escolaridade | Superior |
| Cargo | Analista de Programas |
| Atividade Profissional Paralela | Não tem |
| Tempo de Trabalho | 25anos* |

*De acordo com a legislação brasileira vigente, possui tempo de serviço completo para pleitear aposentadoria proporcional (25 anos).

**QUADRO RESUMO 8:** ENTREVISTA - EXPECTATIVAS FRENTE À APOSENTADORIA

**SUJEITO-ÚRSULA**

| Unidade significativa | Unidade significativa Transformada | Síntese da Unidade Significativa Transformada |
|---|---|---|
| EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO | Úrsula decidiu pela aposentadoria proporcional justificando ter filhos pequenos (3,7 e 9 anos) e desejo de ter mais tempo disponível para eles. Quer fazer cursos de pós-graduação para melhorar sua qualificação profissional, visto ser ainda muito jovem (41anos) e ter vontade de voltar ao mercado de trabalho. Acredita que assim poderá "dar suporte financeiro, emocional e de ensino para meus filhos, por que a mãe que está envolvida com tudo consegue ajudar mais os filhos." Deseja continuar com sua ginástica, cuidar de si e da casa. Teme não conseguir organizar todas essas expectativas de forma equilibrada. "Eu tenho medo de deixar todo mundo em casa desnorteado". | Vivência de grande preocupação para com sua adaptação à realidade do lar, da família, do marido e vice- versa. Os receios e medos para enfrentar a nova situação sugerem ser maiores do que os benefícios. Contudo, parece impelida a buscar novos caminhos para si mesma. |
| AUTO- PERCEPÇÃO | Percebe-se vivendo um conflito cotidiano tentando conciliar o trabalho com a vida pessoal e familiar "não vejo a hora de me aposentar e acabar com isso". Tem medo de se aposentar e virar doméstica em casa, por isso decidiu fazer um curso porque sempre gostou de estudar. Possui preocupações em todos os níveis quanto a sua adaptação à nova vida. "Tem hora que eu estou muito animada, tem hora que eu sinto um pouco de vazio (...). Devia existir um preparo para a aposentadoria, tanto no nível físico, quanto no emocional, de tudo. Para as pessoas não se desesperarem". | Percepção de falta de preparo para enfrentar a situação pós-carreira, sugere ter vivido muito em função do papel profissional, precisará agora se adaptar, aprender a conviver com os outros papéis, o que teme não conseguir. |
| RESGATE DO FEMININO | Úrsula demonstra passar por uma fase de auto-avaliação. Diz que nunca teve tempo disponível para os filhos e que este "é o sonho de toda mãe (...) ter um pé lá fora e um em casa", embora "me dá um pavor muito grande pensar que serei doméstica". Continua desejando organizar a vida futura a partir dos parâmetros do trabalho, receando não conseguir "montar um horário e ficar em cima dele". Teme ter que submeter todos em casa aos seus ditames, sua estadia mais prolongada em casa foi nas licenças-maternidade e "era um revolução". Receia também não conseguir cuidar da aparência pessoal e dividir espaços com o marido. | Vivência angustiante diante da iminência de ter que conviver com as questões próprias do feminino (mundo das relações) com a qual ela não tem familiaridade. |
| SIGNIFICADO DA APOSENTADORIA | Em princípio, a opção de Úrsula pela aposentadoria proporcional é em função da reforma da previdência. Depois percebe na aposentadoria "um prêmio" por favorecê-la, ainda tão jovem, a poder cuidar dos filhos, estudar sem trabalhar (como fez durante toda sua vida), aproveitar seu potencial de trabalho no futuro e assim dar um futuro melhor para os filhos. Deseja agora ficar só estudando, com a segurança de já estar aposentada. | Embora tenha sido difícil decidir pela aposentadoria, neste momento ela acena como um passaporte para uma vida melhor no futuro. |

**QUADRO-RESUMO 9:** ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS CONJUGADA À ENTREVISTA

## SUJEITO - ÚRSULA

| UNIDADES DE D-E | TEMÁTICA | ASPECTOS DA ESTRUTURA INTERNA | EXPRESSÕES-RESUMO DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|
| 1ª. | Título da estória: "Minha vida". Úrsula desenha sua casa, seus livros, o marido e os filhos, ela fazendo ginástica e aprendendo a costurar. | Eixo Ego-Self sugere estar mobilizando a energia própria do princípio feminino-Eros que está na Sombra e bloqueada pela Persona. | -Vivência de medo e preocupações no enfrentamento do período da aposentadoria;<br>-Vivência de conflitos quanto às necessidades do princípio feminino; |
| 2ª. | Título da estória: "Meu passeio preferido". Desenho de um hotel-fazenda em que Úrsula e a família estiveram. Tem árvores, lago, quadras de esporte, piscina e é onde se sente segura. | O sistema Ego-Persona e a energia do princípio masculino-Logos precisaram ser ativados para garantir a fragilidade da estrutura subjetiva. | Vivência da aposentadoria como passaporte para novas experiências de vida. |
| 3ª. | Título da estória: "Meus amigos". Úrsula desenha a si própria sentada e os amigos dentro de um balão em seus pensamentos. | Identidade muito mais definida pelo sistema Ego-Persona. Aspectos de fragilidade do Ego e falta de energia para lidar com os aspectos externos de mudança. | |
| 4ª. | Título da estória: "Minha religião". Úrsula desenha-se sozinha no quadrante superior esquerdo, num ambiente onde, no meio há um círculo de pessoas estudando e crianças em salas ao lado. | Dinâmica dos opostos presente, constelando a função transcendente (a religião) como elemento que permite a transição dos aspectos inconscientes para a consciência. | |
| 5ª. | Título da estória: "Minha cama". Úrsula desenha-se deitada em sua própria cama, dizendo que "a melhor coisa do mundo é dormir tranquila". | Eixo Ego-Self mobiliza necessidade de enfrenta- mento do Ego para com o princípio feminino. Energia de Eros, que está na Sombra, como caminho para a individuação. | |

CASO ÚRSULA:

A entrevista de Úrsula começou pontuada pela sua dúvida quanto a pedir aposentadoria proporcional ou não, visto ter tempo para tal benefício, mas ser ainda bem jovem, 41 anos e perceber que a urgência de tal decisão tinha a ver, evidentemente, com o andamento que a reforma previdenciária vinha tomando nos últimos tempos.

Possuindo formação acadêmica nas áreas de história e química e uma trajetória de desenvolvimento profissional na área de informática, deixou entrever ao longo de sua entrevista, que o trabalho não ocupa atualmente seu centro de interesse, sugere estar mobilizada a buscar novas oportunidades de crescimento, como fazer um curso de mestrado.

Dois meses após essa entrevista, Úrsula decidiu pelo pedido de aposentadoria, às vésperas da reforma previdenciária em dezembro de 1998. Seguiram-se seis meses até ser possível a aplicação em Úrsula do outro instrumento dessa pesquisa, os Desenhos-Estórias. A essa época, ela afirmou estar cursando o mestrado, ainda como aluna especial, não tinha intenções até então de voltar a trabalhar, referindo algumas dificuldades em estar conseguindo a contento atingir as expectativas que tivera para a situação pós-carreira.

Na entrevista, Úrsula mostra em seus relatos seu despreparo para o enfrentamento da situação pós-carreira. Aparentemente, é seu desejo de resgate dos aspectos maternos que a mobiliza, fazendo optar pela saída do emprego, ainda tão jovem, para cuidar dos filhos ainda crianças (3,7 e 9 anos), denotando também certo sentimento de culpa:

> eu comecei a pensar que por meus filhos serem pequenos, eu deveria de alguma forma fica um pouco mais de tempo com eles. (...) Agora eles estão pequenos e faz mais sentido ficar com eles, porque tem aquelas cobranças de que a mãe não vai levar na escola e que pede e fica feliz quando a mãe leva, tem tudo isso.

Contudo, a dúvida quanto a esta opção, mostra um conflito, provavelmente entre um desejo genuíno deste aspecto materno e sua necessidade racional, conforme esta sua fala:

> por um lado era isso que eu queria, ficar mais tempo disponível para meus filhos, eu nunca tive esse tempo. E comecei a pensar: Qual o sonho de toda mãe que tem filho pequeno? Mas aí, eu comecei a pensar que eu tinha que fazer alguma coisa para mim.

Estas suas colocações na entrevista vão ao encontro da psicodinâmica de Úrsula retratada nos Desenhos-Estórias, em que, logo no primeiro desenho, aspectos da deusa Deméter sugerem se constelar, mas aparecem de forma cindida, sugerindo que é a deusa Atena a mais presente. Ou seja, Deméter aparece apenas enquanto função maternal que foi separada de Atena. Quando fala das coisas que deseja fazer no futuro, diz ser pensando nos filhos e no marido: "Quero estar bem com eles. Que tenham um pouquinho de mim, mas as coisas que eu quero, também têm que ser respeitadas. Não seria feliz se ficasse só por conta deles".

A pressão do lápis ao desenhar é exercida de forma alternada, ora com média, ora com pouca energia psíquica disponível, que associada à qualidade do seu traçado, levantam dados sobre a insegurança, dificuldade de adequação nos relacionamentos sociais, afetivos, tendendo a uma certa imaturidade afetiva. Os inúmeros retoques dão idéia de ansiedade, cautela e uma agressividade controlada. Na entrevista aparecem estes indícios quando pontua que:

> as preocupações são em todos os sentidos. Por exemplo, uma preocupação é do meu marido achar que agora estou muito folgada e começar a empurrar tudo, serviço de banco, tarefas pequenas que ele fazia (...). Existe uma preocupação também na divisão dos espaços, mas ao mesmo tempo, você não quer ficar na defensiva, tipo, 'não vem que não tem', porque muda também sua vida (...). Existe uma preocupação até no meu modo de vestir, porque quando a gente está em casa, a gente não liga, usa qualquer roupa, penteia o cabelo de qualquer jeito, sair na rua de qualquer jeito. Eu não gostaria de me acomodar numa vida desse tipo.

Úrsula em sua primeira estória sugere retratar sua insegurança e sua insatisfação consigo mesma, na medida em que, ao reproduzir sua casa, o faz não como ela é realidade, mas como desejaria que fosse: "ela é cor-de-rosa na realidade, mas, quando percebi eu fiz de azul e deixei assim mesmo".

A casa constitui um auto-retrato, elementos de fantasia do Ego, contato com a realidade, assim como a percepção da situação doméstica. Representada numa perspectiva em que o observador encontra-se abaixo dela e olhando para cima, sem nenhuma demarcação da linha de solo, suspensa no ar, induz a pensar em sentimentos de inadequação à realidade do lar. "Esta perspectiva é usada por sujeitos que se sentem rejeitados ou inferiores em sua situação familiar (...). A felicidade na situação familiar é considerada como algo difícil de atender" (HAMMER, 1991).

As janelas com grades no desenho de Úrsula são indicativos do desejo de proteção, reação sobre seus próprios impulsos. Este trecho da entrevista parece confirmar essa perspectiva:

> eu também tenho medo, assim, de me ver em casa e querer por ordem na bagunça que funcionou até hoje daquele jeito, mas que agora como eu estou em casa, eu quero assim, todo mundo vai ter que se submeter. Eu tenho medo de deixar todo mundo em casa desnorteado.

Entrar em contato com atividades típicas do feminino, como por exemplo, ficar em casa, cozinhar, cuidar dos filhos e marido, reativa aspectos do arquétipo materno que ela parece não valorizar, mas que agora estão sendo instigados pelo Self.

Nesta fala Úrsula demonstra estas dificuldades:

> as minhas estadias mais prolongadas em casa foram nas licenças-maternidade, então eu via que era uma revolução, se bem que com bebê novo já viu, né... (...).Tinha dias que eu trabalhava demais, chegava no final da tarde eu estava cansada e eu dizia, nossa! Se eu ficasse em casa não ia ser legal! Porque quando eu estou trabalhando eu consigo trabalhar e fazer uma porção de coisas em casa e parece que quando estou em casa eu trabalho muito e nem sempre as coisas aparecem.

Ou seja, para Úrsula ou se vive numa dimensão ou noutra, não consegue perceber que suas partes não são excludentes. Sua queixa mostra o quanto não aprendeu a construir a dinâmica pessoal e familiar junto com sua dinâmica profissional. Agora teme que ao retornar ao lar, esta dificuldade se evidencie. Não percebe que o Self lhe acena com a possibilidade de resgatar aspectos do arquétipo materno.

Observa-se que os cinco desenhos de Úrsula são células independentes. Em seu primeiro desenho, utiliza a superposição de cores (verde-azul) quando faz a árvore sobre a casa, o que pode indicar necessidade de esconder fortes sentimentos pessoais sob algum padrão de comportamento, provavelmente, o de profissional bem sucedida.

A construção da casa, por exemplo, mostra uma ausência de comunicação/integração dentro da própria dinâmica familiar e com o mundo externo, haja visto que as pessoas foram desenhadas fora da casa, mas, na estória, estão dentro, o que parece não fazer diferença para ela. É significativo, no primeiro desenho, o fato de Úrsula explicitar o desejo de se tornar costureira, tal qual a mãe. Desenha as peças de costura que está fazendo e comenta:

> É um sonho que me perseguiu toda a vida, sempre quis aprender de verdade. Olhar numa revista um modelo, sentar e fazer uma roupa que caísse como uma luva. Comecei a fazer um curso agora. Vou passar momentos bem tranquilos, aprender com calma, aquilo que eu sempre quis, vou chegar lá, costurar bem.

Isto sugere a dinâmica arquetípica da deusa Atena, conhecida também como a deusa dos trabalhos artesanais. A dimensão que a costura toma para Úrsula de atividade muito importante, simbolicamente pode ser a de 'costurar' suas próprias partes, tecer integrá-las num todo, que "caia como uma luva", que junte os fragmentos de si mesma.

Contudo, há dificuldade em perceber com clareza a realidade interna da externa, o que pode ser confirmado nos desenhos de figuras humanas com ausência de mãos, olhos fechados, ausência de pupilas. Desenhadas em marrom, indicam a perseveração em certo estado emocional, embora o marrom tenha também a função estabilizadora e, associado à figura humana demonstra dificuldade de aproximação de contato, grau de resistência e oposição. Resiste às excitações novas e não habituais (LOURENÇÃO VAN KOLCK,

1984), tal como demonstra em sua entrevista frente ao aposentar-se e ficar em casa: "eu tenho medo de deixar todo mundo em casa desnorteado".

A tônica de seu discurso na entrevista é não conseguir administrar o tempo, receia se desorganizar frente às tarefas que planeja para depois de aposentada - estudar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, fazer ginástica e costurar. Para o sucesso dessa empreitada relata: "decidi montar um horário de quais dias que eu vou fazer o almoço (...) montar um horário e ficar em cima dele".

Esta dinâmica de Úrsula pode ser correlacionada à sua busca de investimento futuro e decisão, depois de muita indefinição e avaliação consigo mesma de seu potencial para continuar estudando e de suas áreas de interesse, assim como avaliação com diversas pessoas dessas áreas, optando por investir em um curso de mestrado, na área de Planejamento Urbano. Planejamento urbano, lembra um plano mestre de orientação, diretrizes básicas, recursos, necessidades e potencial de desenvolvimento auto-sustentável de uma cidade. Esta sua meta racional de desenvolvimento pode ser comparada, simbolicamente à sua própria meta, ao chamado do Self para um ordenamento psíquico na segunda metade da vida, visando um desenvolvimento integrado entre as partes, até agora vivenciadas de forma estanque e aparentemente incoerentes. O relato abaixo de Úrsula na entrevista, acerca do que estudar logo que se aposentasse, visto perceber-se como "uma colcha de retalhos", demonstra uma preocupação em integrar suas potencialidades: "eu fiz uma avaliação da minha vida acadêmica toda (...) a minha vida profissional foi uma salada, estudar o quê?" Ou ainda:

> estabeleci uma meta. Estudar (...) tem momentos que eu estou me sentindo assim, ao mesmo tempo que estou muito animada, tem hora que sinto um pouco de vazio, eu quero fazer tanta coisa ainda, tipo assim, como vou encaixar os meus horários com os dos filhos, da minha natação, do trabalho em casa, do estudo (...) se eu não ficar esperta, for organizada, não vou conseguir fazer todas as coisas que desejo.

Esta colocação de Úrsula leva à hipotese de que ela acredita precisar levar para dentro de casa, para sua vida com os filhos, o marido e a empregada, seus padrões de funcionamento enquanto profissional. Fica patente sua preocupação e a importância que

atribui ao controle e à organização dessa nova etapa da vida: precisa levar tudo isto para a dinâmica familiar porque é a forma como conseguiu até hoje enfrentar o mundo.

O envolvimento externo de Úrsula com uma atividade de estudo dessa natureza, talvez seja para facilitar sua necessidade de organização interna, conduzi-la a construir uma arquitetura psíquica que reclama seu potencial de auto-realização.

O sistema Ego-Persona sugere bastante mobilização, na medida em que sua grande preocupação com o corpo parece muito mais ser uma preocupação de Persona. Não deixar de fazer ginástica, ou seja, o resguardo da atividade física é visto mais como benefício para a sáude corporal, como aparece nesse trecho da entrevista:

> tem a hora da minha ginástica que eu não largo. Atualmente faço aqui em "X" no horário de almoço e que vai me fazer muita falta se eu cortar, tenho que arranjar outro horário, porque se eu não ficar esperta, for organizada, ela vai ficar de lado.

Esta temática aparece outra vez no primeiro desenho de Úrsula quando ela se desenha fazendo ginástica e na estória conta que fazia na hora do almoço na própria instituição de trabalho, que este horário estava incorporado à vida dela e, agora que se aposentou quer ver se volta a praticá-la lá mesmo. No desenho levanta halteres, como quem coloca à prova sua resistência e/ou equilíbrio corporal:

> aqui sou eu fazendo ginástica, que é outra coisa que não concebo minha vida sem atividade física. Há dez anos exerço atividade física regularmente. Então, nesta minha nova etapa da vida, eu temo não saber coordenar meu tempo, mantendo esta atividade que eu gosto tanto. Eu fecho os olhos e me vejo fazendo ginástica.

Os seus desenhos de figuras humanas apontam para um esquema corporal imaturo, sugerindo uma imagem corporal deficitária, em que a atividade física aparece talvez como um mecanismo que o sistema Ego-Persona utiliza para lidar com essa diminuição do Ego corporal ou quem sabe até uma vivência de estranhamento quanto ao seu potencial. Nesse sentido, Úrsula necessita triangular através do 'halteres', força para sustentar as novas demandas internas mobilizadas pelo Self.

Esta dificuldade, assim como o receio da perda do encanto feminino e a preocupação com a aparência aparece neste trecho da entrevista quando fala das mudanças que a aposentadoria traz:

> porque muda sua vida. Então existe uma preocupação com o meu modo de vestir (...) Então, o que fazer para manter um certo equilíbrio? (...) Eu digo que devia existir um preparo para isto, tanto neste nível físico, quanto no emocional, de tudo, para as pessoas não se desesperarem.

Necessita do ambiente externo para assegurar-se de seu valor. Quando fala de aposentar-se aos 41 anos, refere que: "é, pega até mal, os outros dizem: mas já? Aí eu digo: comecei cedo", como quem precisa justificar até para si mesma o seu direito.

E aí, de novo, entra sua necessidade de 'costurar', precisar juntar estas partes para alcançar o equilíbrio. O Self simbolicamente lhe instrumentaliza da técnica, é Atena enquanto artesã que dirige esta possibilidade de resgate da unidade, a partir da costura entre as partes: "é um sonho que me perseguiu toda a vida (...) sentar e fazer uma roupa que caísse como uma luva".

Na segunda produção, o que chama a atenção é a temática de sua casa não ser segura. Úrsula refere que o desenho é um hotel fazenda, e que "é num lugar como este que a gente se sente seguro (...). Quando saímos de casa tem sempre que arranjar gente para tomar conta da casa, para ficar de guarda".

Embora não retrate a si mesma, nem seu marido e filhos no desenho diz na estória que todos estão lá, cada um envolvido com uma atividade diferente. Não tem atividade em comum, assim como não conecta o caminho que sai do hotel a lugar nenhum. Esta falta de rumo sugere uma insegurança que parece estar ligada à sua preocupação em se organizar para o depois de aposentada, é uma questão muito mais orientada pela lógica de Atena, pela necessidade de estruturação formal do futuro. Na medida em que, do ponto de vista psicológico possui dificuldade em lidar com as decorrências de tal fato (ficar em casa mais tempo, estabelecer outro nível de relacionamento com o marido, com os filhos e a empregada), não se sente estruturada para tal.

A insegurança aparece também quando se refere às pessoas que lhe dizem não ver a hora de se aposentar: "era muito fácil de falar, mas não é fácil na hora que você vê que a sua vida vai mudar (...) a gente vê que não é tão simples assim, vou ter que aprender a ficar em casa".

Já na segunda produção em que Úrsula conta a estória "Meu passeio preferido", ela indica retornar e organizar a insegurança de um Ego frágil, mas com flexibilidade para adaptação, fundamenta de forma socialmente aceita que aonde mora é perigoso.

Na terceira produção, intitula a estória de "Meus amigos", em que expõe seu receio de perder a conexão com aqueles que durante tanto tempo fizeram parte de sua vida. Desenha-os dentro de um círculo, mostrando a si mesma pensando neles, percebendo que, para manter os laços de amizade vai depender muito dela: "nesta minha nova organização de vida, como sobrar tempo para ligar para um ou outro, mandar um cartão de aniversário, de natal, continuar com os elos. Eu sei que eles estão lá, mas vai se perder se eu não persistir nestes contatos".

Mais uma vez, Úrsula demonstra que sem o seu papel profissional, sua estrutura de identidade foi abalada. Parece achar que ela só faz parte das relações com o outro enquanto profissional, que as relações não são bilaterais. Precisa aprender que ela é a fonte das relações na totalidade de papéis que pode comportar.

Os desenhos de figuras humanas em forma de palito aparecem freqüentemente sugerindo relações interpessoais muito desagradáveis (LOURENÇÃO VAN KOLCK, 1984), aspecto que é fortalecido nos desenhos de Úrsula pela ausência de mãos, ausência de rosto dos amigos, podendo, no seu caso, significar também aspectos defensivos.

No quarto desenho, conta a estória "Minha Religião", sugerindo sua necessidade de desenvolvimento espiritual, de se envolver com o outro que precisa de ajuda, de fazer caridade. Percebe-se muito bem nesta atividade, ressalta ter feito isto na juventude, mas tem dúvidas se ela muito mais que ajudar o outro, precisa ser ajudada. Acha que tem muito o que aprender:

> o que eu vejo, me analisando, é que eu sinto vontade de ir fazer caridade, mas sinto uma necessidade de conviver com donas-de-casa, de aprender muita coisa no sentido de como se alimentar bem e de forma econômica. Eu questiono a ideologia destes programas, e no fundo não vou. No fundo acho que quem está precisando sou eu e não os outros.

Se vê ao mesmo tempo num papel passivo, dentro do círculo, recebendo 'as graças' da religião e num papel ativo, fora do círculo ajudando os outros. Ao dizer que resgatar sua religião é sua preocupação neste momento de transição, "pensamos na existência de uma força transcendente que chama por nós, ou expressa alguma coisa através de nós, uma força que dá significação" (HILLMAN,1984).

A imperiosa necessidade de conexão interior aparece aqui de forma ritualizada, ao que HILLMAN (1984), acentua ser "existente em nós como um símbolo da humanidade comum a todos os homens, remitologiza o curso dos acontecimentos devolvendo numinosidade às coisas do mundo". Entrevê-se aqui, a religião como a função transcendente, aquela que permite a transição de aspectos inconscientes para a consciência, ou como descreve SAMUELS (1989): "serve de intermediária entre a pessoa e a possibilidade de mudança fornecendo não uma resposta, mas sim uma escolha".

Úrsula atua nas duas polaridades: o que ajuda e o que é ajudado. Ao dizer que no fundo quem está precisando da religião neste momento é ela e não os outros aponta para o seu mundo de experiências, confirmando o que JUNG (1991a) diz sobre a função psicológica e 'transcendente' "que aparece como uma das propriedade características dos opostos aproximados".

"Experiência e sofrimento são palavras de há muito tempo associadas à alma", conforme HILLMAN (1984)), que entende a alma não como um conceito, mas um símbolo.

Pode-se inferir a partir da estória de Úrsula, sua tentativa de buscar na religião, tanto uma forma de conexão interior consigo própria, quanto de conexão exterior com a humanidade. Esta necessidade pode ser vista no trecho de sua entrevista quando fala das preocupações para com o período de aposentadoria, revelando que: "estou tentando me

preparar para não ser uma coisa muito chocante (...) De vez em quando me dá uns nós, assim do tipo: me aposentar com 41 anos?".

O quinto desenho de Úrsula mostra uma cama com ela deitada sozinha, ocupando o lado direito inferior do 3°.quadrante e lado esquerdo do 4°. quadrante, bem no centro inferior da folha. Aponta para a necessidade de fuga de uma realidade desagradável, mas a forma de vivê-la continua sendo no plano concreto, consciente, embora esteja sendo incitada simbolicamente também a buscar claramente a paz, sabendo que a jornada só pode ser empreendida de forma solitária.

O quarto indica o lugar em que as pessoas podem entrar em contato com seus sentimentos de forma fiel, real e verdadeira. É um lugar em que, ao fechar a porta para fora, permite-se abrir a porta para dentro de si mesmo.

Pode-se pensar no processo de individuação se impondo como uma necessidade urgente de enfrentamento do Ego com a energia de Eros, do princípio feminino, que sugere estar na Sombra. Talvez, por isso, haja indícios de depressão. O arquétipo de Animus e a energia do princípio masculino que ele mobiliza precisou ser evidenciado em demasia frente às exigências do seu papel profissional, exercendo assim um autocontrole excessivo dos aspectos do feminino. A Sombra enquanto aspectos ocultos ou inconscientes de si mesmo, não é "apenas o reverso sombrio da personalidade. Consiste, também, em instintos, habilidades e qualidades morais positivas que foram de há muito sepultadas ou que nunca tornaram conscientes" (SHARP, 1997). Ou conforme JUNG (1985) coloca:

> O processo que nos leva a um acordo com o Outro dentro de nós é sumamente válido, porquanto através dele chegamos ao conhecimento de certos aspectos de nossa natureza que jamais permitiríamos que outros nos mostrassem e que nós mesmos jamais admitiríamos.

Contudo, estes agora reclamam por atuação, a polarização do aspecto racional reivindica o resgate de Eros, o desenvolvimento da espiritualidade, conforme também ilustra em sua terceira estória, "Minha religião", em que ela não consegue se ver num lugar definido, está dentro e fora do círculo de pessoas envolvidas com o ritual do espiritismo.

Num "flash" de consciência denuncia: "No fundo acho que quem está precisando sou eu, e não os outros".

**QUADRO-RESUMO 10:** DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| INDICADORES | SUJEITO- OLGA |
|---|---|
| Idade | 42 anos |
| Composição familiar | Casada, sem filhos, mora com marido |
| Escolaridade | Superior |
| Cargo | Programador de Computador |
| Atividade Profissional Paralela | Não tem |
| Tempo de Trabalho | 25 anos* |

*De acordo com a legislação brasileira vigente, possui tempo de serviço completo para pleitear aposentadoria proporcional (25 anos).

## QUADRO RESUMO 11: ENTREVISTA - EXPECTATIVAS FRENTE À APOSENTADORIA

## SUJEITO - OLGA

| UNIDADE SIGNIFICATIVA | UNIDADE SIGNIFICATIVA TRANSFORMADA | SÍNTESE DA UNIDADE SIGNIFICATIVA TRANSFORMADA |
|---|---|---|
| EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO | Olga espera conseguir continuar trabalhando depois de aposentada, embora acredite ter menos chance no mercado de trabalho por ter 42 anos. O marido deseja adotar filhos mas ela ainda não se sente preparada para isto, para adotar acredita que não poderá trabalhar e isto ela não quer. Se não fosse a reforma da previdência, não aposentaria agora, porém, tem medo de futuros prejuízos. Quer contudo, estar livre para o caso do marido querer mudar de emprego, ela poder acompanhá-lo onde for. Pensa em fazer algum trabalho social como voluntária no futuro. | O futuro lhe parece uma incógnita, visto não desejar adotar filhos, nem parar de trabalhar, mas tem consciência das conseqüências decorrentes da reforma previdenciária e do desemprego estrutural na sociedade. Contudo, aceita não trabalhar, caso seja preciso acompanhar o marido em função das atividades dele. |
| AUTO PERCEPÇÃO | A principal preocupação de Olga é: "Eu vou ficar em casa fazendo o quê?". Vivencia o temor de que, se não tiver o que fazer, vai ficar doente, se reportando à uma situação no passado em que estava no exterior sem trabalhar e foi muito difícil: "Eu não podia ficar 'à toa' de jeito nenhum, ia morrer de tédio, de depressão (...) O trabalho faz parte da minha vida"..A única coisa que justificaria se aposentar e ficar em casa seria um filho mas "ainda não é algo que eu esteja madura para isso". Não consegue se enxergar fora do contexto do trabalho, já pediu para o chefe permitir que ela trabalhe de graça depois de aposentada. "Apesar de não ter 20 anos, posso dar muito de mim". Não lhe atrai atividades de ginástica, aprender pintura, tocar um instrumento musical. | Olga não se percebe em outras dimensões vivenciais além do papel profissional que exerce. Tudo que faz sentido gira em torno do trabalho, por causa dele e em função dele. |
| RESGATE DO FEMININO | Olga organiza todas as suas atividades enquanto dona-de-casa aos sábados, para visitar os parentes no domingo. Não teve filhos "não é porque não quis ter, eu não tive mesmo". Ainda não aceitou a idéia da adoção por achar que criança adotada precisa mais da presença da mãe do que filho normal. Teme não dar atenção suficiente para a criança por estar trabalhando e quando ela e o marido morrerem a criança ficar sozinha. | Aspectos próprios do feminino não foram ainda mobilizados para desenvolvimento tais como: a maternidade, outras relações interpessoais além daquelas do trabalho, atividades artísticas e de lazer menos estruturadas, o retorno ao lar enquanto contexto prazeiroso. |
| SIGNIFICADO DO TRABALHO | O trabalho sempre ocupou posição central na vida de Olga: "Porque para mim trabalhar é uma questão de sobrevivência mental". Passou toda a juventude na Instituição "X", conheceu "o marido lá e todos os meus amigos eu fiz aqui dentro". Para ela o trabalho significou crescimento pessoal além de profissional. | A identidade de Olga está centrada no aspecto profissional. Deixar de trabalhar significaria não sobreviver em outros contextos vivenciais. |

**QUADRO-RESUMO 12:** ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS CONJUGADA À ENTREVISTA

## SUJEITO - OLGA

| UNIDADES DE D-E | TEMÁTICAS | ASPECTOS DA ESTRUTURA INTERNA | EXPRESSÕES-RESUMO DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|
| 1ª. | Título da estória: "O que eu gosto de fazer". Olga se desenha sentada de frente para a tela do computador em sua sala de trabalho. | Sistema Ego-Persona mobiliza energia do princípio masculino-Logos, que atua de forma objetiva, linear e controlada. | Fragilidade dos limites subjetivos. Aspectos ambivalentes quanto ao trabalho: por um lado perder a carreira em função da aposentadoria é um fator desestruturador do próprio |
| 2ª. | Título da estória: "Eu e meu marido" Olga desenha-se de mãos dadas com o marido. Conta sobre o filho que cogitaram adotar, mas que não deu certo. | Arquétipo de Animus sugere atuar de forma defensiva, para evitar o confronto com arquétipo materno constelado na situação, mas que se encontra na Sombra. | sentido da vida; por outro, essa perda é aceitável no caso de acompanhar o marido em função do trabalho dele. |
| 3ª. | Título da estória: "Um sonho para outra vida". Retrata estar dentro de um navio ou avião, indo para a Rússia numa época passada. | Eixo Ego-Self mobiliza aspectos do princípio feminino, mas que estão na Sombra disponíveis "só em outra vida". | |
| 4ª. | Título da estória: "As pessoas especiais da minha vida". Retrata algumas pessoas importantes em sua vida familiar e amigos, dizendo que elas têm um lugar dentro dela. | Sistema Ego-Persona constela energia do princípio feminino-Eros, nas de forma coletiva. As pessoas ter um lugar dentro dela não significa integrar de forma pessoal a possibilidade do relacionamento com o outro. | |
| 5ª. | Título da estória: "Uma entrevista". Olga desenha a situação objetiva da entrevista. A sala, ela própria e a entrevistadora, preocupada se está ajudando. | A consciência racional afasta a possibilidade de confronto com toda e qualquer aspecto inaceitável para o Ego. Limita-se aos dados objetivos da realidade externa. | |

CASO OLGA

Logo no início da entrevista, Olga assinala a importância que atribui ao seu trabalho, a dimensão que ele ocupa em sua vida, quando refere "a minha juventude toda eu passei aqui dentro de "X", meu marido eu conheci aqui, todos os meus amigos eu fiz aqui dentro".

Fez o curso de Física na graduação e dentro do seu ambiente de trabalho teve acesso a fazer cursos de mestrado e doutorado, mas preferiu não fazê-los, embora tenha feito paralelamente muitos cursos de especialização na área de Programação de Computadores. Preferiu acompanhar o marido em seus estudos avançados fora do Brasil. No entanto, ao referir-se à essa experiência , Olga coloca que foi algo muito difícil: "lá no exterior, eu trabalhei dentro da Universidade, mas no restaurante, porque para mim trabalhar era uma questão de sobrevivência mental, eu não podia ficar 'à toa' de jeito nenhum, ia morrer de tédio, de depressão".

Apesar de frequentar aulas de inglês, refere que sentia muita falta de "X", das pessoas, do trabalho em si. Contudo, esta importância atribuída a "X" mostra-se contraditória em outro trecho da entrevista, quando diz: "o trabalho aqui em "X' sempre foi um crescimento, tanto na parte profissional como na parte pessoal.(...) mas eu acho que de tudo isso o melhor que sobrou para mim de "X", foi meu marido".

Olga sugere depositar no marido todas as suas expectativas, o sentido da própria vida. Sobre a aposentadoria, refere que ele chegou a conversar com ela várias vezes, porque ele tem vontade que ela aposente para que possam adotar uma criança já que nunca conseguiram ter filhos, mesmo fazendo todos os tratamentos. Contudo, mostra-se bastante arredia a esta questão, como veremos mais adiante na discussão dos resultados da técnica de investigação psicológica. Na entrevista resume este fato dizendo: "não quero ficar, resumir o resto da minha vida dentro de casa, de jeito nenhum, isso eu não quero".

Já está procurando formas de continuar trabalhando depois de aposentada, lá mesmo dentro de "X" ou em outro lugar: "agora imagine eu me aposentar hoje, vou fazer o quê? Porque está difícil hoje até para quem tem 20 anos, imagina para uma pessoa de 42 anos".

O seu receio de não pedir aposentadoria proporcionalmente agora é perder os benefícios que o atual sistema lhe confere, e como o marido tem planos futuros de ir trabalhar em outros lugares, ela teme não poder acompanhá-lo: "se ele tem essa idéia de fazer outras coisas, querer trabalhar fora, e existem muitas possibilidades para ele, ele também ficar amarrado aqui por minha causa não é justo e nem eu quero isso".

Considera vivenciar duas preocupações quanto ao fato de pedir aposentadoria ou não agora: "eu me aposentar e não ter o que fazer e eu não me aposentar e depois perder".

Olga sugere associar a idéia da aposentadoria à mesma experiência que teve quando viveu fora do Brasil: "vou ficar em casa fazendo o quê? Acho que vou morrer de depressão".

Para ela, a única coisa que justifica se aposentar seria o fato de ter filhos: "mas como eu não tenho filho, e só a hipótese de adotar um, que acho também que tem que ser uma coisa bem pensada e tudo".

Olga relata ainda que pelo marido, ela já teria se aposentado: "estaria fazendo um monte de coisas, estudando música, pintura, aprender um instrumento musical. Isto não me atrai, nunca fêz parte da minha vida, eu prefiro estar trabalhando, isto faz parte da minha vida".

Questionada sobre como utiliza seu tempo livre, refere ser difícil ter tempo livre, já que não possui empregada doméstica e é justamente nos fins de semana que ela ajeita as coisas em casa, faz compras, faz caminhada com o marido para distrair e vai até ... visitar sua família. Gosta de ler a revista 'Veja' toda semana, assistir a filmes na TV e "a única coisa que tiro religiosamente todos os dias, é meia-hora para fazer esteira dentro de casa".

À época da aplicação da técnica de investigação da personalidade, Desenhos-Estórias, Olga relatou que dois meses depois dessa entrevista, optou por aposentar-se, frente à reforma iminente do Governo naqueles dias de dezembro de 1998. Entrou com o pedido de aposentadoria, saiu de férias e logo que retornou seu processo já tinha sido

homologado. Não conseguiu, como planejara, automaticamente ficar trabalhando em "X". Procurou emprego no mercado, iniciou em uma empresa privada, relatando ter ficado lá apenas por uma semana por não se adaptar à esta nova experiência, que talvez estivesse qualificada demais para ocupar o cargo em questão. Neste meio tempo, acabou sendo chamada a trabalhar em uma instituição pública em que o ramo de atividade é semelhante ao de sua instituição anterior. Aceitou imediatamente a proposta de prestação de serviços, principalmente por nesta nova instituição possuir amigos e sentir-se familiarizada com o ambiente. Relata estar gostando muito dessa nova experiência, reiterando que o pouco tempo que esteve parada em casa não estava sendo bom para ela.

Na análise formal dos Desenhos-Estórias, observa-se quanto à localização dos desenhos na folha, que ela os realiza no quarto quadrante (canto superior esquerdo), denotando segundo LOURENÇÃO VAN KOLCK (1984), "passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva, nostalgia, desejo de retornar ao passado e/ou permanecer absorto em fantasia". As linhas dos desenhos apresentam-se de forma descontínua, pouco definidas, apontando para sentimentos de inadequação acompanhados por insegurança, indecisão e/ou medo de derrotas.

Relacionando-se o conteúdo dos discursos à qualidade e posição dos desenhos, nota-se que a vida de Olga é focada num objetivo único: tudo tem que ser perfeito, acabado, não existe lugar para a realização de várias coisas ao mesmo tempo, como por exemplo, mostra neste trecho de sua estória: "quero ser bailarina na outra encarnação, agora não dá mais (...) Tive vontade de tocar violoncelo e dançar". Quando a pesquisadora no inquérito pergunta porque não dá mais, responde: "porque isto tem que começar quando é criança, para ser perfeito tem que começar cedo. Agora não dá mais".

Em outro trecho da quinta estória relata:

> quando eu faço um trabalho eu gosto de fazê-lo perfeito. Eu sempre procuro dar o melhor de mim. Até mesmo em casa, tudo para mim tem que ser bem feito. Sinto-me bem assim. Meu marido já sabe, quando está vendo TV e quer que eu veja algo, ele grava para eu ver depois. Porque eu não paro o que estou fazendo, primeiro eu termino as minhas coisas.

O primeiro e o quinto desenhos e respectivas estórias, "O que eu gosto de fazer" e "Uma entrevista", retratam uma produção objetiva, Olga limita-se à situação de seu ambiente de trabalho na primeira produção e à situação concreta da entrevista na quinta, ou seja, à preservação do controle exercido no 'seu' mundo linear, prioritariamente descrito e não vivido:

> sempre trabalhei na área de informática. Sempre gostei disso, quando me aposentei há quatro meses atrás, não consegui viver longe disso (...) Eu fico pensando, será que eu estou ajudando, estou contribuindo para o seu trabalho? Se eu pudesse ajudar, seria ótimo para você. Eu gostaria de saber.

Nesta última fala, observa-se sua tendência de novo de controlar a situação, colocando-se apenas como alguém que está ajudando a pesquisadora e não como sujeito que sofre a ação.

Já no segundo, terceiro e quarto desenhos, projeta levemente em suas estórias, conteúdos subjetivos de ordem afetiva e emocional. A utilização apenas da cor verde em todos os seus desenhos pode estar ligada à inadequação, imaturidade do aspecto emocional, afetivo e social. Mas, segundo VAN KOLCK (1971), o verde significa também a força reguladora da afetividade,"a escolha pronunciada do verde significa igualmente hipersensibilidade, suscetibilidade aguda e angústia, como consequência de um exagerado autocontrole".

No primeiro desenho, retrata ela mesma sentada diante de um mapa-mundi na tela de um computador, trabalhando. Seu mundo circunscreve-se ao mundo da vida externa, mundo formalizado pela lógica, pela previsibilidade, pelo controle. Trabalha com informática exercendo a função de programadora, o que também pode exacerbar a utilização de sua energia psíquica através do Logos.

O segundo desenho de Olga mostra duas figuras humanas de mãos dadas no canto superior esquerdo - quadrante da fantasia, de forma esquemática - desenho em palito, em que o tronco é retratado através de figura geométrica, um triângulo, e os braços são em forma de palito. A figura que sugere ser do sexo feminino apresenta cabelos em desalinho.

A impressão geral do desenho denota falta de movimentos, figuras estáticas ou robotizadas, autômatas, suspensas no ar, sem mãos para contato ou pés para sustentação. Os olhos não apresentam pupilas, dando indícios de que o mundo é percebido de forma vaga, indiferenciada, imatura e egocêntrica. O pescoço longo e sombreado da figura feminina destaca-se no desenho. Como parte do corpo que controla a organização corporal e serve de ligação entre os impulsos instintivos vindo do corpo e o controle exercido pelo cérebro, em destaque pode indicar supercontrole do mundo anímico, sintomas somáticos nesta área. É encontrado em desenhos de pessoas, por exemplo, que têm dificuldade em integrar pensamentos com sentimentos e impulsos vitais. O tronco de todas as figuras de sua produção ou estão sob forma de palitos ou então conjugando quadrado com triângulo. Esta distorção na forma também nos indica descontentamento com o próprio corpo (LOURENÇÃO VAN KOLCK,1984).

Na estória do segundo desenho intitulada "Eu e meu marido", Olga conta o que chama de um "fato interessante", que sugere um conflito pelo qual passou há pouco tempo e como o resolveu. Sua fala mostra uma mulher conduzida pelo arquétipo de Animus, avalia uma situação sem parecer de fato ter se confrontado conscientemente com o seu conteúdo, emite opiniões, expectativas preconcebidas como para mostrar que está certa (WHITMONT, 1995): "você se lembra de na entrevista eu lhe dizer que nunca conseguimos ter filhos, mesmo com todos os tratamentos e a idéia de adotar sempre foi mais do meu marido do que minha (...) Então cogitamos adotar, principalmente meu marido".

A decisão de não se tentar mais ter os próprios filhos, buscar outras fontes de adoção sugere apaziguá-la, porque no fundo, o desejo genuíno de ter um filho parece ser mais do marido do que dela.

Nesse sentido, ela segue relatando que sua irmã soube de um casal em ... que queria dar o sexto filho para adoção, porque estavam desempregados e sem condições de assumir mais um filho. Olga e o marido tinham quatro dias para decidir se queriam ou não a criança:

> eu fiquei sem saber o que fazer. Conversamos muito (ela e o marido). Naquele momento eu reunia todas as condições para adotar. Estava sem trabalhar, acabara de aposentar-me, enfim, eu podia mudar totalmente a minha vida, adotando uma criança ou optar pela chance de voltar a trabalhar.

Esta situação parece de fato ter mobilizado Olga e pela forma como evoluiu, aponta como o arquétipo materno foi lidado, indicando que ela se recusa a entrar em contato com sua dimensão de Deméter até hoje subdesenvolvida. Há que lembrar, como anteriormente na entrevista ela reportava o fato dela e o marido nunca terem conseguido ter filhos:

> Eu não tenho filho não é porque eu não quis ter, eu não tive mesmo. Fizemos uma série de exames, inclusive eu cheguei a fazer inseminação artificial, mas não adiantou nada e, os médicos nunca souberam dizer o porquê. Se a gente tivesse algum problema seria mais fácil de resolver, mas quando não existe problema físico, não há como a medicina resolver, então ficou para lá.

O papel de mãe, que anteriormente cogitara assumir depois da aposentadoria, agora acena como impossível. Não dá para adotar uma criança já que, mesmo aposentada, resolveu continuar trabalhando, conforme conta em sua segunda estória: "porque para mim, ao adotar uma criança eu não poderia trabalhar mais, criança adotada requer mais atenção dos pais do que filho natural", refletindo aqui, a dúvida de sua capacidade de ser mãe - tem que dar mais do que sente ser capaz.

Projeta uma visão bastante linear e objetiva do mundo e de si própria, denotando imaturidade afetiva, dificuldades de relacionamento interpessoal que, associadas à dificuldade de integrar pensamentos com sentimentos e impulsos vitais, acaba por desenvolver comportamento emocionalmente dependente e ansioso, sentimentos de rejeição do ambiente, inferioridade, depressão, contrição e tendência ao isolamento.

Esta psicodinâmica de Olga demonstra que seu arquétipo feminino mais desenvolvido sugere ser o da deusa Atena. Uma deusa guerreira e que já adulta e inteiramente armada foi tirada da cabeça de Zeus, seu pai. É conhecida entre as deusas por sua inteligência e sagacidade. Simboliza a fecundidade intelectual e espiritual, a ênfase na

vida mental. Em contrapartida, a sua ligação com o corpo é débil: "tudo o que houver de meigo e feminino em sua feminilidade de donzela permanece oculto sob várias camadas de couraças protetoras" (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

Em sua relação com o sexo oposto, Atena prefere:

> amar, isto é, no sentido de uma amizade fraternal intensa, pois a deusa Atena rejeita o casamento e qualquer forma de sexualidade (...) é presente e inspiradora companheira espiritual dos grandes heróis, instando-os à argúcia e aguçando-lhes a inteligência prática (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

No mito grego, a deusa Atena porta armas e não tem um amante ou consorte, era considerada uma deusa virgem e personifica atributos femininos e masculinos em sua personalidade arquetípica. O fato de Atena, assim como sua irmã, a deusa Ártemis, "não terem se casado, significa, em termos psicológicos, que integram o masculino dentro de si mesmas e que não precisam de um homem como parceiro ou consorte para refletir ou apresentar qualidades do sexo masculino como agressividade, racionalidade e autoridade" (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

O mais interessante é que, se Atena vier a ter um companheiro, terá que ser um homem:

> que reflita sua consciência andrógina, um homem com um componente feminino vigorosamente integrado, capaz de cuidar emocionalmente de si e que prefira desenvolver projetos junto com ela ou relacionar-se com ela num plano intelectual (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

Estas considerações induzem a comparar a psicodinâmica de Olga com essa deusa e nos paradoxos da imagem tradicional de Atena que, se por um lado ostenta força, brilho e independência, por outro lado tem uma donzela vestindo uma armadura; como que ocultando uma vulnerabilidade de menina, de modo que:

> em sua androginia Atena esconde um conflito, uma tensão não resolvida entre se seu exterior "duro" e aquela parte de si que permanece oculta e impossibilitada de se expressar - podendo tornar-se fonte de grande insegurança no que tange a encontrar sua identidade feminina integral (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

Estes mesmos autores assinalam ter constatado esta psicodinâmica em grande parte das mulheres-Atena com as quais se depararam, ao que chamam de 'chaga de Atena'. Ou seja, ao permitir que um único arquétipo de deusa domine a personalidade, corre-se o perigo de viver de forma unilateral. No caso de Atena, condenada a ser crucificada em pares de opostos: mente-corpo, espírito-matéria e cultura-natureza, dando ênfase excessiva às coisas da mente, negando a realidade corporal.

Esta negação da realidade corporal também pode ser constatada nos desenhos das figuras humanas de Olga que são todas em forma de palito ou geométricas, o que confirma a distorção em termos de imagem corporal. Imagem corporal que, segundo LOURENÇÃO VAN KOLCK (1984) ao ser projetada no desenho equivale ao conceito de si mesmo.

Em síntese, a chaga de Atena - a negação do corpo, como reação compensatória ao desenvolvimento do espírito, do Logos - sugere ser a mesma vivenciada por Olga, visto que, na iminência de ter que lançar mão de seus aspectos maternais, isto a perturba muito, reativa a necessidade de suprimir aquilo que é instintivo e corporal, provoca desprezo pelos aspectos de Deméter e/ou Afrodite em sua natureza. Em outras palavras, reativa o complexo materno negativo, ao que WOOLGER & WOOLGER (1987) citando Jung, dizem:

> todos os seus instintos estão concentrados na mãe sob a forma negativa da resistência (...) Resistência à mãe enquanto útero é algo que tende a manifestar-se em distúrbios menstruais, incapacidade de conceber, aversão à gravidez, hemorragias e vômitos excessivos durante a gestação (...).

Olga, ao terminar sua estória, conta que ela e o marido foram conversar com o casal que pretendia doar o filho e a mãe da criança disse que definitivamente não ia dar o filho, que era o pai que queria fazê-lo, relatando assim, o fato:

> ficamos desapontados, foi um choque. Entendemos que este fato foi um sinal de que não era para nós fazermos isso, pelo menos por enquanto. Parece que este fantasma que eu carregava sumiu desde então, foi um alívio. Não fomos nós que decidimos que queríamos ou não o filho. A decisão surgiu naturalmente, acho que não era para a gente mesmo. Meu marido também compreendeu assim. Nós nos damos muito bem e vamos continuar deste jeito mesmo. Aí voltei a trabalhar e estou muito bem assim.

Em termos psicológicos, a consciência de Atena alinhada com o espírito e com o patriarcado, entra em conflito com uma camada mais profunda da psiquê matriarcal. Ao eximir-se da tarefa de vivenciar sua energia mobilizada pelo arquétipo materno - Deméter, doadora da vida e seu lado oposto, mas complementar, de mãe terrível, ela deixa de possibilitar a si mesma a quebra de sua armadura psíquica defensiva. Prefere projetar esta energia através de sua persona ou personalidade-pública, a mulher Atena ferida permanece para sempre incapaz de integrá-la internamente. Para tal, racionaliza a iminência do desejo do ser mãe, tão logo a família que propunha doar-lhe o filho, diz que não o fará mais .

WOOLGER & WOOLGER (1987) terminam sua abordagem sobre as 'chagas de Atena', dizendo que falta na psicologia e nos mitos de Atena, um modelo para a transformação da "donzela" que permanece dentro de si. À imagem arquetípica da donzela, talvez pudéssemos identificar com o desejo de Olga em outra vida ser bailarina, que aparece em sua terceira estória intitulada "Um sonho para outra vida". Nela, Olga relata o gosto por viagens, em conhecer pessoas de culturas diferentes e de quando assistiu ao balé de Bolshoi e teve vontade de dançar, de tocar violoncelo. A imagem de bailarina encarna a pura feminilidade, sua Anima, a sensibilidade, a leveza/beleza, a sensualidade, o senso estético que povoa o imaginário feminino e masculino. Este desejo percebido por Olga como totalmente incompatível para esta vida: "quero ser bailarina na outra encarnação, agora não dá mais (...) Na outra encarnação gostaria de morar na Rússia, admiro o balé de Bolshoi".

No corpo da bailarina, Olga simbolicamente representa todas as suas emoções. Faz dele o depositário, o comunicador de todas as suas emoções não vividas, faz dele o símbolo radical do princípio feminino.

Princípio feminino tão pouco desenvolvido, embora desejado, como atesta a terceira produção de Olga, em que expressa seu desejo de viajar para conhecer novos lugares e pessoas: "adoro viajar e encontrar pessoas diferentes", em que ela dá margem à fantasia, quem sabe até de resgate da qualidade conectiva de Eros, própria da mulher, e que segundo JUNG (1994) "é expressão de sua natureza real".

WOOLGER & WOOLGER (1987) finalizam pontuando:

> Atena se adaptou tão bem às estruturas patriarcais /intelectuais prevalescentes do mundo moderno, que a mulher-Atena incorporou alguns dos valores fixos de tipo "e/ou" ou "tudo/nada" dessa cultura em sua maneira masculina de estruturar o Ego. Algo dessa rigidez deve desaparecer antes que ela possa avançar dos valores imutáveis, eternos, da mente para os valores cíclicos da consciência matriarcal.

As colocações de Olga exemplificam esta forma de perceber o mundo: "porque para mim, ao adotar uma criança eu não poderia mais trabalhar, criança adotada requer mais atenção dos pais do que filho natural. (...) Eu podia mudar a minha vida, adotando uma criança ou optar pela chance de voltar a trabalhar".

Enfim, Olga parece necessitar do seu papel profissional para firmar-se como alguém vivo. O conjunto de sua produção, enquanto construções projetivas/subjetivas implícitas também no seu discurso, dá uma noção do quanto as dimensões criativas das deusas estão imaturas, pouco ou nada consteladas em Olga.

**QUADRO-RESUMO 13:** DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| INDICADORES | SUJEITO- ANA |
|---|---|
| Idade | 45 anos |
| Composição familiar | Casada, 01 filho, mora com marido |
| Escolaridade | Doutorado |
| Cargo | Pesquisadora |
| Atividade Profissional Paralela | Sim. |
| Tempo de Trabalho | 25 anos* |

*De acordo com a legislação brasileira vigente, possui tempo de serviço completo para pleitear aposentadoria proporcional (25 anos).

## QUADRO RESUMO 14: ENTREVISTA - EXPECTATIVAS FRENTE À APOSENTADORIA

### SUJEITO ANA

| UNIDADE SIGNIFICATIVA | UNIDADE SIGNIFICATIVA TRANSFORMADA | SÍNTESE DA UNIDADE SIGNIFICATIVA TRANSFORMADA |
|---|---|---|
| EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO | Ana planeja há cerca de três anos para este momento. Deseja dedicar-se mais à educação da filha (já planejada tardiamente e prevendo a aposentadoria logo), assumir outras atividades profissionais pelas quais procurou se qualificar (escrever mais livros, dedicar-se à docência, criar seu próprio negócio)para garantir, além da diversidade de atividades, maior remuneração e tempo livre. Comprou um terreno e deseja construir uma nova casa. Mais tarde quer se dedicar a atividades de caráter social: "(...) então, isso aí está dentro do âmbito das expectativas (...) que nem só eu me sinta mais feliz profissionalmente e também que dê frutos, que eu ganhe mais dinheiro para compensar tudo o que trabalhei e estudei até hoje". | Vivência otimista das transformações advindas da aposentadoria. Auto-confiante quanto ao pedido de aposentadoria precoce e quanto ao seu potencial. Planejamento e organização racional de vários aspectos vivenciais para enfrentamento do futuro. |
| AUTO-PERCEPÇÃO | Teme não conseguir administrar bem o tempo (percebe que o atual trabalho na Instituição é um organizador externo importante para ela). Não consegue se ver sem trabalhar, avalia o trabalho como essencial ao seu bem-estar. "eu não consigo me imaginar o dia inteiro em casa, nunca". Observa que está em mudanças há algum tempo. Teve a filha, está se cuidando mais fisicamente, parou de fumar. Tem consciência de que a mãe sempre lhe ajudou muito com a filha mas que agora ela tem que assumir mais esta tarefa. "geralmente sou muito otimista (...) acredito muito na força da gente, isso eu realmente sempre acreditei". | Vivência de automotivação para o crescimento, consciência das limitações, necessidade de novos desafios, sentimentos de segurança no enfrentamento do novo. |
| SIGNIFICADO DA APOSENTADORIA | Aposentadoria para Ana significa a possibilidade de se desvencilhar do vínculo formal exigido pela Instituição em que tem uma carreira profissional estável, mas que muitas vezes a aprisiona e desmotiva A opção pela aposentadoria proporcional é uma dádiva por viabilizar a exploração de seu potencial em outras atividades profissionais motivadoras e com benefícios em vários níveis de sua vida "(...) sinto que tenho muita coisa para fazer ainda, se tiver saúde, se eu tiver energia para fazer". | O evento da aposentadoria assume um caráter de liberdade, de possibilidade de alçar vôos maiores em termos profissionais e mais tempo livre para sua vida pessoal. |
| SIGNIFICADO DO TRABALHO | O trabalho sempre fez parte do universo de Ana, mas neste momento avalia que sua carreira em "X"está estagnada, fato que julga suficiente para justificar sua aposentadoria proporcional e buscar outras possibilidades de crescimento profissional, visto ter se qualificado para tal "(...) em princípio, continuar trabalhando é uma meta ta total". | O trabalho sugere ser a meta mais importante da vida de Ana. A identidade profissional ocupa a centralidade de sua vida. |

**QUADRO-RESUMO 15:** ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS CONJUGADA À ENTREVISTA

**SUJEITO - ANA**

| UNIDADES DE D-E | TEMÁTICA | ASPECTOS DA ESTRUTURA INTERNA | EXPRESSÕES -RESUMO DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|
| 1ª. | Título da estória: "Meu futuro próximo". Ana desenha a casa que pretende construir e que na paisagem está no alto e em meio a árvores com sol atrás da montanha, presença da figura da filha, do marido e dela própria. | Identidade muito mais definida pelo sistema Ego-Persona. Eixo Ego-Self mobiliza arquétipo de transformação mas é bloqueado por aspectos de Sombra. | -Organização racional de estratégias de enfrentamento do futuro;<br>-Auto-confiança no próprio potencial;<br>-Resgate de aspectos do princípio feminino;<br>-Necessidade de novas experiências no âmbito profissional. |
| 2ª. | Título da estória: "O que eu receio". Desenho de caminho interligando seu apartamento à casa da mãe, com ela no carro, árvores e figura da filha e da mãe. | Atuação do arquétipo de Animus, em que a energia do princípio masculino-Logos aparece de forma defensiva, definindo o futuro de Ana. | |
| 3ª. | Título do desenho: " É o que eu quero no fim". Paisagem de montanha, com árvores, cachoeira, hotel, Ana descansando no jardim e a figura da filha com presente na mão. | Atuação do sistema Ego-Persona, utilizando a energia do princípio masculino-Logos como defesa para lidar com complexos reativados pelo arquétipo paterno. | |
| 4ª. | Título da estória: "Um intervalo e uma interrogação". Desenho da chácara da mãe de Ana com casas, cercada de muro e portão fechado. | Aspectos negativos do arquétipo paterno que estão na Sombra reativam complexos buscando atualização desses conteúdos. | |
| 5ª. | Título da estória: "Um passeio". Paisagem de montanha, com hotel, lago, sol e avião que conduzirá Ana, sua mãe e sua filha em viagem há muito desejada. | Constelação do arquétipo materno. | |

CASO ANA:

"Em princípio, continuar trabalhando é uma meta total". Esta frase de Ana, à época da entrevista, resume a tônica de todas as suas expectativas frente à aposentadoria. O trabalho sempre assumiu uma dimensão central em sua vida:

> eu comecei a trabalhar com seis anos de idade, é tanto que a minha filha hoje em dia só fala em trabalhar, Para a gente é uma coisa importante, então, pelo contrário, eu quero muito mais agora.

Assim sendo, dois meses depois da presente entrevista e aproveitando-se das questões da reforma previdenciária, Ana tratou de aposentar-se proporcionalmente.

Mostrando incorporar em seu estilo a faceta do arquétipo de Atena e sua facilidade em dominar a linguagem e argumentar, coloca:

> eu já escrevi dois livros (...) então tenho como projeto escrever mais dois e quero como atividade também, escrever artigos para o exterior; no Brasil há carência de publicações científicas na área espacial.

Demonstra possuir um ego forte, espírito de luta, pleno controle de seus sentimentos e não terá sido por acaso que, além de ter desenvolvido seu lado de pesquisadora, Ana como carreira abraçou o campo das letras. Tem na palavra um de seus instrumentos mais poderosos, tornando-a uma arma de combate:

> sempre exerci atividades de ....., mesmo trabalhando num órgão de pesquisa e aí eu tive a oportunidade de fazer cursos de especialização, mestrado e doutorado e com tudo isto eu consegui criar uma vida bem ativa fora de 'X' também, apesar de estar a "X" vinculada.

É uma profissional bem sucedida e empreendedora, encarnando o lado juvenil e concomitante idealismo de Atena, mostra-se "impelida por um senso de compromisso com o propósito maior, por uma preocupação efetiva pelo bem-estar da comunidade em que mora ou da humanidade como um todo" (WOOLGER & WOOLGER, 1997), conforme constatado nos trechos abaixo de sua entrevista, quando justifica querer trabalhar em cursos de graduação e de desde a juventude ter sensibilidade para as questões sociais:

> eu espero poder contribuir para a formação de jornalistas mais críticos, menos passivos em relação às coisas do governo e, principalmente nesta área de ciência e tecnologia que é pouco conhecida da população (...) Eu vejo uma sociedade que deve ser bem informada sobre o que é ciência e tecnologia, poder contribuir para ela, que se tenha influência sobre essas questões, que as pessoas tenham uma participação mais cidadã nestas coisas (...) a minha parte é deixar as pessoas esclarecidas do que está acontecendo agora. em relação a questão social, eu acho que deveria dar um pouco do meu tempo para isso também.

As exigências de uma trajetória intelectual, de progresso profissional e a independência de Ana dentro de um contexto de trabalho marcadamente patriarcal, conduziram-na a buscar a maternidade, qualidade do arquétipo de Deméter, apenas mais tarde em sua vida. Este fato, sugere ter sido, no entanto, um plano mais racional para a segunda metade da vida, na medida em que, ao perceber, segundo ela, que faltava dois anos para aposentar-se proporcionalmente, como é uma pessoa 'previdente', começou a pensar com seria isso:

> entre outras coisas, eu resolvi ter uma filha, coisa que eu não tive até hoje, um filho por vontade própria eu nunca quis ter, por que sempre viajei muito, sempre tive mais vida profissional, uma vida também envolvida com associações, sindicatos, muito ativa, então, eu achei que se tivesse filho um dia ia ser em idade avançada mesmo.

Este aspecto de Deméter, negligenciado até então, por Ana, veio equilibrar, ao que tudo indica, a unilateralidade da consciência, em que havia uma identificação inconsciente, talvez exclusiva, com a energia de um único arquétipo de deusa, no caso de Atena, em detrimento ou negação das energias das outras deusas (WOOLGER & WOOLGER, 1987) como mostra a fala de Ana a seguir:

> eu acho que a gente quando é jovem, ter um filho, principalmente para mim que sempre fui uma pessoa muito ansiosa, muito agitada, eu acho que ia ser muitas vezes um estorvo e hoje não, eu tenho mais sossego (...) Eu vejo primeiro que vou ter tempo para a minha vida pessoal, para minha casa, para minha família, para minha filha e, eu acho isso muito gostoso na minha idade.

Contudo, tudo aquilo que emana do mundo doméstico ou maternal não sugere atrair Ana, como ela própria assinala:

> eu não consigo me imaginar o dia inteiro em casa, nunca. (...) A gente quando é mulher, muitas vezes tem que em certos momentos da vida, dar mais espaço para um ou outro papel, mas sinto que vou dividir isto meio a meio. Não consigo imaginar, eu ... (pausa) por exemplo, sendo só mãe.

O trabalho assume para Ana uma dimensão além de importante, também de prazer: "eu me divirto muito trabalhando, Não faço aquela separação entre trabalho e lazer".

À época da aplicação da técnica de investigação da personalidade, cerca de cinco meses depois de aposentada, ela se mostrava já bem engajada em suas novas atividades de trabalho, no entanto, demonstrava estar mobilizada por outras questões vivenciais, embora, de certa forma, decorrentes também da sua aposentadoria. Logo na chegada, responde à saudação da entrevistadora (Como está você?), dizendo que poderia estar melhor, mas que o marido estava 'cobrando' muito que ela ficasse em casa: "não entende porque não posso ficar quieta em casa cuidando de tudo".

Nesse sentido, seu material reflete como está se organizando neste novo período vivencial, como vem respondendo às colocações que ela mesma refletia na entrevista sobre estar ou não preparada para aposentar-se: "a gente dizer que está preparada emocionalmente, só vou saber depois, embora eu ache que sim (...) acho que é igual casamento, a gente só sabe como é morando junto". Ou ainda neste trecho: "eu tenho expectativas muito boas, eu não posso ter certeza absoluta do que vai ser, mas pelo menos eu vejo um caminho pela frente.

Na análise formal dos Desenhos-Estórias, a relação dinâmica do sujeito com o ambiente e a forma como está reagindo às pressões do mesmo, podem ser observadas a partir do grande espaço ocupado na realização dos desenhos, denotando sentimentos de expansão e evidência de agressão, falta de controle e inibição, narcisismo e idéias de grandeza que podem encobrir sentimentos de inadequação (VAN KOLCK, 1994).

Nesse sentido, a presença de um sol cor-de-rosa pode indicar sentimentos de depressão, anulação da agressividade, no sentido de luta, garra. Há que notar, que as casas do primeiro, segundo e terceiro desenhos são feitas no alto. A perspectiva das casas como se fossem vistas debaixo, denota sentimentos de inferioridade na situação doméstica. Para HAMMER (1991) isto pode ser uma forma de transmitir a percepção de uma situação com a qual o sujeito se sente incapaz de lidar ou em que os sentimentos de conforto são inatingíveis na relação com as pessoas com quem convive. A casa dá idéia de ser muito clara, com muitas janelas; o que também pode estar indicando necessidade de contato e de estar acima e além do outro, para compensar os sentimentos de inadequação e menos valia.

Em relação ao grafismo, apresenta boa energia psíquica, vitalidade, decisão, iniciativa, confiança em si, onde seus traços/linhas apontam sinais de agressão e hostilidade para com o ambiente, esforço para manter o equilíbrio, inadaptação (LOURENÇÃO VAN KOLCK, 1984), em que parece sentir muito a pressão do meio sobre o modo como vive. Pela expressão e tamanho também dos olhos, sugere sentir-se muito invadida e exposta:

> vou falar uma coisa que ainda não contei a ninguém. Eu tenho medo de me separar do meu marido. Não, é diferente. Eu tenho medo de ter que tomar esta decisão. Tenho brigado muito com ele. Ele é machista. Ele tem me cobrado muito ficar em casa (...). Ele achava que quando eu aposentasse, eu ia ficar em casa.

Embora seus desenhos tendam à expansão, ou seja, ocupem toda a folha, os inúmeros detalhes dos mesmos podem ser indicativos de retraimento, para encobrir sentimentos de inadequação e/ou imaturidade afetiva. Nos personagens de seus desenhos as mãos não aparecem, indicando claramente dificuldade de contato social nas relações interpessoais e presença, outra vez, de sentimentos de inadequação e baixa estima (HAMMER, 1991).

Os olhos das figuras humanas chamam a atenção. Ana ao desenhar primeiro os olhos para depois o corpo, induz a concluir que tem uma percepção clara de sua situação. Os olhos enquanto "janelas para o mundo, espelhos da alma" são, segundo CIRLOT (1984), a "clara visão das coisas em oposição à cegueira de si, a clareza da consciência em oposição às trevas da inconsciência".

Tudo indica que Ana se identifica com a menina dos desenhos que aponta como sendo a filha na idade adulta (hoje tem quatro anos). Os títulos das estórias remetem sempre a um tempo no futuro: "Meu futuro próximo", O que eu receio", "O que eu quero no fim", "Um intervalo e uma interrogação" e "Um passeio".

No primeiro desenho retrata uma casa que deseja construir no futuro e o ambiente desejável para a família. Possui uma figura masculina em evidência bem no centro do desenho e que, associada à estória do segundo desenho (onde fala do receio de se separar do marido), demonstra claramente o quanto a figura masculina da sua vida está ocupando a realidade atual e reativando situações de conflito familiar anterior. Ana faz uma descrição objetiva da casa que deseja construir, colocando inicialmente: "estão todos aqui, eu, meu marido, minha filha". No desfecho da estória , no entanto, assinala: "agora olho e meu marido não está na casa".

Ana não mora ainda nesta casa, tem um marido que vai brincar com a filha, mas ela decide que ele não está na casa, não é da casa. Em sua descrição não existe vínculo dela com o marido, existe do pai para com a filha (que sugere ser Ana projetando a si mesma na filha). Há que ressaltar, que o peixe que a filha segura na mão e que o pai está ajudando a segurar, "é de brinquedo", o que induz a questionar se há intenção genuína em transformar a relação dela com o marido, pois o peixe pode ser entendido pelo seu:

> simbolismo de ser psíquico, um movimento penetrante, dotado de poder no inconsciente (...), e que em sua essência possui uma natureza dupla: por sua forma de fuso é uma espécie de pássaro das zonas inferiores, é símbolo do sacrifício e da relação entre o céu e a terra; pela extraordinária abundância de seus ovos, é símbolo de fecundidade, que depois adquire o sentido espiritual" (CIRLOT, 1984).

A possibilidade de transformação pode não estar distante de acontecer, pela psicodinâmica da deusa Atena que sugere constelar que, no fundo, não precisa de um homem como o que ela possui hoje. Em um trecho da entrevista ela refere-se a ele, deixando entrever um certo desdém: "por que o meu marido, eu gosto muito dele e tudo, mas ele é um homem comum". Na segunda estória também se refere a ele como: "ele é bom, eu até gosto dele, mas fica agressivo (...) não aguento isto de homem não".

Sua segunda produção, desenho e estória, tem muitos pontos em comum com a primeira e mobiliza a necessidade de salvar o pai para a filha, não o marido para si. Nas produções seguintes, a figura do marido não aparece mais no futuro, sua constelação familiar está definida: ela, a filha e a própria mãe, embora comente:

> preferia ele no dia-a-dia com minha filha, ele é muito presente, bom pai, vejo isto porque ele é assim com os outros três filhos que ele tem do primeiro casamento. Mas se separar, não é como estar junto dela todo dia. Eu cresci sem pai e sei o quanto isto faz falta.

A vida de casada de Ana sugere reproduzir a própria infância, onde existiu a ausência da figura masculina, ausência esta que machuca pela rejeição, omissão, agressão, falta de reconhecimento, conforme pode ser visto em sua quarta produção (em que relata sua vivência diante da morte recente do pai) e nesse trecho da segunda estória:

> nada tem importância para ele do que eu faço. Não entende porque não posso ficar quieta em casa, cuidando de tudo (...) Meu marido me cobra tudo. Que não sou boa mãe, que eu não cuido da casa, tudo, tudo. E não me ajuda em nada no dia-a-dia. (...) Se ficar insuportável, eu vou me separar dele. Vou depender de minha mãe que mora numa chácara.

Atena possui um temperamento mais propenso a viver e trabalhar em solidão do que ao lado de um companheiro. Mesmo quando casadas, precisam de um estilo de relacionamento muito independente, sem grilhões, é guiada pelos aspectos de sua carreira, de sua profissão. Sua impetuosa independência exigirá que companheiro nenhum venha delimitá-la em qualquer aspecto ou querer dela um compromisso com a carreira ou personalidade dele (WOOLGER & WOOLGER, 1987). A colocação de Ana a seguir, evidencia este aspecto:

> meu marido achava que quando eu me aposentasse eu ia ficar em casa, acho que alimentei essa expectativa dele, mas a empresa ... me ofereceu a oportunidade de ficar o dia todo com boas perspectivas de trabalho, então achei melhor abrir mão de abrir minha própria empresa agora. Aí, meu marido me cobra tudo.

A mulher Atena é corajosa e prática, tem espírito de luta, é inteligente e independente. Possui discernimento sobre seus sentimentos, como coloca bem no inicio da segunda estória, quando relata ter medo de se separar do marido, mas logo em seguida se corrige: "não, é diferente. Eu tenho medo é de ter que tomar esta decisão".

Embora o título da segunda estória denote uma preocupação futura "O que eu receio", no desenho já delimitou seu futuro: desenha a trajetória entre a sua casa e a da mãe, comentando que em se separando do marido, deverá depender da mãe para ajudá-la com a filha. Contudo, é uma 'dependência' com autonomia, ou seja, a mãe em uma casa e ela em outra, onde Ana faz o percurso em seu próprio carro, como condutora de sua própria vida. Não lhe falta energia (embora os faróis estejam acesos) e coragem para tal. Apontando o carro no desenho ela diz: "aqui sou eu como barata tonta, vou ter que morar em um apartamento e ficar de lá para cá". Para Atena, segundo WOOLGER & WOOLGER (1987), depender de um homem é incompreensível, ela não é apenas defensiva, ela é agressivamente auto-confiante.

Nesse sentido, na entrevista, ela mostrava como teria que se organizar futuramente, depois de aposentada, com relação a depender menos da mãe para cuidar da filha, assumindo sozinha a responsabilidade por ela (em função dela trabalhar, até então a mãe a ajuda a cuidar da filha):

> eu sei que no ano que vem, por exemplo, ela vai entrar para a escolinha, sou eu que quero levá-la na escola, entende? Então vou ter que dividir mais meu tempo, de modo que de manhã eu possa levá-la e na hora do almoço pegá-la, sou eu que vou arrumar um esquema para pegar (...) não vou poder contar mais com minha mãe, porque minha mãe não dirige (...) vou ter que me desdobrar.

Na terceira produção "É o que eu quero no fim", o sol cor-de-rosa aparece de novo e o que mais chama a atenção no desenho é a paisagem abundante, que para LOURENÇÃO VAN KOLCK (1984) reflete sentimentos de ameaça pelo mundo externo; "está à mercê das forças exteriores; ausência de liberdade em relação à realidade, depressão, ansiedade, cansaço, falta de controle sobre as idéias negras". Ana externaliza na estória sua preocupação de que a filha se torne uma vagabunda no futuro e retrata como imagina a sua "velhice talvez daqui uns dez anos". Quer ter uma propriedade na montanha, lugar para sair

para caminhar, para passear, tomar sol, com cachoeiras. Mais uma vez parece identificar-se com a imagem feminina mais nova que está presente e que tem uma boca bastante pronunciada e cabelos louros em abundância. A boca simboliza um degrau elevado de consciência, um poder organizatório por meio da razão, ponto de união entre dois mundos: interior e exterior, enquanto que os cabelos dourados tem a ver com princípio de força primitiva, é luz espiritual (CIRLOT, 1984). A presença do presente (chocolate) pode significar calor, carinho, compensação: "minha filha vai estar moça, talvez vá sair de casa, estudar fora. Se ela fôr como eu, vai sair para fazer outras coisas. Vem me visitar, trazendo caixas de bombons de cereja".

Ana refere ser realista e desejar dar à filha condições para ela se manter fazendo o que fôr, mesmo que não dê dinheiro. No entanto, não deixa de demonstrar um certo ressentimento para com o próprio pai: "imagino, por exemplo, que se meu pai tivesse dado para mim, talvez eu tivesse tido outra condição de vida, sei lá, talvez não".

WOOLGER & WOOLGER (1987) apontam para o paradoxo na imagem tradicional de Atena, que apesar de sua força, brilho e independência, apresenta-se como uma donzela vestindo uma armadura. Sua couraça protetora sugere ocultar uma vulnerabilidade de menina:

> em sua androginia, Atena esconde um conflito, uma tensão não resolvida entre seu eu exterior 'duro' e aquela parte de si que permanece oculta e impossibilitada de se expressar - podendo tornar-se fonte de grande insegurança no que tange a encontrar sua identidade feminina integral.

Na quarta produção, intitulada "Um intervalo e uma interrogação", Ana retrata a chácara onde morou durante vinte anos junto à mãe e o irmão, antes de se casar: "é um lugar muito bonito, cheio de plantas, é nossa chácara (...) é tudo florido, mas não estou com vontade de colorir". Ana utiliza apenas duas cores: o verde e o preto. O verde parece indicar aspecto regulador e homeostático da emocionalidade. Revela sensibilidade a estímulos internos e a habilidade de interiorizar experiências emocionais. É cor introversiva. O preto é cor reveladora de introversão, deixando entrever na esfera interior, conflitos não solucionados; denota fator de inibição das motivações e reações emocionais das excitações externas, das descargas emotivas. Implica restrição às atrações do mundo objetivo (VAN


UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

KOLCK,1971). O verde corretamente utilizado por Ana aonde existe vida e também sobre o muro, dá a conotação de que há possibilidade de florescimento futuro. O muro expressa a idéia de impotência, resistência, situação, limite, assim como é símbolo da proteção, do materno que como matéria, princípio passivo ou feminino coloca-se em oposição ao princípio ativo ou masculino (CIRLOT, 1984). Sugere a separação do conflito com o mundo externo, podendo aparecer como possibilitador de soluções.

O início da estória elucida estas possibilidades, uma vez que Ana conta que aconteceu um fato muito triste há um mês atrás na chácara:

> meu pai que nunca morou conosco (ele se separou da minha mãe quando eu tinha cinco anos), era casado de novo e morava em ... Ele ficou muito doente e meu irmão o trouxe para a chácara, ele não durou nem um mês, pegou uma pneumonia e morreu, sofreu muito. Agora a chácara ficou contaminada. É um lugar que tomou outra dimensão.

Em seu discurso Ana sentia que lá na chácara ela tinha seu próprio espaço, na casa da mãe. É a primeira vez que ela se refere ao próprio espaço familiar, pessoal, "a sua suite". Agora que "a chácara ficou contaminada" com a morte do pai, segundo ela, "é um lugar que tomou outra dimensão". É como se o pai (ausente, que a rejeitou) tivesse maculado esse santuário com o seu sofrimento e morte ou como se ela própria tivesse maculado esse santuário com a sua omissão, na medida em que não enfrentou de frente essa situação conflituosa.

Pode-se inferir aqui, que a reativação desse conflito também sugere repercutir em sua relação atual. Ou seja, Ana até então protegida e familiarizada com o arquétipo materno, se viu invadida pelo arquétipo paterno constelado de forma negativa, mas reclamando sua atualização. Na medida em que se omitiu dessa confrontação, sofre por essa unilateralidade. Em sua relação com o marido vê repetir um padrão de relacionamento com o arquétipo paterno que possivelmente reativa complexos de sofrimento, seja pelo sentimento de ausência, de rejeição ou de agressão; complexos estes que quando não conscientizados são projetados como Sombra dando origem a conflitos:

> o quê que meu pai tinha de vir aqui agora? Não tenho remorso, não dei muita assistência para ele agora. Ele nunca veio me ver quando eu era criança, porque agora eu ia cuidar dele? Não tinha nada a ver. Até minha mãe perdeu um pouco o gosto por aquilo lá agora (a chácara), depois de meu pai vir morrer perto da gente. Ele não fazia parte daquele cenário, agora ficou marcado.

Ana talvez tenha buscado, no marido, desenvolver a polaridade positiva do arquétipo do pai, as qualidades superiores do princípio paterno que representam a sabedoria, a justiça, bondade, proteção, o orgulho natural e dignidade, visto vivenciar o pai biológico como "um pai fraco ou inexistente, incapaz de lhe satisfazer as expectativas arquetípicas" (WOOLGER & WOOLGER, 1987).

Na medida em que tal arquétipo é ativado, revela aspectos de Sombra que desejam ser integrados à consciência, pois "toda projeção pode ser encarada como passo intencional à realização" (WHITMONT, 1995).

No entanto,

> quanto mais deferenciado é o Ego, mais problemática é a Sombra (...) a projeção de Sombra interfere com relacionamentos íntimos, em nível pessoal e comunitário, com um viver mais harmonioso (...) é tentador expulsar o que não se quer, pois estando do lado de fora se pode condená-lo à vontade (SAMUELS, 1985).

O conflito dessa forma configurado, faz com que Ana enfureça-se com o pai pela sua passividade, pela falta de apoio paterno, seu desapontamento com ele lhe causa raiva e ressentimento: "não dei muita assistência para ele agora. Ele nunca veio me visitar quando eu era criança, porque agora eu ia cuidar dele? (...) Eu me senti muito mal com essa estória toda, fui vê-lo só uma vez no hospital".

Projeta esses sentimentos no marido, não aceita nenhum nível de possessividade e explica sua fúria: "não aguento isso de homem não. (...) Ele é machista. Ele tem cobrado muito eu ficar em casa".

Segundo ainda WOOLGER & WOOLGER (1987) não podemos atribuir esta raiva apenas ao pai biológico,

> a raiva interior das mulheres, acumulada há várias gerações, é a energia que serve para estimular o surgimento de Atenas radicais. (...) gera na psique da mulher desequilíbrios e perturbações que são transmitidas e herdadas num nível muito mais profundo - o nível que Jung chamou de Inconsciente Coletivo.

Dessa forma, Ana apresenta os conflitos das próprias relações de sua dinâmica familiar anterior, na relação atual.

JUNG (1987) ao referir-se ao conflito entre o Ego e a Sombra diz:

> enquanto o paciente pensar que outra pessoa (seu pai ou sua mãe) é responsável por suas dificuldades, ele pode preservar alguma aparência de unidade (...) Mas, uma vez que perceba que ele próprio tem uma Sombra, que seu inimigo está sem seu próprio coração, então o conflito se inicia e um se torna dois.

Representa na quinta produção, esta paz que deseja. À estória dá o nome de "Um passeio", que também está no futuro, embora planejado há muito tempo, sonho antigo e em que os personagens são apenas ela, a filha e a mãe.

# *6. DISCUSSÃO*

As mulheres trabalhadoras de meia-idade pesquisadas, possuem e/ou possuíam uma carreira profissional solidamente constituída até então, percebendo a aposentadoria como um momento em que podem escolher entre continuar a alçar outros vôos profissionais ou desfrutar dos direitos que a aposentadoria lhes confere.

O discurso de todas as mulheres, sugere uma atitude de introspecção neste momento. Um voltar-se para si mesmas, argumentando consigo mesmas o sentido de tudo, numa avaliação do passado, um questionamento do presente e do futuro, tentativas de compreensão mais profunda de seus valores e crenças quanto à vida, quanto a si mesmas e aos outros.

Demonstram que particularmente durante a trajetória ocupacional e a carreira que escolheram, dirigiram sua força e ação para o que consideravam ser uma meta valiosa - a dedicação a um trabalho com alto nível de qualificação, por vezes únicas representantes femininas no âmbito de sua atuação, naquela instituição.

Ao confrontar-se a psicodinâmica de todas as mulheres através do procedimento de Desenhos- Estórias e suas expectativas frente à aposentadoria relatadas na entrevista, observou-se, conforme os postulados da Psicologia Analítica, que o método de Jung de "interpretar símbolos espontâneos do inconsciente nunca tenta dizer que uma situação humana é assim ou assado, mas sim, que as imagens descrevem a própria situação sob forma de analogias ou parábolas " (WHITMONT, 1995).

O caso de Vitória, por exemplo, sugere que ela vivencia a organização do trabalho como uma 'grande mãe nutridora' que ameaça romper os laços com 'seus filhos' através da aposentadoria. Ao promover essa separação, induz os mesmos à vivência da necessidade de uma separação simbólica de aspectos da personalidade que nortearam suas vidas até então .

Este processo de transição no caso de Vitória, evidencia uma dinâmica de 'morrer' para alguns processos vivenciais e (re)nascer para outros, num movimento de busca de integração dos aspectos opostos da personalidade, rumo à individuação. O desconforto provocado por este processo conduziu Vitória a buscar um profissional para ajudá-la em sua análise pessoal há três anos atrás, conforme seu próprio relato.

Necessidade também, segundo ela, que coincidiu com a saída dos filhos adolescentes de casa e a possibilidade de já se aposentar por tempo proporcional, se desejasse, quando contava 43 anos de idade. Por ela ter ingressado na carreira profissional muito jovem, comenta: "minha vida foi aqui, amadureci aqui, e cresci aqui, eu sai da minha cidade e vim fazer mestrado aqui em "X", e passei a vida inteira aqui, então, casei e tive as crianças cedo".

Este seu depoimento induz a pensar, que em sua trajetória de vida, sua trajetória ocupacional foi muito importante. No momento em que o papel profissional pode ser descartado e/ou substituído, ela parece se dar conta de que esse papel ocupava posição central em sua vida e que sua perda coincidia também com a perda de outro papel, o de mãe. Sobre isso ela diz: "é como se tudo tivesse acabado na mesma época, e o que tivesse sobrado, tivesse sido novamente a profissão, então, se eu me aposentar..."

Essa constatação mobilizou muito Vitória:

> eu vou perder tudo de uma vez, eu não vou dar conta disso, eu vou enlouquecer, então aí, eu comecei a tomar consciência que eu tinha que retardar o máximo a minha aposentadoria para eu poder lidar com a coisa de ir perdendo aos poucos os papéis que você representa na vida, né.

A necessidade de ir se retirando de cena aos poucos, simboliza o processo de enfrentamento de questões até então evitadas. A necessidade de uma reorientação de vida demandada pelo Self, começou a ser avaliada pelo Ego. Ou seja, Vitória quando faz um balanço da perda do papel profissional a partir da aposentadoria, o faz a partir de algumas sinalizações do mundo externo, como por exemplo, evidencia seu comentário ao completar 25 anos de trabalho: "foi a primeira vez que eu tive a consciência de quanto você é dispensável, que aquele ditado estava certo, que o homem é uma laranja que você chupa e joga o bagaço fora".

Ao falar das pessoas com as quais trabalhou ou que ajudou a formar e que tem o maior carinho, transparece uma certa mágoa, ao observar que a preocupação que tinham com a sua saída parecia ser a de quem ia ficar com o espólio:

então começaram em vida, como se eu fosse uma "tia velha", começaram a lançar a sorte sobre os meus bens...Aí, eu pensei: Nossa, que horror que é isso não é uma coisa para se comemorar com a aposentadoria(...) Foi um negócio que me deixou profundamente abalada.

A percepção de si mesma e de seu valor a partir desses aspectos externos, desencadeou em Vitória uma necessidade mais profunda de avaliação de quem era ela além dos papéis que representara até então e da iminência de uma nova fase de vida daqui para frente conforme postula JUNG (1991b).

Vitória apresenta uma clara percepção de que tem que morrer para este papel, tomando, inclusive, o exemplo de um respeitado profissional que morreu há pouco tempo e que ela acredita ter sido em função do ostracismo a que foi relegado: "justamente por não ter se preparado psicologicamente para o fato de que você deixa de ser o que é, quando se aposenta, uma parte de você é roubada, quer dizer, roubada não, tirada de você".

Portanto, a consciência da necessidade de preparar-se psicológicamente para aposentar, começa a ser delineada, conforme esse comentário: "é porque eu justamente não consigo imaginar minha vida depois de aposentada é que eu não me aposentei".

Esta vivência de alguma forma perturba Vitória, a aprisiona em seu desejo de aproveitar-se melhor do potencial que possui, do conteúdo que ela, enquanto "vaso", tem para explorar e que denuncia na fala abaixo: "como eu nunca consegui imaginar minha vida profissional fora dessa prisão (de "X"), eu tenho evitado a idéia de me aposentar".

Ao mesmo tempo em que transparece a sensação de ser uma presa de sua própria armadilha, porque também diz: "eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa que não seja o que eu faço aqui em "X", porque é uma coisa que eu venho fazendo com tanto prazer, há tanto tempo...", induz a pensar, tal como SHARP (1988), "na prisão como um símbolo familiar para o analista de recusa do processo de individuação". Neste sentido, parafraseando esta mesma autora, Vitória encontra-se "trancada em sua própria psiquê, apenas consigo mesma como carcereira", na medida em que também vê a aposentadoria como "passaporte para o fim, é o fim da carreira, fim de linha, é o fim".

Contudo, Vitória escolheu trilhar a jornada do herói, ou seja, desejou quando buscou análise, enfrentar novos desafios, não ser igual a alguns de seus colegas que se aposentaram e morreram para a vida, tornaram-se fantasminhas, 'Plufts', visitando sempre a instituição sem conseguir se desligar dela.

Ao retratar-se como um vaso inadequado (3° desenho), que foi subaproveitado em seu potencial, poderia ter se identificado com a síndrome do 'pobre de mim', característica do desejo regressivo de dependência, de volta ao passado e estagnação em termos de individuação. Mas Vitória optou por embarcar numa aventura heróica, começou a fazer a travessia, tentou encontrar seu tesouro, compreender seus verdadeiros sentimentos, seu potencial único.

Esta travessia agora, mostra-se mais serena (4° desenho), percebe-se arrastada para um futuro desconhecido, mas 'sabe' que chegará a um 'porto seguro'. No quinto desenho, surge uma experiência psíquica de natureza potencialmente criativa, uma nova vida, novas possibilidades através do par de flores. Em seu "bosque para esconder uma flor monstruosa", desenha duas flores jovens a partir de um único caule, demonstrando que: "uma nova atitude se torna disponível para a vida consciente e, ao mesmo tempo, a própria consciência do ego é fortalecida" (SAMUELS,1989). Tenta se ajustar à nova vida, continua a trabalhar em si mesma essas transformações, mas mostra-se mais forte em todos os sentidos.

Em síntese, o processo de Vitória demonstra uma crise da meia-idade, uma tentativa de auto-ajuste frente a uma situação vivencial de mudanças em vários níveis, mas em que, principalmente, a aposentadoria sugere representar a ativação dos opostos-vida/morte, exigindo uma integração dos conteúdos do inconsciente, ou seja, as possibilidades de individuação.

Esta psicodinâmica de Vitória vem corroborar com a perspectiva da psicologia analítica, de que o conflito, na meia-idade, quando trabalhado, pode ceder lugar a uma intervenção criativa e uma reorientação do Self. A crise da meia-idade, chamada por HOLLIS (1995) de "passagem do meio" é vista como: "a ocasião de redefinimos e reorientarmos nossa personalidade, num ritual de passagem entre a adolescência prolongada da primeira idade adulta e o nosso inevitável encontro com a velhice e a mortalidade".

No caso de Ione, verificou-se a instalação de uma tímida possibilidade de transformação neste momento. Na seqüência dos cinco desenhos-estórias, Ione em sua produção constela mais o aspecto de Eros no primeiro, de Logos no segundo e terceiro, de Eros e Logos no quarto, embora de forma coletiva, para só então no quinto sobrevir uma ligação tímida, oscilante (pontilhada) dos opostos. Eros e Logos como 'salvação' do Si-Mesmo. Enquanto linguagem simbólica, a seqüência dos Desenhos-Estórias denunciou a função prospectiva do inconsciente, evidenciando a necessidade de um desenvolvimento psicológico que ainda não ocorreu. Pode-se concluir, tal qual SAMUELS (1989), "que a psique produziu espontaneamente símbolos quando o intelecto estava confuso e não sabia como lidar com uma situação interna ou externa".

O eixo Ego-Self encontra-se bloqueado pelas forças do arquétipo de Animus, requerido de forma unilateral pela consciência, e investido de poder pelo papel profissional de Ione, em que a exigência do Logos é referendada como qualificação imprescindível pelo ambiente tradicionalmente masculino onde está inserida.

Dessa forma, a conexão Ego-Self sugere estar sendo sensibilizada, talvez muito mais pelo aspecto normativo da aposentadoria, impelindo-a para novas possibilidades de vida, em que o Logos não será necessariamente o fator primordial de sobrevivência . Sob a iminência da perda do papel profissional que a sustentou até então e a natureza da energia psíquica requerida por ele (Logos), a integração com seu oposto (Eros), se faz necessária para amenizar o sentimento de perda decorrente do mesmo.

A possibilidade de transformação se mostra potencial em sua seqüência de desenhos, na medida em que demostra possuir uma instância egóica que lhe garantiu boa capacidade adaptativa até então, e que manifesta o desejo de dirigir seu próprio caminho futuro.

Porém, só o fará, obedecendo aos ditames de um Logos normatizador, que lhe coloca o momento ideal, lógico e racionalmente adequado (seu desejo de completar trinta anos de trabalho) para só assim se deixar levar pelo desejo de um feminino que reclama espaço, como nas falas a seguir:

> foi muito frustrante, eu deixei este lado para realizar o que queria, o lado profissional, eu deixei muito este lado de mulher, feminino (...) justamente este meu lado feminino, doméstico, gostoso, que eu acho que é da mulher, do relacionamento com o outro, com a família, isso aí é muito importante para mim.

Já Úrsula, vivencia a proximidade da aposentadoria e sua respectiva preparação, da seguinte forma: "está só no nível mental, mas eu vou pôr isto no papel (...) quero montar um horário e ficar em cima dele (...) Tem hora que eu estou muito animada, tem hora que eu sinto um pouco de vazio".

Úrsula mostra que o princípio do Logos que norteou sua vida até então, e que ela insiste em acreditar que deve transportar para sua vida pessoal e familiar (quando relata que sua maior preocupação é saber administrar o tempo para dar conta de todas as tarefas), é dissonante da mensagem que o Self lhe envia de que é o princípio de Eros - das relações, da qualidade de ser, é o que é o mais importante agora: "eu olho para os meus filhos e como responsável por eles (eu e meu marido), sinto que a gente não educa sozinho, a religião também ajuda. Está faltando isto para eles (...) Esta é uma preocupação neste momento. Resgatar isto".

Embora se ampare na justificativa de que a aposentadoria proporcional seja em função tanto de cuidar melhor dos filhos pequenos, quanto de possibilidades para voltar a estudar e qualificar-se melhor para o mercado de trabalho, sua psicodinâmica dá indícios de que há um chamado interior mais forte neste momento, reclamando por atualização. Na medida em que seu papel profissional deixa de ser o foco de sua identidade, esta identidade passa a ser questionada. Não se vê familiarizada com suas outras dimensões, percebe que não desenvolveu-as tanto quanto gostaria, agora terá que aprender a ser uma pessoa a partir de outros referenciais que não o trabalho.

O conjunto de seus desenhos aponta insegurança e sentimentos de inadequação à realidade interna e externa, a aposentadoria lhe oferece a oportunidade de vivenciar outros papéis, por exemplo, o doméstico, o dos relacionamentos. Conscientemente ela ainda não vê em si mesma a possibilidade dessa aprendizagem, isto está ainda no outro: "sinto uma necessidade de conviver com donas-de-casa, de aprender muita coisa no sentido de como me alimentar bem e de forma econômica (...) vou ter que aprender a ficar em casa". Não tem

clareza de que todas estas facetas estão dentro dela, só precisando serem integradas. Nesse sentido, a sabedoria da natureza objetivamente lhe instiga a aprender a 'costurar' agora: "é um sonho que me perseguiu toda a vida, sempre quis aprender de verdade (...) fazer uma roupa que caísse como uma luva", ou seja, esta atividade pode ajudá-la também nesta integração subjetiva.

O sistema Ego-Persona de Úrsula, mais do que nunca denuncia suas preocupações e necessidade de adequação à vida pós-aposentadoria, seja no modo de vestir-se ou em como manter um certo equilíbrio: "eu digo que devia existir um preparo para isto, tanto neste nível físico, quanto no emocional, de tudo, para as pessoas não se desesperarem".

Tudo indica que em função da polarização dos aspectos de Logos, o Self agora reivindica o resgate de Eros e o desenvolvimento da espiritualidade, como ela aponta em sua terceira estória "Minha Religião". Assim como nessa estória, Úrsula não consegue se ver agora, recém-aposentada, num lugar definido. Se vê dentro e fora do círculo de pessoas envolvidas com o ritual do espiritismo, dizendo sobre o fato de ajudar o outro: "no fundo acho que quem está precisando mais sou eu e não os outros".

Assim, a dinâmica de Úrsula aponta para a aposentadoria como um evento de transformação, no sentido de reativar essas dimensões esquecidas e que ela, através de sua produção, dá indícios de que são questões intrínsecas a si mesma. Pode-se inferir a partir de seu 5°. desenho, que ela sente este processo como solitário, depende dela. O autocontrole exercido sobre os aspectos do feminino relegando-o à Sombra, precisa ser revisto. Para tal, ela precisa de intimidade com ela mesma, precisa estar sozinha no quarto, permitindo-se abrir a porta para dentro de si mesma.

O caso de Olga sugere uma psicodinâmica em que ela não se percebe em outras dimensões vivenciais além do papel profissional que exerce, tudo que faz gira em torno do trabalho. Deixar de trabalhar significaria confrontar-se com aspectos de sua personalidade que estão na Sombra. Sua atuação no mundo é pautada pelo sistema Ego-Persona e pela energia de Logos, de forma muito linear, objetiva, evitando entrar em contato com situações que requeiram dela familiaridade com o princípio feminino.

Pelo fato de associar a aposentadoria a um pequeno período em que não trabalhou e se sentiu muito mal, afirma categoricamente: "vou ficar em casa fazendo o quê? Acho que vou morrer de depressão". À opinião do marido para ela se aposentar e dedicar-se à música, pintura, aprender um instrumento musical, etc., ela responde: "isto não me atrai, nunca fêz parte da minha vida, eu prefiro estar trabalhando, isto faz parte da minha vida".

A opção de Olga pela aposentadoria ocorreu unicamente em função das perdas futuras que poderia ter, princicpalmente o fato de impedi-la de acompanhar o marido, caso ele venha a mudar de emprego, embora diga que a única coisa que justificaria aposentar-se na sua idade seria o fato de ter filhos, o que não é seu caso.

Quando a oportunidade de adotar uma criança ocorreu três meses depois de aposentar-se e, simultâneamente surgiu também uma possibilidade de voltar a trabalhar, sentiu-se muito perturbada em termos do que optar. O alívio de Olga ocorreu, não de uma decisão sua, mas do fato da mãe da criança a ser adotada decidir não colocá-la mais para adoção.

Infere-se aqui, que o evento da aposentadoria simbolicamente parece ter ativado símbolos de transformação, ou seja, o eixo Ego-Self induzindo Olga à confrontação com uma de suas dimensões do feminino até então subdesenvolvida - o aspecto materno, como quem lhe dá uma chance de 'salvação' ou de crescimento. Mas este chamado de Deméter não encontrou eco dentro de Olga. Ainda não há espaço dentro dela para esta vivência. Sua personalidade está comprometida com a consciência racional, "o que é inaceitável para seu Ego é afastado sob a forma de sombra oponente ou projetada" (WHITMONT,1995). Ou seja, a personalidade se desenvolve quando enfrenta oposição, aquelas características inaceitáveis para os ideais do Ego: "quando esta luta com o próprio antagonista é evitada, fica faltando um relacionamento consciente com o Self" (WHITMONT, 1995).

O relato de Olga sobre o desfecho da possibilidade de adoção dizendo que ela e o marido entenderam: "que este fato foi um sinal de que não é para nós fazermos isto, pelo menos por enquanto", pode ser indicativo de uma forma defensiva de atuação do arquétipo de Animus para evitar o confronto com o arquétipo materno constelado na situação, mas que se encontra na Sombra.

Em síntese, para Olga o evento da aposentadoria sugere ter acionado possibilidades de transformação rumo a individuação, mas a energia de Eros necessária à reorientação da personalidade parece ter sido ainda insuficiente para o enfrentamento do conflito reativado neste momento.

No caso de Ana, a opção pela aposentadoria proporcional às vésperas da reforma previdenciária (dez/98), facilitou incrementar uma atividade que já exercia paralelamente, há algum tempo. Sendo assim, a interrupção da carreira profissional para Ana foi efetivada no sentido tanto de aproveitar-se dos benefícios a que fazia jus, como oportunidade para explorar novas possibilidades de atuação e aproveitamento de seu potencial em um novo trabalho, visto por ela como mais flexível, criativo e melhor remunerado.

Esta situação para Ana foi tranquila e bem definida, aposentando de um trabalho e indo para outro em apenas um período normal de férias: "eu não tenho dúvidas quanto a opção de aposentar já (proporcionalmente), o que pesa mais é essa possibilidade de fazer todas estas coisas, ganhar mais dinheiro e ter mais tempo livre para minha filha".

A psicodinâmica de Ana à epoca da entrevista demonstrou que a energia do princípio masculino era bastante atuante e que, embora tenha tido uma filha há apenas três anos, segundo ela como projeto inclusive de sua preparação para a aposentadoria, o resgate desse aspecto do feminino, mais do que um desejo genuíno do arquétipo materno, sugeria ser muito mais um arranjo do sistema Ego-Persona, uma organização racional de enfrentamento do futuro em que o papel profissional continuava a ocupar a centralidade da sua identidade.

Contudo, à época da aplicação da técnica projetiva, alguns meses depois de aposentada, uma situação real de convivência com o pai e respectiva morte do mesmo num curto espaço de tempo (pai com o qual ela não conviveu durante toda a vida), foi retratada no Procedimento de D-E, indicando a reativação de uma vivência conflituosa e comprometendo sua situação de aposentada.

Ou seja, tudo leva a crer que Ana desenvolveu muito mais o princípio masculino e a energia de Logos a ele associada, como sustentáculo, inclusive, de sua trajetória profissional. Naquele momento específico, em função dos conflitos pelos quais passava com relação ao pai, o eixo Ego-Self mobilizou possibilidades de transformação, constelando a função sentimento de forma pura, nua e crua, fazendo aflorar o que ficou para ser resolvido com o pai, agora, o arquétipo paterno que buscava atualização. Tal situação deixou-lhe ainda mais vulnerável pela sua dinâmica familiar com o marido encontrar-se também conflituosa, pelo mesmo exigir dela, agora aposentada, papéis típicos do feminino e que ela não valoriza. O que emana do mundo doméstico ou maternal não sugere atrair Ana: "eu não consigo me imaginar o dia inteiro em casa, nunca (...) Não consigo imaginar, por exemplo, eu sendo só mãe".

Dessa forma, a situação recente com o marido também é afetada pela constelação da polaridade negativa do arquétipo paterno, revelando aspectos de Sombra que desejam ser integrados à consciência, visto interferirem em seu relacionamento com o marido. Embora Ana esteja bastante fragilizada por essa situação, lida com ela de forma bem objetiva e logicamente estruturada, cogitando descartar o marido, fazendo todos os seus planos futuros sem incluí-lo. Aqui, é o arquétipo de Animus que sugere aparecer de forma defensiva, preferindo não confrontar-se com os conteúdos que nesse momento estão sendo (re) ativados. Antes, prefere voltar à dinâmica com a qual tem familiaridade: ela, a filha e a mãe, talvez inconscientemente deixando repetir com sua filha, seu próprio "script" de vida.

Enfim, infere-se que, para Ana, a transição do trabalho à aposentadoria propriamente dita, não evocou maiores dificuldades, visto a mesma continuar trabalhando normalmente e em uma situação muito prazeirosa. Contudo, o *status* de aposentada já começou a influenciar sua dinâmica familiar, confrontando-a com aspectos que até então não se mostravam necessários à reavaliação e que somados à variável externa de retorno de um pai ausente, deixaram-na muito vulnerável. Ana, no entanto, tem se mostrado reativa à essas situações, não desenvolvendo seu polo oposto. Pode ser que esta estratégia apenas adie a repercussão da aposentadoria em sua vida e que esse seu 'trabalho-ponte' amorteça os efeitos deletérios da mesma.

Conclui-se, então, que nessa fase de transição - do trabalho à aposentadoria, as possibilidades de transformação rumo a uma ampliação da consciência, a um processo de individuação, se mostraram presentes em todos os casos estudados, evidenciando, conforme afirmaram SAMUELS *et al.* (1988), que: "comportamentos arquetípicos tem a maior evidência em tempos de crise, quando o Ego está vulnerável ao máximo". Ou seja, fazendo destas situações, possibilidades criativas; dos aspectos de Sombra , possibilidades de luz.

As formas de desempenho no trabalho das mulheres aqui retratadas, demonstram a atuação de fortes componentes de Animus, ou seja, presença da agressividade no desenvolvimento profissional, da lógica no pensamento, a participação ativa nos vários níveis da vida. Entretanto, lembrando MUSZKAT (1985), manifestam também claramente sua inquietação. Ou seja, todas as evidentes mudanças sociais não garantiram a satisfação da mulher de hoje, talvez pelo fato dessas mudanças terem sido significativas a nível de Persona (MUSKAT, 1985).

As mulheres pesquisadas mostraram atuar, até então, muito mais dentro do padrões próprios do princípio masculino e identificadas com Personas compatíveis ao mesmo, relegando para segundo plano as questões típicas do feminino. Todas elas apontam a necessidade de um redirecionamento de vida, essa vivência unilateral clama por uma compensação, o resgate dos demais aspectos da personalidade ainda é tarefa a se empreender.

Esta perspectiva é abordada por EMMA JUNG (1987) dizendo que o fato da mulher simplesmente se ocupar de modo intelectual, objetivo e masculino não basta. Mesmo em mulheres com estudos superiores e exercendo profissões típicamente masculinas, nem assim conseguem a solução do problema do Animus. Tal erudição e modo de viver masculino pode muito bem ser uma identificação com o Animus, omitindo assim sua feminilidade. O desejável seria que a espiritualidade intelectual feminina, o Logos na mulher fôsse incorporado ao ser e a existência dela, estabelecendo assim, uma cooperação harmoniosa, em que nenhuma das partes é condenada a permanecer na Sombra. Nesse sentido, a meia-idade da vida, mostra ser a época propicia à ampliação da consciência do Eu, conforme os postulados da Psicologia Analítica.

A revisão da literatura no início do presente estudo, apontou as transformações da aposentadoria, da época em que foi instituida até a ideologia contemporânea, em que ela é associada à velhice. Quando associada à velhice, foi identificada pelo indivíduo trabalhador como um prêmio, uma recompensa merecida, sentimento de prazer advindo do dever cumprido, uma oportunidade de maior tempo livre e assim sendo, maior possibilidade tanto de convivência mais próxima com os entes queridos, quanto condições de realizar antigos sonhos acalentados para o período pós-trabalho (CECÍLIO, 1990).

Entretanto, para com essa população de meia-idade, tais perspectivas se mostraram pouco presentes, a aposentadoria aqui significou muito mais a oportunidade para assumir um novo trabalho.

Dos cinco estudos-de casos pesquisados, a aposentadoria precoce de três das mulheres - Úrsula, Olga e Ana, com 41, 42 e 45 anos, respectivamente, no final de 1998, ocorreu muito mais pelas mudanças do sistema previdenciário brasileiro nesta mesma época, do que pela opção voluntária das mesmas. Desde então, esse sistema vem apresentando mudanças já com algumas perdas, principalmente para os atuais servidores públicos e mudanças substanciais tanto para quem ingressa hoje no funcionalismo público quanto para trabalhadores do setor privado.

Essas aposentadorias precoces acompanham uma tendência encontrada no final da década de 80 nos EUA por QUINN & BURKHAUSER (1990), apontando que as transformações institucionais e os planos de aposentadoria incentivaram os trabalhadores à aposentadoria precoce, tendo COCKERHAM (1997) em estudo mais recente, também confirmado esta perspectiva, destacando que é a segurança no futuro que mais conta na opção pela aposentadoria precoce.

A proposição desses autores, no entanto, confronta-se com os achados de SCHAIE & WILLIS (1996), em seus estudos de 1992, constatando que a tendência nos EUA, mais comumente citada para se aposentar, era o desejo genuíno dos trabalhadores.

Entretanto, estes autores também citam a pesquisa de STANFORD *et al.*. (1991)* em que o alto *status* e possibilidade de ter planos de pensão foram considerados fortes influências para aposentadorias precoces.

As outras duas mulheres dessa pesquisa - Vitória e Ione preferiram aguardar a aposentadoria integral, visto faltar menos de um ano para a mesma, ou seja, mesmo com a aposentadoria integral irão possuir na época, 46 e 50 anos. Embora a questão aqui não seja discutir a propriedade ou não do fator etário como determinante da qualidade dos padrões de retirada do indivíduo do trabalho, não há como negar que essa população situa-se no segmento etário da meia-idade, tendo expectativas quanto a aposentadoria, ao envelhecimento e projetos de vida futuros, diferenciados da população de mais idade.

Por exemplo, não se percebeu vivências da aposentadoria associadas à velhice, conforme observado CECÍLIO (1990)) em seu estudo com pessoas entre 55 e 75 anos, faixa que demarcou como início e fim da 'terceira idade'.

Apenas Vitória faz reflexões a respeito da velhice e suas decorrências. Quando refere ter percebido que a saída dos filhos adolescentes de casa coincidiria com a aposentadoria, parece ter se dado conta do significado dessas perdas, conforme os relatos a seguir:

> eu vou perder tudo de uma vez, eu não vou dar conta disso, eu vou enlouquecer; então aí, eu comecei a tomar consciência que eu tinha que retardar ao máximo minha aposentadoria para eu poder lidar com a coisa de ir perdendo aos poucos os papéis que você representa na vida, né? E ir se retirando da cena lentamente.

Quando faz um balanço da vida profissional e se compara a um vaso: "o vaso é grande para pouco conteúdo (...) meu vaso existencial foi sempre subaproveitado (...) não por limitações externas apenas, por limitações internas também".

---

* *STANFORD, E.P. *et al. apud* SCHAIE, K. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement. In: _____.- **Adult development and aging.** 4 ed. New York, Harper Collins College Publishers, Inc. 1996.

Ao referir-se aos colegas de trabalho que se aposentaram, os vê como 'almas penadas': "ficam perambulando como se tivessem morrido (...) é uma cena que quando vejo, eu sinto assim, muita pena, sabe, eu sinto uma compaixão imensa, porque eu me coloco assim, me projeto, né?".

Ao completar vinte e cinco anos de trabalho, teve consciência pela primeira vez: "do quanto você é dispensável (...) que o homem é uma laranja que você chupa e joga fora o bagaço". Ficou profundamente abalada quando viu que os que estavam ao seu redor, diante da perspectiva dela se aposentar, lidavam com seus pertences como quem lida com um espólio: "começaram em vida, como se eu fosse uma 'tia velha', começaram a lançar a sorte sobre os meus bens". Enfim, todas estas reflexões, caracterizam a vivência da aposentadoria como velhice ou proximidade do fim e, segundo Vitória, conduziram-na a buscar psicoterapia visando preparar-se melhor para esse momento

Ione quando cita seus planos objetivos para depois de aposentada, não se aprofunda muito, percebe o futuro apenas 'cor-de-rosa', mas, ao falar como organiza festas para os colegas que se aposentam, demonstra ambiguidade em seu discurso: "não me vejo no lugar deles (...) pelo menos eu não consigo me ver tão feliz quanto aquela pessoa". Este sentimento de falta de preparação para aposentar-se aparece também nos comentários sobre como tirou férias 'picado', para vivenciar mais freqüentemente períodos fora do ambiente de trabalho, fazendo analogias como se estivesse já aposentada: "sabe o que eu tenho tentado fazer? Me enquadrar no mundo lá fora". Ou como vivencia a possibilidade de saída: "é como se você 'roesse o osso' vinte e poucos anos e agora que está no 'filé mignon' ... eu acho uma judiação deixá-lo".

Observa-se que a vivência de Vitória e Ione confirmam a proposição de CRUZ *et al.* (1999) sobre a importância dos programas de preparação para a aposentadoria no sentido de minimizar a perda da papel profissional para um melhor equilíbrio da identidade pessoal do pré-aposentado mais tarde, na medida em que, para as duas o trabalho sugere ser elemento estruturador no espaço vital e sua ruptura pode comprometer a identidade pessoal das mesmas como assinalado por SANTOS (1990).

Em Olga, Úrsula e Ana, as preocupações e aspirações para o pós-aposentadoria denotam o auge da produtividade em todos os níveis, não fazendo referências à velhice e as questões a ela associadas. A aposentadoria precoce para elas significou uma mola propulsora a novos empreendimentos. O que verificamos aqui, foi uma percepção de ganhos com a aposentadoria, conforme DEPS (1994) encontrou em sua pesquisa, também com funcionários públicos.

A opção de Vitória e Ione em aguardar a aposentadoria integral vai ao encontro dos resultados citados por STREIB & SCHNEIDER (1971)* de que homens e mulheres com maior remuneração, *status* e educação continuam trabalhando por mais tempo que trabalhadores em outras situações.

A proposição de PALMORE (1981)** de que a razão das mulheres se aposentarem mais cedo resulta do trabalho nas gerações passadas ser mais importante para os homens do que para as mulheres, não é aqui respaldada, visto o trabalho configurar-se para todas as mulheres desse estudo, o eixo central da vida. Tanto que Vitória e Ione ainda não abriram mão dele e Olga e Ana apenas trocaram a aposentadoria por um novo trabalho. Outra evidência é o fato de Ana, paralelamente à carreira da qual se aposentou, ter desenvolvido nos últimos anos outra carreira, alvo hoje de maior dedicação. Ou seja, Ana e Olga recorreram a um novo trabalho antes de uma saída total do mercado de trabalho, tendência de empregos denominada por RUHM (1988)*** de 'empregos-ponte'.

---

* STREIB, G. F. & SCHNEIDER, *C.I.. apud* KIMMEL, D. - **Adulthood and aging, na interdisciplinary, developmental view.** 2. ed. Canadá, John Wiley & Sons, Inc. 1980.

** PALMORE, E. *apud* COCKERHAM, W.C. - Work and retirement. In: _____**This aging society.** ed. New Jersey, Printice-Hall, 1997.

*** RUHM, C.J. *apud* QUINN, J.F. & BURKHAUSER, R.V. - Work and retirement. In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE, L.K. - **Handbook of aging and the social sciences.** 3. ed. San Diego, Academic Press, 1990.

Com Úrsula, este valor ao trabalho ocorre diferentemente, embora seja também cultuado. Ela prefere se qualificar melhor profissionalmente para retornar ao mercado em condições mais competitivas e enquanto isso, atende a uma outra demanda objetiva que reclama atenção, ou seja, retrata o que SCHAIE & WILLIS (1996) concluíram, de que a aposentadoria da mulher sofre mais influência de fatores externos e no caso de Úrsula, diz respeito aos seus três filhos em idade infantil.

Com relação aos achados de FERICGLA (1992), de que para as mulheres aposentadas a aposentadoria não assume uma tonalidade de perda de prestígio, acredita-se que para com as mulheres que estão se aposentando hoje, esta percepção mostra-se diferenciada. Verificou-se, particularmente no caso de Vitória, Ione e Ana, dado ao alto prestígio profissional vivenciado por elas, que a questão da perda desse reconhecimento social é perturbadora.

Nesse sentido, Vitória mostra-se entristecida para com a falta de respeito, reconhecimento e descartabilidade por parte dos que ficam no ambiente do trabalho para com os que se aposentam; angustia-se ao refletir sobre a experiência de um grande pesquisador relegado à obscuridade após a aposentadoria, terminando em óbito súbito. Sente-se penalizada ao ver que antigos colegas não conseguem se desprender do trabalho após a aposentadoria, continuando a vaguear pela instituição como fantasmas 'plufts'.

Ione mesmo mostrando um discurso muito otimista para com seu futuro, já no início da entrevista pontua o medo que tem de não conseguir acompanhar a evolução dos conhecimentos de sua área, considerando o contexto de trabalho imprescindível para os intercâmbios necessários ao progresso das ciências: "o medo de perder o que consegui até aqui, tão elaborado, tão lento neste meu lado profissional ...".

Já Ana declara definitivamente tão cedo desejar permanecer longe do ambiente profissional:"ou pelo menos até quando eles deixarem" referindo-se às políticas trabalhistas no país. Percebe-se no apogeu de sua produtividade e qualificação. Em síntese,

*** RUHM, C.J. *apud* QUINN, J.F. & BURKHAUSER, R.V. - Work and retirement. In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE, L.K. - **Handbook of aging and the social sciences.** 3. ed. San Diego, Academic Press, 1990.

particularmente nestas três mulheres, há indícios de dificuldade em abdicar do prestígio social que desfrutam.

Em relação aos períodos que se seguem à aposentadoria propostos por ATCHLEY (1994)* ou seja: "período de lua-de-mel, descanso e relaxamento, desencanto e reorientação", constatou-se que estes períodos não corresponderam às vivências das três mulheres do nosso estudo que se aposentaram. Ana e Olga imediatamente voltaram a trabalhar e Úrsula mesmo não trabalhando, voltou a estudar. Acredita-se que essas novas experiências dessas mulheres não se constituem de fato uma reorientação de vida, visto o trabalho continuar sendo o alvo de todas elas.

Quanto a proposição de KIMMEL (1980) de que as mulheres casadas se aposentam mais cedo por terem melhores condições de planejar o futuro, sua aplicação à população pesquisada mostra-se relativa. Pelo menos por enquanto, Ione e Vitória referiram, respectivamente, para depois da aposentadoria planos ainda vagos como cuidar da chácara e ter uma atividade produtiva diferente da de hoje, mas sem nenhum contorno definido. Úrsula e seu objetivo de fazer um curso de pós-graduação sugere uma perspectiva mais planejada. Para Olga os planos de futuro se resumem a continuar a trabalhar, enquanto para Ana, além de trabalhar é cogitado também a construção de uma nova casa na cidade e outra na montanha, além da possibilidade de fazer algum trabalho de cunho social, como por exemplo, trabalhar com pessoas de 'terceira idade'.

Ressalta-se, por fim, que essa população de mulheres de meia-idade estudada vivencia o trabalho como uma referência de grande importância., perspectiva que vai ao encontro das conclusões de SILVA (1996) em sua pesquisa com homens e mulheres na faixa dos 40 anos, dizendo que esse segmento etário "diferencia-se das gerações passadas e recria um estilo de vida totalmente inovador". Quando fala da categoria 'trabalho', coloca que as mulheres entrevistadas o viam como "lugar da 'diversão', do 'riso', da 'descontração' e 'juventude' da vida"; relatando ainda, que elas "sabem o que querem e o que não querem para si, mesmo não tendo modelo para ser seguido".

---

* ATCHLEY, R. *apud* SCHAIE, K. & WILLIS.S.L..-The older worker and retirement.In: ----------**Adult developtment and aging.** 4. ed. New York, Haper, Collins College Publishers, Inc., 1996.

Resta o questionamento: até que ponto estes novos comportamentos funcionam como mecanismos de defesa eximindo-as de outras possibilidades de integração pessoal, além do trabalho. Até que ponto continuam a atuar com uma estrutura de Ego socialmente orientada, pressionando por vezes a pessoa a ter 'opções' necessárias em detrimento dos apelos de desenvolvimento pessoal rumo ao sentido e valores suprapessoais.

Considerando todos esses aspectos, concorda-se com as conclusões de STUCCHI (1994) acerca "da importância do papel dos Programas de Preparação para a Aposentadoria na preparação do trabalhador quanto à decisão sobre o melhor momento de se aposentar", bem como da necessidade de se estabelecer critérios, procedimentos e conteúdos mais claros sobre como esse trabalhador deve ser preparado, haja visto os "permanentes desacordos e improvisação por parte de seus implantadores e coordenadores" (STUCCHI, 1994).

# *7. CONSIDERAÇÕES FINAIS*

## 7.1. COM RELAÇÃO AO OBJETIVO GERAL:

Verifica-se a partir do material discutido, que os padrões de retirada do indivíduo do trabalho para essa população estudada, demonstram ser bastante diferenciados da grande maioria dos estudos utilizados como referências. Concorda-se com JOHNSON & WILLIAMSON (1987), primeiros autores citados, de que a aposentadoria das mulheres ainda precisa ser muito pesquisada e em particular, das mulheres brasileiras.

Tudo indica que a proximidade da aposentadoria atua como um evento externo de potencial poder de interferência na psicodinâmica das mulheres que trabalham, por significar o término da carreira profissional, numa sociedade em que o trabalho passou a ocupar um lugar central na vida das mesmas. Nesse sentido, o período de transição que antecedeu a definição pela opção ou pela necessidade da aposentadoria até sua efetivação formal, desencadeou basicamente duas vivências: reativação de sentimentos de esvaziamento frente a perda do papel profissional, por ele ter ocupado espaço central na identidade até então; e, em menor grau, o confronto com a velhice como possibilidade mais próxima acionando sentimentos de descartabilidade e de perda do prestígio social.

Nesses estudos-de-casos, observou-se que esse periodo de transição reativou também conflitos internos em cada uma delas, conflitos ao que tudo indica, que buscavam atualizar e equilibrar psicodinâmicas até então ofuscadas ou subdesenvolvidas e que encontraram no papel profissional um forte aliado para permanecerem na Sombra, visto serem aspectos pouco valorizados ou necessários no âmbito de trabalho das mesmas.

Na abordagem das mulheres durante a entrevista ou na produção dos Desenhos-Estórias, constatou-se que elas se utilizaram desse espaço para refletir sobre si mesmas, sobre o futuro e como esperavam vivenciá-lo. Isto ficou mais evidente durante a produção do Desenho-Estória, na medida em que se utilizaram do desenho e da estória que deveriam compor como instrução dessa técnica, como projeções diretas de suas vivências subjetivas e objetivas. As mulheres iam contemplando seus desenhos e contando suas próprias estórias, tomando-os nas mãos, ora aproximando, ora distanciando-os de seus olhos, como quem 'quisesse ver melhor' ou ultrapassar uma compreensão para além do que era visível apenas aos olhos. Os temas das estórias, títulos e associações, assim como seus desenhos, refletiram diretamente as temáticas problematizadas por elas em outros momentos.

Entende-se esse movimento como resultante de uma mobilização simbólica que 'forçava' uma significação consciente. Os desenhos e as estórias como matéria-prima de imagens, configuravam sentido produzindo símbolos do arquétipo constelado. Ou como sugere JACOBI (1990): "A carga do arquétipo se manifesta numa espécie de atração magnética sobre o consciente, a qual, no entanto, ainda não é reconhecida por este". Em síntese, nesta atividade, "por estar preenhe de significado, o símbolo força o consciente `a discussão com ele, manifestando-se por intermédio da representação, da interpretação, etc., de modo geral e espontâneo ou dentro de um trabalho analítico" (JACOBI, 1990).

Nesse sentido, essa investigação evidenciou a presença de uma mobilização do eixo Ego-Self demandando atualização de aspectos da personalidade, visando o processo de individuação, como psicodinâmica presente nas vivências dessas mulheres frente à proximidade da aposentadoria e que norteia suas expectativas futuras, conforme intenção do objetivo geral. Tal psicodinâmica desencadeou:

- Reavaliação dos valores que até então nortearam a primeira metade da vida;
- Necessidade de resgate de aspectos ligados ao princípio feminino e a energia a ele associada - Eros, até então na Sombra;
- Possibilidades simbólicas de transformação (morte para alguns aspectos da personalidade e renascimento para outros) como demandas naturais do Self;
- Confronto com outros eventos nodais simultaneamente à aposentadoria (saída dos filhos de casa, morte dos pais);
- Vivências de crise na tentativa de auto-ajuste à situação pós-aposentadoria;
- Perspectiva de individuação a partir da dinâmica de enfrentamento dos opostos.

Em graus variados, todas elas mostraram dificuldade de adaptação frente a condição existencial próxima. Vitória e Úrsula por exemplo, apresentam comportamentos que indicam a regressão da libido, ou seja, falta de energia psíquica disponível para lidar com a situação num determinado momento, exigindo um adiamento da mesma.

Ficou evidenciada, em todos os casos, a ativação dos conteúdos inconscientes (presença das imagens arquetípicas, da função inferior sendo afetada, da Sombra, Animus e Complexos sendo mobilizados, assim como a dinâmica dos opostos fomentando atitudes compensatórias). Os conflitos entre as atitudes conscientes e as necessidades inconscientes determinaram vivências de grande tensão interior além de reações defensivas. Contudo, os indícios do processo de individuação em curso se mostraram presentes, e no caso de Ana, Vitória, Ione e Úrsula, ativaram a função transcendente, acenando para a integração dos conteúdos do inconsciente.

Com relação à psicologia da psiquê feminina analisada do ponto de vista das deusas, que em alguns momentos lançou-se mão, conclui-se que nas mulheres desse estudo, o arquétipo feminino que mais sobressaiu-se foi o da deusa Atena e no caso de Vitória, mais a dinâmica de Ártemis. Ou seja, deusas com dinâmicas arquetípicas de independência de espírito, com temperamento mais propenso a viver e a trabalhar em solidão, as duas personificam atributos masculinos e femininos em suas personalidades arquetípicas. Como mulheres-Atena, com grande espírito de luta, ingressaram no sistema e aceitaram o desafio: são profissionais bem-sucedidas e empreendedoras. As facetas arquetípicas de outras deusas (Afrodite, Perséfone e Hera) não se mostraram neste momento presentes nestas mulheres, ou pelo menos suas dinâmicas não esclareceram muito a respeito.

## 7.2. COM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- As mulheres não mostraram-se preparadas psicologicamente para abdicar da atividade do trabalho. A aposentadoria nessa faixa etária não mostrou significar ainda uma retirada total do mundo do trabalho, pelas mulheres vivenciarem o auge de sua produtividade. Particularmente nesse grupo, três delas - Vitória, Ione e Ana, usufruiam no momento, os resultados de uma qualificação técnica prolongada, estando em sua melhor fase. As outras duas -

Olga e Úrsula, mostraram-se justamente na fase ainda de crescimento, não desejando, portanto, interromper este processo; aposentaram de uma carreira, mas não para o trabalho.

- Quanto às expectativas de vida futura, Vitória e Úrsula mostram-se mais orientadas por suas próprias psicodinâmicas, ou seja, tentam fazer do processo da aposentadoria uma oportunidade para retomar a vida a partir de outros valores, outros referenciais, levando em conta suas necessidades, desejos e aspirações mais profundas. Se percebem com potencial a desenvolver e fazem da segunda metade da vida uma possibilidade para alcançar maiores níveis de auto-realização, indo ao encontro aos pressupostos de desenvolvimento humano previstos para essa fase, segundo a Psicologia Analítica.
- Observou-se o evento da aposentadoria nesse grupo muito mais como condição propulsora para outro trabalho. Apenas uma das mulheres referiu desejar abdicar do mesmo após a aposentadoria. As outras quatro, embora apontem perspectivas diferenciadas para tal, evidenciam o desejo de não abdicar dele, pelo menos por enquanto. Uma optou por um segundo trabalho similar ao da carreira anterior à aposentadoria; outra optou por um trabalho diferenciado, mas que já vinha desenvolvendo paralelamente à carreira da qual se aposentou; a terceira preferiu se qualificar melhor para um novo trabalho e a quarta tem o desejo de continuar trabalhando, mas em algo que não se pareça com o que faz nos últimos anos. Estas opções retratam que o padrão de retirada das mulheres de meia-idade do trabalho, atualmente, é bastante variado.
- O período pré-aposentadoria na meia-idade para o universo estudado demonstrou ser profícuo à transformações, apesar das crises e dos conflitos, em função da reavaliação dos rumos possíveis à segunda metade da vida e suas decorrências. Em todos os casos, a oportunidade arquetípica de transformação simbolicamente mostrou-se presente, o momento de realização da mesma, no entanto, é que não mostrou-se sincrônico ao evento da aposentadoria.

- A preparação psicológica da mulher de meia-idade para uma melhor adaptação ao período pós-aposentadoria se faz bastante apropriada, no sentido de apoiá-la na redefinição e reorientação de seus vários aspectos da personalidade para além dos papéis vivenciados até então. A aposentadoria acionando conflitos com os quais muitas vezes o indivíduo ainda não se confrontou, demanda apoio para enfrentamento.

Particularmente para as mulheres de meia-idade de hoje, tal como apontou esse estudo, as transformações advindas da aposentadoria muitas vezes mostram-se contraditórias, por encontrá-las num processo de transição em que os papéis tradicionalmente femininos foram colocados em discussão e a assunção de papéis, até então, tipicamente masculinos (como trabalhar fora), ainda não foram totalmente assimilados pela sociedade e por elas mesmas. Nesse sentido, há que estar atento para o fato da aposentadoria ao mesmo tempo constelar vivências de crise ou de oportunidade, dependendo de como ocorre seu processo de revisão de vida.

Os Programas de Preparação para a Aposentadoria demonstram ser alternativas apropriadas de socialização daqueles que se encontram nesse processo de transição, constituindo-se verdadeiros rituais de passagem na medida em que possam consagrar espaços de reflexão para que os indivíduos alcancem uma segunda metade da vida mais significativa, para além da preparação objetiva do mesmo, pois, é a preparação subjetiva do indivíduo que determinará a qualidade de sua vivência objetiva mais tarde. Programas de Preparação para a Aposentadoria devem ser implantados, visando promover condições favoráveis para a continuidade do processo de individuação.

# *8. SUMMARY*

Considering the changes that retirement and the work environment are undergoing, the subjective dimension of the process of retirement at middle-age is the theme of this research.

The purpose is to investigate how the middle age woman worker feels the approach of retirement and what is her life expectations through qualitative methodology.

This research uses five study-cases of women who have high levels of professional qualifications. They are representative groups of Brazilian women who have entered the work force in the past 30 years when access during that time was difficult.

This study analysis is based upon interviews and Drawing-Stories Procedures as a technique of clinical personality investigation, which in itself is based on theoretical fundamentals of the Analytical Psychology.

It finds that with the approach of professional identity loss, due to retirement, reactivates shadow symbols which can be integrated into consciousness, as well as, transformational archetypes which determine the way mid-life changes are faced.

This research shows that approaching retirement propitiates a re-definition and re-orientation in these women's lives, and that the Programs of Retirement Preparation should work on psychological aspects shown during this life transition, then promoting favorable conditions for the continuity of the individuation process.

# *9. GLOSSÁRIO*

Alma - Complexo funcional claramente demarcado, que poderia ser mais apropriadamente descrito como uma 'personalidade'. Embora Jung usasse muitas vezes o termo alma em seu sentido teológico, tradicional, ele limitava estritamente seu significado psicológico (JUNG, 1969).

Anima - Imagem arquetípica subliminar a consciência; elemento apriorístico de disposições, reações e impulsos no homem, que o induz a tomar conhecimento do que é espontâneo e significativo na vida psíquica. (JUNG, 1987).

Animus - Imagem arquetípica subliminar a consciência; "um depositário de todas as experiências ancestrais das mulheres a respeito dos homens – e, mais do que isso, ele é também um criador e procriador, não no sentido de criatividade masculina, mas no sentido de que produz algo que poderíamos chamar... a palavra espermática."(JUNG, 1985).

Aposentadoria por fases - Consiste na adoção de horários de trabalho reduzidos, com salários e benefícios de aposentadoria e saúde continuados.

Arquétipo- Elementos primordiais da psiquê humana. São "fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de tal modo que podem ser reconhecidas somente pelos efeitos que produzem" (JUNG, 1980).

Arquétipo materno- Arquétipo que rege o início da consciência e a inter-relação da polaridade consciente-inconsciente durante toda a vida através de símbolos que expressam o desejo, a fertilidade e as condições básicas de sobrevivência. Seu princípio de transformação é principalmente a imitação e seus meios de expressão mais comuns são a imagem, o corpo e as emoções (BYINGTON, 1987).

Arquétipo paterno- Arquétipo que rege a estruturação da consciência através da delimitação e abstração da relação consciente-inconsciente. Seus símbolos expressam a lei e as tarefas pré-codificadas pelo planejamento (BYINGTON, 1987).

Deméter - Deusa dos cereais, identificada como a Grande Mãe, a que faz brotar. É um mitologema do insconsciente coletivo ligado aos aspectos do arquétipo materno, que

simbolicamente envolve a relação sustentadora de Eros no desenvolvimento humano, na qual o ego e a consciência tomam forma e se desenvolvem.

*Distress* - Vocábulo inglês que significa alto nível de tensão.

Ego- Fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. Constitui o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa (JUNG, 1994).

Eixo Ego-Self- Expressão cunhada por Neumann, "Indica como dois sistemas psíquicos necessitam um do outro, para ampliação da consciência. Sugere que a separação e a união Ego-Self prossegue, ao longo da vida, em ciclo alternativo" (SAMUELS, 1989).

Eixo Ego-Persona- Eixo simbólico de relacionamento psíquico entre a instância do ego e a persona como arquétipo. Jung atribui à persona , um lugar na estrutura psíquica, de mediadora entre o ego e o mundo externo, responsável pela adaptação consciente e coletiva do ego. ( SAMUELS *et al.,* 1988).

Emprego-ponte - Em analogia ao processo que ocorre com os jovens, refere-se a empregos 'temporários' antes da aposentadoria, até a retirada total do mercado de trabalho.

Energia psíquica - Forma de energia vital necessária ao equilíbrio psíquico. Jung usava este termo e libido como intercambiáveis, embora discuta o caráter exclusimente sexual atribuído por Freud à libido (SAMUELS *et al.* 1988).

Eros - Princípio da capacidade de relacionamento psicológico. "A consciência da mulher caracteriza-se mais pela qualidade conetiva de Eros, do que pela discriminação e conjunção associadas ao Logos."( JUNG,1994).

Função Transcendente- "A função psicológica e 'transcendente' resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes (...) aparece como uma das propriedades características dos opostos aproximados" (JUNG, 1999a).

Função Inferior- função psicológica menos diferenciada, que comporta-se como um complexo autônomo e resiste à integração, embora contenha potencial para mudança integrando os conteúdos inconscientes e possibilitando o processo de individuação (SAMUELS *et al.*, 1988).

Inconsciente coletivo- Camada estrutural da psioquê humana, que contém elementos herdados, distintos do inconsciente pessoal "toda herança espiritual da evolução da humanidade, nascida novamente na estrutura cerebral de cada indivíduo"(JUNG, 1991a).

Inconsciente Pessoal - Camada do inconsciente que "contém memórias perdidas idéias dolorosas que são reprimidas (...) percepções subliminares (..) e conteúdos que ainda não estão maduros para a consciência" (JUNG, 1985)

Individuação-É um aspecto de auto-regulação da psiquê. Manifesta-se tipicamente, de modo simbólico, e é experimentada como uma nova atitude em face de si-mesmo e da vida. Tem como finalidade o desenvolvimento da personalidade individual, que levado a termo de modo consciente, conduz à realização do Self como uma realidade psíquica maior que o ego (JUNG, 1985).

Logos - "Poder dinâmico de pensamentos e palavras"."Princípio da lógica e estrutura, tradicionalmente associado ao espírito, ao mundo do pai e à imagem de Deus" (Sharp, 1997) . "(...) Discriminação, julgamento, *insight* (...)"(JUNG, 1985).

Metanóia- Mudança de atitude consciente frente a vida "é um pré-requisito indispensável para a transformação que, entretanto, ocorre de forma espontânea no inconsciente e não pode ser causada diretamente por nenhum esforço deliberado de vontade ..." (WHITMONT,1995).

Persona- Sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; "espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado, a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo". (JUNG, 1985).

Projeção- A palavra projeção vem do vocábulo latino *pro* + *jacere*, atirar à frente. "É um mecanismo fundamental da psiquê, uma estratégia originária do fato de que aquilo que é inconsciente é projetado" (HOLLIS, 1995).

Self- Arquétipo da totalidade e centro regulador da psiquê. "O self não é somente o centro, mas também a circunferência total, que abarca tanto o inconsciente quanto o consciente, é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência"(JUNG, 1991c).

Sizígia- Termo aplicado a qualquer par de opostos quando referidos como um par, quer em conjunção, quer em oposição. Jung usa palavra mais freqüentemente com relação à conexão de Animus e Anima (JUNG, 1994).

Sombra- "Aspectos ocultos ou inconscientes de si mesmo, bons ou maus, que o ego ou reprimiu ou jamais reconheceu"(Sharp,1997). A tomada de consciência da Sombra envolve reconhecer aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade, é um ato indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, via de regra, se defronta com considerável resistência (JUNG, 1994).

Trabalho- "Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim" (AURÉLIO, 1986).

Transformação- Processo de ampliação da personalidade, percebido como mudança relativa, de modo que a continuidade da pessoa e da psique é preservada, "uma transição psíquica envolvendo regressão e temporária 'perda do ego', a fim de levar à consciência a preencher uma necessidade psicológica até então não reconhecida" (SAMUELS *et al,* 1988).

*Turnover*- Vocábulo inglês popularizado no contexto organizacional, referindo-se ao nível de rotatividade, movimentação de pessoal (vinculação e desvinculação da organização).

# *10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

ADAMS, G. A. & BEEHR, T. A. - Turnover and retirement: a comparison of their similarities and differences. In: **Personnel Psychology, 51**: 643-665, 1998.

AMARILIAN, M.L.T.M. - **Compreendendo o cego através do Procedimento de Desenhos-Estórias:** uma abordagem psicanalítica da influência da cegueira na organização da personalidade. São Paulo, 1982. (Tese - Doutorado, Universidade de São Paulo).

ATCHLEY, R.C. - Retirement and leisure participation: continuity or crisis? In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE,L.H. - **Handbook of aging and the social sciences.** 4. ed. San Diego, Academic Press, 1996.

AURÉLIO, B.H.F. - **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

BIRMAN, J. - Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: **Fórum de ciência e cultura**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993, Rio de Janeiro, 1993.

BRASIL, Constituição, 1988. Dispõe sobre a Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da República Federativa da União**. Brasília, 5 out. 1988. Cap. I, art. 5º., inciso I.

BRASIL, Lei no. 8.122 de 11 de dezembro de 1990. **Regime jurídico dos servidores públicos e civis da União, das Autarquias e das Fundações públicas federais.** Estabelece que funcionários regidos pelo regime de trabalho da CLT passem automaticamentea serv idores públicos. Brasília, União dos Auditores Fiscais do Tesouro Nacional, 1991.

BÜHLER, C. - The curve of life as studied in biographies. In: **The Journal of Applied Psychology, 19** (4):405-409, 1935.

BYINGTON, C. - O desenvolvimento simbólico da personalidade. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1**:.9, 1993.

CECÍLIO, S. - **Aposentadoria como velhice:** um subproduto do culto ao trabalho? São Paulo,1990. (Tese Mestrado. Pontifícia Universidade Católica.)

CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Moraes, 1984.

CHIZZOTTI, A. - **Pesquisa em Ciências Humanas.** São Paulo, Cortez, 1991.

COCKERHAM, W. C. - Work and retirement. In: _____ **This aging society.** 2. ed. New Jersey, Printice-Hall, 1997.

CODO,W.; SAMPAIO, J..J.C.; HITOMI, A.H. - **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis, Vozes, 1993.

COSTA, L. V. A. - Política Nacional do Idoso - Perspectiva Governamental. In: Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século, 1; Brasília, 1996. **Anais.** Brasília, 1996. MPAS, SAS, 1996.

CRUZ, M. A.G.; LIMA, M.C.; ORSELLI, C.P.D.; ZAMBRONI, F.M.G.N. - **O impacto da aposentadoria na vida do servidor público do INPE**. São José dos Campos,(Monografia - Fundação Armando Álvares Penteado/Centro Superior de Aperfeiçoamento Profissional/ MDG Consultores.)

DEBERT, G.G. & SIMÕES, J. A. - A aposentadoria e a invenção da 'terceira idade'. In: DEBERT, G.G., org.- **Antropologia e Velhice**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

DELGADO, C. - Programa de aposentadoria prévia: uma experiência venezuelana. **Revista de Recursos Humanos e Sociedade,** 1, 1986.

DEPS, V.L. - **A transição à aposentadoria na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo**. Campinas, 1994. (Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.)

ERIKSON, E.H. - **Childhood and society.** Nova York, Norton,1950.

FERICGLA, J.M. - La jubilación: rito desestructurante y desestructurado. In: _____ - **Envejecer-Una antropologia de la ancianida.** Barcelona, Antropos, 1992.

FERNANDES, M. A. - **Fantasias inconscientes de primigestas através do Procedimento de Desenhos-Estórias.** Campinas, 1988. (Tese - Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

FLORES, R.J. - **A utilidade do Procedimento de Desenhos-Estórias na apreensão de conteúdos emocionais em crianças terminais hospitalizadas.** Campinas, 1984. (Tese - Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

FRANÇA, C. - **Psicologia Fenomenológica:** uma das maneiras de se fazer. Campinas, Unicamp, 1989.

GIORGI, A. - **Phenomenology and psychological research.** Pittsburgh, Dusquene University, 1985.

GRAEBNER, W. - **A history of retirement.** New Haven, Yale University, 1980.

GUILLEMARD, A. M.- **La vieilesse et l'Etat.** Paris, PUF, 1980.

HAMMER, E.F. - **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1991.

HAVIGHURST, R.J. - **Human Development and education.** New York, David Mckay Co., 1953.

HENRETTA, J. C. & O'RAND, A. M.- Labor force participation of older married women. In: **Social Security Bulletin, 43** (8): 10-16, 1980.

HILLMAN, J. - **Uma busca interior em psicologia e religião.** São Paulo, Paulinas, 1984.

HOLLIS, J. - **A passagem do meio:** da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo, Paulus, 1995.

HONING, M. - Partial retirement among women. **Journal of Human Resources, 20**: 613-621, 1985.

HONING, M. - Retirement expectations: differences by race, etnicity and gender. **The Gerontologist, 36**, (3) : 373-382, 1996.

HURLOCK, E. B.- **Developmental Psychology.** 4. ed. New York, Mc Graw Hill, 1975.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico, Rio de Janeiro, 1998.

JACOBI, J. - **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G.Jung.** São Paulo, Cultrix, 1990.

JONHSON, E.S. & WILLIAMSON, J.B. - Retirement in the United States. In: MARKIDES, K. S. & COOPER, C. L. eds.- **Retirement in industrialized societes.** New York, Wiley, 1987.

JUNG, C.G. - A Função Transcendente. In: _____. - **A natureza da psique.** 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1991a, v. VIII/2 : 1-23.

JUNG, C.G. - **Aion- Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.** Petrópolis, Vozes, 1994, v. IX/2.

JUNG, C.G. - **A prática da psicoterapia.** Petrópolis, Vozes, 1987, v. XVI/2.

JUNG, C.G. - As etapas da vida humana. In: _____. - **A natureza da psique.** 3.ed.,Petrópolis, Vozes, 1991b, v. VIII/2 : 417.

JUNG, C.G. - Individuação. In: _____.- **O eu e o inconsciente.**5. ed., Petrópolis, Vozes, 1985, v. VII/2 : 49-102.

JUNG, C.G. - **Misterium Coniunctionis.** Petrópolis, Vozes, 1985.

JUNG, C.G. - **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis, Vozes, 1991c, v. XII.

JUNG, C.G. - **Psicologia e Religião Oriental e Ocidental.** Petrópolis, Vozes, 1980, XI..

JUNG, C.G. - **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

JUNG, E. - **Animus e anima**. Texas, Spring Publications, 1987.

KIMMEL, D. - **Adulthood and aging, an interdisciplinary, developmental view**. 2. ed. Canadá, John Wiley & Sons, Inc. 1980.

KVALE, S. - **Interviews: an introdution to qualitative research interviewing.** Thousand Oaks, Califórnia, Sage, 1996.

LAHÓZ, A. - Iceberg à vista. **Revista Exame**. Nov., 23 : 172-179, 1999.

LIBERALESSO NERI, A. - **Psicologia do Envelhecimento.** Campinas, Papirus, 1995.

LEITE, C. P. - **A mulher e o trabalho.** São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

LEMOS, R.- **Quarenta:** a idade da loba. 6.ed. São Paulo, Globo, 1995.

LÉNOIR, R. - L'invention du 'troisième âge: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 26:83-107, 1979.

LEVINSON, D.J. - **The seasons of man's life**. Nova York, Knopf, 1978.

LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. - Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. In: RAPPAPORT, C.R., coord. - **Temas Básicos de Psicologia**. São Paulo, E.P.U.,1984.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.- **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, E.P.U., 1986.

MASLOW, A. H.- **Motivation and personality.** Nova York, Harper & Row, 1970.

MESTRINER, S.M.M.E. - **O Procedimento de Desenhos-Estórias em pacientes esquizofrênicos hospitalizados**. São Paulo, 1982. (Tese - Mestrado, Universidade de São Paulo).

MOEN, PHYLLIS. - Gender, age, and the life course. In: BINSTOCK, R.H.; GEORGE, L.K. - **Handbook of aging and the social sciences.** 4. ed. San Diego, Academic Press, 1996.

MULLEY, G.P.- Preparing of the later years. **The Lancet, 345** : 1409-1412, 1995.

MURARO, R. M. - **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1992.

MUSZKAT, M. - A mulher em busca de sua identidade. In: SEABRA, Z. & MUSZKAT, M. - **Identidade Feminina**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

NEUGARTEN, B.L.- Continuities and discontinuities of psychological issues adult life. In: **Human Development, 12** : 121-130, 1969.

NEUMANN, E. – **História da origem da consciência**. 10.ed., Cultrix, 1995.

ORNÉLAS, W. **O novo modelo previdenciário brasileiro:** uma fase de transição. Previdência Social, 3. ed. Brasil, 10 de jul. 1999, 1-27. Disponível na Internet, http://www.mpas.gov.br / 07_08.htm.

PEQUENO Dicionário Filosófico. São Paulo, Hemus, 1977.

POCHMANN, M. - O que vai acontecer com o trabalho? **Folha de São Paulo**. Maio: 7-13,1999. (Série Especial Ano 2000).

POTH, M. A. E.- **A mulher de meia-idade:** escolhas e desafios para as mulheres maduras de hoje. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1992.

POZZEBON, S. & MITCHELL, O.S. Married women's retirement behavior. **National Bureau of Economic Research Working Paper, 2104**, 1986.

QUINN, J.F. & BURKHAUSER, R. V. - Work and retirement. In: BINSTOCK, R.H. & GEORGE, L.K. - **Handbook of aging and the social sciences.** 3. ed. San Diego, Academic Press, 1990.

QUINN, J.F. & KOZY, M. - The role of bridge jobs in the retirement transition: gender, race and etnicity.**The Gerontologist, 3 :** 363-372, 1996.

RICOUER, P. - **O conflito das interpretações.** Rio de Janeiro, Imago, 1979.

ROBERTS, B.W. & FRIEND, W. - Career momentum in midlife women: life context, identity and personality correlates. **Journal of Occupational health Psychology, 3** (3) : 1 95-208, 1998.

ROGERS, C. - **On becoming a person.** Boston, Hougton Mifflin, 1961.

ROSA, M. - **Psicologia Evolutiva:** Psicologia da idade adulta. Petrópolis, Vozes, v. 4.

ROSSI, A. - Life-span theories and women's lives. In: **Journal of women in culture and society,** 2 : 34-51, 1980.

RUBIN, H.J. & RUBIN, I.S. - **Qualitative interviewing:** the art of hearing data. London, Sage, 1995. 1-41.

SALLES, C. A.C. - **Individuação:** O homem e suas relações com o trabalho, o amor e o conhecimento. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

SAMUELS, A. - **Jung e os pós-junguianos.** Rio de Janeiro, Imago, 1989.

SAMUELS, A., SHORTER, B., PLAUT, F. - **Dicionário crítico de análise junguiana.** Rio de Janeiro, Imago, 1988.

SANTOS, M.F. - **Identidade e aposentadoria.** São Paulo, E.P.U., 1990.

SCHAIE, K. W. & WILLIS, S.L. - The older worker and retirement. In: _____. - **Adult development and aging.** 4. ed. New York, Haper Collins College Publishers, Inc., 1996.

SCHULLER, T. - Work-ending: employment and ambiguity in later life. In: BYTEWAI, et. al. - **Becoming and being old, sociological approches to later life.** London, Sage, 1989.

SHARP, D. - **Léxico junguiano - Dicionário de termos e conceitos.** 10. ed. São Paulo, Cultrix, 1997.

SHEEHY, G. - **Passagens:** Crises previsíveis da vida adulta. 15. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

SILVA, E. M. - **A periodização da vida e a experiência de homens e mulheres na faixa dos 40 anos.** Campinas, 1996. (Tese - Mestrado, Universidade Estadual de Campinas).

SOUZA, M.T. S. - **"Script" de vida:** histórias entrelaçadas. Campinas, 1998. (Tese - Mestrado, Universidade Estadual de Campinas).

STAUDE, J.R. - **O desenvolvimento adulto de Carl Gustav Jung.** São Paulo, Cultrix, 1981.

STUCCHI, D. - **Os programas de preparação a aposentadoria e o remapeamento do curso da vida do trabalhador.** Campinas, 1994. (Tese - Mestrado, Universidade Estadual de Campinas).

TARDIVO, L. S. C. - Análise e interpretação. In: TRINCA, W. org. - **Formas de investigação clínica em psicologia.** São Paulo, Vetor, 1997.

TRINCA, A. M. T. - Ampliação e expansão. In: TRINCA, W. org. - **Formas de investigação clínica em psicologia.** São Paulo, Vetor, 1997.

TRINCA, W. org. - Apresentação e aplicação. In: _____. - **Formas de investigação clínica em psicologia.** São Paulo, Vetor, 1997.

VAILLANT, G.E. - **Adaptation to life.** Boston, Little, Brown & Co., 1977.

VAN KOLCK, T. & JUSTO, H. - **O teste das pirâmides de cores.** 2. ed. São Paulo, Vetor, 1971.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo** - Conceitos básicos de Psicologia Analítica. 10. ed. São Paulo, Cultrix, 1995.

WOOLGER, J. B. & WOOLGER, R.J.- **A deusa interior**. São Paulo, Cultrix, 1997.

# *11. ANEXOS*

# ROTEIRO DA ENTREVISTA

## 1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

DATA: IDADE:

NOME:

ESTADO CIVIL: ESCOLARIDADE:

CARREIRA: CARGO:

TEMPO DE TRABALHO: TEMPO PARA APOSENTAR-SE:

2- PERGUNTA:

COMO O(A) SR.(A) IMAGINA QUE SERÁ SUA VIDA DEPOIS DE APOSENTADO (A)? (Expectativas, fantasias, planos, sonhos, preocupações, etc.).

## ENTREVISTA

ENTREVISTADA: (sujeito-S) Vitória

DATA DA ENTREVISTA: 14.10.1998

DURAÇÃO DO RELATO EM FITA CASSETE: 40 minutos

NÚMERO DA FITA: 4 - lado A e B

ENTREVISTADORA: (Pesquisadora-P) Marluce

TRANSCRITOR: CRISTINA

DATA DA TRANSCRIÇÃO: 18.10.1998

CONFERÊNCIA DE FIDEDIGNIDADE E DATA: Marluce - Nov.1998.

(P) Por favor, me forneça seus dados de identificação (idade, estado civil, escolaridade, composição familiar, cargo que ocupa na instituição, tempo de serviço e se tem atividade profissional paralela).

(S) Sou casada, ocupo o cargo de pesquisadora, tenho 28 anos de trabalho aqui dentro da instituição "X", tenho nível superior de pós-doutorado, 45 anos de idade e sempre trabalhei aqui. Eu já poderia ter me aposentado há três anos atrás com a aposentadoria proporcional, então, teoricamente, faltam dois anos. Isto se não mudar a lei da aposentadoria e eu me aposentar com tempo integral.

(P) COMO VOCÊ IMAGINA QUE SERÁ SUA VIDA DEPOIS DE APOSENTADA?

Como é que eu imagino que minha vida será depois de aposentada? Eu acho que, é porque justamente não consigo imaginar minha vida depois de aposentada é que eu não me aposentei. Muita gente com o mesmo tempo de serviço que eu, com a mesma carreira e do meu departamento, eles já se aposentaram e já foram buscar outras carreiras, outras atividades, etc. Mas como eu não consegui nunca imaginar minha vida profissional fora dessa prisão, de "X", eu tenho evitado a idéia de me aposentar, quer dizer, tenho tido até oportunidade de trabalhar fora, de dar aula em universidade, etc., mas eu evito porque eu não consigo me imaginar

fazendo outra coisa que não seja o que eu faço aqui em "X", porque é uma coisa que eu venho fazendo com prazer há tanto tempo, e, por enquanto eu não tive imperativos de natureza financeira, como é o caso de muitos dos meus colegas que se aposentaram. Ou seja, se aposentam porque se sentem pressionados pela necessidade de arranjar um segundo emprego, porque tem a questão salarial, etc. Eu graças a Deus, não tenho essa necessidade, pelo menos por enquanto, então eu acho que [pausa] eu não me imagino fora de "X". Agora existe, quando eu faço algum exercício de tentar pensar o que eu vou fazer depois, sempre me passa que não vou fazer nada parecido com o que eu faço aqui, entendeu? Então, por exemplo, eu tenho uma verdadeira recusa de pensar que eu vou dar aula na universidade A, B ou C. São lugares que as pessoas já me chamaram para ir. Eu fico pensando, não, eu não quero fazer isso. Há coisas que eu gosto de fazer, que me dão prazer, por exemplo, eu gosto muito de traduzir texto, ler, etc. Então eu fico pensando, talvez fosse *free-lancer* como tradutora. Já pensei em trabalhar em alguma coisa, fazer alguma coisa bem fora do padrão, como por exemplo, ser missionária, trabalhar com crianças, fazer algum tipo de trabalho social, entendeu? Mas tudo é fantasia, não é nada assim ... Não fiz ainda nada para isso de concreto. Quer dizer, a única coisa de concreto que fiz nessa busca assim de alguma coisa, nessa prospecção do futuro foi [pausa] ontem eu li na página do 'Universo-on- line', que tinha uma inscrição para seleção de *trainees*, um curso que envolve diversas atividades dentro das quais tradução de texto, de artigos que saem sempre no *Chanel Time* e aí me inscrevi na Internet. Ontem à noite eu fiz essa ficha, sei lá, de repente 'pinta'. Estou fazendo um monte de cursos, isso eu estou fazendo, virei um 'coração de estudante', então, eu até brinco com meu filho: mamãe está se capacitando para os próximos cinquenta anos. Estou fazendo um curso de computação, Windows 97, última geração de pacote que está saindo por aí, voltei a fazer curso de francês, voltei a fazer curso de espanhol, de inglês, sabe, coisas que eu já tinha feito na década de 80. Estava preenchendo uma ficha em que eu tinha que colocar o ano do certificado, eu ia colocando assim: CCAA-1980. Aí, pensei: meu Deus, que horror, quase vinte anos atrás, né! Eu estou fazendo isso, estou começando a fazer cursos, então, eu acho assim, eu não penso muito em carreira depois, eu penso em alguma coisa prazeirosa. Algumas coisas que eu faço em "X" eu não gosto de fazer, eu faço para poder ter o prazer de fazer outras e, então eu acho que depois que eu me aposentar, eu vou tentar concentrar-me naquelas coisas que eu me dão prazer, tipo assim, coisas ou pedaços de minha carreira ou de atividades

ou de talentos que eu tive que desenvolver dentro de um período aqui e que me dão prazer em fazer. Mas, assim, não penso em me aposentar, se você me perguntar assim, eu acho que agora você tem que se aposentar porque o governo vai realmente mudar a lei, vai fazer não sei lá o quê. Eu fico pensando assim: enquanto eu puder me segurar aqui, eu não vou me aposentar e o dia em que eu me aposentar eu não vou me preocupar em ter uma outra carreira assim formal. Tipo assim: fazer concurso, ir para uma universidade e ter que dar aula todo dia, levantar cedo ... Carreira eu tenho aqui.

(P) Você está dizendo então, que ao romper com sua carreira aqui em "X", gostaria deaproveitar-se de muitos aspectos que desenvolveu dentro de sua mesma, mas jogando isso em outras atividades, continuar tendo uma atividade produtiva, é isso?

(S) Isso, não me tornaria uma pessoa inativa, mas eu não tenho muitas ilusões em relação ao que muitos dos meus colegas tem. Às vezes eu digo que eles 'quebram a cara' porque eles tem uma ilusão muito grande de que quando saírem daqui, porque aqui você é uma pessoa, ocupa um espaço, você vai a um congresso, são milhares de pessoas que vem procurar você, etc. As pessoas têm uma identidade profissional muito consolidada, confundem essa identidade profissional com uma identidade pessoal, entendeu? Então elas acreditam que elas vão levar no momento em que se aposentam, essa, vamos dizer assim, essa aura para fora de "X", e, que essa aura vai ajudá-las na vida lá fora. Então, elas querem chegar , por exemplo, em qualquer lugar e tipo assim: Você sabe com quem está falando? Eu sou a doutora fulana de tal, de "X", mas aí você não é mais. Você é mais uma aposentada nesse 'país de aposentados' que ninguém dá bola, ninguém quer nem saber, entendeu? Então, eu acho que esta ilusão eu não tenho e porque eu não tenho essa ilusão que muitos acalentam, eu retardo a minha aposentadoria. Eu sei que no momento em que eu sair daqui eu vou ser mais uma na fila dos aposentados, entendeu? Eu não carrego isso comigo porque muito do que eu sou é o que a instituição é, e ela transfere para mim, me confere esta identidade. Eu acho que muito do drama dos que se aposentam resulta dessa confusão entre personalidade jurídica e personalidade física. Pessoa jurídica eu sou funcionária Pesquisadora Titular III. Pessoa física eu serei uma aposentada com 46 ou 47 anos de idade, num país pobre que precisa fazer caixa na Previdência, que vai abaixar os salários e que não vai ter muita grana para pagar remédios na farmácia e que vai ser chamada de 'tia' na feira, avó na ... entendeu? Acabou. E isso daí que eu acho que é o grande drama e, é isso a preparação que você tem que fazer, e essa

preparação é para você chegar e enfrentar essa realidade, numa sociedade que não valoriza o velho, para o qual o velho é um peso e, que seu passado de glória pessoal é um passado de glória, só. Eu acho que estou assim. Por um lado, isto dá amargura no presente porque você antecipa os problemas que você vai ter no futuro, mas por outro, não cria ilusões em relação ao que vai ser o futuro, entendeu? Então eu não espero muita coisa do futuro. Eu não espero, por exemplo, ser capaz de realizar coisas, mais coisas do que eu já realizei no passado, porque a competição vai ser muito grande, o mundo é dos jovens, vai ser um mundo extremamente competitivo porque as oportunidades vão ser muito limitadas, né. E porque a capacidade da gente, a energia que a gente tem para realizar depois de uma certa idade é muito menor. Porque você vai acumulando um certo ceticismo. Eu acho que o trabalho, ele sempre foi vital para mim. Eu tenho uma vida, eu sou casada, tenho dois filhos, etc., mais o trabalho sempre foi em primeiro lugar, ou então, não digo que tenha sido em primeiro lugar, da minha vida, mas vamos dizer assim, sempre foi muito importante, quer dizer, eu nunca fui uma pessoa que cogitou abandonar o trabalho porque tinha filhos. Eu fiz questão de tocar a minha vida privada em paralelo com a minha vida profissional, sem que a minha vida privada pudesse comprometer a minha vida profissional, mesmo quando eu tive os filhos. Eu digo que tive meus dois filhos enquanto estava fazendo meu doutorado, então, eu fiz um doutorado mais dois filhos juntos, foi um 'bruto' de um sacrifício, talvez até por isso foi muito forte. Até por isso eu acho que como eu [pausa] teve um sacrifício pessoal muito grande, foi uma dedicação para eu conseguir fazer isso, para eu não 'pirar' em relação aos meus dois filhos, não detonar a cabeça deles, não destruir a vidinha deles, certo? Eu tive que fazer muito sacrifício pessoal, porque não foi fácil, como é que você faz isso? Então, por exemplo, você trabalhar aqui oito horas e ter que sair daqui, às vezes você está com vontade de ficar aqui, você está pensando numa coisa legal, mas você tem que ir para buscar a criança ... Você está com o raciocínio engatilhado, mas você tem que [pausa] aquilo fica suspenso ali na cabeça, rodando em paralelo. Aí você tem que ir, isso acumula muita tensão. Então eu sempre fui uma pessoa muito tensa por causa disso, né. Porque eu tinha que estar sempre, vamos dizer assim, 'cortando o meu barato' aqui, para segurar o outro lado, cuidar de crianças, ver e tal. Então isso daí foi uma coisa que sempre levei em paralelo. Por exemplo, saí para fazer pós-doutorado e levei minhas crianças junto, todas as vezes que saia do país eu levava junto, foi um 'bruto' de um sacrifício para todos...

Minha vida foi aqui, amadureci aqui, eu cresci aqui. Saí de minha cidade e vim fazer o mestrado aqui e, passei a vida inteira aqui, casei e tive as crianças muito cedo. Meus filhos agora já estão grandes, tenho um filho na faculdade, já fora de casa, entende?

Então agora, é como se tudo tivesse acabado na mesma época, e, o que tivesse sobrado, tivesse sido novamente a profissão, então, se eu me aposentar [pausa]. Há três anos atrás eu fui fazer análise por causa disso, porque quando eu tinha 25 anos de serviço em "X", eu podia me aposentar, mas meus filhos estavam fazendo vestibular e iam sair de casa e aí eu falei assim: Nossa! Eu vou perder tudo de uma vez, eu não vou dar conta disso, eu vou enlouquecer. Então aí eu comecei a tomar consciência que eu tinha que retardar ao máximo a minha aposentadoria para eu poder lidar com a coisa de ir perdendo aos poucos os papéis que você representa na vida, né. E ir se retirando de cena lentamente. Um tempo para você ir se retirando, não fazer aquela saída brusca, que você sai, tropeça, volta e 'tum', não tem mais jeito. Eu acho que minha carreira é um negócio, hoje em dia é bem centrado, mas vida inteira foi um coisa importante. E ainda não cheguei a um consenso da hora de sair, é, acho que não. Se não fosse a situação do país, historicamente por exemplo, pela coisa que tem assim da minha mãe, da minha avó, etc., que sempre trabalharam, que dizer, são gerações de mulheres que sempre tiveram carreiras, entendeu? Então eu acho que para mim, eu sempre pensei em compulsório, só na hora que eu tivesse 'ga-gá' é que eu sairia. Mas hoje, eu não sei porque, eu acho que existe muita coisa 'rolando' aqui. Talvez o governo faça alguma aposentadoria precoce, obrigue as pessoas a se aposentar para economizar, então, pode ser que de repente eu seja abrigada a me aposentar, não que eu queira, mas porque houve uma imposição. De Governo, de Estado e tal. Aqui em "X" algumas pessoas se sentem coagidas nesse sentido, não é em função de ser um tiro no escuro esperar por essa nova política, é pela ameaça que ela possa representar, perder uma série de oportunidades que nossa atual política nos dá. Então as pessoas preferem arriscar e aposentar proporcionalmente, não esperar pelo depois. Não é o meu caso, eu acho assim, que por exemplo, teve uma época em que eu pensei em me aposentar, logo que eu completei 25 anos, com aquele furor assim, vou me aposentar. Aí, me lembro que logo que eu ... [pausa] foi a primeira vez que eu tive consciência de quanto você é dispensável, que aquele ditado estava certo, que o homem é uma laranja que você chupa e joga o bagaço fora. Eu me lembro que estava em minha sala e numa conversa, tinha assim, a minha assistente de pesquisa e outras pessoas. Pessoas que eu ajudei a formar, entendeu?

Conversavam sobre com quem eu ia deixar os meus livros, meu micro com quem ia ficar, minha estação, os equipamentos, então, começaram em vida, como se eu fosse uma 'tia velha', começaram a lançar a sorte sobre os meus bens... Aí, eu pensei: Nossa, que horror que é, não é uma coisa que vai se comemorar na aposentadoria. Eu deflagrei essa conversa com eles, por ter havido um 'buxixo' geral de que eu estava me aposentando. Então, as pessoas queriam saber: Você vai sair e deixar sua sala com quem? Eu quero a sua sala, sua mesa e seus artigos, esse seu arquivo, seu micro, seus dados. Será que posso ficar com as suas coisas, você pode transferir seus equipamentos que estão no laboratório para mim? É como se eu fosse a 'tia velha virando a serra' e tivesse ou quisesse dispor de tudo que estava fazendo, como se tudo que interessasse não fosse eu, mas as minhas coisas, as minhas técnicas, as coisas que eu tinha, que estavam ali, mas que afinal de contas não eram nem minhas. As pessoas usufruíam plenamente, não tinha sentido, eu não estava sentada em cima delas, mas as pessoas queriam tomar posse perpétua. Porque de certa forma eram minhas: minha sala, minha estação que eu cedia aos alunos e aos meus assistentes de pesquisa, entendeu? Então, esse sentimento, quer dizer, eu acho que foi aí que eu resolvi fazer análise, porque aquilo lá é um negócio que me deixou profundamente abalada, sabe. Eu fiquei assim, extremamente vulnerável, não que você sente que vai ficar 'para semente', mas aquilo foi como um tapa. Depois, conversando com as outras pessoas que também na mesma época se aposentaram, vi que tiveram o mesmo sentimento, esse sentimento que você no momento em que se aposenta, existe assim um boicote da instituição à sua pessoa, os colegas sentem uma mistura de raiva, porque muitos gostariam de estar na posição de se aposentar. Eles tem uma ilusão, os mais jovens - é engraçado isso - os que estão na faixa dos 15 ou 20 anos, muitas vezes tem uma visão que você está usufruindo de um privilégio que eles não tem ainda. Quando você aposenta, o primeiro passo, até inconsciente, é que eles boicotarem você. Tirarem sua sala, não darem mais acesso, vamos dizer assim, enterrarem em vida, sabe como é? E isso é uma coisa que as pessoas nem percebem, mas é feita. Eu tive a oportunidade recente de estar num comitê científico de um simpósio de "XXX" e um colega nosso que era do comitê se aposentou no meio do processo de seleção dos artigos e tal. Se aposentou e foi para a universidade "A" e aí, os demais membros do comitê que são daqui e que não tinham se aposentado, tiveram uma tendência assim, de 'tira ele, corta ele, ele não é mais daqui". Até ontem era significativo o artigo dele, a pesquisa dele, a presença dele, a participaçao dele era

relevante. No segundo momento quando ele se aposentou, não era mais! E isso eu não entendo porque, mais é uma coisa que eu constato. Então, se é assim com os outros, porque comigo seria diferente? São essas coisas ... [pausa] eu acho que enquanto eu não tiver muito certa de que eu quero morrer eternamente aqui, que eu quero me deixar matar pelos que ficam, eu vou ficando, você entendeu? Enquanto não tirar, não desenraizar as coisas, me libertar desse sentimento de que trabalhar aqui em "X" é vital para mim, porque senão, o que vai acontecer? Eu vou definhar lá fora! A hora que eu cortar isso aí, eu estaria cortando o oxigênio para manter o resto. É, eu deixaria de ter uma parte muito importante do que eu sou, deixaria de existir. Não que eu deixasse de ser, mas porque existe uma negação, quer dizer, a instituição, a sociedade negam, quer dizer, acho que é assim com todo mundo. Por exemplo, teve um diretor de uma grande empresa, um médico que já morreu, Dr. "X", ele era um neurocirurgião no Hospital XXX, Professor da Faculdade de Medicina de XXX, uma pessoa brilhante e tal. Se aposentou e foi relegado ao maior ostracismo, morreu de câncer pouco tempo depois, na maior amargura. Justamente por não ter se preparado psicologicamente para o fato de que você deixa de ser o que é quando você aposenta, uma parte do que você é, é roubada, quer dizer, roubada não, é tirada de você. É a tal da identidade profissional, a gente acaba deixando e, a sociedade também nos induz muito a isso, que nosso papel profissional, a identificação profissional sobreponha todo o resto. E aí, muitas pessoas não conseguem depois deixar esse papel profissional, nem deixar que outros sejam tão brilhantes profissionais como ele, acham que quando perdem o papel profissional, perdem tudo. Então, esse problema não é a questão de não deixar que os outros sobressaíam, porque eu acho que, para uma pessoa brilhar, você não precisa destruir o brilho alheio, tem espaço para muitos. O problema é que existe toda uma forma de pensar que eu só posso ser, negando o outro, quer dizer, eu só posso subir na medida em que eu piso na sua cabeça. Acho que não é necessariamente assim, não deve ser assim. Mas acontece na conjuntura atual, porque você tem muito poucas oportunidades, pelo momento de crise econômica, crise de valores, etc., acontece que isso vira um fato, existe um certo 'darwinismo', entendeu? Outra coisa também, outras razões pelas quais eu ainda não resolvi me aposentar, por exemplo, no meu departamento, os aposentados viram uma espécie de almas penadas, entendeu? Então é muito engraçado, tem uns que vêm todos os dias, todos os dias eles estão lá. Ficam perambulando, como se tivessem morrido, carregando as correntes do passado pelos corredores, eu penso assim: vou aposentar para me

submeter a situação de depois ficar como uma alma penada aqui em "X"? Vindo todo dia, ficar sabe ... [pausa] eles não tem lugar para ficar porque tiraram a sala deles, o equipamento, todos os espaços. Ficam lá sentados nos corredores, nos sofás. Então é uma cena que quando vejo, sinto assim, muita pena, eu sinto uma compaixão imensa porque me coloco no lugar deles, me projeto. E fico vendo e falo: meu Deus, eu não quero passar por isso...

(P) É como se fosse uma morte em vida para você?

(Q) Morte em vida, é como uma alma penada mesmo, como uma pessoa que não se desligou, que está vindo todos os dias aqui, eles ficam vindo ... tem um monte de 'Plufts' aqui, eu encontro com eles e penso assim: fantasminhas, 'Plufts' do Departamento. É uma coisa dolorosa, se você pensar friamente, a gente dá risada, mas é uma coisa dolorosa, é um negócio doloroso, porque, afinal de contas são pessoas que, em algum ponto elas estão fixadas aqui, né. Então isso representa um sofrimento para elas, quer dizer, isso deve doer, eu imagino que deva doer muito.

(P) E vir aqui de alguma forma amenizaria essa dor?

(Q) Ameniza eu acho. Mas tem algumas pessoas que se aposentaram, tipo a "Z" que trabalhava comigo, que recomeçaram a trabalhar e ter outra carreira fixa, foi trabalhar na instituição "Y" como XXX e aí, ela tem uma carga de 40 horas diárias, tem que ficar lá o dia inteiro. Ela não tem esse tipo de atitude, de vir aqui como uma alma penada. Por outro lado, ela tipo assim: teve esse simpósio de XXX lá em XXX que eu fui e aí, quando eu cheguei, no momento seguinte ela queria que eu falasse tudo o que tinha acontecido, entendeu? Sabe, uma avidez para saber de tudo ... interessada nos mínimos detalhes. Então eu não sei, eu acho que talvez seja um problema de "X". Não sei, porque nunca trabalhei fora daqui, mas eu vejo meu marido. Meu marido trabalha em uma empresa e ele é muito mais descolado na empresa, talvez até porque tenha tido uma opção de carreira em que ele nunca ficou muito tempo em uma empresa. Ele fica 5,6 anos, depois é chamado para outra, vai para outra. Ele construiu uma carreira circulando entre empresas, então, ele não tem nenhum vínculo muito afetivo. Mas aqui não, a gente tem vínculos também afetivos com as pessoas, você convive 20 anos com as pessoas, você convive com alunos, entendeu? Então você tem uma zona de afeto

muito grande em relação às pessoas. Na semana passada mesmo, uma aluna minha foi contratada pela empresa "G" e foi embora na sexta-feira, ela estava aqui desde 1994.Ela chorava a semana inteira porque ela estava indo embora, falava assim: não quero ir para "G". Eu dizia: você vai ganhar muito mais, daqui a pouco você vem com um carro importado aqui, etc. etc., e ela retrucava: Mas não vai ser a mesma coisa. Também tem esse lado afetivo, essa coisa de você lidar [pausa] e que depois quando você vai se aposentar não tem mais como. Porque você não vai vir aqui aposentada, como os aposentados fantasminhas fazem e ficar atrapalhando as pessoas no seu horário de expediente. Você percebe, vai perdendo ... Você trabalha oito, nove horas por dia, às vezes, vamos dizer assim, seu círculo de amizades é aqui, você está acostumada a ter atividade assim do tipo ficar no clube jogando tênis a tarde inteira. Isso dá a sensação de que você está sendo muito ocioso, entendeu? Sabe, eu acho que o fato de trabalhar oito horas por dia num lugar vai tirando você também das outras esferas de interação social. No meu caso, acho que o agravante é o fato de ser uma atividade de pesquisa, porque é uma atividade meio solitária também. Você é uma pessoa que tem uma coisa assim de ter suas interações sempre relativas, você está sempre conversando sobre seu trabalho, sua pesquisa é o seu objeto, seu interlocutor. Eu vejo isso quando vou ao clube com meu marido, depois de uma hora e meia, ele está lá conversando sobre futebol. Aí, vai me dando um tédio, assim, meu pensamento já escapa, já fico pensando nas coisas que tenho que fazer, num livro que podia estar lendo, no trabalho que podia estar escrevendo, tem estas coisas também. Você tem o lado da profissão e um tipo de personalidade que combina com esta profissão, meio que afugenta outros tipos de interações, talvez seja mais fácil para meu marido. Outro dia ele falou assim para mim: vou me aposentar e comprar uma barraquinha, um quiosque em Ubatuba, vou ficar tomando conta do quiosque durante o dia e à noite durmo lá na praia mesmo. Ele é assim, curte a profissão, mas não tem essa coisa de profissão ser uma segunda natureza, você entendeu? Gosta da profissão, mas não é assim para ele, parece que está no meu sangue, talvez seja porque a atividade de pesquisa seja uma atividade lúdica, uma atividade de prazer para mim. Algumas pessoas talvez tenham atividade que não sejam prazeirosas. Acho que uma pessoa que faz atividades rotineiras, de repente para ela vai ser um alívio se aposentar, daí ela vai poder ter um espaço para ser criativa, fazer o que não fêz ainda e aí vai ser uma benção. Então, o que eu penso, como eu me imagino depois de aposentada [pausa] um inferno [risos] eu só vou me aposentar quando tiver, eu não puder

mais tirar prazer das coisas que eu faço aqui, ou quando eu puder substituir lá fora por coisas que me ocupem o tempo. Para mim é importante ficar ocupada, a minha mente estar ocupada com alguma coisa, me absorver bastante, senão eu vou ficar preocupada. O que eu vou ficar fazendo agora, porque quando eu estou ociosa fico com a cabeça preocupada com a inflação, com a crise, a fome da Ásia, mas se eu estiver trabalhando isto desaparece da minha mente.

(P) Então, seu tempo livre, de preferência seria ocupado por alguma atividade de trabalho ou não?

(S) Vamos dizer assim, não é que eu acabo ocupando meu tempo livre com o trabalho, com atividades que remetem ao trabalho. Eu sou uma pessoa que gosta de estar constantemente com a mente ocupada, eu sinto muito tédio se estou fazendo qualquer coisa que não seja as atividades que gosto de fazer. Eu gosto de ler, de ir ao cinema, de conversar, mas tenho um sentimento, uma certa necessidade de me sentir ocupada, útil, fazendo alguma coisa, produzindo, sabe. Não gosto da idéia de estar perdendo tempo, tem que ser alguma coisa, pode ser de lazer, mas eu tenho que estar aproveitando alguma coisa. Por exemplo, não é uma opção de lazer para mim ir a um bar e ficar bebendo cerveja, conversando fofoca, falando coisa nenhuma. Isto daí, depois de uma hora me dá uma sensação de cansaço. Começo a achar que poderia estar fazendo coisa mais legal e normalmente as coisas mais legais muitas vezes não são nada, só estar pensando em alguma coisa. É isso que eu tenho medo, de me aposentar e ser jogada numa situação em que eu não tenha que pensar em nada, me ocupar de nada, que eu não tenha prazos e coisas para fazer. Isso daí dá um certo sentido para a existência. Se você pensar bem, eu acho também que o meu grande problema é o seguinte: tenho uma avó de cem anos, se eu projeto a longevidade da minha avó na minha vida, penso que é um negócio terrível, porque a minha avó nestes cinco anos é uma pessoa que não tem o que fazer, ela não consegue fazer mais nada e isto é terrível.

(P)No sentido de uma limitação biológica?

(S) A mente dela ainda é uma mente que tem consciência, acho que o grande problema é você ter consciência das limitações, a consciência das perdas. Se você tem o mal de Alzeimmer, você fica completamente alienado, não tem consciência de nada, aí você é um problema para os outros mas não é um problema para você. Mas essa consciência de perda é um grande

problema, se você aposentar é o seguinte: é o passaporte para o fim, pensa bem, aposentadoria é isso.

(P)Aposentadoria então, acaba tendo esse significado para você?

(S)É o passaporte para o fim, é o fim da carreira, fim da linha, é o fim, mesmo que você arranje uma outra profissão, por exemplo, eu já ouvi isso nas universidades e é uma das coisas que fico relutante em ir para uma universidade. Eu já ouvi de alunos meus até dizer o seguinte: é injusto, esses caras se aposentam e vem ocupar o lugar dos jovens. Eles tem uma certa razão, tem uma lógica.

(P) Como é para você essa lógica?

(Q) Você pensar que vai estar ocupando um espaço que pode ser de um jovem deixa a gente mal também, então, você fica em uma posição ambivalente. Você tem sentimentos contraditórios, ainda acha que é capaz, que você é positiva e tem muita lenha para queimar, mas, por outro lado, você fica achando que está ocupando espaço de pessoas que teriam talvez, mais condições do que as que tive na minha juventude. Hoje a juventude está meio sufocada, eu vejo, por exemplo, a situação do meu filho. Eu quero que quando ele se forme na faculdade, ele tenha um lugar e todas essas oportunidades. Então não é uma coisa simples e que você pode resolver rápido. Como legalmente eu posso me aposentar, mas até o governo fica dizendo que quem se aposenta jovem é vagabundo, então, eu tenho pensando em me aposentar, mas até o momento não consigo me imaginar aposentada. O aposentado jovem é muito criticado lá fora pelas pessoas, por ser uma pessoa que teve coragem, mesmo sendo jovem, de aposentar-se. Então ele é marcado por isso, por esse passado. Por isso não quis me aposentar jovem, uma das razões também foi essa. Tem um monte de razões, sei lá ... é uma confusão. São muitos papéis, eu acho assim, por exemplo, o papel de mãe. Houve tempo em que a minha presença quantitativa era mais demandada pelos meus filhos do que agora, hoje eles não tem essa demanda da minha presença em termos de quantidade de tempo, porque eles estão fora de casa fazendo faculdade. Então, o contato que eu tenho com eles é pelo telefone, fim de semana que eles vêm para casa. Se eu fôr querer desenvolver esse papel agora, eu vou estar sufocando os meus filhos e vou estar criando neles, vamos dizer assim, uma incompreensão em relação a minha posição, porque houve época em que eu falei para eles um discurso do tipo: não interessa quanto tempo eu fico com vocês, interessa a qualidade do que

fico com vocês, eu posso não estar perto de vocês fisicamente, mas aonde eu vou vocês estão comigo no meu coração, eu estou em seus corações. Agora, só porque mamãe está livre e pode se aposentar, a mamãe vai passar duas semanas na república com vocês [risos].O filho vai falar assim: não entendi nada e nem quero você por aqui, entendeu. Então eu acho que não posso fazer isso porque isso seria uma fuga para o passado. Se eu vier com essa desculpa que preciso desenvolver meu lado de mãe agora, eu vou estar regredindo. Quanto ao meu lado esposa, também acho que é uma coisa temerária nesta faixa de idade, porque aos 45 anos e meu marido com 46 e você apostar, jogar todas as suas fichas na sua relação, no seu papel de esposa, não sei. É uma fase em que as relações podem ser mudadas, por exemplo, minha mãe foi casada por 25 anos e meu pai simplesmente divorciou-se dela. A sorte da minha mãe é que ela não 'pirou' legal na época. É que minha mãe tinha o emprego dela, a profissão dela, senão ela teria ... Sabe, é um fato, uma coisa que está aí, quer dizer, não é genérico, mas eu acho, olhando a minha mãe, que eu também não posso falar assim agora: vou me aposentar e dedicar-me ao papel de esposa e vou jogar todas as minhas fichas existenciais no relacionamento, porque de repente neste mesmo momento, meu marido tem sua própria forma de enxergar as coisas, pode estar num outro momento de vida ...Eu não sei, a coisa não é simples... É só isso.

(P) Muito obrigada pela sua colaboração.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (TRINCA, 1997).

**SUJEITO (S) :** VITÓRIA **IDADE:** 45 ANOS

DATA DA APLICAÇÃO: 24/05/99

**INÍCIO:** 9h:45' **TÉRMINO:** 11h:00

**1°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA (P): S. começa pelo marrom, faz tronco para depois descer para as raízes. Em seguida, esboça os galhos e apanha o verde para sombrear a copa da árvore.

Em seguida a grama. Faz árvore menor ao lado. Vai trocando o verde com o marrom , ora usando um ou outro. Faz outra árvore menor ao lado esquerdo agora. Esboça aos poucos a mata, usando o verde claro por cima e só depois o tom amarelo ouro, esfumaçado com o vermelho.

**ESTÓRIA:**

"Eu desenhei um bosque, porque gosto muito de bosques.

Não consegui desenhar muito bem, plasticamente, mas visualizo, se tivesse talento, uma pintura impressionista, de tons difusos, como se fosse um bosque com a visão do amanhecer, uma luz filtrando na floresta. Na minha posição de observadora, fico de frente olhando o amanhecer. O que destaco nas árvores, que gosto é o tronco, a casca, os nós das árvores,. Quando eu morava em casa, tinha um ipê, gostava de passar a mão na casca, vê-lo passar pela transformação ao longo das estações. Em abril ficava desfolhado, em agosto todo florido. É um instrumento símbolo da vida, a floresta, capacidade sistêmica de

auto-renovação. Trabalho na Amazônia porque gosto muito de floresta, hoje mesmo estava observando o ipê quando cheguei aqui em "X".

Estive agora sobrevoando a Amazônia e observando com encanto a diversidade de padrões para observar, copas diferentes, ângulos diferentes quando olhamos de cima, quando está dentro da floresta. A ponto de se você não sabe andar na floresta você se perde. Entre a aparente similaridade tem uma diversidade muito grande, ao longo do dia ela muda infinitamente de cores, como reflete a luz do sol, com o vento. A árvore é uma coisa aberta às circunstâncias, fica à mercê das intempéries, mas não se quebra".

**INQUÉRITO:**

(P):Onde este bosque está?

(S):Carrego dentro de mim, está fora, mas é um elemento... Não sei onde está. Existe um bosque mítico dentro de mim, por exemplo : eu sempre procuro me apaziguar olhando montanhas, árvores.

Quando eu era criança eu lembro-me de que para eu ter um encontro comigo mesma, eu ia ao quintal do fundo da casa, me encostava no muro e ficava quieta olhando as plantas.

Depois que eu ficava ali algum tempo, eu voltava refeita das pequenas amarguras da infância.

Eu acho que era levada, minha mãe diz que eu era muito custosa, eu apanhava, por isso, sentia uma revolta imensa e aí, eu melhorava quando ficava no quintal observando as árvores. Fazia parte da minha infância este quintal, subia nas árvores, uma vida urbana com elementos da vida rural.

Quando eu vim para o curso aqui, eu fiz opção para um trabalho mais no campo. Sinto uma necessidade vital de ficar em contato com a natureza, em estado puro. Me apazigua, me dá prazer. A natureza tem elementos duros e moles, tronos e folhas.

O fato da árvore ter raízes, ao mesmo tempo que ela é fixa, não pode se movimentar, ela também é flexível e móvel.

Ela consegue também se adaptar ao sistema no qual está inserida, por exemplo, quando a semente cai perto da pedra, ela direciona as raízes para onde tem nutrientes para sobreviver. É um processo de reciclagem constante.

Desenvolve mecanismos de adaptação, de sobrevivência. Abriga uma quantidade de vida por debaixo.

(P): ONDE VOCÊ ESTÁ?

(S): Na borda da mata, olhando para ela em estado de enlevo, de veneração quase religiosa.

(P): QUAL A IDADE DO BOSQUE?

(S): Bosque antigo, num clímax, mescla todos os estágios da vida, é um exemplo de renovação perpétua. Tem que dar luz e espaço para as árvores novas, morrendo uma árvore velha. É um clima ameno.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Um bosque de toda vida".

**2º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. pensa um pouco e diz: "Outro? Vai ser uma galeria". Fica um pouco hesitante olhando para a folha. Com o marrom faz um linha de solo. Com o amarelo faz o sol despontando por trás dos morros. Faz a casa em grafite, primeiro a casa da esquerda.

**ESTÓRIA:**

"É o desenho que eu mais gostava quando eu era criança, sempre fazia no caderno quando a professora pedia para enfeitar, essa casinha com montanha.

É um cena rural. É engraçado porque a região de onde venho, Rio Claro, é muito plana, é uma mesa, não se vê montanhas, o máximo é o pôr-do-sol através das casas. Não é como aqui no vale que tem serras, como o nascer-do-sol e o pôr-do-sol emoldurados pelas montanhas.

É engraçado, porque esta visão do sol nas montanhas me apazigua.

Quando saio de "X" à tarde, às vezes aborrecida, com problemas, magoada, chego na avenida e vejo o pôr-do-sol se pondo detrás da Mantiqueira, aquele momento me refaz, me distrai, vamos dizer assim, me leva para longe das coisas que estão me aborrecendo. Como se eu tivesse um radinho interno que eu mudasse de estação. Fico prestando atenção no pôr-do-sol e observo que mudo de canal, de freqüência, é uma coisa bonita de se ver".

**INQUÉRITO:**

(P): QUEM MORA NESTAS CASAS?

(S): Pessoas ( cantarola a música de Vinícius de Moraes ), gente humilde, gente que está por aí, qualquer pessoa.

(P): VOCÊ TAMBÉM MORA LÁ?

(S): Não é minha casa. Está no caminho, estão no caminho, e eu olho para elas. Deve ter um significado psicológico, né? Sempre estou só olhando.

(P):Eu acho que sou mais expectadora da vida do que a que vive. Por exemplo: basicamente podemos classificar as pessoas em dois grupos: as que vivem e as que são expectadoras, apolíneas e dionísiacas. Eu sou uma pessoa objeto e sujeito, mais sujeito da observação do que objeto, talvez eu esteja dentro da floresta, talvez pela deformação profissional, de sair de dentro dos dados para não ser tendenciosa, sou sempre mais uma expectadora. Quando vou numa festa, por exemplo, me compraz mais ver as pessoas, ver dançar, observar, tenho mais prazer assim, uma posição mais de observação do que uma participação ativa.

Se você me observar eu vou estar sempre observando. Sou mais apolínea, talvez por educação, fico pensando, se também não fui educada para ser assim...

Essa é a diferença entre o meu marido e eu. Não acho ruim ficar sozinha em casa. Um dos filhos é mais parecido comigo, desde pequeno, brincava com os amigos e chegava uma hora que dizia que estava cansado, para os amigos irem embora. Eu sempre preciso de um tempo para mim, sozinha.

(P): QUAL É O MOMENTO DO SOL NO DESENHO?

(S): É o amanhecer. Mais amarelo ao amanhecer. Quando é entardecer tem vermelho junto.

**TÍTULO DA ESTÓRIA :** "O sol e a serra".

**3º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: Após a instrução, S. diz: "Quantos são? Meu repertório está ficando cada vez mais escasso". Vira a página (coloca-a no sentido vertical). Com o azul faz um vaso, pegando o verde e colorindo para depois voltar e cobrir de azul o interior do vaso. Faz de vermelho as flores, e vai alternando o verde e vermelho, repassa a borda do vaso por várias vezes. Comenta ao final: "Ficou desproporcional, precisava de caules maiores para o tamanho do vaso", retoma o desenho e aumenta os galhos das flores.

**ESTÓRIA:**

"Quando peguei o azul quase que o vaso vira um oceano, depois deixei para desenhar o oceano para depois, se tiver mais desenho. Aqui foi saindo assim". (Enquanto vai falando, continua colorindo). "Tem a ver com o céu, o azul é a cor que eu mais gosto, gosto de observar o céu. Quando desenhei as curvas do desenho do vaso, quase virou uma pessoa, ou um modelo, um vestido, era o fazia muito quando era criança.

Houve uma época, na adolescência que pensei em ser desenhista de moda, mas depois vi que não sabia nem desenhar, como ia trabalhar com isso?

O grande lance é o vaso, as flores só vieram preencher , como ele ficou grande, tive que preencher com flores.

O vaso é como a vida. É um dado, a existência humana é dado sem controle, não escolhemos os pais, recebemos gratuitamente. Posso ser um vaso grande ou pequeno, você não decide o tamanho do vaso que você é, por outro lado, o vaso tem uma qualidade frágil, pode se quebrar, posso deixar de ser vaso, tem uma analogia com a existência. Embora suas características externas, seu *hardware* tem o oco, o vazio, tem a possibilidade de preenchimento com coisas diferentes. Embora não possa definir o tamanho, etc., mas pode preencher com coisas que podem dignificá-lo ou não.

No caso do desenho, o vaso é grande para pouco conteúdo, para pouco uso, talvez isto possa ser, uma visão um sentimento da minha vida em "X" , é uma espécie de constância aqui em "X", meu vaso existencial foi sempre subaproveitado, na minha percepção não pude usar de forma plena meu vaso. Não por imposição externa apenas, mas por limitações internas também.

No meu caso assim, tenho uma sensação que permeia a minha existência, da infância até agora, que usei menos o meu vaso do que realmente tinha de potencial. Acho que é um sentimento como de todo mundo. A natureza humana acha sempre assim".

**INQUÉRITO:**

(P): ONDE ESTÁ ESTE VASO?

(S): Sobre uma mesa qualquer.

(P): QUE FLORES SÃO ESTAS?

(S): As flores não tem nome, estão frescas e o vaso está sobre uma mesa qualquer.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "O vaso inadequado"

**4°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. comenta: "Agora vai o mar". Usa dois tons de azul. Faz o barco em grafite, colorindo de vermelho e rosa em seguida.

Vai completando a superfície do mar com maior pressão e jogando para baixo na folha. Depois vem a perspectiva da montanha à esquerda em marrom, com vegetação sobreposta em verde. O céu vem por último e depois os pássaros.

**ESTÓRIA:**

"É um barco chegando ao cais , porque tem aves por perto, um barquinho chegando em terra ao fim da viagem. Simbolicamente pode ser assim: o barquinho cor-de-rosa, sou eu, o oceano é a vida e o cais é o fim da existência , fazendo a travessia, deixando um pouquinho de nuvens para trás.

A sensação é que é uma travessia pacífica, não é tormentosa. Quando comecei a desenhar ia ser ondas, depois transformei em traços lisos, para um mar mais calmo, fui construindo e mudando. Foi virando uma enseada, este paredão dá a idéia de falésias, obstáculo intransponível, mas a idéia de enseada é de recolhimento, pode apostar que vai encontrar uma transição segura do mar para a terra.

Enquanto desenhava, pensei se colocava outros barcos, mas não estava interpretando, agora olhando eu vejo que esta travessia é solitária, é individual, se passa internamente, não é compartilhada. O chegar ao cais é um processo solitário. Cada um chega ao seu cais, alguns chegam às falésias" (cantarola uma música de Milton Nascimento).

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "O cais"

**5°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. fica hesitante para desenhar. Leva mais tempo.

Faz a flor central para depois a da direita menor, saindo em galho. A grama e as flores menores `a direita, e à esquerda. Alterna as cores verde, preto, colore de amarelo o centro das flores e só por último as pinta de amarelo, Observa com muita atenção todo o desenho.

Faz o pinheiro a esquerda.

Recobre as flores com pinheiros.

**ESTÓRIA:**

"De novo, dada a alta criatividade, uma floresta de pinheiros.

Então, eu ia fazer um vaso, aí eu achei que uma pobreza de criatividade.

Como eu vi que a flor estava fora de proporção, tentei fazer com que ela desaparecesse. Aí fiz um bosque de *pinus* para desaparecer com a enorme flor do caminho, para voltar a harmonia na paisagem.

Comecei a sentir desconfortável com relação a flor enorme, podem achar que sou eu enorme no jardim, aí preferi desaparecer com a flor. A flor da esquerda com miolo cor-de-rosa sou eu. É mais flor do campo, é um par, é nova, não está num lugar específico".

**INQUÉRITO:**

(P): COMO VOCÊ SE SENTE NESTA FLORESTA?

(S): Muito bem agora.

(P): HÀ MAIS ALGUÉM COM VOCÊ?

(S): Não, estou só.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Um bosque de *pinus* para ocultar a flor monstruosa".

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (TRINCA, W., 1997).

**SUJEITO: IONE** **IDADE:** 49 ANOS

**DATA DA APLICAÇÃO:** 17/06/99

**INÍCIO:** 9h:30' **TÉRMINO:** 10h:30'

**1°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA (P): O Sujeito (S) inicia pela árvore (verde, marrom) depois faz casa. Pergunta: "posso usar qualquer cor?" Coloca as frutas por último no desenho, depois o céu. Sorri quando termina e conta o que tem no desenho.

**ESTÓRIA:**

"Eu estou com uma família dentro da casa, família muito alegre, com cozinha grande, está todo mundo lá reunido conversando. Do ponto de vista financeiro, a casa é própria . É uma casa que sempre está reunindo as pessoas. É um ponto de aglutinação, onde todo mundo se reúne. E... ( pausa ) existem pessoas de todos, as faixas etárias, de avó a netinho, é realmente uma família inteira.

Tudo muito simples, mas muito organizado, dá um grande bem estar às pessoas que estão aqui dentro. É uma local alto, não é plano. Então, tem uma visão do horizonte muito grande. Não se vê montanhas no desenho porque a casa está acima das montanhas, no pico. Nem todos moram aqui. Nem mesmo eu. Pode ser assim, um sítio, uma chácara, mas eu passo grande parte do meu tempo aí.

De qualquer maneira eu tenho uma parte da minha vida que não é aqui. Esses banquinhos representam o local para as pessoas sentarem e conversarem. Está todo mundo muito feliz aqui dentro, inclusive eu. Eu não desenhei nenhuma pessoa, mas estão todos aí.

Só um detalhe: quando eu desenhei frutinhas, o banco na sombra da árvore, as flores, o céu azul, o pôr-do-sol , isto quer dizer que a qualidade da vida de todos que aqui estão, inclusive a minha, é muito boa.

Mas cercada de simplicidade. Não tem prata, nem cristal. Mas tem tudo. Não vejo objetos de luxo mas, utensílios práticos, limpos, organizados, tudo que se precisa tem lá, sem carência de utensílios. Sorri... Tudo que se precisa para viver aqui tem".

**INQUÉRITO:**

(P): QUEM SERIAM AS OUTRAS PESSOAS?

(S): Minha mãe, marido, irmãos, noras, todos os sobrinhos, meu enteado e tem uma pessoa que trabalha para minha mãe há muitos anos, ela e a família dela. Tem alguns colegas de "X", mas acompanhados de suas respectivas famílias. Tem tias, tios, a cozinha é muito grande. É uma grande reunião, onde todos se confraternizam, estão muito felizes, alegres de bem com a vida.

(P): É UMA REUNIÃO PARA COMEMORAR ALGUMA DATA?

(S): Reunião de família sem data específica. Eu me sinto muito familiarizada com este ambiente porque eu nasci em Campos do Jordão. Está em Campos do Jordão esta casa. Embora eu tenha saído de casa com 17 anos para estudar, estas minhas raízes são muito fortes. Eu e meu marido também gosta de lá.

(P): ONDE VOCÊ ESTÁ?

(S):Estou dentro junto com todos, mas não moro no dia-a-dia lá.

(P): TEM ALGUM LUGAR ESPECÍFICO NA CASA QUE LHE AGRADA?

(S):Ah, sim! Na janela, do lado esquerdo fazendo meus bordados ( porque sou destra , assim a luz é melhor ) e olhando para todo o vale, apreciando a beleza do lugar.

(P): QUAL A IDADE DESSA ÁRVORE?

(S):Árvore frutífera, já está produzindo, acima de 6 anos, mais ou menos doze anos, não sei qual fruta.

**TÍTULO:** "Família Feliz"

**2º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. sente uma certa dificuldade. Pergunta: "Um segundo desenho? Gente o que fazer? O primeiro fluiu sem dificuldade. E agora? Fazer o que"?

Foi o desenho em que teve mais dificuldade. Pensou um bom tempo antes, franzia a testa enquanto fazia. Parava , olhava de longe.

Vai desenhando e dizendo. "Pode escrever que este aqui não foi fácil. Vou desenhar o que neste momento está representando um problema para mim. Há um ano estou fazendo uma poupança para trocar de carro, mas quanto chega a hora 'H', sempre preciso do dinheiro para outra coisa. Então esta é uma coisa que está me preocupando no momento".

Começa desenhando um carro, pelo contorno, depois as quatro rodas. Diz que "é muito importante ter as quatro portas, para que todos os velhinhos possam entrar e sair sem dificuldades". Diz "que vai trocar porque o carro dela é muito simples, mas é por puro conforto". Acha que "o carro tem que combinar com o nível de vida da pessoa".

**ESTÓRIA:**

"Esta é uma história de verdade. É uma história trágica. É real, não é muito dramática, não, eu estou brincando...

Quero um carro simples, confortável, com um porta-malas razoável, porque mulher precisa carregar a casa junto! Para usar para trabalhar, mas para levar mamãe, sobrinhos, que sirva a família, não só para mim. Eu tinha a possibilidade de trocá-lo agora mas vou deixá-lo para pegar um no ano 2000. Assim fico com um carro do século XXI.

O meu ainda está andando, está bom este aí é um carro nacional, 1.0, o suficiente para dar conta do dia-a-dia. É um utilitário. Dentro do meu padrão de vida. Para eu conseguir pagar com o meu salário. O meu carro embora velhinho ainda agüenta mais um pouco. Não sei qual a marca ainda que eu vou comprar".

**INQUÉRITO:**

(P): ONDE SE VÊ?

(S):Me vejo sempre dirigindo.

(P): DE QUE COR É O CARRO?

(S):Vinho, cor alegre.

(P):ESTÁ INDO PARA ALGUM LUGAR?

(S):Está andando na cidade no dia-a-dia. Ele não existe ainda (este do desenho) é só na minha cabeça.

**TÍTULO ESTÓRIA:** "Um dos meus sonhos."

**3º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. de imediato começa a desenhar . Desenha uma mesa, depois o teclado do computador ( vai falando enquanto desenha o que está fazendo ) Desenha a CPU, os microfones, para ouvir os CDS. Uma cadeira vem depois. (S): "preferencialmente confortável, taí, um computador" (pausa). "Plugado na Internet para eu recorrer na hora necessária. Interessante que a mesa é maior que o computador. É um mal necessário, mas não é tão importante assim".

**ESTÓRIA:**

"Hoje em dia é importante ter um computador para ter acesso às coisas do mundo.

Trabalhei tantos anos que hoje não saberia ficar mais sem ele, seria difícil. Até coisas mínimas, essenciais : compras do mês, acesso ao mundo pela Internet. Facilita a vida em trâmites bancários. É simples, com os periféricos essenciais, nada de diferente, usado continuamente. Como o carro, ele não tem luxo, é utilitário também. De uso comum, não é só meu. Está em casa, não em "X" .

Me vejo sempre recorrendo a ele como um fator importante. Me identifico um pouco com ele, aprendi a tê-lo como um instrumento muito importante para meu trabalho.

Vai existir ainda daqui uns dois anos na minha casa, agora é só no papel.

Tem gente até que desfaz casamento porque a mulher ou o marido passa a noite inteira trabalhando num computador. .Isto não pode ser.

A gente tem que ter noção de que ele sem nós não é nada, é uma coisa morta. Nós é quem comandamos. Estamos acima dele, precisamos respeitá-lo mas não supervalorizá-lo como muitas pessoas tem feito.

Eu não saberia mais viver sem ele, mas faço questão de fazer as coisas sem ele também! Ele otimiza minha vida, mas sobrevivo sem ele.

Estou desenhando-o porque ele faz tanto parte da minha vida, são tantos anos juntos, me identifico com ele, mas sei separar até onde vou com ele".

**INQUÉRITO:**

(P): VOCÊ ESTÄ ONDE NO DESENHO?

(S): Não estou, porque desenhei pensando no futuro, ele não existe ainda, é só imaginação, este é um plano para daqui uns dois anos.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Um mal necessário"

**4º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: Começa pelo azul. Faz o mar, faz a praia, as sombrinhas, depois o sol e as pessoas. Tem uma expressão radiante ao desenhar. Vai fazendo e dizendo o quanto se identifica com esse cenário.

**ESTÓRIA:**

"Isto aqui é uma praia, eu trabalho com oceanografia, tenha uma identificação com tudo que é do mar.

Tem um sol brilhante aqui. Guarda-sóis espalhados. Tem pessoas na praia, dentro d'água, ondas, um mar muito azul, azul esverdeado por causa da clorofila.

Céu azul, praia, eu preferencialmente debaixo do guarda sol, com fator de proteção 45, meu marido junto porque ele ama a praia. Estamos aqui apreciando a natureza, descansando.

Bom, nós estamos vendendo nossa chácara e um dos planos seria comprar uma casa na praia.

Primeiro, porque não queremos ter problemas com o caseiro, chega a quantidade de problemas que tivemos nesta chácara cidade de .....

Eu vejo uma coisa gostosa. Eu estou fazendo tratamento para osteoporose, preciso tomar sol porque todo minha vida profissional eu passei debaixo desta luz artificial.

Isto representa alguns dias, uma temporada, não representa uma vida cotidiana, me vejo mais na outra casa do que aqui ( do primeiro desenho ).

O sol faz bem, peixe é saudável, eu gosto de praia. Depois eu trabalhei em oceanografia. Eu embarquei muitas vezes no navio, para fazer pesquisa de campo. Sempre convivi com este ambiente, faz parte de mim.

Meu marido é santista, gosta de praia. Meu enteado mora na praia. Não que seja uma coisa muito necessária, mas é gostoso, de vez em quando. Está no litoral Norte, eu imagino aqui perto mesmo".

**INQUÉRITO:**

(P): QUE ESTAÇÃO DO ANO É ESTA DO DESENHO?

(S): Verão fortíssimo. Sol sorridente, ar puro. Eu aqui debaixo do guarda-sol. Eu penso em ter uma casa para poder descer sempre, afinal moramos tão perto. Aí, a família também desce toda e se reúne. ( Ri ) Estou de novo colocando toda a família no meio...são planos"...

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Saúde e alegria"

**5º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. começa logo a desenhar e vai comentando ao mesmo tempo: "Já sei o que vou fazer. Bastante gente. Vou pegar esta cor, que é cor de gente ( amarelo ouro ) Estes desenhos de criança são mais rápidos. Como vou desenhar calças para simbolizar homem? Tudo bem. Dá para fazer. Para simplificar meu desenho, vou fazer uma fórmula matemática.

**ESTÓRIA:**

"A mulher mais o homem num parêntese, elevado a potência "n" . Fórmula matemática ajuda a exemplificar as situações. É uma multidão, mas não vou desenhar todos, só representar. Homem mais mulher, não no sentido de reprodução. Não é isso. Dentro deste espaço, eu tenho vários homens e mulheres, não é que o resultado vá dar filhos" ( fala apontando o parênteses com as duas figuras ). "São pessoas que eu a conheço, meu apelido é N... . Este 'n' significa que todas essas pessoas são a minha vida.

Detalhe importante: olhe o que vai resultar o final do meu desenho. De um parêntese sai um coração. Olha que lindo. Tchan, tchan! 'n' é de .... (seu apelido) Eu seria o coração, este pessoal todo fora de mim não tem sentido.

O bom da fórmula matemática é que ela resume tudo em símbolos, contém tudo.

Olha só! O que você fez para eu chegar a esse resultado? Eu não imaginava quando comecei a fórmula que chegaria a isso. Mas eu me sinto este coração. A soma de muitos homens e mulheres, ou seja, elevada a potência 'n' dá uma multidão.

Tem tudo a ver comigo. Minha vida são todas essas pessoas. Dizem que eu sou o "coração da família", porque consigo reunir todo mundo".

Fica perplexa com o desenho, olha, ri, afasta para ver melhor .

**INQUÉRITO:**

(P): COMO ESTÁ SE SENTINDO NESTA ESTÓRIA?

(S): Estou ótima. Puxa! Como estou bem!

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Minha Vida".

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (TRINCA, W. 1997)

**SUJEITO (S):** ÚRSULA **IDADE:** 41 ANOS

**DATA DA APLICAÇÃO:** 05/07/99

**INÍCIO:** 9h:40' **TÉRMINO:** 11h:00

**1º. DESENHO:**

**OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA (P):** S. começa pelo azul, desenha o esboço da casa à esquerda, depois a casa central, a árvore, depois a figura humana maior em marron, as figuras abaixo e o livro. Enquanto desenha não faz nenhum comentário.

**ESTÓRIA:**

"Eu tentei reproduzir minha casa, ela é cor-de-rosa na realidade, mas, quando percebi eu fiz azul e deixei assim mesmo. A frente da minha casa não é como eu queria que fosse, mas eu penso em deixar do meu jeito ainda, fazer mais uma garagem e queria que ela fosse mais segura. Eu amo minha casa, não ligo para casa maior ou melhor, mas queria que ela estivesse num lugar mais seguro, não acho o lugar onde moro seguro".

(P) Vai apontando no desenho e contando sobre a figura as figuras:

(S)"Tem um livro aqui, a minha vida sem livros não tem significado. Livro tanto como lazer, quanto para estudar mesmo. Aqui sou eu fazendo ginástica, que é outra coisa que não concebo minha vida sem atividade física. Há dez anos que eu exerço atividade física regularmente. Então, nesta minha nova etapa da vida, eu temo não saber coordenar meu tempo, mantendo esta atividade que eu gosto tanto. Eu fecho os olhos e me vejo fazendo ginástica. No trabalho, fazia ginástica na hora do almoço e este horário estava incorporado, não quero perder este hábito, sei que só depende de mim. Tenho dificuldade em colocar isto na minha cabeça. Aqui é uma costura, é uma peça de roupa que estou fazendo. Sou filha de costureira. É um sonho que me perseguiu toda a vida, sempre quis aprender de verdade. Olhar numa revista um modelo, sentar e fazer uma roupa que caísse como uma luva. Comecei a fazer um curso agora. Vou passar momentos bem tranquilos,

aprender com calma, aquilo que eu sempre quis, vou chegar lá, costurar bem. Aqui embaixo nestes desenhos, são meus três filhos e marido. No meio de tudo isto tem eles. Quero fazer todas estas coisas, até mesmo pensando no futuro deles, quero estar bem com eles. Que tenham um pouquinho de mim, mas as coisas que eu quero, também tem que ser respeitadas. Não seria feliz se ficasse só por conta deles. É para ficar bem com eles, olhando para eles, que faço tudo isto".

**INQUÉRITO:**

ONDE ESTÁ ESTA ÁRVORE?

(S)Está em frente à minha casa, tem uma igual lá, não sei bem como chama, agora está quase sem folhas.

(P)ONDE ESTÃO SEUS FILHOS E SEU MARIDO NO DESENHO?

Estão dentro da nossa casa, brincando ou vendo televisão.

(P)COMO É QUE ELES ESTÃO?

Estão bem.

(P)PARA QUEM É A ROUPA QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

É para mim, uma blusa. Não sei fazer ainda, vou aprender.

(P)QUAL O TÍTULO OU O TEMA DESTE LIVRO?

É sobre arquitetura e urbanismo, minha área de interesse agora no mestrado.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** " Minha vida".

**2º. DESENHO:**

**OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA**: S. faz inicialmente as árvores, começando pelo tronco, as casas (chalés), a estrada e o campo de futebol e o lago e por último. Enquanto desenha, começa a contar sobre uma viagem que fêz nas férias de janeiro/99 com a família num lugar parecido com este.

**ESTÓRIA:**

" Este é um lugar que eu fui passar uma semana, uma pousada, no início deste ano, num lugar chamado.... É o tipo de lazer que eu gosto. Clube, natureza. Não me vejo sozinha num lugar como este, estou com minha família. É um lugar em que eu estou bem, tem piscina, o lago onde meu marido pode pescar, um campo de futebol para as crianças, enfim, num lugar sossegado. Quando eu falei da minha casa não ser segura, é que num lugar como este a gente se sente seguro. Porque tem este lado, a gente quando volta de viagem, não sabe se a casa está lá ainda, tem sempre que arranjar gente para tomar conta, para ficar de guarda.

Dessa vida, eu quero isto, ler, passear, estudar e voltar para a casa e ter paz, sossego, voltar e a casa estar lá inteira. Eu gosto da cidade. Eu quero usufruir muito de lugares assim".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Meu passeio preferido".

**3º. DESENHO:**

**OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA:** S. começa pelas pessoas, em verde, depois circula e faz outra de fora. Faz muito rápido (3').

**ESTÓRIA:**

"Aqui sou eu, pensando em todos os meus amigos. Não são só seis, são muitos. Nestes anseios todos da minha vida, da minha vida como ela é agora, não quero esquecer, nem me distanciar deles. Quando penso nos amigos que fiz em **"X"**, que convivi por 22 anos, eu sei que quero conservar os laços de amizade, mas o que percebo é que vai depender muito de mim. Tenho que fazer sempre contato com estas pessoas, senão vou ficar esquecida. Nesta minha nova organização de vida, como sobrar tempo para ligar para um ou outro, mandar um cartão de aniversário, de natal, continuar com os elos.

Eu sei que eles estão lá, mas vai se perder se eu não persistir nestes contatos. Eu fiz muitas amizades lá, conheci muita gente legal e não gostaria de perder isto. Esta é minha preocupação no momento presente, me organizar para dar conta de ter espaço para estas coisas também na minha vida. Quando desenhei pensei em todos eles, é claro que não estão

todos aqui, só quis representá-los. Ainda não deu tempo de sentir falta disto tudo, porque acabei de me aposentar, mas tenho que pensar nisto para frente. Eu estou aqui, no desenho, como agora aqui na mesa desenhando, preocupada em não conseguir dar conta disso".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Meus amigos".

**4°. DESENHO:**

**OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA:** S. Começa pelo verde, fazendo o círculo, depois faz os desenhos do lado direito da folha em que, ao desenhar, denomina as salas de aula de um lugar em que pode estar estudando, no canto superior esquerdo desenha a figura humana.

**ESTÓRIA:**

"Aqui é um círculo, está centrado na questão da religião. Eu sou espírita, só que estou meio afastada do grupo de religião (espiritismo kardecista). Aqui tem um círculo de pessoas estudando e crianças aqui do lado. Ao sábados, tem aula, de forma que cada criança estuda numa sala para sua faixa de idade. É uma grande preocupação minha em todo meu tempo agora, manter este trabalho.

Aqui neste cantinho, ainda ligado à religião, eu estaria numa entidade filantrópica, fazendo um trabalho de ajuda. De ensinar, de cultivo da horta por exemplo. Neste trabalho filantrópico eu não me vejo, por exemplo, costurando. Costurar só em casa para meus filhos.

Aqui é uma outra atividade, não sei porque, mas costurando não.

Eu estou aqui com outras pessoas também. Estou me sentindo muito bem fazendo isto, pelo que estou recebendo. A impressão que eu tenho, é que a gente aprende muita coisa num lugar como este. Quero logo que possível, retornar para estas atividades, quando eu era mais jovem, não tinha filhos, eu já dei aulas num lugar como este.

O que eu vejo, me analisando, é que eu sinto vontade de ir fazer caridade, mas sinto uma necessidade de conviver com donas-de-casa, de aprender muita coisa no sentido de como se alimentar bem e de forma econômica. Eu questiono a ideologia destes

programas, e no fundo não vou. No fundo acho que quem está precisando sou eu e não os outros.

Aqui no círculo, estou só recebendo. Aqui de fora estou dando um retorno, estou na instituição de ajuda, num papel ativo. É um trabalho que eu preciso resgatar. Eu olho os meus filhos e como responsável por eles (eu e meu marido), sinto que a gente não educa sozinho, a religião também ajuda. Está faltando isto para eles, conheci meu marido neste ambiente, dei aulas para crianças lá e agora depois que meus filhos nasceram ficou mais difícil contribui com o centro. Esta é uma preocupação minha neste momento. Resgatar isto".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Minha religião".

**5º. DESENHO:**

**OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA :** S. começa a desenhar a cama fazendo um quadrado, não fala nada enquanto desenha.

**ESTÓRIA:**

Esta é a minha cama, aqui sou eu dormindo, no meu quarto. Eu estou sozinha, pensei em fazer meu marido, mas depois resolvi fazer só eu. A coisa melhor do mundo é dormir tranqüila. Isto eu quero na minha vida. Nem sempre eu durmo tranqüila, eu durmo pensando como no dia seguinte vai caber tudo que preciso fazer, todas as coisas que desejo, que acho importantes e que são necessárias também. Então na vida eu quero isto. Passear, cuidar dos meus filhos, isto é muito importante para mim. Eu invejo as pessoas que tem mil problemas e senta e vê uma novela tranqüila, come tranqüila. Eu não sou uma pessoa assim, gostaria de conquistar esta tranqüilidade.

Meu marido chega do trabalho à uma hora da manhã, então nesta altura eu já dormi um sono e acordo com ele chegando, não tem jeito. Ainda mais que quando ele se deita, ele se mexe muito e me incomoda, me atrapalha dormir. Aí, eu não consigo dormir fácil de novo. Fica aquele sono picado.

**INQUÉRITO:**

VOCÊ SEMPRE TEVE ESTA DIFICULDADE DE DORMIR?

(S)É, acho que sim, sempre tive um sono muito leve, e se tenho um problema já é o bastante para não conseguir dormir direito.

(P) AQUI NA ESTÓRIA, ENQUANTO VOCÊ ESTÁ DORMINDO, ESTÁ TAMBÉM SONHANDO?

(S) Não, acho que não.

(P) COMO É ESTA SUA CAMA?

(S) É a minha cama mesmo, é gostosa.

(P)É DE DIA OU DE NOITE?

(S) À noite. Sabe que eu não me sinto bem indo dormir de dia, depois do almoço, quando a empregada está em casa, por exemplo? Eu já me peguei justificando para ela porque estou indo descansar de dia. Estou custando a me acostumar com a presença dela dentro de casa. Como eu sempre trabalhei fora, não convivia com empregada. Agora não, está estranho. Não que eu queira ficar sem ela, não é isto.

É boa pessoa, trabalha bem, mas é como ....se eu não tivesse este direito. Aí eu penso: puxa vida! Mas eu trabalhei vinte e cinco anos, porque agora não posso me dar o direito simplesmente de deitar e descansar a qualquer hora que desejar, ver uma novela durante o dia, enfim ... é gozado! Outro dia estava conversando sobre isto com meu marido.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "MINHA CAMA".

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (TRINCA,W. 1997).

**SUJEITO(S):** OLGA **IDADE:** 42 ANOS

**DATA DA APLICAÇÃO:** 13/07/99

**INÍCIO:** 9h:45' **TÉRMINO:** 11h:00

**1º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA (P): S. inicia pelo verde, sem fazer nenhum comentário, muito séria, com postura pouco à vontade na execução da tarefa, não descontrai em nenhum momento.

**ESTÓRIA:**

"É a minha estória, vim para "X" com 18 anos, sempre trabalhei na área de informática. Sempre gostei disso, quando me aposentei não consegui viver longe disso. Antes mesmo de sair, conversei com meu chefe, com pessoas conhecidas para arranjar logo outro trabalho. Por isso fui procurar outro emprego, na mesma área mas procurando aprender mais. Só isto".

**INQUÉRITO:**

(P): ONDE ESTÁ ESTE EQUIPAMENTO?

(S): Está na minha sala de trabalho atual. Fez parte da minha vida toda.

(P): VOCÊ ESTÁ NO DESENHO?

(S): Sim, estou na sala, mas tem mais pessoas também.

(P): COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO NESTA SALA?

(S): Estou feliz lá.

(P): O QUE ACONTECE NESTA SALA:

(S): Todos trabalham.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "O que eu gosto de fazer".

**2°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. comenta que desenhar nunca foi seu forte.

**ESTÓRIA:**

"Meu marido gostaria que eu me aposentasse e fosse aprender outras coisas, coisas ligadas a arte, a música, etc. Mas eu não estava querendo isto. Não adianta. Ele viu que eu queria outra coisa. Me incentivou muito, ele é também da área de computação.

Tem me ajudado muito, tudo que ele vê sobre o assunto manda para mim, sempre interessado, tem me apoiado muito. Chegou a conclusão de que não adianta querer aposentar e viver outras coisas, pelo menos agora não. O importante é continuar trabalhando. Gosto de me sentir útil. Fico em casa, por exemplo, me sinto inútil.

Não ia me sentir útil. Se ficasse na frente da TV ia me sentir inútil. Aconteceu um fato interessante comigo pouco antes de eu voltar a trabalhar aqui. Porque tirei férias em dezembro e quando eu voltei, aí tinha saído minha aposentadoria. Mas fui logo arranjando um jeito de ter um trabalho por aqui mesmo, retornando logo em seguida, agora com contrato de prestação de serviços.

Foi assim: minha irmã ligou para nós, comunicando a possibilidade de adotarmos uma criança que ia nascer naqueles dias. Você se lembra de na entrevista eu lhe dizer que nunca conseguimos ter filhos, mesmo com todos os tratamentos e a idéia de adotar sempre foi mais de meu marido do que minha, você se lembra disto? Então, cogitamos adotar, principalmente meu marido, por não podermos ter filhos. Minha irmã ficou sabendo de uma família na cidade de .... , que o marido queria dar o sexto filho do casal, porque ele estava desempregado e sem condições de assumir mais um filho.

Então eu e meu marido tínhamos quatro dias para decidir. Eu fiquei sem saber o que fazer. Conversamos muito. Naquele momento eu reunia todas as condições para adotar.

Estava sem trabalhar, (como aposentada, enfim, eu podia mudar totalmente a minha vida, adotando uma criança ou optar pela chance de voltar a trabalhar ).

Porque para mim, ao adotar eu não poderia trabalhar mais, criança adotada requer mais atenção dos pais do que filho natural.

Aí, resolvemos ir para ..... conversar com o casal e a mulher . Aí, a mãe da criança que ia nascer, disse que não ia definitivamente dar seu filho, era o pai que queria. Ficamos desapontados, foi um choque. Entendemos que este fato foi um sinal de que não é para nós fazermos isto, pelo menos por enquanto. Parece que este fantasma que eu carregava, sumiu desde então, foi um alívio. Não fomos nós que decidimos que queríamos ou não o filho. A decisão surgiu naturalmente, acho que não era para a gente mesmo. Meu marido também compreendeu assim. Nós nos damos muito bem e vamos continuar deste jeito mesmo. Aí voltei a trabalhar e estou muito bem assim".

**TÍTULO ESTÓRIA:** "Eu e meu marido".

**3°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. começa pelo verde, sem fazer nenhum comentário.

**ESTÓRIA:**

"Isto seria outra coisa que gostaria de fazer, viajar. Aqui estão navios, paisagem e pessoas que sempre encontramos nas viagens. Estou dentro do avião ou do navio. Indo para a Rússia. Talvez numa época passada, há anos atrás. Nunca fui lá, mas quando morei fora do país em ....., viajei bastante. Adoro viajar e encontrar pessoas e culturas diferentes. Na outra encarnação gostaria de ter morar na Rússia. Admiro a música deles e o balé de Bolshoi principalmente.

Quero ser bailarina na outra encarnação, agora não dá mais. Gosto muito de música clássica.

Quando assisti o Bolshoi, achei maravilhoso, senti, tive vontade de tocar o violoncelo e dançar. Acho que numa viagem teria condição de ver isto".

**INQUÉRITO:**

(P): COMO SE SENTE NESTA VIAGEM?

(S): Certamente muito contente, estou com meu marido . Para mim o importante nestas viagens é conhecer muita gente, diferentes umas das outras, estou sempre me lembrando de um ou outro.

Toda a experiência que tenho com outras pessoas eu sempre guardo um pedacinho delas comigo.

(P): PORQUE NÃO DÁ MAIS PARA APRENDER VIOLONCELO E DANÇAR BALÉ?

(S): Porque isto tem que começar quando é criança, para ser perfeito tem que começar cedo. Agora não dá mais.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Um sonho para outra vida".

**4°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. faz o seguinte comentário quando lhe solicito o quarto desenho: "Agora até gostaria de voltar aos desenhos e caprichar mais". Começa pelo verde, desenhando as pessoas.

**ESTÓRIA:**

"Aqui estão minha família e meus amigos. A minha família é muito importante para mim. Talvez este desenho devesse retratar todo mundo, minha mãe, meus sobrinhos, irmãos, todos...

Meu pai já é falecido. Minha mãe, irmão, sobrinhos, não consigo viver sem eles, e sei que eles sem mim também não. Todos moram em .... Vou sempre vê-los. Sempre fomos muito unidos.

Agora, tem meus amigos. São muito diferentes entre si, mas todos tem um lugar dentro de mim.

Sem eles, família e amigos a gente não existe. Só isto".

**INQUÉRITO:**

(P): VOCÊ ESTÁ NO DESENHO?

(S): Não, não estou no desenho.

(P): TEM ALGUÉM EM ESPECIAL NO DESENHO?

(S): Tem . Minha mãe e um amigo especial ( Japonês ). É especial porque quando eu vim para "X" ele sempre me apoiou. Sempre nos demos muito certo. Ele é para mim mais que um irmão. Foi ele inclusive que me indicou e me levou para o meu atual trabalho, me dá a maior força. Mas é só amizade mesmo.

É interessante que, antes de me casar (13 anos de casada hoje), nós éramos tão amigos, que suscitou ciúmes na esposa dele. Então ela o pressionou . Ele teve inclusive que parar de dar carona, para mim, porque ela implicou. Ele conversou comigo, expôs a situação, e disse que tinha que desligar um pouco de mim por causa da esposa.

Eu contra-argumentei com ele, achava que ela não podia pensar assim, mas entendi a posição dele. No entanto, ele continuou dando carona para outras pessoas e para mim não.

Mas até hoje somos muito amigos. Meu marido não tem a cabeça igual a dela, ele percebe que é só amizade.

Eu sou uma pessoa extrovertida, gosto de ter muitos amigos. Meu marido é diferente, introvertido, talvez seja porque ele é chinês. Trabalha sozinho, praticamente só conversa com o rapaz que está na sala com ele. Não dá notícia de nada que aconteceu fora dali. Mas é excelente observador, percebe inclusive como são as pessoas, como elas vão reagir numa situação.

(P): COMO VOCÊ SE SENTIU TENDO QUE LIMITAR SUA AMIZADE COM ELE?

(S): Fiquei chateada, não tinha nada a ver.

(P): O QUE AS PESSOAS ESTÃO FAZENDO NO DESENHO?

(S): Conversando.

(P): ONDE ESTÃO?

(S): Em casa, num fim- de-semana.

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "As pessoas especiais da minha vida"

**5º. DESENHO:**

"Aqui agora é Eu e você. Estas coisas que eu vejo além, as árvores lá fora. Eu vejo as fotos os objetos na mesa. Você perguntando, eu respondendo. Eu fico pensando, será que eu estou ajudando estou contribuindo para o seu trabalho? Se eu pudesse ajudar, seria ótimo para você. Eu gostaria de saber.

Quando eu faço um trabalho eu gosto de fazê-lo perfeito. Eu sempre procuro dar o melhor de mim. Até mesmo em casa, tudo para mim tem que ser bem feito. Sinto-me bem assim. Meu marido já sabe, quando está vendo TV e quer que eu veja algo, ele grava para eu ver depois. Porque eu não paro o que estou fazendo, primeiro eu termino as minhas coisas.

No desenho estou aqui perto das árvores. Eu estou de cá. Estou me sentindo bem por estar ajudando. É no momento presente que eu me retratei. Ficarei feliz se estiver ajudando. É só isso, não tem mais nada".

**TITULO DA ESTÓRIA:** "Uma entrevista".

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (TRINCA, W. 1997)

**SUJEITO (S):** ANA **IDADE:** 45 ANOS

DATA DA APLICAÇÃO: 12/06/99

**INÍCIO:** 9h:30' **TÉRMINO:** 11h:00 h.

**1º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. vai fazendo o desenho. Primeiro o azul dos olhos, a boca, o cabelo, o rosto ( contorno ) e continua pelo corpo. "E um desenho de retardado", diz.

Faz o peixe, em seguida. Com os traços marrons, a casa na montanha, com um telescópio no alto. O sol os chalés à esquerda. Termina com árvores com frutas e grama. Depois outra pessoa começando pelos olhos, depois o corpo. Em cima outra pessoa.

**ESTÓRIA:**

"A minha filha está aqui um pouco maior com uns oito anos, hoje ela tem apenas dois anos. Está com um peixe na mão ( brinquedo ), mas o pai está ajudando a segurar o peixe ( é um linguado ).

Estamos morando numa casa em cima do morro. Da janela vê a cidade. É toda aberta, está em construção. De dois andares, bem clara com muitas janelas. Em cima da casa vou fazer em platô para colocar o telescópio e ver o por-do-sol. Aqui perto está a Universidade onde trabalho, pertinho, esta sou eu, com meus livros na mão indo para a Universidade, estou muito bem.

Mais tarde vai te um observatório na Universidade para ensinar as crianças a olhar o céu.

Vai ter plantas, mas não muito na casa. Dois pinheiros japoneses em frente da casa.

Tem meu marido que vai brincar com minha filha. Vamos frequentar a piscina da Universidade, onde vou trabalhar até quando puder ou deixarem.

Esta casa está iniciando a construção. Não moro lá ainda.

Estão todos aqui, eu meu marido, minha filha.

Árvores deverão estar na frente. Flamboyants que deverão ser plantados para ornamentar a rua.

A filha está no caminho da escola, mais tarde ela decide para onde vai, em termos de futuro.

Agora olho e meu marido não está na casa".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Meu futuro próximo".

**2º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. demora um pouco para começar. Pergunta:

"Quantos desenhos são"? Inicia pelo prédio, árvores, figura humana, crianças, homem, e depois mulher. Casa com lago atrás. O carro por último na estrada.

**ESTÓRIA:**

"Vou falar uma coisa que ainda não contei a ninguém. Eu tenho medo de me separar do meu marido. Não, é diferente. Eu tenho medo é de ter que tomar esta decisão. Tenho brigado muito com ele. Ele é machista. Ele tem cobrado muito eu ficar em casa.

Ele achava que quando eu aposentasse, eu ia ficar em casa. Ele é bom, eu até gosto dele, mas fica agressivo. Nada tem importância para ele do que eu faço. Não entende porque não posso ficar quieta em casa, cuidando de tudo. Se ficar insuportável eu vou me separar dele. Vou depender de minha mãe que mora numa chácara".

Apontando o desenho diz: "Aqui sou eu ( no carro ) como barata tonta, vou ter que morar em apartamento e ficar de lá para cá.

Eu espero que se isso acontecer eu consiga ainda construir minha casa, é claro que vai demorar mais tempo porque vou ter que pagar aluguel enquanto isto.

Aqui tem a chácara da minha mãe no bairro ..... Minha filha fica muito bem com ela.

Meu marido achava que quando eu me aposentasse eu ia ficar em casa, acho que alimentei esta expectativa dele, mas a Universidade "X" me ofereceu a oportunidade de ficar o dia todo com boas perspectivas, então achei melhor e abri mão da empresa que eu ia abrir agora. Aí, meu marido me cobra tudo. Que eu não sou boa mãe, que eu não cuido da casa, tudo, tudo. E não me ajuda em nada no dia-a-dia . Ele gosta de mim, mas aí ele fica agressivo. Eu falei para ele que se isso continuar assim, eu vou me separar. Não agüento isto de homem, não. Não queria isto. Preferia ele no dia-a-dia com minha filha, ele é muito presente, bom pai, vejo isto porque ele é assim com os outros três filhos que ele tem do primeiro casamento. Mas se separar não é como estar junto dela todo dia. Eu cresci sem pai e sei o quanto isto faz falta.

Esta aqui é minha mãe, ela sempre me ajudou muito. Minha filha está aqui indo para escola. O pai não ajuda, nem para levar para escola ele tem tempo".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "O que receio".

**3°. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. faz casa, montanha, árvore e depois a pessoa deitada, a outra pessoa. Vai compondo a cena com lago e árvores.

**ESTÓRIA:**

"É como eu imagino, talvez minha velhice, talvez daqui uns dez anos. Quero ter alguma coisa na montanha. Pode ser em Santo Antônio do Pinhal, Campos do Jordão, não sei...

Não vai ser uma casa. Um condomínio, por exemplo, para não dar muito trabalho, é apartamento de frente. Pode ser até que eu vá morar lá, vai depender de como estiver minha vida na época. Vai ser um apartamento com coisas que eu gosto, vai ter uma

lareira, flores na janela, bem aconchegante. Estou aqui descansando e lendo no jardim. Estou muito bem.

Num lugar que dá para sair para caminhar, com cachoeiras, lugar para passear. Vou ler, tomar sol.

Minha filha vai estar moça, talvez vá sair de casa, estudar fora. Se ela for como eu , vai sair para fazer outras coisas. Vem me visitar, trazendo caixas de bombons de cereja. Pode ser que no futuro até possa dar aula na Universidade "Y". Depois que eu construir a casa, vou fazer isto, investir nesse apartamento.

Meu sonho maior disso tudo, é que minha filha não seja uma vagabunda ou que tenha que trabalhar para viver. Eu tenho 45 anos, meu marido 55 anos. Eu sou realista. Talvez daqui a pouco eu posso não estar mais aqui. Quero que ela tenha como se manter se quiser fazer o que for, mesmo que não dê dinheiro. Eu gostaria de dar esta condição a ela.

Imagino, por exemplo, que se meu pai tivesse dado para mim, talvez eu tivesse tido outra condição de vida, sei lá, talvez não. Enfim, trabalho para deixá-la em boas condições no futuro".

**TÍTULO DA ESTÓRIA**: "É o que eu quero no fim".

**4º. DESENHO**:

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. vai falando enquanto desenha. Mostra-se muito mobilizada neste momento, com os olhos cheios de lágrimas e voz entrecortada.

**ESTÓRIA:**

"É um lugar muito bonito, cheio de plantas, é nossa chácara. Aconteceu um fato muito triste no mês passado lá.

Meu pai que nunca morou conosco, ( ele se separou da minha mãe quando eu tinha 5 anos ), era casado de novo, morava em .....Ele ficou muito doente e meu irmão o trouxe para a chácara, ele não durou nem um mês, pegou uma pneumonia e morreu, sofreu muito. Agora a chácara ficou contaminada. É um lugar que tomou outra dimensão. Aqui (no

desenho) é tudo florido, mas não estou com vontade de colorir. A casa da frente é da minha mãe, aqui tem uma suite só para mim. A casa de trás é do meu irmão, ele mora lá, também se separou agora da esposa. Tem um chalé aqui do lado.

Meu irmão puxou a família do meu pai, é meio atrapalhado, muito introvertido, não tem amigos, já casou três vezes e não dá certo. Não consegue sair de perto da minha mãe. Fica brigando com ela, não toma conta dela, mas também não sai de lá.

Temos esta chácara há vinte anos, gostamos muito de lá, já morei muito tempo lá.

Só que agora ficou minha mãe e um irmão só. Eu não sei, já falei para minha mãe vender lá, e vir morar perto de mim. Mas ela não deixa meu irmão. O quê que tinha meu pai vir aqui agora? Não tenho remorso, não dei muita assistência para ele, agora. Ele nunca veio me ver quando eu era criança, porque agora eu ia cuidar dele? Não tinha a ver. Esta chácara está no bairro ..... aqui na cidade mesmo. Eu não moro mais lá depois que eu me casei. Até minha mãe perdeu um pouco o gosto por aquilo lá agora, depois que aconteceu isto do meu pai vir morrer perto da gente. Ele não fazia parte daquele cenário, agora ficou marcado. Eu me senti muito mal com esta estória toda, fui vê-lo só uma vez no hospital. Ele era um diplomata em ....., mas de temperamento muito estranho, parece que até a segunda esposa dele achou melhor que ele viesse para cá no final, porque ele morava sozinho e acho que ela não queria cuidar dele também".

**TÍTULO DA ESTÓRIA**: " Um intervalo e uma interrogação"

**5º. DESENHO:**

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: S. faz o avião, o lago, as montanhas e as casas. A cidade faz por fim.

**ESTÓRIA:**

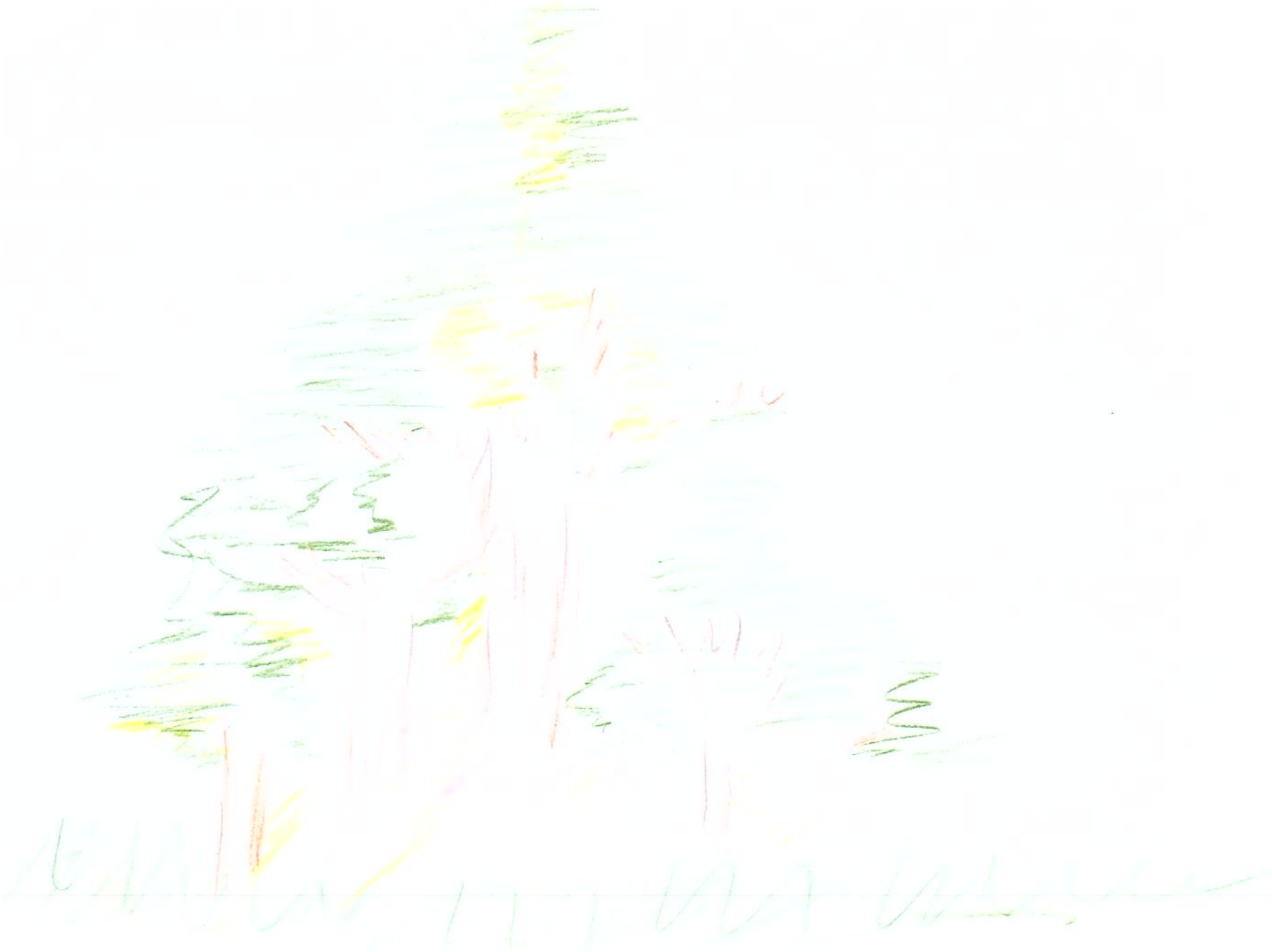
"É um passeio que vamos fazer em outubro, em Bariloche, eu, minha filha e minha mãe. Vamos de avião, minha mãe gosta de ver montanhas nevadas. Queremos ver o sol nascer lá, perto do lago, atravessar o lago, passear na rua e fazer compras , tomar vinho. É um sonho antigo. Dizem que é lindo este lago, nesta região as montanhas nevadas, os

Andes, já que não posso levá-la para ver os Alpes. Aqui é o hotel onde vamos ficar, é cheio de chalé ao redor, a cidade está do outro lado, é cidade turística. Estamos todos no hotel aqui. Estou super ansiosa para está viagem".

**TÍTULO DA ESTÓRIA:** "Um passeio".

# *DESENHOS*

Um bosque para toda a vida



Vitória

O sol e a serra

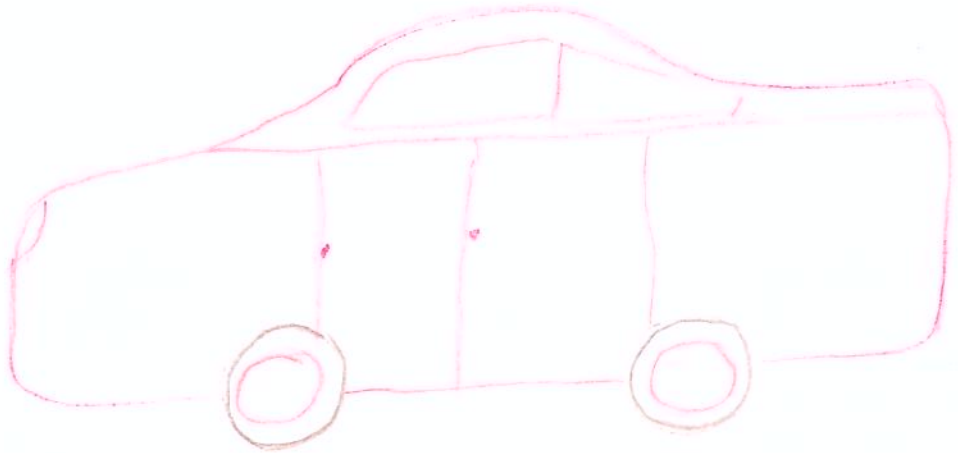
Vitória 8

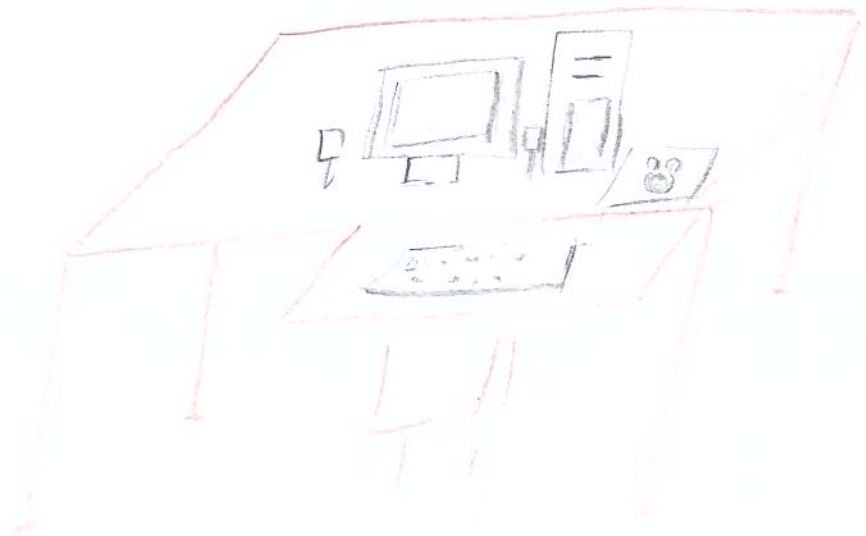
O vaso inadequado

Vitória
4

Vitória 5

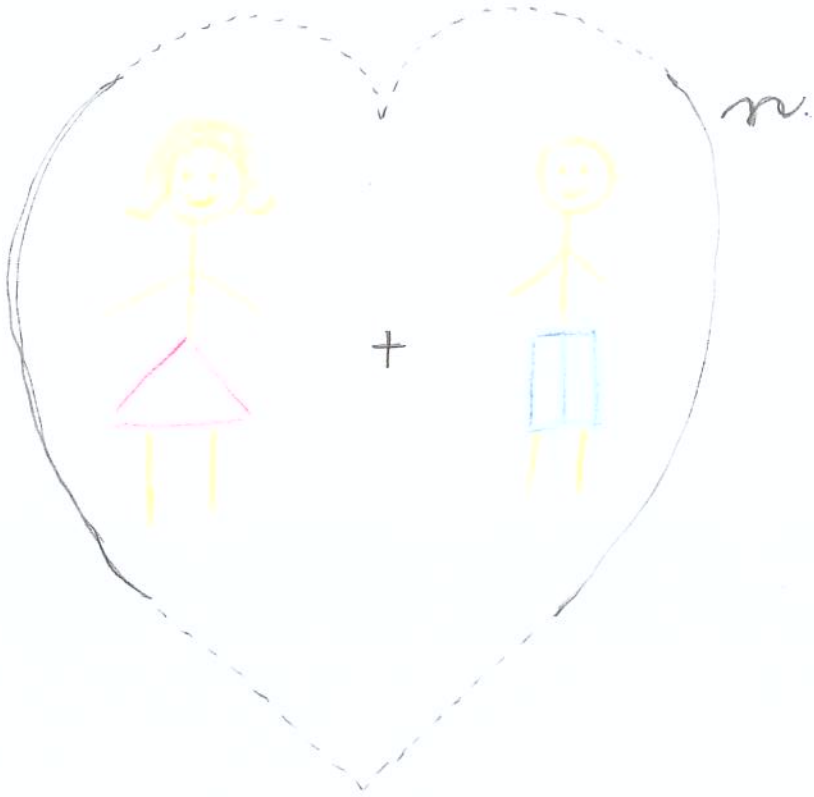
Jane





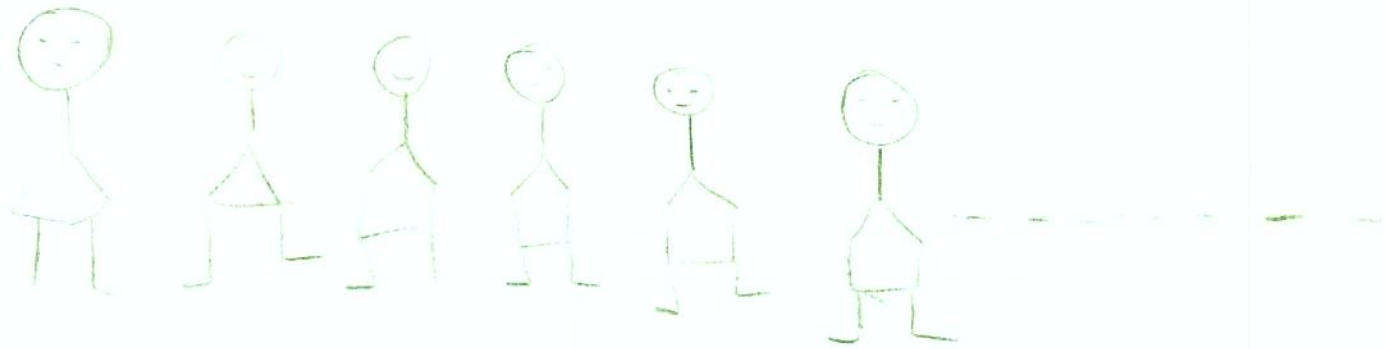
Jane

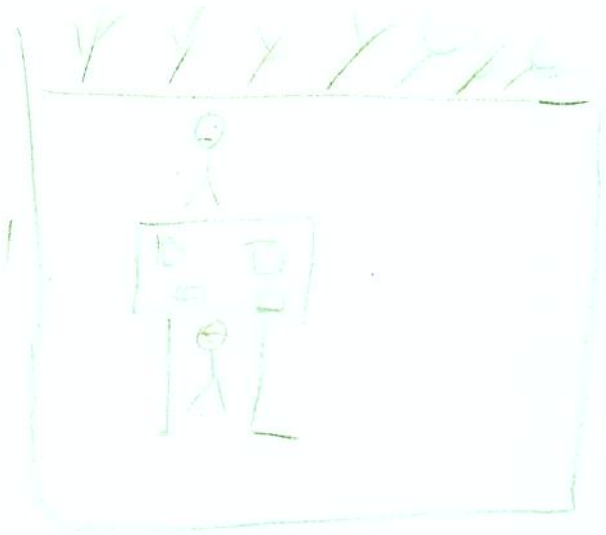
The End



Ursula

Wunde





Ana

O QUE EU DESEJO.

Ana

Ana
É O QUE QUERO
NO RIO

um interualo e
uma interrogaçã

Ana

Um passeio.